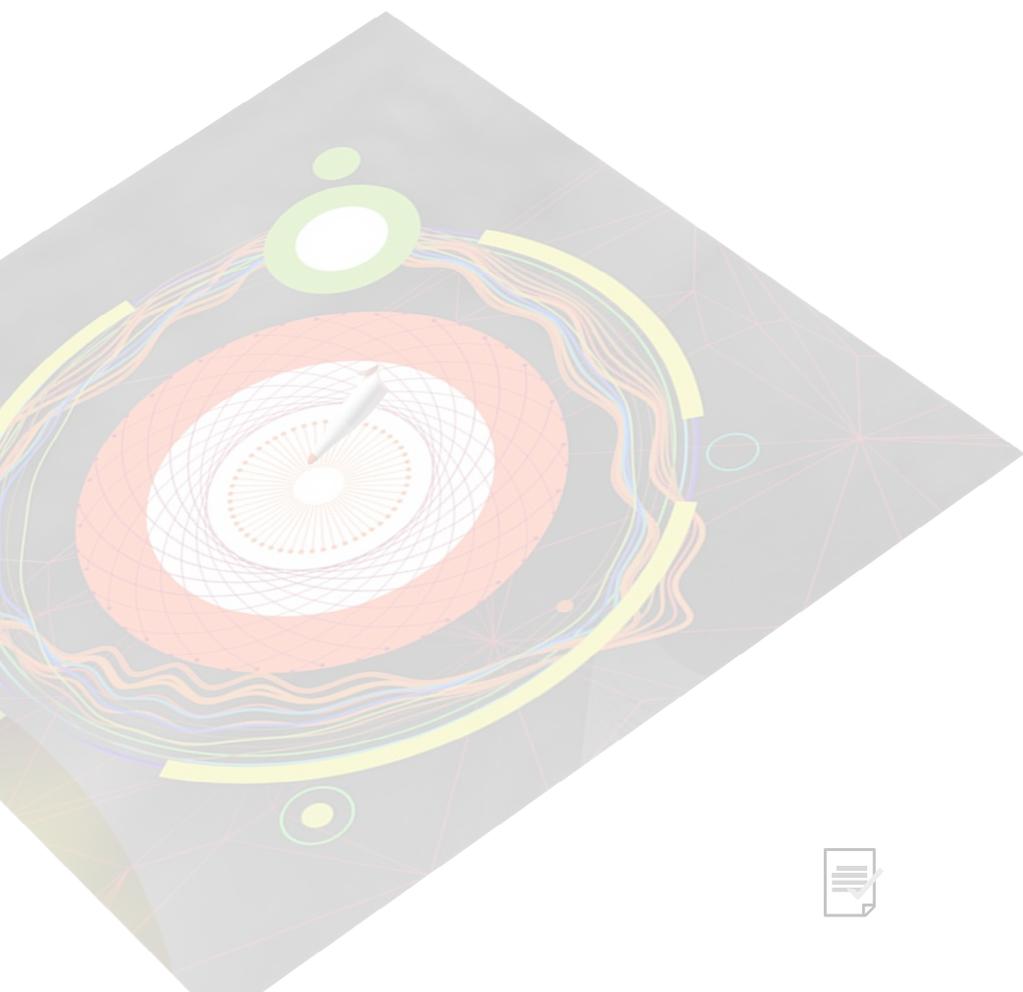


MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE SI, APRENDIZAGENS E REFLEXÕES DE PROFESSORES E GESTORES DA EJA INTEGRADA À EPT

VOLUME I

Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade,
Ivoneide Bezerra de A. Santos-Marques,
Patrícia Carla de Macêdo Chagas,
José Roberto Oliveira Santos,
Otávio Augusto de Araújo Tavares.
(Orgs.)

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE SI, APRENDIZAGENS E REFLEXÕES DE PROFESSORES E GESTORES DA EJA INTEGRADA À EPT



MEMORIAL DE FORMAÇÃO:

NARRATIVAS DE SI, APRENDIZAGENS E REFLEXÕES DE PROFESSORES E GESTORES DA EJA INTEGRADA À EPT

VOLUME 1

Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade
Ivoneide Bezerra de A. Santos-Marques
Patrícia Carla de Macêdo Chagas
José Roberto Oliveira Santos
Otávio Augusto de Araújo Tavares (Orgs.)



Natal, 2024



©2024. Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade, Ivoneide Bezerra de A. Santos-Marques, Patrícia Carla de Macêdo Chagas, José Roberto Oliveira Santos e Otávio Augusto de Araújo Tavares (Orgs.). Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição aos autores. A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização dos autores, desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão	<i>Ricardo Alexandre de Andrade Macedo</i>
Capa	<i>José Marinho</i>
Projeto Gráfico e Diagramação	<i>Caule de Papiro</i>

Catálogo da Publicação na Fonte.
Bibliotecária/Documentarista:
Rosa Milena dos Santos - CRB 15/847

A554m Andrade, Maria Adilina Freire Jerônimo.

Memorial de formação: narrativas de si, aprendizagens e reflexões de professores e gestores da EJA integrada à EPT [recurso eletrônico] / Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade et al. [...] (Orgs.). – Natal/RN: Caule de Papiro, 2024.

1 v. 460 p. : il.

ISBN - 978-65-5477-065-1

1. Formação de professores. 2. Educação. 3. Professor – formação contínua. I. Marques, Ivoneide Bezerra Santos. II. Chagas, Patrícia Carla de Macêdo. III. Santos, José Roberto Oliveira. IV. Tavares, Otávio. VI. Título.

CDU 371.13

Caule de Papiro gráfica e editora
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | 59.068-170 | Natal/RN | Brasil
Telefone: 84 3218 4626
www.cauledepapiro.com.br



Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo.

(JOSÉ SARAMAGO)



À

Alexsandro Paulino de Oliveira

(in memoriam)



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 10

CAPÍTULO 1

RELICÁRIOS DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS COM A EJA E OS ATRAVESSAMENTOS COM O PROEJA..... 14

ANGÉLICA NEUSCHARANK

CAPÍTULO 2

VIVÊNCIAS COM O PROEJAM NO IFMS: CAMPUS DOURADOS 45

ELITON DA SILVA

CAPÍTULO 3

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO CURRÍCULO: UM RELATO ACERCA DAS VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS ASSERTIVAS EM DIDÁTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EJA 73

SILVANA ZANCAN

CAPÍTULO 4

POR UMA EDUCAÇÃO HUMANITÁRIA E EMANCIPATÓRIA PARA JOVENS E ADULTOS NO BRASIL..... 106

FERNANDO ROQUE FERNANDES

CAPÍTULO 5

REMEXENDO BAÚS: O CAMINHO TRILHADO E A REFLEXÃO FORMATIVA . 144

ELISANE ORTIZ DE TUNES PINTO



CAPÍTULO 6

O USO DE MATERIAIS MANIPULÁVEIS NAS AULAS DE MATEMÁTICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS 162

VANILDO DOS SANTOS SILVA

CAPÍTULO 7

TECENDO A VIDA: MEMÓRIAS, RESILIÊNCIAS E O FETICHE DO ÊXITO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL 194

RAFAELA MAURÍCIO QUARESMA

CAPÍTULO 8

RESILIÊNCIA E SUPERAÇÃO: O PODER DA BUSCA PELA REALIZAÇÃO DOS SONHOS, INDEPENDENTE DA IDADE CRONOLÓGICA EM QUE SE ENCONTRE O SUJEITO 221

MARIA GORETE DE MACEDO LIRA

CAPÍTULO 9

NARRATIVAS DA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA: CONEXÕES ENTRE A DOCÊNCIA E A EJA 246

KÁTIA RIBEIRO LIMA

CAPÍTULO 10

MEMÓRIAS E REFLEXÕES DA MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL 268

EDNEI NEVES COELHO

CAPÍTULO 11

ENCONTRAR-ME COMIGO: VALEU A PENA - REDESENHANDO MEUS CAMINHOS 291

DENISE PEREIRA DA SILVA

CAPÍTULO 12

A CONSTRUÇÃO FORMATIVA DE UM PROFESSOR 312

SÉRGIO SEVERO DO NASCIMENTO



CAPÍTULO 13

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO, TRAJETÓRIAS DE VIDA343

RAIMUNDO DRUMOND NETO

CAPÍTULO 14

**REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA365**

PEDRO HENRIQUE SANTOS SILVA

CAPÍTULO 15

MEUS CAMINHOS E CONHECIMENTOS395

CLAUDIA RICARDO DE MACÊDO

CAPÍTULO 16

(RE)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS: REMEMÓRIAS DE UM PRECEPTOR 410

ALEXANDRE BOTELHO JOSÉ

CAPÍTULO 17

**QUANDO A MEMÓRIA DAS EXPERIÊNCIAS PARTICIPA DA FORMAÇÃO
E COMPREENSÃO DO TEMPO PRESENTE PARA PROMOVER A GESTÃO DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS437**

MARCIA LEONORA DUDEQUE

SOBRE OS ORGANIZADORES459



APRESENTAÇÃO

Este livro é um sonho materializado, resultado de uma proposta formativa bastante desafiadora para todos nós do *Campus* Avançado Natal - Zona Leste do IFRN onde nela atuamos.

Livro que é o produto de um projeto idealizado pelo nosso saudoso diretor geral do *Campus* Zona Leste do IFRN, na época, ainda chamado *Campus* EaD. No ano de 2018, sementes foram plantadas para que germinasse um processo de formação continuada que apontava no horizonte. Os fios da nossa memória profissional e afetiva tecem recordações de Alexandro Paulino de Oliveira (*in memoriam*) entusiasmado, conversando com seu jeito pedagógico tão peculiar de ser, sobre um curso de especialização que acabara de ser pactuado com nosso *campus* na área de Educação de Jovens e Adultos/PROEJA, com foco em práticas assertivas para dois itinerários de formação, didática e gestão, a ser ofertado pelo IFRN.

No jorro de ideias, em busca de informações para o planejamento, considerando a viabilidade logística para uma oferta de ensino robusta, uma certeza: o *campus* atendia às exigências e poderia assumir essa experiência pioneira de ofertar, em rede, um curso na modalidade de educação a distância, no qual teríamos matriculados mil e quinhentos alunos, distribuídos em 26 polos espalhados de norte a sul do país. Chegando ao término dessa



experiência, podemos afirmar que esse foi de fato um grande desafio por tanta heterogeneidade: conhecimentos, mentes, espaços, regiões, sotaques, saberes, experiências, metodologias, práticas pedagógicas e tantas coisas mais que se emaranharam num movimento formativo dinâmico tal qual as mandalas coloridas assumidas como símbolos do curso. Desde sua origem e concepção, o projeto nasceu de uma força coletiva guiada pelo desejo de contribuir para a melhoria da Educação de Jovens e Adultos de nosso país, contribuindo com a formação continuada de docentes e gestores que atuam nessa modalidade.

Neste livro, apresentamos uma amostra da produção de memoriais de formação escritos por estudantes do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A obra está organizada nos volumes I e II, de modo a contemplar trabalhos escritos nas duas turmas ofertadas no curso, o qual formou 1.487 alunos no período de 2019 a 2022. Neste primeiro volume, temos dezessete trabalhos selecionados por uma banca para ilustrar o que dizem os cursistas acerca de sua formação acadêmica.

Da escrita de si dos profissionais formados pelo curso emergem, a partir de suas memórias, reflexões nas quais podemos observar que sentidos foram atribuídos àquilo que se tornou formador para eles durante o processo de ensino e aprendizagem ao logo do curso. Mais do que isso os memoriais de formação aqui apresentados mostram um tanto de registros das histórias de vida dos cursistas naquilo que diz respeito à sua vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional. Pela voz dos produtores desses memoriais, o leitor pode resgatar itinerários por eles seguidos e compreender um pouco de seus processos educativos. Podem



também recuperar em suas narrativas aspectos sócio-históricos, culturais e políticos que envolvem a educação brasileira.

Esta obra destina-se a estudantes, educadores, formadores de professores e pesquisadores que atuam na esfera acadêmica, em processo de formação inicial e continuada, contribuindo para orientar a escrita de outros memoriais de formação, gênero discursivo cada vez mais presente no cotidiano desses agentes que atuam nessa esfera social, na medida em que podem, em linhas gerais, ilustrar como se organiza a escrita desse gênero no processo de desenvolvimento do TCC, o que justifica a relevância desta obra.

É oportuno esclarecer que este trabalho não se propõe a teorizar sobre o memorial de formação e a escrita autobiográfica dos estudantes que produziram os memoriais aqui apresentados. Não temos aqui a pretensão de analisar a escrita dos cursistas nem pormenorizar, meticulosamente, o processo de formação desenvolvido. O propósito principal deste primeiro livro é dar a conhecer o que foi realizado, dando voz aos cursistas, sujeitos ativos nesse processo, agentes que se (trans)formaram, no próprio processo formativo, e aqui registram o que de mais singular e subjetivo ficou registrado em sua memória afetiva e profissional, acerca dos saberes construídos nas experiências de formação do curso, considerando possibilidades de que isso possa se reverberar na sua atuação profissional quer seja na condição de docente ou de gestor vinculado à Educação de Jovens e Adultos e à Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Compreendendo que, para navegar no mar do passado, teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, fazemos um convite ao leitor: navegar no mar das memórias de formação de nossos cursistas e conhecer um pouco da experiência aqui partilhada e registrada, graças à memória pessoal de cada um



deles, que conservou as memórias de suas rotas, como disse José Saramago na epígrafe apresentada. Que tal conhecer um pouco daquilo que realizamos nesse curso?

Por ter sido ofertado em um tempo difícil vivido pela humanidade, atingida inesperadamente pela pandemia da Covid 19, consideramos ter sido um grande desafio para o IFRN essa oferta, já que se tornou pioneira na implementação de um curso em nível de especialização, ofertado em rede, com tanta gente de diferentes partes do país e, conseqüentemente, com tanta heterogeneidade da qual resultou uma riqueza de saberes construídos com essa rica e valiosa experiência. Tudo isso justifica a relevância desta obra que entregamos a você, caro leitor.

Os organizadores



RELICÁRIOS DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS COM A EJA E OS ATRAVESSAMENTOS COM O PROEJA

ANGÉLICA NEUSCHARANK

Orientadora: Profa. Dra. Liliana Soares Ferreira

RELICÁRIO - NANDO REIS

*É uma índia com colar
A tarde linda que não quer se pôr
Dançam as ilhas sobre o mar
Sua cartilha tem o A de que cor?
O que está acontecendo?
O mundo está ao contrário e ninguém
reparou
O que está acontecendo?
Eu estava em paz quando você chegou
E são dois cílios em pleno ar
Atrás do filho vem o pai e o avô
Como um gatilho sem disparar
Você invade mais um lugar
Onde eu não vou
O que você está fazendo?
Milhões de vasos sem nenhuma flor
O que você está fazendo?
Um relicário imenso deste amor
Corre a lua porque longe vai?
Sobe o dia tão vertical
O horizonte anuncia com o seu vitral
Que eu trocaria a eternidade por esta noite
Por que está amanhecendo?
Peço o contrário, ver o sol se pôr
Por que está amanhecendo?
Se não vou beijar seus lábios quando você
se for*

*Quem nesse mundo faz o que há durar
Pura semente dura: o futuro amor
Eu sou a chuva pra você secar
Pelo zunido das suas asas você me falou
O que você está dizendo?
Milhões de frases sem nenhuma cor, ôôôô
O que você está dizendo?
Um relicário imenso deste amor
O que você está dizendo?
O que você está fazendo?
Por que está fazendo assim?
Desde que você chegou
O meu coração se abriu
Hoje eu sinto mais calor
E não sinto nem mais frio
E o que os olhos não vêem
O coração pressente
Mesmo na saudade
Você não está ausente
E em cada beijo seu
E em cada estrela do céu
E em cada flor no campo
E em cada letra no papel
Que cor terão seus olhos
E a luz dos seus cabelos
Só sei que vou chamá-lo
De Esmael, Esmael
COMPOSIÇÃO: NANDO REIS*



Para Nando Reis, um relicário é um lugar onde guardamos relíquias: todas aquelas coisas que são muito caras, importantes para nós. O compositor e cantor dessa linda música, a escreveu em 17 de agosto, dia do aniversário de sua mãe, porque para ele as lembranças que tem quanto à figura materna são muito preciosas, verdadeiras relíquias.

A música conta a história de duas pessoas que se amam e que se encontram em um fim de tarde, na hora do crepúsculo, e sabem que ficarão juntas apenas por aquele momento. Ao longo da canção, o compositor vai incluindo na letra as suas recordações de infância, quando fala de uma cartilha com a qual aprendeu as primeiras letras do alfabeto e ainda se recorda de que a cor do A era vermelha, como também outros temas: o ambiente, os sentimentos, as cores, as emoções e o tempo que é finito, evidenciado no fragmento que menciona sobre o pai, o filho, o avô...

O próprio relicário, segundo a música, é um lugar para guardar o amor. Dessa maneira, a letra fala de três elementos importantes para a nossa vida: o tempo, o amor e as lembranças ou memórias de tudo o que vivemos, que ficam arquivadas em “um relicário imenso desse amor”. Nesse caso, podemos fazer alusão ao amor de um casal, de dois amigos, de uma mãe e o filho, do pai e do filho, de uma avó e seu neto, de uma professora por seu aluno...enfim, amor, trata-se apenas de amor.

Portanto, o memorial é escrito a várias mãos e por uma rede de afetos, de amor: mãos de estudantes da EJA com quem já trabalhei, com quem trabalho atualmente, junto às mãos das equipes diretivas e de docentes que compõem o coletivo dos espaços que percorri ao longo dos anos e que me constituem como docente.

Trata-se de um memorial formativo que compõe um relicário de experiências docentes, tanto do percurso de formação junto à



“Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos”, ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, como também, as memórias que foram ativadas de outros espaços-tempos em que estive professora na EJA, e que agora estão latentes devido ao esforço de rememorar a trajetória.

Compartilho que a escolha pela especialização foi devido ao interesse em pensar em estratégias de gestão que possam realizar pequenas mudanças, porém significativas, no trabalho com a EJA, visto que se trata de uma modalidade de ensino que carece de muita atenção, reinvenção, afetos e metodologias dinâmicas, ainda mais no que tange a uma gestão democrática, ao currículo e às políticas públicas.

Nesse sentido, o trabalho de conclusão de curso apresenta um percurso formativo através de uma escrita em primeira pessoa que intenta ser poética, leve, quiçá artística pela minha formação acadêmica em Artes Visuais, no qual farei o exercício de recolher o que mais me afetou, me tocou e me fez pensar sobre a Educação Profissional Integrada à EJA.

Existem inúmeros significados e formas de produção de relicários. Nas versões vinculadas à religião¹, eles são objetos que se destinam a guardar relíquias de um santo, hóstias ou imagens de santos. Também considerado como uma joia (um colar ou medalhão) que serve para depositar em seu interior alguma lembrança especial como uma mecha de cabelo, uma fotografia

1 “Na tradição cristã quando um santo falece seus restos ou objetos pessoais são depositados em algum lugar sagrado, geralmente em uma igreja. Estes restos de santos e mártires são guardados em cofres, conhecidos como relicários. Estes cofres são de grande valor simbólico, pois lembram um personagem histórico que se destaca por sua santidade e sua vida exemplar como cristão”. Disponível em: <https://queconceito.com.br/relicario>.



de algum familiar etc.² Já na arte, os relicários têm sido criados a partir da noção de caixa, de baú, tanto pelo formato como pelo sentido de ser um local para guardar relíquias, ou seja, objetos de grande valor, enquadrando-se em uma produção de objeto-arte e como Arte Contemporânea.

Adotando essa perspectiva artística, tanto a música de Nando Reis como um objeto-arte podem ser vistos como “inúteis” a uma sociedade extremamente capitalista, produtiva, utilitária. Por isso, também espero que o exercício de criação de um relicário produza movimentos que me façam sair do lugar comum de mercantilização quanto ao PROEJA, ampliando as visões desse Programa que em sua origem apresenta a intenção de alargar a noção de formação e preparação dos jovens e adultos para o mundo do trabalho. Já que, em matrizes mais tradicionais, o ensino era voltado para questões meramente técnicas, mecânicas, possíveis de serem reproduzidas em outros espaços e como mão de obra barata.

Dito isso, saliento que o relicário inicia com uma breve apresentação da minha trajetória acadêmica e profissional, seguido das escritas sobre a formação docente quanto à EJA/PROEJA e de experiências em meio a essa modalidade, a partir de alguns relatos, falas de estudantes que registrei em diários docentes. Por fim, junto a essas passagens estarão minhas escritas, objetos, poesias, fragmentos de autores das leituras que realizei e imagens que compõem os pensamentos e aprendizagens dessas experiências compartilhadas.



2 “As joias possuem importante valor econômico e em particular um valor sentimental. Desde a antiguidade eram utilizadas como caixas especiais para guardar joias pessoais ou familiares. Estas caixas têm uma simbologia especial porque servem para guardar objetos que trazem grandes lembranças de um ente querido, de algum presente ou de alguma celebração inesquecível”. Disponível em: <https://queconceito.com.br/relicario>.



MODOS DE EXISTÊNCIAS: ARTISTA- DOCENTE-PESQUISADORA

Na tentativa de libertar a vida de determinados postulados, é que escolhi o fragmento do filósofo francês Gilles Deleuze para citar na epígrafe deste trabalho: “escreve-se sempre para dar a vida, para libertar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga” (Deleuze, 2013, p. 180). Nessa passagem, Deleuze faz repensar sobre o suposto exercício de “dar vida a escrita”, invertendo a ação, já que para ele, e para mim, é a escrita que possibilita traçar linhas de fuga e outros modos de existência.

Foi conversando com ele e com outros pensadores da Filosofia da Diferença como Félix Guattari (1930-1992), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Henri Bergson (1859-1941) e Michel Foucault (1926-1984), que fui me produzindo docente-artista-pesquisadora. Não poderia deixar de iniciar esse capítulo comentando o quanto essas leituras me atravessaram desde o primeiro encontro, o qual aconteceu ainda na graduação no ano de 2010, em que cursava Artes Visuais - Licenciatura Plena em Desenho e Plástica.

Natural de Três Passos-RS, cidade localizada no noroeste do estado, nasci e estudei até os 17 anos em uma escola pública chamada Instituto Estadual de Educação Érico Veríssimo. A escolha pela docência já tinha ocorrido nessa instituição, pois fiz a opção pelo “curso normal”, em que estudei as matérias previstas para o ensino médio em concomitância as disciplinas didáticas para formação docente. Porém, acabei passando no processo seletivo PEIES³ em 2008, antes mesmo de concluir o último estágio obrigató-

3 Programa de Ingresso ao Ensino Superior. “O PEIES, alicerçado numa proposta diferenciada de avaliação seriada, gradual, permitiu formação de parceria, de assessoramento, avaliou candidatos na própria região de residência de cada um, realizou encontros, minicursos, feiras,



rio, o qual me daria o diploma de “professora”, na época habilitada para trabalhar com a educação infantil e anos iniciais.

Aprovada no processo seletivo para ingressar na Universidade Federal de Santa Maria pelo curso de Artes Visuais - Licenciatura Plena em Desenho e Plástica, posso dizer que minha trajetória sempre foi permeada pelo interesse e pelas inquietações quanto ao campo da Educação. Iniciada a graduação em 2008 e concluída em 2011, tive excelentes profissionais que contribuíram nesse percurso, e sem dúvida cabe ressaltar o privilégio de participar e ser bolsista da primeira turma do Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Artes Visuais, criação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), o qual foi determinante na minha trajetória acadêmica. Por isso, gostaria de deixar registrado nesse memorial o meu agradecimento ao Programa e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade de estudo, aperfeiçoamento e iniciação à docência e pesquisa, pois foi por meio do Pibid que vivenciei muitos momentos de trocas, de assessoria nas escolas, de leitura e orientação para a produção acadêmica.

Também foi a partir do Pibid - Artes Visuais que comecei a trabalhar mais proximamente com a profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira, Professora Titular do Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, professora que se tornou posteriormente minha orientadora do mestrado (2013-2015) e doutorado (2015-2019) em Educação, Linha de Pesquisa em Educação e Artes - LP4, os

possibilitou retroalimentação de conteúdos, construiu estratégias de aprimoramento, de correção de desvios no aprendizado, segundo tendências pedagógicas contemporâneas”. Disponível em: https://www.coperves.ufsm.br/noticiaCompleta.php?id_noticia=978.



quais cursei nessa mesma instituição com financiamento CAPES no decorrer dos dois anos de mestrado.

Cabe lembrar que nesse espaço de tempo entre a conclusão da graduação e o mestrado, iniciei uma pós-graduação a distância pelo sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação (2013-2014), também oferecida pela UFSM e que me proporcionou muitas conexões com a especialização que estou a concluir.

Quanto às experiências profissionais, atuei como professora no ensino fundamental e médio da rede pública estadual de São Sepé - RS (2012/2016), como professora do ensino fundamental e médio do Instituto Metodista Centenário (2012/2014), professora do Colégio Riachuelo Camobi (2015/2015), professora Substituta do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN) do Centro de Educação (CE) na Universidade Federal de Santa Maria, atuando nos cursos de graduação em Pedagogia diurno e noturno, Educação Especial e Licenciatura em Artes Visuais (2016/2018), professora no Colégio Marista Santa Maria (2019/2019) e atualmente sou professora do município de Santa Maria (2019/) e de Restinga Seca/RS (2019/).

Ao longo desse percurso, transitei pelas seguintes áreas de interesse e estudo: arte, educação, docência e filosofias da diferença. Também faço parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação (Fiandar), ambos vinculados ao CNPq.

Dentre os anos de atuação docente, foram quatro anos e meio junto à Educação de Jovens e Adultos em São Sepé/RS. Somados a isso, no ano de 2019, retornei para essa modalidade na escola que assumi em Santa Maria/RS. Faço um adendo que, nesse ano de 2020, participei de uma equipe de professores do município para



compor a comissão de elaboração do Documento Orientador do Território de Santa Maria (DOC) para EJA, considerando que nem a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular Gaúcho contemplam as especificidades da modalidade em um currículo próprio⁴.

Portanto, olhando para essa trajetória, não posso deixar de mencionar que a EJA foi e é um dos meus maiores desafios; e também o quanto me é caro o trabalho em escolas públicas, pois apesar de ter atuado em escolas privadas, toda a minha formação foi em instituições públicas, às quais agradeço imensamente pelo incentivo e pela qualidade do ensino que recebi. Se não fosse por elas, eu não teria conseguido cursar, principalmente pelas questões econômicas. Talvez possa retribuir um pouco de tudo o que recebi.

Penso que estou em uma constante construção de um imenso relicário do amor, e nessa caminhada formativa e profissional, tanto as preciosidades que recolhia e guardava comigo, bem como os desvios e novos rumos, exigiram de mim outros modos de existir como artista, como docente e como pesquisadora. A música de Nando Reis me ensina que assumir uma postura docente investigativa necessita de um olhar atento, inquieto e problematizador, que lança mais perguntas do que respostas, e que quando chega a uma possível resposta, entende-a como provisória. Pergunto a mim se a educação não seria um campo fértil de questões que

4 “A Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como as outras modalidades da educação básica, também terá como referência para elaboração de seu currículo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cuja terceira versão foi divulgada em abril deste ano. O documento não dá orientações específicas para a modalidade, e as adaptações deverão ficar a cargo de estados e municípios, também responsáveis pela adequação às realidades locais”. A redação foi publicada em 2017, mas sabemos que historicamente há um debate em torno da construção de um currículo específico para EJA, diálogo que se divide entre haver uma organização que acolha a heterogeneidade dessa modalidade e não a dividir/distinguir das demais. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2017/09/13/falta-de-diretrizes-para-eja-na-base-preocupa-educadores/>.



mais colocaria o pensamento em movimento do que apresentaria certezas? A partir da música, qual seria a cor do A na minha cartilha? Não poderia me perguntar sobre as minhas práticas docentes com essas perguntas? *“O que está acontecendo? O que você está fazendo? Corre a lua porque longe vai? Por que está amanhecendo? O que você está dizendo? Por que está fazendo assim?”*

“UM POUCO DE POSSÍVEL, SENÃO EU SUFOCO...”

Essa frase, mencionada por Deleuze (1992, p. 131) inicia este capítulo por pensar que a trajetória junto à especialização foi uma tentativa de produzir alguns possíveis na educação de jovens e adultos que me fizessem não sufocar. Criar outros arranjos para estar nesse espaço, junto à heterogeneidade e às demandas.

Pensando o percurso de formação e traçando uma linha cronológica das disciplinas da especialização, relembro que o primeiro contato que tivemos foi com a disciplina de “Fundamentos de EAD e Ambientação Virtual”, não somente por ser uma especialização que se utiliza do AVA, mas porque foi possível conhecer através dos materiais e atividades do processo de evolução das tecnologias, desde o surgimento da escrita até chegarmos nas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), e na denominada Revolução Informacional. Os acréscimos na minha formação se deram quanto à discussão sobre como a comunicação, a aprendizagem e o conhecimento se produzem através da educação a distância, na redefinição das noções de tempo e espaço, dos novos valores e padrões de comunicação, ainda mais vivenciados nos dias atuais com o trabalho remoto como opção em tempos de pandemia, situação que certamente atravessará as escritas deste memorial.



Vivenciando atualmente o trabalho remoto, o qual difere da EAD por não ser mediado apenas pelas TDIC e por não se utilizar de uma plataforma de aprendizagem, percebo que os estudantes da educação básica não estão preparados para essas alternativas, considerando o fator da comunicação assíncrona em ambas, pois não há equidade no acesso às tecnologias. Bem como percebo a dificuldade de autonomia e responsabilidade dos estudantes no estudo dos materiais, elaboração e participação das atividades. Isso se deve ao modelo de educação presencial que está estruturado a partir de rotinas, metodologias e numa relação de dependência direta ao professor, além de uma cultura instalada em que diariamente os estudantes são cobrados para ouvir, participar e realizar as tarefas, o que os afasta de uma postura mais autônoma e protagonista (espero que essa colocação não soe como uma lamúria, mas como uma proposta de reflexão).

E ao voltar meu olhar para essas relações entre modelos educacionais e a postura que assumimos como docentes, reflito sobre os movimentos que a especialização permitiu realizar como discente, pois torna-se evidente que não somente minhas concepções se ampliavam, como também se costuravam os conhecimentos à área que atuo: as linguagens. O que gostaria de destacar é que a aprendizagem só acontece quando conseguimos produzir sentido no que estamos fazendo.

Ao compreender que as tecnologias da informação e comunicação abarcam as formas de interação/comunicação/linguagem entre os humanos, e que as mesmas foram evoluindo, penso que as transformações acabaram trazendo muitos benefícios (para não dizer consequências). Em termos de acesso às informações, podemos considerar que os meios tecnológicos afetaram definitivamente nosso cotidiano pela vasta produção de informações



e pela facilidade com que percorremos, sem nos deslocarmos geograficamente, diferentes e diversos espaços em um curto tempo.

Isso implica um outro olhar para a linguagem, quando falamos de TDIC, pois elas propiciaram uma maior interação, visto que é possível nos comunicarmos facilmente com diferentes povos de diversos países, por exemplo, ou quando utilizamos ferramentas de tradução entre as línguas, ou ainda quando se garante a acessibilidade para uma pessoa com deficiência auditiva que utiliza de uma ferramenta do computador para ler e transferir mensagens instantaneamente. Nos dias de hoje, um acontecimento de uma determinada região e país pode ser transformado em uma imagem e “viralizar” nas redes, sendo lido e compreendido em múltiplos espaços-tempos.

Percebo também uma mudança de paradigma que envolve a EaD, considerando as leituras que fiz, comparadas à experiência anterior que tive. É notório que houve um movimento no curso para que não predominasse a “interação virtual fria (formulários, rotinas, provas, e-mail)”, mas “alguma interação *on-line* (pessoas conectadas ao mesmo tempo, em lugares diferentes)”, transição que o autor Moran (1994) nomeia como passagem dos modelos individuais para grupais, as mídias mais interativas, da comunicação *off-line* para um mix de comunicação *off* e *on-line* (em tempo real). Um exemplo foram as janelas de conversa abertas ao longo da aula inaugural e dos seminários, em que estivemos conectados em tempo real com os participantes da especialização de todo o Brasil.

Nessa linha de pensamento, gostaria de ressaltar o quanto as disciplinas do primeiro semestre foram significativas nessa trajetória, percepção que obtive agora ao fazer um sobrevoo no curso, não somente por serem as bases epistemológicas da especialização, mas pelo tanto que aprendi, considerando o meu



desconhecimento quanto aos princípios da EJA e à criação do PROEJA, bem como no que tange às políticas públicas e às demais ações nesse campo. Foi a partir dos Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos junto à disciplina Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional Presencial e a Distância que percebi inúmeras questões essenciais que envolvem essas modalidades, e destaco o trabalho em conjunto e complementar que foi realizado, utilizando materiais e atividades que dialogavam entre si.

Foi por conhecer a historicidade da EJA que pude perceber alguns princípios que permeiam ainda a prática pedagógica nas escolas: uma educação compensatória, tendo por objetivo suprir as lacunas daqueles estudantes que não tiveram tempo, não tiveram acesso ou não conseguiram concluir os estudos numa chamada “idade própria”, concepção que a professora Maria Margarida Machado, da Universidade Federal de Goiás, questiona em um dos vídeos solicitados que assistíssemos. Nessa mesma fala, dividida com o professor da UTFPR Domingos Leite Lima Filho, Machado comenta que na década de 40 a EJA assumiu espaços a partir de campanhas que defenderam a erradicação do analfabetismo — podemos dizer que tendo como propósito diminuir os índices de analfabetos do país.

Na LDB de 9.394/96, a EJA passa a ser denominada de modalidade da educação básica, superando a ideia de ensino supletivo que a LDB de 5.692/71 defendia, “ainda assim, na materialidade das políticas, ela segue sendo executada por meio de programas” (Machado, 2013)⁵, e esses mesmos programas são fundamentados em estruturas de execução da dotação orçamentária, isto é, carregam



uma ideia de temporário, provisório, passageiro, propostas que resolveriam problemas de forma breve e simplória.

No entanto, a professora pontua que essa noção não só está nas bases da criação e fundamentação da EJA, como segue sendo uma ideia “vendida e comprada” pelos estudantes, professores e escolas do século 21. Parece-nos que a oferta da EJA como uma proposta de certificação aligeirada, rápida e simples, contamina muito mais o alunado, torna-se muito mais atrativa, do que uma campanha de formação humana integral. Há uma preocupação excessiva com a certificação, deslocando o foco do maior propósito da educação que seria o conhecimento.

O PROEJA surge da tentativa que a LDB assume em aproximar os dois campos, a educação de jovens e adultos com a educação profissional, ambas compreendidas pela lei como duas modalidades. O documento base do PROEJA evidencia que se trata de uma proposta constituída na confluência de ações complexas, reconhecendo que serão desafios políticos e pedagógicos a serem enfrentados, como a professora pontua, enfrentamentos de gestão e de cotidiano (de sala de aula, de quem e como vai ser feito). O PROEJA é inventado, tendo por base experiências anteriores de formação, e acaba sendo a tentativa de fortalecimento da compreensão de que sujeito é este: jovem ou adulto, não escolarizado e trabalhador cujo eixo central de formação para o conhecimento é o mundo do trabalho.

A questão central é aproximar a formação geral da formação profissional. Para alcançar legitimidade, ele terá que partir da franca

participação social e envolvimento das esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social (Machado, 2013).



Há também inúmeros desafios em construir e trabalhar com um currículo para a formação humana integral, uma educação humanizadora, desconstruindo uma série de limites que podemos ter na formação. O professor Domingos Leite Lima Filho (2013)⁶ menciona que, no início do século 20, o que marca o surgimento da educação profissional é uma educação correcional, visando colocar em uma educação eminentemente prática aqueles que podem se desviar potencialmente para o campo da criminalidade, mediante uma perspectiva segregacionista, pragmática, aligeirada, no intuito de adestrar e conformar, e não efetivamente de formar o trabalhador como um cidadão, isso quer dizer que a proposta visava conformar o trabalhador a uma posição de subalternidade.

Trazendo três grandes programas como exemplos, que ocorreram em diferentes momentos, Domingos (2013) menciona que visavam ora o crescimento industrial, ora as demandas sobre os discursos da empregabilidade, e que, portanto, a educação profissional teria surgido com o intuito de atender essas demandas técnicas do mercado industrial e também garantir a empregabilidade dos estudantes.

Uma marca característica desses programas estaria na dissociação da educação básica com a formação profissional. O PROEJA teria surgido como resistência aos entendimentos anteriores sobre a educação profissional na educação de jovens e adultos, vinculado às propostas do Partido dos Trabalhadores - PT que assumiria o governo nos anos de 2002. Institucionalizado inicialmente pela Portaria nº 2.080, de 13 de junho de 2005, e, em seguida, pelo Decreto nº 5.478, em 24 de junho de 2005, foi o primeiro programa a pensar



de forma integrada a formação profissional com a educação básica para jovens e adultos.

Como principais pontos a serem destacados nas mudanças após a institucionalização do PROEJA, em relação a programas anteriores, estaria o entendimento de que os estudantes são sujeitos de direito de uma educação plena, a EJA, como um direito e não como uma compensação; a integração da educação profissional à formação básica da classe trabalhadora (uma nova concepção na formação).

Sendo assim, pontuo que esse foi um dos vídeos disponibilizados que mais me provocou a pensar sobre a EJA e a conhecer um pouco mais o PROEJA, visto que inicia com uma reflexão importantíssima para pensarmos sobre o campo da EJA: historicamente, ela não dialoga apenas com a escola, pois a educação não se faz somente na escola, mas no espaço da convivência, na família, em outros tantos lugares. Partindo desse pressuposto, que corroboro com o desafio lançado pela professora Maria de que é preciso lutarmos para que a escola se reinvente, se reformule, para que ela não seja apenas de uma faixa etária, garantindo a universalização da educação pública de qualidade, para que todos tenham acesso, isto é, para que os jovens e adultos trabalhadores se sintam acolhidos e pertencentes a esse espaço, sem perder de vista a noção de que aprendemos o tempo todo, em outros espaços aos quais nos deslocamos.

No material de apoio aos estudos, disponibilizado na UNIDADE IV da disciplina de Políticas Públicas, encontramos algumas questões fundamentais para pensar o PROEJA:

[...] não podemos desconsiderar é que, no caso da implantação de um curso do PROEJA, temos a nossa frente jovens e adultos que já interromperam sua trajetória escolar uma ou várias vezes. Esse fato nos



faz ficar alerta tanto como educadores, técnicos e gestores, pois o educando do PROEJA que volta à escola traz consigo seu sonho e suas cicatrizes, suas marcas da descontinuidade e recai sobre nossa responsabilidade, enquanto educadores, a contribuição para materializar esse sonho (Baracho, Nóbile, 2019, p. 15).

Como docente, minha escrita é sobre as expectativas, visto que não tenho vivência junto aos cursos de PROEJA. Das minhas experiências junto a EJA, vejo que o maior desafio dessa modalidade, e estendo para o PROEJA, seja necessário desconstruir algumas concepções arraigadas que perpassam o entendimento de que seriam somente espaços de preparação ou um treinamento imediato para atuação no mercado de trabalho, ou ainda, em uma perspectiva de supletivo, de aceleração da formação ou de facilitação para os estudantes trabalhadores adquiram a conclusão dos estudos. Quero dizer que é preciso produzir brechas nessas noções para dar visibilidade ao PROEJA enquanto formação profissional e humanizadora, olhando para a heterogeneidade dos sujeitos que trazem consigo as aprendizagens e vivências de outros espaços, e que, portanto, podem ser potencializadas mediante o olhar atento aos conhecimentos e desejos.

Ponto também o quanto desconhecia as ações de qualificação profissional e social e os programas de elevação de escolaridade, tais como: PROEJA, ProJovem, Programa Brasil Profissionalizado, Pronatec, PronatecEJA. Não cabe citar as compreensões sobre cada um, porém vale lembrar que pela falta de conhecimento dos docentes e da comunidade quanto a esses programas e ações, os mesmos acabam perdendo força e sendo pouco procurados.

Gostaria também de comentar sobre a seguinte passagem presente no material da disciplina Políticas Públicas para Educação



de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, Marcos Políticos e Regulatórios da EJA e da EPT, na qual os pesquisadores nos ajudam a definir um conceito para a educação básica de jovens e adultos:

aquela que possibilita ao educando ler, escrever e compreender a língua nacional, o domínio dos símbolos e das operações matemáticas básicas dos conhecimentos essenciais das ciências sociais e naturais, o acesso aos meios de produção cultural, entre os quais o lazer, a arte, a comunicação e o esporte (Gadotti; Romão, 2012, p. 141).

E adentrando mais no campo com o qual me identifiquei no curso, que foram as práticas de letramento, talvez por se avizinhar com a minha área de atuação (as linguagens), compartilho que se trata de uma concepção um tanto nova, mas que precisa de investimento pelo seu potencial para a modalidade da EJA, considerando a perspectiva de empoderamento dos sujeitos:

O impacto do letramento mais significativo, profundo e de longo alcance na vida das pessoas é o seu potencial de empoderamento. Ser letrado é libertar-se das amarras da dependência. Ser letrado é ganhar voz e participar, de forma significativa e assertiva, das decisões que afetam a vida dos cidadãos. Ser letrado é ser politicamente consciente e criticamente desperto; é desmistificar a realidade social... O letramento ajuda as pessoas a se tornarem autoconfiantes e a resistirem à exploração e à opressão. Letramento permite acesso ao conhecimento escrito, e conhecimento é poder (James, 1990, p. 16 *apud* Auerbach, 2005, p. 363).

Como e para quem servem as nossas práticas docentes com as linguagens? A urgência em problematizar uma educação mais humanizadora e de formação de um pensamento crítico é que me



tocou, pois os dados chocam, expõem que há algo de “errado” no próprio entendimento do que e como trabalhar com a EJA:

De acordo com o Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos, publicado em 2017 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no mundo, existem mais de 700 milhões de pessoas analfabetas, das quais 115 milhões são jovens de 15 a 24 anos de idade e do número de adultos 63% são mulheres. No Brasil, os dados de jovens e adultos com trajetórias de escolarização marcadas pelo insucesso e pela descontinuidade são preocupantes, pois 40% da população maior de 15 anos não completou a Educação Básica, possuindo níveis insatisfatórios na aferição do domínio das práticas de leitura e de escrita (Marques, 2019, p. 4).

No que diz respeito à alfabetização e às práticas de letramento, a importância se deve por trabalhar o sujeito em sua esfera econômica, social e política, indo muito além da decodificação da linguagem, do estudo gramatical. É a função social da linguagem, e nesse sentido, são necessários muitos esforços para garantir o direito universal à educação para todos, já que “metade da população brasileira jovem e adulta não completou o ciclo da Educação Básica e 65 milhões de pessoas, as quais compõem o público da EJA, continuam à margem dos processos educacionais” (Marques, 2019, p. 5) no Brasil. O que o material explicita é que quando tratamos de letramento, estamos indiretamente discutindo as relações entre “letramento e poder, letramento e acesso, letramento e cidadania, letramento e direitos humanos e letramento e inclusão social” (Marques, 2019, p. 5), conforme James (1990) menciona na passagem acima, “estamos falando sobre a profundidade e o impacto do



letramento na vida das pessoas, levando em conta o potencial de empoderamento advindo desse fenômeno” (Marques, 2019, p. 6).

Partindo do pressuposto de que a alfabetização é uma prática de letramento, uma etapa desse processo maior vinculada em primeira instância à educação infantil e aos anos iniciais, bem como aos processos de escolarização, pude aprender que o letramento se desenvolve ao longo da vida, ocorre também em espaços externos ao contexto escolar, preocupando-se com os usos sociais da escrita e com os impactos da língua escrita na vida das pessoas. Embora sejam diferentes, a alfabetização e o letramento são indissociáveis, diferenciando-se quanto às habilidades cognitivas, isto é, formas diferentes de aprendizagens, porém os processos são interdependentes e concomitantes.

É preciso problematizar a prática docente: em que estou contribuindo para as práticas de letramento e os processos de alfabetização quando proponho atividades destituídas de sentido para os estudantes? As estratégias que posso adotar é pensar em atividades que tenham um propósito, objetivos construídos junto aos estudantes; ressignificações das linguagens e seus usos realizadas por eles. Essas práticas podem ser pensadas mediante convites aos estudantes para que realizem experimentações, para que imerjam em vivências junto às linguagens.

Nesse aspecto, é preciso motivar aqueles estudantes que desejam experienciar a produção da escrita, considerando diferentes propostas, gêneros e modos de escrever que não apenas os que se enquadram a uma escrita normativa, escolarizada e acadêmica. Por isso, embora a escola seja a principal agência de letramento, as práticas na EJA precisam buscar estratégias que ultrapassem apenas a aquisição dos códigos alfabéticos e numéricos, estes que descolam as práticas letradas da prática social. Precisamos observar



as necessidades de escrita e o impacto em todas as esferas de atividades, a atuação da escrita na vida dos estudantes em outros contextos sociais (trabalho, família, igreja, clubes, associações de bairro, bancos, comércio etc.), visto que o “conceito de letramento se refere diretamente aos usos sociais da escrita de modo geral, em seus mais diversos contextos, já que essa tecnologia está em todas as partes” (Bakhtin, 2003).

O certo é que em todas essas operações necessitamos da linguagem. É por meio da língua/ linguagem que nos constituímos e somos constituídos por ela. E pela língua/linguagem interagimos com o mundo e com o outro em um permanente diálogo. A língua é um fenômeno social da interação verbal e esta constitui a realidade fundamental daquela (Marques, 2019, p. 15).

Nessa perspectiva teórica, as práticas culturais não podem servir para reproduzir a estrutura social, mas para promover a mudança e a emancipação dos alunos. Sendo assim, o processo de alfabetização não se reduz ao reconhecimento, de forma mecânica das letras e palavras descontextualizadas, visto que na alfabetização de adultos o domínio da linguagem oral e escrita constitui uma das dimensões do processo de expressividade.

O aprendizado da leitura e da escrita, por isso mesmo, não terá significado real se se faz através da repetição puramente mecânica de sílabas. Esse aprendizado só é válido quando, simultaneamente com o domínio do mecanismo da formação vocabular, o educando vai percebendo o profundo sentido da linguagem (Freire, 1982, p. 27).

A linguagem é temporal, uma atividade social, um trabalho coletivo, e cada vez que nos colocamos a interagir por meio da fala e da escrita, somos atravessados pela linguagem que é heterogênea,



múltipla, variável e em constante estado de mudança. É preciso uma postura atenta e aberta a aprender, ser capturada pelas multiplicidades que atravessam uma aula e racham sedimentos temporais, fazem vazar o épico, o acadêmico, o erudito, o formal e o culto da língua. Irrompem os bons costumes e uma certa moral, trazendo o que há de vulgar de toda ordem e a assepsia que a linguagem educada e polida tenta empregar.

Quando fui apresentada ao vídeo “Funk do Biscoito” na disciplina de Práticas de Letramento, eu me dei conta disso: de que a linguagem educada, polida e “limpa” é excludente, pois na verdade o que nos importa são os modos como nos apropriamos da linguagem para estarmos no mundo e nos comunicarmos. Se o “correto” é bolacha ou biscoito, não é tão importante quanto a diversidade apresentada nos regionalismos, a própria heterogeneidade cultural.

Descobri, em meio às conversas com os estudantes da EJA, que alguns buscavam se alfabetizar; outros, dar continuidade a um estudo interrompido por motivos familiares ou por questões sociais; também havia casos em que o trabalho estava exigindo a formação; enfim, eram diferentes interesses que os movimentavam a estarem na escola, mas essas percepções só ocorreram em momentos que estive mais aberta para ouvir. E quantas histórias ouvi nesses espaços! Registre palavras que ressoavam, ou ainda, falas recorrentes, destoantes, intensas, tensas, que me fizeram pensar nas situações de vida que acabava conhecendo, ou quem sabe me aproximando, eram outras formas de lidar com o tempo, formas de acolher outras prioridades para a vida, pois nem todos os estudantes estavam na escola com o mesmo propósito (Neuscharank, 2019).

Cabe lembrar que, em um certo dia ao sair dessa mesma escola em que trabalhava com a EJA, reli as anotações de algumas perguntas que fiz a eles, a saber: qual o caminho profissional



que gostariam de seguir após concluir o ensino fundamental ou médio? Muitos deles responderam que gostariam de seguir exatamente o que os seus pais faziam, dirigir o caminhão do pai, por exemplo, trabalhar como doméstica igual à mãe, conseguir um trabalho no comércio e/ou abrir seu próprio negócio. Em um primeiro momento, me senti um tanto frustrada, porque pensei muito na docência como quem apresenta outras possibilidades para a vida dos estudantes, outras formas de olhar para o mundo. Ver que muitos pareciam se conformar com o mesmo local social e profissional onde se inseriam, trouxe desconforto.

“Acordo 5h, aí o ônibus nos leva às 6h. É um ônibus específico para quem trabalha no frigorífico. Desosso miudezas em segundos, estou nesta esteira. Matamos pela manhã 475. Às vezes não consigo encostar no ombro, dá até choque de tanta dor, pelos movimentos repetitivos. Minha família está se queixando de eu não ter tempo de cozinhar, como voltei a estudar, quem cozinha agora é o meu filho, mas ele chega cansado, às 19h da oficina. Minha filha que tem uma criança de 7 meses, também trabalha lá (frigorífico), e ela começa às 4h da manhã, quando chega em casa, às vezes, nem consegue acordar para aula. Estávamos mal da rinite pelo frio que é lá dentro. Ela trabalha só com a parte de costela” [estudante H].

“Filho é gasto” [estudante I].

“Mas minha neta nem incomoda, é calma e traz muita alegria. Quando chegar o inverno, terei de parar de estudar, porque será muito frio e cansativa a rotina, minha família precisa de mim, principalmente da minha atenção. Quando voltar o verão, volto a estudar” [estudante H] (Neuscharank, 2019, p. 108-109). A estudante H é uma senhora de mais de 60 anos que adorava contar histórias sobre a sua vida, partilhar vivências, e apesar de ter uma rotina bastante corrida, encontrava forças para frequentar a escola junto



de sua filha, porém as demandas de casa fizeram com que ela seguidamente faltasse e, mais tarde, desistisse.

Não somente ela, mas encontrei muitos corpos cansados no turno da noite, afetados por um tempo cronológico, por um tempo de produção, de trabalho, que diminuía a potência de viver, de ouvir, de conviver deles com os outros. Por isso, havia dias que qualquer proposta que consumisse um pouco mais de energia e que exigisse movimentação física ou mental, não acontecia. A partir desse tempo objetivado por eles, de acordo com as suas realidades, refleti sobre a necessidade de olhar para aquele tempo da aula de outra forma, produzindo em conjunto, maneiras para querermos estar lá, para nos fortalecermos, e não apenas cumprindo obrigações.

Chego aos encaminhamentos finais deste capítulo trazendo um olhar sobre a temática do planejamento docente e os entrecruzamentos com a gestão educacional, os quais, ao meu ver, são indissociáveis e estão diretamente ligados às inquietações sobre o tempo de aula na EJA, mencionadas acima. A forma de perceber o planejamento e o espaço da escola atravessa todas as instâncias e, ao pensar a respeito, eu me deparo com duas citações do material da Unidade I de “Gestão da Educação Profissional e da Educação de Jovens e Adultos”:

[...] a gestão educacional corresponde à área de atuação responsável por estabelecer o direcionamento e a mobilização capazes de sustentar e de dinamizar o modo de ser e de fazer dos sistemas de ensino e das escolas, para realizar ações conjuntas, associadas e articuladas, visando o objetivo comum da qualidade do ensino e seus resultados (Luck, 2010, p. 25)

A gestão educacional é abordada tanto na Constituição Federal como na LDB 9.394/1996, enquanto princípio base da



educação brasileira, considerando a importância para organização dos estabelecimentos públicos de ensino. Para que ocorra de maneira mais transparente e alicerçada na colaboração entre governos, trabalhadores e sociedade civil, os documentos partem de uma noção de gestão educacional democrática, em que cada gestor, trabalhador da educação e cidadão deve estar engajado, eticamente. E como bem menciona Dourado (2007), é preciso conhecer sobre as instituições e suas naturezas e finalidades, os processos de participação e decisão, pois elas podem contribuir para a consciência democrática e para a participação popular na escola.

A LDB no Artigo 14 apresenta os seguintes princípios para a gestão democrática do ensino público na Educação Básica: a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. Embora, nas escolas que eu trabalho, o movimento seja de afirmar a diversidade dos sujeitos da EJA, da importância de garantir o direito e uma educação de qualidade, de construir uma proposta pedagógica interdisciplinar que acolha as singularidades culturais, sociais, históricos. Percebo poucas práticas de gestão pautadas na democratização, porque assim como exposto por Xavier (2009), há uma preocupação com essas necessidades, porém as decisões e ações ainda permanecem numa perspectiva mais centralizadora, entre a equipe diretiva.

Em suma, sinto que a gestão educacional ainda carece de um olhar mais atento e da articulação de diversos grupos sociais e de diferentes níveis da administração pública. Já ouvi muitos relatos e queixas de decisões que são tomadas em outros âmbitos e chegam de modo vertical nas escolas, impositivo, sem abertura para o diálogo. E quando penso na possibilidade de estar ocupando



um espaço junto à gestão educacional, logo me reporto a essas situações. De todo modo, é possível traçar algumas possibilidades para um exercício democrático, que possa expandir os espaços, as oportunidades de debates e a exposição de diferentes perspectivas, para uma gestão que aconteça *com e junto*, e não *para* os estudantes da EJA.

UM RELICÁRIO IMENSO DESTE AMOR

Nesse relicário imenso de amor fui guardando experiências de todas as intensidades e sentidos, aquelas as quais olhei e senti vontade de sorrir, outras que fizeram meu rosto se fechar e quase não consegui controlar as lágrimas. As inquietudes, os incômodos, transformei em forças para querer ler, conhecer e adentrar o mundo da EJA. É preciso coragem para tanto: desconstruir a visão sobre a EJA como um depósito de estudantes que não são “capazes”, que não “deram certo” na sociedade.

Parece-me que há uma culpabilização dos sujeitos e não um questionamento sobre o sistema educacional, sobre o porquê desses jovens e adultos estarem na EJA e supostamente não se encaixarem nas “normas” e “formas” de educação “almejadas”. Talvez seja porque eles não conseguiram acompanhar o tempo de aprendizagem dos colegas (relação entre tempo, linguagem e EJA abordada no memorial), talvez porque tiveram de parar os estudos (falas registradas no diário da prática docente), talvez pelas inúmeras dificuldades que uma grande parte da população ainda enfrenta em poder frequentar a escola e conciliar com o trabalho (histórias de vida compartilhadas e ouvidas em sala de aula). Para mim, são justificativas plausíveis, porque estou falando de pessoas e não de máquinas programadas.



É preciso afirmar o ingovernável da vida, afinal, quem nunca teve desvios e deslocamentos inesperados? Os estudantes da EJA não precisam de uma visão de fracasso ou pena sobre eles, mas de um olhar acolhedor que atenda às suas singularidades e que olhe para as dimensões da formação humana, da inserção no mercado de trabalho e da inclusão social, visto que é de direito terem acesso a um ensino público e de qualidade.

Nesses cinco anos como professora da EJA, agradeço o tanto que aprendi com eles, e isso se deve ao que me permitiu viver nesses espaços a partir de uma postura de escuta, atenta a tantas histórias e partilhas de vida. Hoje, a especialização passou a ocupar um espaço especial dentro do relicário da minha formação profissional, porque junto a essas experiências como docente, pude me aproximar dessa modalidade por meio das leituras disponibilizadas. Também pude conhecer um pouco mais sobre o PROEJA e sobre outros Programas profissionalizantes, embora nunca tenha atuado nessas instâncias, tinha o total desconhecimento sobre a área.

Arrisco dizer que talvez uma das contribuições mais significativas da especialização tenha sido a aproximação que estabeleci com as políticas públicas, pois sempre tive certa dificuldade e resistência com as leituras e compreensões no que tange a esse campo. De todo modo, compreendi que quando falamos em EJA e PROEJA, é inevitável adentrar questões políticas, sociais, culturais e históricas, visto que a luta das minorias atravessa essas modalidades, evidenciando as ações para ganhar espaço na sociedade desde seu surgimento e das primeiras ideias de Paulo Freire sobre os métodos de alfabetização de jovens e adultos. Trata-se de uma marginalização desses sujeitos, um esquecimento e subordinação aos sistemas econômicos de determinadas épocas.



Levantei algumas questões que me inquietam para finalizar essa escrita: o distanciamento dos estudantes (da sociedade em geral) em relação aos saberes cujos valores não estão em um fim utilitarista, pontuado por Arroyo (2011). No livro “A utilidade do inútil” de Ordine (2016), já mencionado no memorial, há um oximoro que opera em desconstruir a concepção de que os saberes que não trazem lucro são inúteis. A inversão que o autor elabora é a de que existem saberes que têm um fim em si mesmos, por estarem afastados de um vínculo prático e comercial, gerando crescimento cultural, espiritual e humano.

No entanto, percebo que essa máquina produtivista está muito bem implementada e em pleno funcionamento nos corpos que circulam pelas escolas. As engrenagens que põem em funcionamento as instituições educacionais podem ser desprogramadas se mudarmos o olhar para o tempo e a educação e os tomarmos como peças inúteis, segundo a concepção lançada por Ordine (2016). Não visando apenas um produto, não gerando apenas um lucro e não podendo ser comprados apenas pela moeda comercial. Logo, além de transitarem pelo capital financeiro, comporiam um capital humano intransferível, singular e necessário, assim como as funções vitais essenciais para viver: “respirar é viver e não fugir da vida” (Ordine, 2016, p. 19).

Logo, o que aponto e defendo é que a EJA e o EPT não podem ser reduzidos aos saberes cuja utilidade está vinculada apenas ao mercado de trabalho. Como bem sabemos e o material de estudo sinaliza, precisamos pensar que são modalidades da educação básica que possuem suas especificidades. A EJA, por exemplo, é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria (Art.37-LDB/96), e por isso requer um modelo pedagógico próprio, bem como o



EPT, implicando na construção de uma proposta comprometida com a igualdade de acesso ao conhecimento; deve pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço, para que seja rompida a simetria com o ensino regular para crianças e pré-adolescentes; deve permitir percursos individualizados e objetos do conhecimento que, de fato, sejam significativos e contribuam para o sucesso pessoal e profissional dos jovens e adultos; deve ser pautada por uma proposta curricular que não se limite a meras adaptações ou recortes de documentos pensados para o ensino fundamental regular (Resolução CNE/Nº4/2010).

De todo modo, a especialização apresenta como possibilidade de pensamento o trabalho e a produção do conhecimento de forma colaborativa, isto é, que eu possa pensar em estratégias coletivas e interdisciplinares que não preparem os estudantes apenas para a máxima da competitividade do mercado de trabalho, tampouco a fragmentação do conhecimento (divisão em “disciplinas”), mas que esse estudante esteja preparado como ser humano, por isso, não somente a abordagem de conteúdos específicos e técnicos, mas aqueles que problematizem a formação “ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico” (Azevedo; Silva; Medeiros, 2015, p. 81), para que possa “compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática” (Azevedo; Silva; Medeiros, 2015, p. 81).

Na tentativa de finalizar o relicário, menciono que o compus gradativamente com imagens, música, poesias, registros em um diário, experiências de sala de aula e uma porção de vivências com as leituras, seminários e propostas de atividades realizadas. Compreendo e enfatizo a importância da preparação dos estudantes para o mercado de trabalho; e minha intenção não foi de desqualificá-los, bem pelo contrário, pois entendo que oferecer um



curso profissionalizante em concomitância ao currículo básico é uma possibilidade de abrir outras oportunidades aos que em sua história de vida já encontraram diversas negações. A metáfora com o relicário foi adotada para criar um memorial que contivesse as relíquias, e esse foi o movimento que fiz, recolher as preciosidades encontradas ao longo dessa formação, fazendo um tensionamento com o que é visto como “inútil” diante de uma sociedade extremamente capitalista, produtiva e utilitária.



REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. Connecting the Local and the Global: A Pedagogy of Not-literacy. *In*: ANDERSON, J. *et al* (Eds.). **Portraits of literacy Across Families, Communities, and Schools: Intersections and Tensions**. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2005, p. 363-379.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

AZEVEDO, M. A.; SILVA, C. D.; MEDEIROS, D. L. M. **Educação profissional e currículo integrado para o ensino médio: elementos necessários ao protagonismo juvenil**. Holos: IF/Rio Grande do Norte, ano 31, v. 4, 2015.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins. Fontes, 2003 [1979].

BARACHO, Maria das Graças; NÓBILE, Vânia do Carmo. **Estratégias de acompanhamento e avaliação da oferta de cursos de EJA**. Unidade IV. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

FALCÃO, A. **Pequeno dicionário de palavras ao vento**. São Paulo: Richmond Educação, 2013.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DOURADO, L. F. Políticas e Gestão da Educação Básica no Brasil: limites e perspectivas. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 921-946, out. 2007.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e propostas**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**. Santa Cruz do Sul, RS, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.



LUCK, H. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANTOS-MARQUES, I. B. **Práticas de letramento na Educação de Jovens e Adultos: Unidade I - Concepções de linguagem e práticas de letramento na EJA**. Curso de Especialização em Práticas Assertivas de Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Instituto Federal do Rio Grande do Norte, 2020, p. 1-34. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5221>. Acesso em: [dia] [mês]. [ano].

MORAN, J. **O que é educação a distância**, 1994. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

NEUSCHARANK, A. 2019. 141f. Coextensividade: sobre as noções de tempo na educação. **Tese de Doutorado** [Doutorado em Educação], Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2019.

ORDINE, N. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

XAVIER, C. F. Gestão escolar na educação de jovens e adultos. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu, MG. **Anais eletrônicos...** Minas Gerais: ANPED, 2009. Acesso em: jul. 2018.

Sites:

<https://queconceito.com.br/relicario>.



VIVÊNCIAS COM O PROEJAM NO IFMS: CAMPUS DOURADOS

ELITON DA SILVA

Orientadora: Profa. Especialista. Maria de Fátima Abrantes

O presente trabalho configura-se como um memorial de formação, definido para formalizar o Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-graduação *Lato Sensu*, Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Essa especialização foi ofertada em dezembro de 2018, através do atual *Campus Natal - Zona Leste*, na modalidade EaD, distribuídos em 26 polos nas cinco regiões do Brasil.

O memorial de formação tem como objetivo descrever as minhas vivências acadêmicas e profissional com o PROEJA, com foco no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul IFMS, *Campus Dourados*, instituição à qual estou vinculado como estudante da especialização e também como servidor público. A palavra vivência assume vários sentidos no campo filosófico e semântico. Em especial, neste memorial, esse termo se traduz como o “sentir na pele”, os sentimentos e significados atribuídos quando se está



experimentando as experiências no momento em que elas acontecem (Viesenteiner, 2013).

Nesse contexto, o curso de pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos, teve como objetivo desenvolver e contribuir com a formação de docentes e gestores na perspectiva de uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional, seja presencial e ou a distância, articulada à EJA, nas redes federal, estadual e municipal. Este memorial é relevante na minha formação profissional, principalmente na vida pessoal, pois me possibilitou sintonizar a teoria com a prática, de forma contextualizada e refletindo criticamente sobre a realidade, com vistas a suscitar a construção do conhecimento em uma atmosfera favorável para o desenvolvimento de potencialidades. Pude compreender e aprender neste contexto, a admirar colegas docentes, que se empenham e acreditam na educação como processo transformador da sociedade. A produção do memorial é um momento rico de socialização do conhecimento e de transparecer, traduzir uma (re)construção da caminhada realizada pelo curso de especialização do PROEJA, possibilitando um repensar sobre os fatos existentes, compreendendo ou atribuindo um novo significado.

Assim, o itinerário formativo escolhido no início do processo de ingresso no curso da especialização, foi em Práticas Assertivas com ênfase em Didática da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos, motivado pela necessidade de refletir sobre o papel do docente na EJA, como também por buscar contribuir na formação continuada de docentes e futuros docentes.



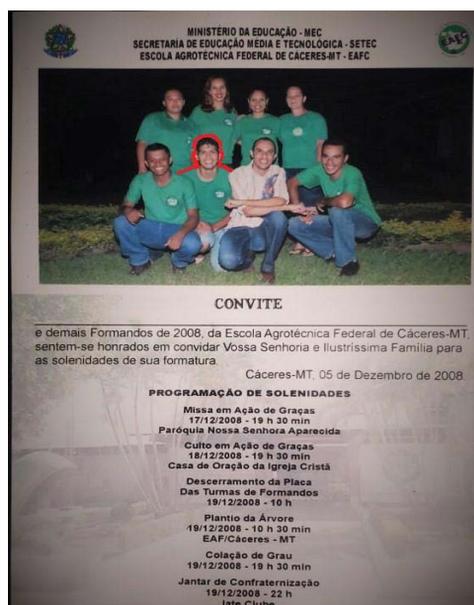
ALGUNS DADOS AUTOBIOGRÁFICOS: MINHA FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA

Meu nome é Eliton da Silva, nascido no dia três de junho de 1987, na cidade de Cáceres, no Estado de Mato Grosso. Filho de Saturnina da Silva. Oriundo de uma família simples, constituída de seis irmãos, sendo três homens e três mulheres. Sou casado com Maria do Socorro Lucas da Costa e temos duas filhas, Maria Cecília Lucas da Silva e Maria Julia Lucas da Silva. Considero-me uma pessoa muito sonhadora, persistente e humilde. Minha formação escolar foi totalmente em escola pública. Concluí o ensino fundamental na Escola Estadual Frei Ambrósio, Cáceres - MT.

Concluí o curso Técnico em Informática Integrado ao ensino médio na modalidade de Jovens e Adultos, com habitação em Sistema de Informação, pela antiga Escola Agrotécnica Federal de Cáceres – EAFC, que atualmente é o *Campus* Cáceres - Prof. Olegário Baldo do Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT. Importante ratificar que a turma iniciou com sessenta estudantes, mas apenas sete estudantes finalizaram o curso.



Figura 1 – Concluintes



Fonte: Autor, 2020

Após concluir o curso Técnico Integrado ao ensino médio na modalidade da EJA, com Habilitação em Sistema de Informação, fui para universidade. Ressalto que na escolha da minha primeira graduação, tinha intuito de aprimorar a aprendizagem na área da informática, considerando minha trajetória e conhecimentos adquiridos anteriormente no curso técnico integrado, pois era um momento de crescimento, transformação e desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs. Esse motivo corroborou com minha decisão para a escolha do curso. No ano de 2011, eu me formei em Licenciatura Plena em Computação.

Já na segunda graduação, Bacharelado em Administração Pública, eu detinha um conhecimento sólido sobre o curso e



mercado de trabalho, sobre a carreira profissional; e um objetivo: tornar-me servidor público. Como o curso era voltado para instituições públicas, foi uma opção ideal e apropriada na minha trajetória de vida. Para além dessas motivações, estavam a garantia e estabilidade financeira e minha esposa, grávida de nossa primeira filha. Ambos os cursos de graduação foram realizados pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.

Em 2014, finalizei uma Pós Graduação em nível de especialização em Gestão Pública pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. No mesmo ano fui nomeado no concurso público para o cargo de Assistente em Administração no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS. Lotado de início no *campus* de Ponta Porã e no ano de 2016 fui removido para o *Campus* Dourados. Após tornar-me servidor do IFMS, conclui a minha segunda pós-graduação, em Especialização em Docência para Educação Profissional, Científica e Tecnológica, ofertada pelo IFMS. O trabalho de conclusão de curso na ocasião foi a produção de um artigo, e escolhi, como tema, trabalhar a evasão escolar do PROEJA, com foco no IFMS - *Campus* Ponta Porã.

Importante destacar que desde que entrei em exercício no IFMS até a data atual, desempenho minhas funções no mesmo setor, Central de Relacionamento - CEREL, conhecidamente como “secretaria escolar”. É nesse mesmo setor que acontece o atendimento e interação com os estudantes do PROEJA, como também, com os demais estudantes da instituição.

Já no ano de 2018, surgiu a oportunidade de cursar a especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, ofertada pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte



- IFRN. O presente trabalho, memorial de formação, é requisito fundamental para concluir a referida especialização em PROEJA.

Logo no ano seguinte, em outubro de 2019, fui selecionado no âmbito interno do IFMS, com uma bolsa de estudos para ingressar no Mestrado de Assessoria em Administração, no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto - ISCAP, em Portugal. Uma conquista surreal, pois nunca imaginei ter uma possibilidade de tamanha magnitude e importância na minha vida pessoal e profissional. Nesse âmbito, pretendo desenvolver minha pesquisa de dissertação na área da Educação de Jovens e Adultos, explorando minha instituição de trabalho, o IFMS - *Campus* Dourados. E sem sombra de dúvidas, aproveitarei a base de ensinamentos que a especialização em PROEJA me proporcionou.

Em vista dos fatos descritos, reitero que, profissionalmente, é gratificante acompanhar a trajetória de implementação do PROEJA no IFMS - *Campus* Dourados, não diretamente como docente, mas de forma indireta como técnico educacional, dando apoio aos professores e principalmente aos estudantes. Nesse sentido, a especialização possibilitou um maior conhecimento de como a política foi adotada e modificada por seus implementadores.

IMPACTOS DA MINHA FORMAÇÃO PARA A EXPERIÊNCIA NO PROEJA: ALGUMAS REFLEXÕES

Para iniciar as reflexões sobre a minha formação e a experiência profissional na EJA/PROEJA, farei uma rápida contextualização de como se deu a implantação do PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica), à luz da legislação. O PROEJA tem sua criação por meio do Decreto nº 5.478/2005, que centralizava e limitava o programa aos estudantes



do ensino médio, que posteriormente, é substituído pelo Decreto nº 5.840/2006, que amplia suas determinações para o atendimento aos estudantes do ensino fundamental.

Considerando que no âmbito dos Institutos Federais de Educação Profissional, Ciência e Tecnologia (IF) o público da EJA é atendido por meio do PROEJA, o qual tem como objetivo a oferta de cursos de educação profissional de formação inicial e continuada e educação profissional técnica integrada de ensino fundamental e médio com qualificações profissionais, que visa atender ao público de jovens e adultos que não tiveram acesso ao processo de escolarização formal ou que, por algum motivo, tiveram sua escolaridade interrompida, propõe uma formação que integra três especificidades: o ensino médio, o ensino profissionalizante e a modalidade de jovens e adultos.

Nessa direção, o documento base do PROEJA publicado em 2007, aponta a seguinte perspectiva, “para sua consolidação, para além de um programa, sua institucionalização como uma política pública” (Brasil, p. 15), para garantir maiores oportunidade de acesso aos alunos das classes sociais menos favorecidas, garantindo a eles a permanência ou o retorno à escola. Sobre isso, Gouveia e Braz da Silva (2015b, p. 751) afirmam:

Os motivos para o retorno depois de algum tempo fora do ambiente escolar estão relacionados ao fato de que, com o passar dos anos, os alunos começam a perceber as dificuldades presentes na realidade ao seu redor e a fazer planos para o futuro. Com isso, eles passam a adquirir a consciência da importância de concluir seus estudos para que tenham êxito em sua vida profissional e para que possam dar melhores condições de vida à sua família, buscando, então, recuperar o direito e a confiança na educação. É como



se a educação formal oferecida pela escola fosse uma porta para uma nova realidade.

De fato, a experiência me fez constatar na prática, na condição de aluno de escola pública, que é muito importante, um desafio ingressar no ensino médio em um curso profissional, uma vez que possuem especificidades próprias. A isso, aliam-se as dificuldades pessoais enfrentadas pelos alunos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, haja vista que manter-se na escola, sendo que, muitas vezes, é preciso trabalhar também, ou seja, conciliar essas duas jornadas não é fácil.

A formação profissional corresponde a uma inovação da educação, ou seja, a outro desafio. Essa formação integrada almeja oferecer a possibilidade de continuidade dos estudos por meio do ensino médio e de inserção no mundo do trabalho através do ensino profissionalizante, visando à transformação social e coletiva, especialmente da classe popular.

Como narrado anteriormente, minha relação com o PROEJA teve início como estudante e, mais tarde, essa relação se fortaleceu, tornando-me um Profissional Técnico Educacional de uma instituição pública que tem como missão e objetivos institucionais oferecer o ensino médio na forma de Técnico Integrado à modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Ingressei no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul no ano de 2014, como técnico administrativo lotado no *campus* de Ponta Porã, local onde ocorreu meu primeiro contato profissional com um curso do PROEJA.

O *campus* ofertava dois cursos na modalidade do PROEJA, sendo o curso em Manutenção e Suporte em Informática - MSI e o curso técnico integrado em Fruticultura, cursos ofertados no período noturno, com duração de seis semestres, no total de três anos. Cabe mencionar que a distância da cidade até o *campus*, a



ausência de coordenação específica para os cursos do PROEJA, foram alguns aspectos que afetaram os cursos e refletiram diretamente no auto índice de desistência e evasão escolar.

No ano de 2016, fui removido para o *Campus* Dourados, no qual não havia oferta de cursos do PROEJA, uma vez que o *campus* ainda estava em processo de planejamento para a implantação do programa. O curso do PROEJA se tornou realidade no segundo semestre do ano de 2018, inicialmente com a oferta do PROEJA em Administração, com 40 vagas, no período noturno, com duração de seis semestres, totalizando três anos. Logo no ano seguinte, no semestre 2019.1, foram ofertadas 80 novas vagas.

No *Campus* Dourados, vivenciei como servidor, uma outra realidade quanto à implantação do PROEJA, mesmo que de forma indireta, na observação das ações desenvolvidas pelos atores implementadores do PROEJA. Seja desde a indicação dos membros da comissão responsável pelos encaminhamentos e ações do planejamento pedagógico, seja na construção do Projeto Pedagógico do Curso - PPC, até a indicação da coordenação específica para o curso. Mas em sua aplicabilidade e operacionalização do PPC, seus impactos estão diretamente relacionados com minha atuação profissional, especificamente no setor onde estou lotado, na secretaria escolar. O PPC torna-se importante com o intuito de expressar os principais parâmetros para a ação educativa, com interação direta com o Projeto Pedagógico Institucional, com a gestão acadêmica, pedagógica e administrativa. Nesse sentido Veiga (1998, p. 13) afirma que:

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao



compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos, da população majoritária.

Importante ressaltar que foi aplicado no PPC do curso PROEJA em Administração, do *Campus* Dourados, o itinerário formativo. Isso significa que o estudante, ao finalizar as unidades curriculares do 1º e 2º semestres, será conferido à Qualificação parcial I em: Assistente Administrativo, com uma carga horária de 315 h. Em seguida, é possível ao estudante que concluir as unidades curriculares do 3º e 4º semestres, será conferido À Qualificação parcial II em: Assistente de Recursos Humanos, com carga horária de 300 h. E ao final, concluindo o 5º e 6º semestres, o estudante será diplomado em Técnico em Administração, com uma carga horária total de 2.400h.

Algumas estratégias adotadas pela coordenação do curso PROEJA em Administração, são importantes para combater ou diminuir a evasão escolar e as desistências do curso no *Campus* Dourados. Cito alguns mecanismos utilizados pela coordenação como: aproximação e interação com os estudantes, ficando evidente para a comunidade acadêmica a quem os estudantes do PROEJA devem recorrer e buscar auxílio quando necessário; reuniões periódicas com professores que atuam na EJA, no intuito de buscar dialogar sobre o processo de ensino e aprendizagem do público da EJA; a análise de processos de convalidação, o curso do PROEJA proporciona essa convalidação de disciplinas do núcleo comum já cursadas anteriormente pelos estudantes no ensino regular ou da EJA; divulgação e garantia, a quem de direito, da dispensa de cursar a disciplina de Educação Física; ao ingresso de novas turmas do PROEJA, a coordenação desenvolve um planejamento de divisão de turmas ou seja separa os estudantes que já possuem o ensino médio, dos estudantes que não possuem. Para aqueles



que já possuem o ensino médio, aplica-se a convalidação das disciplinas do núcleo comum e esses estudantes passam a cursar apenas as disciplinas específicas (técnicas). Aliado a tudo isso, a coordenação planeja também aulas concentradas das disciplinas técnicas, possibilitando que os estudantes nessa categoria (quem já possui ensino médio), não precise frequentar todos os dias de aulas na instituição, ou seja, os estudantes acabam ficando com horário de aulas apenas três vezes na semana. Esse planejamento por parte da coordenação do PROEJA do *Campus* Dourados, tem possibilitado a queda no percentual de desistência e evasão no curso.

Essa experiência profissional supracitada vai ao encontro do objetivo e objeto de aprendizagem, adquirida na disciplina estudada no 2º módulo da especialização, na unidade curricular chamada Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA, de autoria da Professora Doutora Edneide da Conceição, material por sinal espetacular e direcionado para uma formação em nível de especialização do PROEJA, um material que deveria ser lido por todos que atuam na coordenação pedagógica na EJA. A disciplina trata resumidamente de contextualizar e discutir os aspectos históricos e legais que marcaram a constituição do profissional coordenador pedagógico na escola. Compreender o papel da coordenação pedagógica na elaboração da proposta pedagógica da escola, da EJA e do PROEJA. Refletir acerca da formação docente de professores da EJA/PROEJA na escola e sobre o lugar do coordenador como mobilizador desse processo e discutir a importância da construção das relações interpessoais na escola e o lugar do coordenador pedagógico na mediação dessas relações. Portanto, o coordenador deve buscar desenvolver boas práticas pedagógicas na instituição escolar, para que condicione



um ensino aprendizagem bem sucedido para os jovens e adultos. Nesse sentido, de acordo com Libâneo (2004, p. 266), compete ao coordenador pedagógico:

Coordenar a formulação, o desenvolvimento e a avaliação do projeto pedagógico-curricular; Apresentar ideias e diretrizes relacionadas aos objetivos, às orientações curriculares e aos planos de ensino; Auxiliar tecnicamente na prática de elaboração do projeto e dos planos de ensino.

A experiência sobre PROEJA, vivenciada no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS, tanto no *Campus* Ponta Porã, quanto em especial, no *Campus* Dourados, tem uma ligação muito direta com as disciplinas cursadas nessa especialização, principalmente no que se refere aos aspectos relacionados à Didática, itinerário escolhido para trilhar a especialização e como também o presente memorial de formação, mesmo que em uma perspectiva profissional como Técnico Educacional.

Em 2018, ingressei no Curso de Especialização em PROEJA, vislumbrando uma grande oportunidade de me qualificar e compreender em profundidade as relações do processo educacional de jovens e adultos, conseqüentemente, tornar meu trabalho mais significativo para os estudantes e para a instituição, contribuindo na elaboração e planejamento do processo de ensino aprendizagem para o público da EJA. Pois o fluxo contínuo de entrada e saída dos jovens e adultos da escola revela um reconhecimento, por parte deles, da importância da escolarização para o acesso a empregos e possibilidades de melhoria nas condições de vida.

E, no sentido de aprendizagem, a especialização me proporcionou perceber o contexto profissional da atuação dos implementadores da política educacional da EJA, algumas dúvidas foram



sanadas e muitas outras se criaram, assim como algumas teorias já viraram práticas, e algumas práticas estão se tornando teorias. Assim, é verdadeiramente um desafio constante a articulação entre educação básica e educação profissional na perspectiva de formação de Jovens e adultos que considere e integre uma realidade do trabalho, ciência e tecnologia e da cultura. Pois os sujeitos/atores do PROEJA são identificados como trabalhadores, vítimas da condição social e excluídos das oportunidades de concluir seus estudos no tempo considerado apropriado. Muitos também trazem as marcas de processos pedagógicos descontínuos, frágeis, apresentando-se com grandes lacunas cognitivas.

Diante da minha trajetória de formação profissional e educacional, destacando as atividades desenvolvidas, bem como a sistematização dos conhecimentos adquiridos durante o curso da Especialização em PROEJA, farei uma descrição de todo o itinerário do curso, apresentando as disciplinas e seus objetivos, os professores formadores, a autoria dos materiais didáticos produzidos e disponibilizados, como também das contribuições desses estudos para minha formação profissional. Nesse sentido, procurarei apresentar sinteticamente a estrutura organizacional do curso, que foi dividido em quatro módulos de estudos.

No Módulo I, iniciamos os estudos com a disciplina *Fundamentos de EaD e Ambientação Virtual*, com o professor Mestre Everton Fagner Costa de Almeida, também responsável pela elaboração do material pedagógico, no qual apresentou a relevância que a criação, o desenvolvimento e a difusão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) tiveram para o aumento da oferta de cursos a distância. Como também as principais tecnologias usadas na Educação a Distância (EAD), refletindo sobre os aspectos



metodológicos das TIC, nos processos de ensino e aprendizagem, no âmbito da modalidade a distância.

Produção de Textos Científicos foi a segunda disciplina oferecida nesse módulo. A produção do material didático foi desenvolvida pela Professora Doutora Ilane Ferreira Cavalcante. Discutimos algumas das características da linguagem técnica, acadêmica e científica. Vimos que, para elaborar textos dessa natureza, é preciso seguir algumas regras básicas referentes à clareza, à precisão, à comunicabilidade e à expressão gramatical. Como também algumas formas de citar o discurso alheio, tanto as expressas pela NBR 10520, quanto aquelas previstas na construção do discurso. Compreendemos vários tipos de resumo, os que estão previstos pela NBR 6028 da ABNT e outros, que são necessários para a produção de gêneros técnicos, acadêmicos e científicos tais como artigos, dissertações e teses. Estudamos a resenha e o artigo científico. E, por fim, o cuidado na elaboração do projeto de pesquisa e alguns aspectos que devem ser evitados, no que tange à linguagem, ao elaborar textos técnicos, acadêmicos e científicos.

Já em Fundamentos da Educação Profissional integrada à EJA, material riquíssimo construído pela professora Doutora Maria das Graças Baracho, foi possível compreender a contextualização histórica, política e social da Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a partir da década de 1940, destacando as características essenciais dessas áreas do conhecimento. Conhecemos as Bases Legais da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil a partir da década de 1990, articulando-as à lógica do mercado de trabalho e da formação para a cidadania e para a autonomia. Analisamos os princípios norteadores para a implantação da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos e refletimos sobre a



formação do educador nos aspectos técnico, ético e político para atuação em EJA integrada à EPT.

A disciplina de Políticas Públicas para EJA Integrada a Educação Profissional Presencial e a Distância, cujo material pedagógico, também foi produzido pela professora Doutora Maria das Graças Baracho, teve como objetivo analisar os marcos políticos e regulatórios da EJA e da EPT, refletindo sobre as concepções, as características e os desafios políticos e pedagógicos na integração da EJA à EPT. Analisamos os principais programas e projetos destinados à profissionalização de jovens e adultos no Brasil a partir da década de 1990 e, por fim, avaliamos as estratégias adotadas para o acompanhamento e avaliação das ofertas de cursos de EJA integrada à educação profissional e tecnológica.

Seguindo a descrição do itinerário formativo desse curso, gostaria de ressaltar a importância da disciplina de Noções de Didática, que apresentou um material didático produzido pela professora Mestra Christine Meyrelles Felipe da Fonseca. Uma disciplina fundamental para a formação do professor, uma vez que ela nos forneceu subsídios teóricos e práticos para a compreensão do processo de ensino e de aprendizagem, buscando analisar, de forma significativa, a prática educativa por meio da ação pedagógica: a didática. Nesse sentido, vimos a didática em sua origem e evolução histórica, como também a didática e as tendências pedagógicas. Compreendemos a função social do ensino e a concepção sobre os processos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, didática para Libâneo (p. 25-26, 1994):

A Didática é o principal ramo de estudos da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, as condições e os modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar



conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos.

Sabendo que o PROEJA tem como diretriz a formação inicial e continuada de trabalhadores jovens e adultos, por meio da oferta de cursos e programas de educação profissional, as instituições ofertantes devem assegurar que os profissionais que atuam diretamente com o público da EJA, sejam devidamente formados e capacitados, pois a dinâmica, a didática do ensino-aprendizagem, deve ser construída de acordo com a cultura e especificidade do público da EJA, pois são estudantes trabalhadores. Para isso, a instituição escolar, através de sua equipe gestora (diretores, coordenadores, professores, e técnicos educacionais), deve considerar o espaço social, questões de cunho socioeconômico e cultural dos sujeitos/estudantes envolvidos no processo da educação da EJA/PROEJA.

Dando sequência à descrição da estrutura do curso, resalto a importância do Seminário Temático I: Fundamentos e Políticas Públicas para a EJA e o PROEJA, atividade acadêmica para o encerramento do Módulo I, que faz parte da matriz curricular do curso, com 15 horas de atividades. Esse seminário foi estruturado por um momento dialogado com a exposição da professora convidada Professora Doutora Maria Aparecida Queiroz.

No Módulo II, iniciamos os estudos com a disciplina Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional, idealizada pela professora Doutora Fabrícia Abrantes Figueiredo da Rocha. Trouxe grandes contribuições sobre assuntos que apresentam importância significativa no processo de gestão, já que discorre acerca das funções administrativas, ou seja, planejamento, organização, direção e controle, sendo estas



abordadas segundo a realidade vivenciada no segmento público, porém imprimindo um direcionamento para o sistema educacional. Nesse sentido, compreendemos conceitos gerais acerca do Estado e do Governo, com o propósito de caracterizar a Gestão Pública. Em seguida, diferentes enfoques da Administração Pública são explorados, sobretudo o aspecto institucional, seus atos, princípios e modelos. Observamos as funções administrativas (planejamento, organização, direção e controle) segundo a realidade do segmento público, sendo apresentados os tipos de planejamento, não só os instrumentos que os integram, mas também estabelecendo o relacionamento entre as funções. Apresentando o planejamento escolar como temática central. Assim, é realizada uma contextualização da educação no Brasil, evidenciando a gestão democrática, apresentando as políticas públicas educacionais e compreendendo os níveis de planejamento educacional. Por fim, tratou-se da avaliação escolar, apresentando as concepções pedagógicas envolvidas nesse tema e explicitando como as avaliações são classificadas.

A disciplina Práticas de Letramento na EJA, planejada e ministrada pela professora Doutora Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques teve por objetivo discutir fundamentos teóricos necessários a uma abordagem sócio-histórica da linguagem como subsídio para o trabalho com práticas de letramento na Educação de Jovens e Adultos. Nesse componente curricular, estudamos fundamentos teóricos para o trabalho com os gêneros discursivos nas práticas de letramento desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos. Em seguida, foram discutidas contribuições teóricas dos Estudos de Letramento para a Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos. Por fim, discutimos a importância dos fundamentos teóricos e metodológicos da Pedagogia



Crítica para o trabalho com as práticas de letramento na Educação Profissional integrada à EJA.

Vale ressaltar aqui a importância dessa disciplina por possibilitar o diálogo e a reflexão sobre o trabalho pedagógico com a leitura e a escrita no contexto educacional da EJA. Essa unidade curricular da especialização clareou nosso entendimento sobre o conceito de letramento, entendendo que a alfabetização faz parte do processo de letramento, mas este não se limita àquela, pois ocorre ao longo da vida (Santos-Marques, 2020).

Compreendemos, a partir dessa disciplina, que, embora o sujeito não seja ainda alfabetizado, ou seja, não tenha aprendido a ler e a escrever, por exemplo, convencionalmente, na escola, ele consegue se comunicar, utilizando a escrita e a leitura desenvolvida pela experiência de vida e pelo conhecimento de mundo e esses aspectos devem ser valorizados e reconhecidos na escola. Entendemos, que letramento é algo mais amplo que alfabetização, mas uma coisa não dispensa a outra, são dois fenômenos indissociáveis (Santos-Marques, 2020).

Tornaram-se oportunas as reflexões na disciplina sobre a importância do desenvolvimento de práticas de letramento na EJA em uma vertente crítica, assumindo a dimensão social e política dos letramentos, em que se valorizam as experiências de vida dos alunos, respeitando seu jeito de falar sem discriminá-los (Santos-Marques, 2020). Aprendemos, por exemplo, por que quando a escola assume sua responsabilidade social e política é mais fácil combater o preconceito linguístico. Compreendemos melhor que, como a principal agência de letramento, a escola precisa desenvolver melhor o seu papel ao ensinar a ler e escrever na EJA, pois, conforme afirma Kleiman (2012, p. 35),



A tarefa de aprender uma variante diferente da língua é enorme. Também é enorme a tarefa de reverter a situação dos dominados na situação de conflito diglósico. A escola tem o dever de mudar a percepção da sociedade sobre o que está envolvido na aprendizagem de um segundo dialeto.

Enfim, pelo que estudamos na disciplina de Práticas de Letramento na EJA, a escola não pode desconsiderar seu papel social em relação às classes menos favorecidas, por isso precisa desenvolver e oportunizar ao aluno um ensino da leitura e da escrita que possa contribuir para ajudar os alunos a usarem essas práticas no cotidiano, no trabalho, na escola e em outros espaços sociais (Santos-Marques, 2020).

Finalizamos o módulo II com o Seminário Temático: A Gestão Escolar para Novos Desafios Educacionais em Educação Profissional Integrada à EJA, atividade acadêmica prevista para o encerramento de cada módulo, como parte da matriz curricular do curso. Esse Seminário Temático apresentou discussões sobre a gestão escolar para novos desafios educacionais em EP integrada à EJA. Foi um momento dialogado com a exposição de dois professores convidados: professor Mestre Agamenon Henrique de Carvalho Tavares e a professora Doutora Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques.

Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA, foi a disciplina que deu início ao Módulo III, unidade curricular ministrada pela professora Mestra Abigail Noádia Barbalho da Silva e pelo professor Mestre Everton Fagner Costa de Almeida, na qual estudamos os conceitos fundamentais sobre técnica e tecnologia, permitindo situar as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no contexto da evolução histórica. A partir dessa compreensão mais ampla, percebemos a relação entre as TDIC e a educação, esta última entendida aqui como fenômeno



histórico-social, que se transforma também em consequência da onisciência dos artefatos e do conhecimento tecnológico. Vimos a relação entre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e os processos de ensino-aprendizagem, por meio da adoção de metodologias ativas nesses processos. Destaco, aqui, três dimensões dessa relação: a primeira se refere aos aspectos cognitivos que se desenvolvem mediante a interação dos sujeitos com os artefatos tecnológicos da educação; a segunda é aquela que caracteriza os artefatos, com o intuito de utilizá-los no planejamento das atividades pedagógicas; a terceira dimensão trata das metodologias ativas de aprendizagem, como base didática para implementação do planejamento de ensino e aprendizagem. Por fim, compreendemos o conceito de artefatos tecnológicos digitais e a sua importância no ensino, reconhecendo a computação em nuvem como potencializadora do processo de ensino e aprendizagem e também identificar aplicativos que ajudem nesse processo. E também relacionar conhecimentos de diversas áreas (curricular, educacional, tecnológica, design instrucional etc.) para elaborar projetos de ensino e aprendizagem com foco nas TDIC.

No que diz respeito à disciplina Gestão da Educação a Distância, planejada e ministrada pelo professor Mestre Bernardino Galdino de Sena Neto, compreendemos os modelos de gestão necessários ao processo de ensino e de aprendizagem mediado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Vimos as funções de cada sujeito participante da equipe multidisciplinar na oferta de cursos EaD. Refletimos sobre as condições necessárias para o desenvolvimento de projetos pedagógicos por meio das tecnologias digitais. Analisamos os condicionantes para o desenvolvimento de planos de formação por meio da EaD, compreendendo a organização e a infraestrutura necessária ao desenvolvimento de



cursos de educação a distância. Identificamos as particularidades dos projetos didático-pedagógicos para a EJA integrada à EP. E ao fim, entendemos a importância da avaliação de cursos e programas em EaD.

Em Planejamento Educacional em EaD para EJA, disciplina também pertencente ao bloco do Módulo III, ministrada pela professora Mestra Abigail Noádia Barbalho da Silva, veio contribuir com discussões fundamentais sobre as duas modalidades em conexão: a educação a distância e a educação profissional integrada à educação de jovens e adultos. Estudamos as principais dimensões do planejamento educacional e os elementos estruturantes para a educação a distância. As formas de planejamento e seus níveis na modalidade EaD. A ênfase dada às práticas do Planejamento na modalidade EaD com foco na educação profissional integrada à EJA e concluímos a unidade curricular refletindo sobre a avaliação da aprendizagem.

Finalizamos o Módulo III com o Seminário Temático: A Aprendizagem a Distância em Tempos de Comunicação Mediada pelas Tecnologias Virtuais de Comunicação, no qual discutiu-se sobre as atuais realidades do ensino a distância quanto à aprendizagem em tempos de novas tecnologias comunicacionais no contexto da educação, proferida pela professora Mestra Abigail Noádia Barbalho da Silva. O seminário temático é uma atividade acadêmica planejada para o encerramento de cada módulo e faz parte da matriz curricular do curso, constando de 15 horas de atividades.

Por fim, no Módulo IV, iniciamos os estudos com a disciplina de Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada à Educação Profissional integrada à EJA, de autoria da professora Doutora Franczy Izanny de Brito Barbosa Martins e da professora Doutora



Rejane Bezerra Barros. Essa disciplina nos proporcionou um contato com os pressupostos que fundamentam a Didática na formação docente e nos processos de ensino e de aprendizagem, bem como a discussão sobre os saberes pedagógicos para atuação do professor, considerando as especificidades da EP e da EJA. Compreendemos que o tópico de componentes da organização do processo de ensino, nos apresentou os componentes do processo de ensino e de aprendizagem, atentando para os objetivos e conteúdos de ensino, segundo sua tipologia, com o intuito de elaborá-los e selecioná-los de modo adequado, bem como expõe diferentes métodos de ensino e suas bases teóricas, visando utilizá-las criticamente no contexto de sala de aula, pensando ser muito importante na significação durante todo o processo de formação e de prática docente. Percebemos que o tópico da avaliação escolar e a avaliação da aprendizagem no contexto da educação profissional integrada à EJA, possibilitou conhecer a função da avaliação da aprendizagem a partir do processo histórico, das diferentes concepções e dos aspectos relacionados a essa importante temática no contexto escolar, de modo a entendê-la como um processo dinâmico e contínuo presente no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Por fim, vimos que o planejamento escolar possui sua importância enquanto elemento norteador do processo de ensino e de aprendizagem a fim de proporcionar o desenvolvimento de uma prática educativa com critérios e indicadores adequados à Educação Profissional integrada à EJA.

Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada à EJA, disciplina de autoria da professora Doutora Franczy Izanny de Brito Barbosa Martins e da professora Doutora Rejane Bezerra Barros, proporcionou o contato com os pressupostos que fundamentam o desenvolvimento da prática pedagógica na formação



docente e nos processos de ensino e de aprendizagem pensados para o público do PROEJA. Esse conhecimento, do ponto de vista teórico-prático, percebe-se no cotidiano do processo educacional e do trabalho pedagógico no ambiente escolar. No entanto, para muitos professores, a experiência de ensino com estudantes do PROEJA talvez represente alguma novidade ou um desafio. Subsidiou contextualizar o trabalho do(a) professor(a) do ponto de vista teórico-prático, com a finalidade de refletir sobre o seu papel como mediador no contexto do PROEJA. Compreendemos algumas definições, características e alguns exemplos de estratégias de ensino que os professores podem utilizar para dinamizar o processo de ensino e de aprendizagem e favorecer a participação ativa nas aulas e a aprendizagem dos estudantes do PROEJA. Discutimos sobre estratégias pedagógicas inovadoras em sala de aula, a partir do estudo da metacognição e do uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), visando à melhoria da prática pedagógica, à dinamização no processo de ensino e ao favorecimento da aprendizagem dos estudantes. Portanto, observamos sobre estratégias metodológicas dinâmicas, interativas e inovadoras, entendidas como formas de trabalhar o conhecimento e possibilitar modos diferenciados que facilitem a ação pedagógica, a participação ativa do estudante e o desenvolvimento da sua aprendizagem.

E para finalizar o Módulo, contamos com o Seminário Temático IV: Novas Perspectivas para EJA. O seminário temático IV é caracterizado como atividade acadêmica para encerramento do Módulo 4 e faz parte da matriz curricular do curso, constando de 15 horas. O seminário foi destinado para os dois itinerários formativos do curso da especialização em PROEJA: ênfase em Didática e ênfase em Gestão. Esse seminário foi um momento



dialogado com a exposição da professora convidada Dra. Ana Lúcia Sarmento Henrique.

Como última etapa do curso, estamos na disciplina Produção Científica Aplicada à Elaboração do TCC. O gênero discursivo definido e planejado para o Trabalho de Conclusão de Curso foi o memorial de formação. O material didático foi produzido pela Professora Formadora Doutora Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques.

O Trabalho de Conclusão de Curso, no seu desenvolvimento, isto é, na construção propriamente do gênero discursivo memorial de formação, desenvolveu-se em uma carga horária de 30 horas, sob a orientação da professora especialista, Maria de Fátima Abrantes. Desse modo, ao todo, o curso da especialização em PROEJA se constituiu de uma carga horária total de 480 horas.

Com esse propósito e em consonância com a função social do IFRN, o curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, com ênfase em Didática, se compromete a promover formação de profissionais alinhada com os valores fundantes da sociedade democrática, com os conhecimentos referentes à compreensão da educação como uma prática social, com o domínio dos conhecimentos específicos, os significados desses em diferentes contextos e a necessária articulação interdisciplinar.

Dessa forma, a necessidade de se ofertarem cursos da área de formação docente em PROEJA é o ponto de partida para a iniciativa de se estabelecer e consolidar políticas afirmativas que possibilitem o atendimento à demanda de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de formação básica e/ou profissional em tempo hábil. É objetivo dessa formação permitir ao professor refletir, desenvolver, criar e instituir na escola novas formas e



práticas pedagógicas mais adequadas aos estudantes da EJA, principalmente em tempos das novas tecnologias de informação e comunicação, inseridas no processo educacional.

Salienta-se que todas as etapas foram vivenciadas com muito otimismo, acreditando que, quando há dedicação, o resultado almejado será encontrado e a realização pessoal e profissional alcança seu nível de maturidade em cada etapa vivenciada. Além da possibilidade de externar essas experiências e vivências na forma de memorial de formação, possibilitando relacionar a teoria e a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca pensei que um dia iria escrever-me, não via motivo para tal e hoje, me vejo com uma obrigação gostosa e prazerosa de (re)visitar minha trajetória escolar, acadêmica e profissional, de refletir sobre as minhas experiências e quem sabe, fazer a minha história. Acredito que a minha trajetória pessoal e profissional começou com a minha persistência sempre em construir conhecimentos e tentar acompanhar a evolução da humanidade, dos acontecimentos e, principalmente, das tecnologias digitais. Nessa busca você se depara com pessoas, pouco se percebe e transforma-se em redes de interações, comunicações, relacionamentos profissionais, acadêmicos e até mesmo pessoas com quem se envolve cada vez mais.

Imaginar que fui protagonista como estudante, no início da implantação do PROEJA na antiga Escola Agrotécnica Federal de Cáceres-EAFC, hoje IFMT - *Campus* Cáceres Prof. Olegário Baldo e, tempos depois, poder estudar, compreender as políticas educacionais da EJA, no intuito de oferecer contribuições na instituição



na qual sou servidor (IFMS - *Campus* Dourados), visando novas possibilidades de ensino-aprendizagem, para melhor atender e entender o público da EJA, é um aprendizado imensurável e emocionante.

Escrever este memorial me proporcionou ampliar o sentimento de ligação com a minha vida profissional e intelectual. O próprio ato de produzi-lo é uma experiência muito significativa, pois trata-se de um momento de muito aprendizado e importância para a minha carreira, porque me propiciou, ao tecer reflexões e revisitar minha experiência anterior e atual de formação, uma tomada de consciência em relação ao meu fazer pedagógico.

Ao chegar ao fim do curso, que coincide com término deste memorial, minha formação, experiência profissional e escrita estão entrelaçadas nas linhas destes escritos e apontam para um novo (re)começo em minha vida profissional. Transformado pela formação e também por esta experiência de escrita, agradeço a quem me impulsionou a seguir adiante como partícipe da formação da primeira turma do curso de Especialização em PROEJA, ofertada pelo IFMS - *Campus* Dourados, em parceria com o IFRN pela importante oportunidade de formação. Foram emoções e sentimentos vivenciados nessa trajetória, estudando, escrevendo sobre mim e refletindo sobre os conhecimentos construídos e os muitos aprendizados conseguidos no curso. Cada vez mais, tenho a certeza de que ensinar é aprender e de que nossa história está aí para ser escrita e reescrita por cada um de nós.



REFERÊNCIAS

Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. **Documento Base, 2007**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/PROEJA_medio.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005**. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao ensino médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Brasília, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/Decreto/D5478.htm. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006**. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Brasília, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Decreto/D5840.htm. Acesso em: 15 jun.2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. 63 p. Disponível em: <https://nepege.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 jun.2020.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; BRAZ DA SILVA, Alcina Testa. **A ampliação da faixa etária da EJA e o convívio intergeracional: pontos e contrapontos**. Linkscienceplace, v.2, n.3, jul./set., p. 143-154, 2015a. ISSN: 2358-8411. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/121/60>. Acesso em: 15 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Projeto Pedagógico do curso. **Técnico em administração - PROEJA**. Dourados, 2018. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/projetos-pedagogicos/projetos-pedagogicos-dos-cursos-tecnicos/projeto-pedagogico-do-curso-tecnico-integrado-em-administracao-modalidade-PROEJA-campus-dourados.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2020. 83 p.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Projeto Político Pedagógico. **Especialização em Práticas Assertivas da Educação**



Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Natal, 2018. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/187034/mod_resource/content/1/ppc_Espe_Praticas_AssertivasEdu_EJA.pdf. Acesso em: 04 jun. 2020. 71 p.

KLEIMAN, A. B. EJA e o ensino da língua materna: relevância dos projetos de letramento. **Rev. EJA em debate**. Florianópolis, v. 1, p. 23-38, nov. 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004, 319p.

SANTOS-MARQUES, I. B. A. **Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos**. 2020. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/b1a9f9bf-628c-40b3-be8a-342bee54e29f/6ow5/publication-web-resources/pdf/Pra_Let_Eja_Unid_I.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998.p.11-35.

VIESENTEINER, J.L. O conceito de vivência (erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 127, p. 141-55, jun.2013.



DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO CURRÍCULO: UM RELATO ACERCA DAS VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS ASSERTIVAS EM DIDÁTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EJA

SILVANA ZANCAN

Orientadora: Profa. Dra. Mariglei Severo Maraschin

CAMINHOS INTRODUTÓRIOS

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, ao decorrer da sua história foi marcada por muitas transformações, demonstrando estar totalmente relacionada às mudanças sociais, políticas e econômicas que caracterizam cada período histórico. Nesse sentido, compreendendo a EJA como uma Educação, prevista por lei, que propõe dar oportunidades para concluir os estudos àqueles que por algum motivo não completaram



na idade devida, destaco que as políticas públicas têm garantido ao acesso desse público à escola, mas não a sua permanência.

No intuito de refletir sobre a formação docente na EJA, implicada na prática pedagógica desses professores em seu contexto de atuação profissional, justifico a importância de refletir sobre o curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, em nível de ao Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, na modalidade Educação a Distância (EAD) para tecer considerações críticas e reflexivas sobre as possibilidades e desafios formativos, a partir das vivências e saberes construídos nesse curso.

A relevância acadêmica está balizada em reconhecer os desafios e as possibilidades para a prática pedagógica dos professores que atuam na EJA, a partir da formação continuada no curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, na modalidade EAD. Acredito que analisar o currículo e os objetos de aprendizagem desse curso de especialização implicará na reconstrução formativa dos professores da EJA, ancorada nas diversidades que estão implicadas pelos contextos nas quais atuam.

Em relação à relevância social desta investigação, é possível indicarmos a necessidade de interlocução entre as instâncias acadêmicas e profissionais, tendo em vista os inúmeros desafios e enfrentamentos desses professores ao desenvolverem atividades docentes na Educação Básica, na modalidade da EJA. Portanto, ao reconhecer o cenário em que os professores da Educação Básica estão imersos, destaco a necessidade de delinear uma reformulação curricular que acompanhe às mudanças que emergiram no contexto educacional da EJA para que assim os docentes sejam capazes de receber formação e apoio pedagógico à profissão docente.



E como relevância pessoal, destaco que, ao identificar as possibilidades e os desafios formativos, a partir da reflexão e análise do currículo desse curso de Especialização e os seus objetos de aprendizagem, implica na apropriação de novos saberes e a [re]significação da profissão docente, a partir das demandas de formação na EJA. Assim, posso refletir sobre a minha própria formação nesse curso e atribuir novos sentidos e significados à aprendizagem de ser professor da EJA em um futuro próximo.

Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa visa compreender quais as possibilidades e desafios formativos estão implicados no Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, com foco na organização curricular e nos seus objetos de aprendizagem. Como objetivos específicos, busco: discutir a proposta curricular para a formação pedagógica docente na EJA; e identificar no currículo do curso e nos seus objetos de aprendizagem as demandas formativas inerentes à EJA para o exercício da profissão docente; Assim tenho como problemática desta investigação: quais possibilidades e desafios a matriz curricular do curso Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, na modalidade a distância proporciona para [res]significar a prática pedagógica na EJA?

Para o alcance do objetivo proposto, utilizei como procedimento metodológico a abordagem qualitativa, com ênfase na pesquisa (auto)biográfica. A produção de dados foi baseada nas minhas experiências no transcorrer do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, que foram adquiridas e vividas na modalidade EAD.



Logo, esta pesquisa parte das minhas memórias de formação, na perspectiva (auto) biográfica, pautada nos estudos de Josso (2002), que trata das escritas de si.

Josso (2002, p.18) enfatiza que a abordagem biográfica como uma experiência formadora, “é um outro meio de observação de um aspecto central das situações educativas, é porque ela permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender-se a si próprio no seu ambiente humano e natural”.

Nesse viés, irei descrever as minhas vivências acadêmicas influenciadas pela perspectiva de qualificação formativa no contexto educacional da EJA.

Ao rememorar uma trajetória, o indivíduo reflete sobre suas ações e valores, que trazem à tona memórias objetivas e subjetivas de um processo formativo significativo e os saberes neles construídos. Nessa direção, Josso (2002, p.19) ainda destaca que as escritas de um indivíduo “exige a narração de si, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências que balizam a duração de uma vida, exige uma atividade psicossomática em vários níveis”. Nesse sentido, no plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa à volta do tema da formação. “A socialização da autodescrição de um caminho, com as suas continuidades e rupturas, implica igualmente competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o individual e o coletivo” (Josso, 2002, p. 19).

Diante do exposto, as narrações aqui descritas irão demonstrar os desafios e as possibilidades formativas, a partir das vivências e saberes construídos no curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada



à EJA/PROEJA na modalidade EAD. A (auto) biografia, portanto, irá colaborar para registrar esse processo de construção acadêmica, de vida e profissional, já que a EAD proporciona a formação em lugares e tempos diferentes, assim como as nossas lembranças surgem e se constituem nas nossas memórias pessoais e formativas.

No primeiro momento, descrevo a minha trajetória pessoal e profissional, explicitando os caminhos percorridos na área da Educação e as intenções que me levaram a buscar aprofundamento teórico e prático na seara da EJA.

No segundo momento, apresento uma reflexão sobre a história da EJA no Brasil, com base em pressupostos teóricos que alicerçam a discussão tão necessária nesta etapa de ensino. Nessa perspectiva faço uma análise reflexiva sobre o currículo e os objetos de aprendizagem do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, de modo a descrever os desafios e as possibilidades a partir desse curso a distância para a minha formação continuada e para a prática pedagógica docente na EJA.

Por último, trago as considerações finais que explicitam os caminhos formativos delineados na EJA e os apontamentos críticos e reflexivos acerca da proposta curricular desse curso e os objetos de aprendizagem, com vistas à formação continuada de professores para a EJA.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Nesta etapa inicial da escrita deste trabalho de conclusão da Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA, procuro tecer um pouco de minha trajetória e de como foi se delineando o encontro com essa temática. Para



Marques (2006, p. 30), “Escrever é o começo dos começos. Depois é a aventura. Uma mochila com alguns poucos pertences do ofício artesanal, uma bússola [...]”. Assim, para começar este texto, opto pelo movimento de refletir sobre os principais eventos em minha trajetória de estudante, acadêmica e profissional em educação, sem, contudo, desconectar da trajetória pessoal.

Na escrita inicial, venho lembrar os meus processos formativos, compreendendo-os como pilares da trajetória de uma professora/pesquisadora. Ao rememorar minha caminhada de fazeres e saberes para a apropriação docente, revelarei alguns significados que me moveram a aprofundar os estudos na EJA.

Entre os morros verdejantes da pequena cidade de Ivorá, fui construindo minha trajetória formativa e desbravando as minhas conquistas em novos horizontes. Em 2003, veio à aprovação no curso Técnico em Agroindústria no Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Morei por dois anos na Casa do Estudante dessa universidade, pela parte da manhã fazia o curso técnico, à tarde, trabalhava no Comitê de Ética e Pesquisa como bolsista da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UFSM) e à noite fazia cursinho preparatório para o vestibular.

Já técnica em agroindústria, voltei a residir em Ivorá e fui percebendo e [re]afirmando que estudar era essencial para que eu tivesse um futuro promissor. Nesse sentido, percebia que o desenvolvimento tem por objeto a “realização completa do homem, em toda sua riqueza e na complexibilidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo e inventor de técnicas e criador de sonhos” (Delors, 2003, p. 101).

Em 2005, fui aprovada no Curso Técnico em Administração pelo Colégio Politécnico da UFSM. Concluído o curso técnico, consegui a aprovação no concurso público da Prefeitura Municipal



de Ivorá em 2006, no cargo de auxiliar administrativo, obtendo a primeira colocação.

Ao exercer a função administrativa em várias secretarias municipais, deparei-me com as políticas públicas que envolviam a educação, em nível municipal, estadual e nacional. Ao trabalhar com o Programa Bolsa Família e com a realidade das famílias de baixa renda, percebi que as situações de vulnerabilidade social tinham relação com a história e a cultura das famílias daquele local. Diante dessa experiência e das atividades realizadas pela Secretaria Municipal de Educação, que concentrava ações em oferecer condições para que todas as crianças desse município tivessem acesso à escola e a uma boa educação, fez com que eu tivesse a certeza de que o que me movia era a vontade de me constituir docente para entender os diferentes contextos educativos.

Mais uma vez, a paixão pela docência foi determinante na escolha em cursar licenciatura em Educação Física. Entre os reflexos da minha força de vontade de chegar à graduação, consegui uma ótima colocação no Exame Nacional do ensino médio (ENEM), no ano de 2006, e, com isso, a aprovação no Programa Universidade para Todos (PROUNI), que visa à inclusão de qualidade e mérito dos estudantes com melhores desempenhos acadêmicos. Fui selecionada e recebi a bolsa integral para o curso de Educação Física, na Universidade Luterana do Brasil, *Campus* Santa Maria (ULBRA/SM).

Já no início do curso, a pesquisa se tornou parte da minha trajetória acadêmica. Em vista de aprimorar e ampliar o olhar investigador e problematizador que me inquietava, fui convidada a participar do grupo de pesquisa e extensão, Projeto de Extensão “Melhoria na qualidade das aulas de Educação Física” na ULBRA/SM. Com o grupo e mediação de outros docentes participei de várias publicações significativas em jornadas, simpósios, congressos



e seminários, em forma de resumos, resumos expandidos, apresentações orais e artigos completos.

Então em 2010, conquistei o diploma de graduada em Educação Física - Licenciatura Básica. Um sentimento de afirmação para o caminho da docência, mas da necessidade de uma projeção rumo à formação continuada. A aprovação, nesse mesmo ano, no Programa de Pós-graduação em Educação Física, da UFSM, em nível de Especialização em Educação Física Escolar, delineou caminhos para a qualidade da formação docente. Durante a especialização, intensifiquei meu caráter investigador, dando continuidade na participação do grupo de pesquisa pela ULBRA/SM e ingressando no grupo de pesquisa do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD/UFSM), Lazer e Formação de Professores.

A defesa da especialização deu-se em abril de 2011, intitulada como “Pós-graduação: uma década do descredenciamento do programa do CEFD/UFSM”; uma pesquisa que se tornou relevante para o CEFD/UFSM, pois esclareceu os motivos que levaram ao descredenciamento de um programa de Pós-graduação com tantos reconhecimentos nacionais.

O interesse em discutir e investigar a educação e os processos educacionais em diferentes espaços formativos, nas perspectivas sociopolíticas, históricas e culturais, visando à análise crítica em relação às políticas públicas e às práticas de formação, dentro das licenciaturas, especificamente, a Educação Física, fez-me tentar por 3 (três) vezes a seleção do mestrado nos anos de 2009 e 2010, vindo a aprovação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2011. Nesse mesmo ano, fiz parte do Programa de Pós-graduação em Educação, em nível de mestrado, conceito 6 (seis), na linha de pesquisa “Formação, políticas e práticas em educação”, sob a orientação da Profa. Dra. Marília Costa Morosini.



Diante da realidade vivenciada na graduação e na especialização, surgiram as reflexões de que “não posso ser professora se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição, uma ruptura” (Freire, 1996, p. 102). Então minha grande inquietação, como professora e pesquisadora, foi aprofundar o tema “estágio curricular supervisionado”, processo que avalio como importante para a formação acadêmica e profissional. Nas vivências dos estágios, no contexto da escola, emergiram desafios e possibilidades práticas e formativas, que me instigaram a pesquisar esse lócus de preparação à docência.

A pesquisa de Mestrado proporcionou-me conhecer as possibilidades e os limites do estágio curricular supervisionado para a formação de qualidade do docente em Educação Física, como também esclarecer que os processos de ensinar e de aprender são inacabados, o que me leva a apostar na pesquisa como forma de consolidação de conhecimentos. Nas palavras de Freire (1996, p. 29), afirmo minhas inquietações, pois “pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquise para conhecer o que ainda não conheço”, deste modo, pesquise para aprofundar minhas curiosidades epistemológicas.

Nesse sentido, aprofundei o estudo por meio das disciplinas do mestrado, e saliento, também, que meu esforço foi incansável na/pela pesquisa em querer aprofundar e conhecer mais sobre o que se discutia em termos de educação, formação de professores e, especificamente, estágio curricular supervisionado.

Minha aspiração e interesse em dar continuidade e traçar novos horizontes na formação docente para o doutorado fez-me procurar com mais intensidade, em 2013, o Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas: educação básica e



superior (GPFOPE), do Centro de Educação da UFSM, coordenado pela Profa. Dra. Doris Pires Vargas Bolzan.

Assim em 2014, prestei a seleção do doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSM, o qual fui aprovada. Desenvolvi minha temática de estudo com a percepção de que a pesquisa é compromisso de um educador para alicerçar a profissão docente, em um viés reflexivo e com exigências críticas, para que uma formação permanente implique em constante [re]significação da prática pedagógica.

Nessas inserções na UFSM, fui selecionada em 2014 como tutora a distância do curso de Especialização em Educação Física Infantil e Anos Iniciais - modalidade EAD/UAB, do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM. Atuei como tutora nas disciplinas de Pedagogia do Movimento, Metodologia da Pesquisa, Corpo, Gênero e Educação, Inclusão e Movimento Humano e Elaboração de TCC. A atuação como tutora nessas disciplinas me fez perceber a importância do professor de Educação Física no contexto escolar da Educação Infantil e Anos Iniciais. Esse curso lato sensu teve apenas uma versão, se encerrando no ano de 2015.

Com essa vivência docente comecei, então, a entender como a teoria pode estar diretamente relacionada com a prática e, esta, transformada pela teoria. Sendo assim, a prática pode ser o ponto de partida para reflexão teórica, possibilitando a investigação, reflexão e ação fundamentadas em bases pedagógicas e epistemológicas, onde os conhecimentos são construídos através das diferentes representações docentes que desencadeia a qualidade do ensino e da aprendizagem.

No período que estive como tutora do curso de especialização, participei também, ativamente das atividades do grupo de pesquisa GPFOPE. O comprometimento e a responsabilidade



das participantes com o projeto de pesquisa “Aprendizagem da docência: processos formativos de estudantes e formadores da educação superior” despertaram-me o desejo e a necessidade de transitar, também, pelo Projeto de pesquisa e extensão “Cultura Escrita: saberes e fazeres docentes em construção”, no ano de 2014. As vivências no grupo de estudos Cultura Escrita me instigaram a querer participar do processo de formação de acadêmicos do curso de Pedagogia. Então, no segundo semestre de 2015, fui selecionada para ser Tutora do curso de Pedagogia UAB/UFSM. Mais uma vez, as referências de um trabalho compartilhado em grupo influenciaram em minhas escolhas e ajudaram a ampliar minha rede de conhecimentos sobre a formação de professores e a aprendizagem da docência. Na tutoria vivenciei saberes e experiências em diferentes disciplinas e também, orientei 14 trabalhos de conclusão de curso no ensino a distância até o momento.

Foi nesse cenário, considerando a minha inserção no GPFOPE como participante ativa que surgiu o tema da minha tese de doutorado, que visou compreender a tessitura do professor/pesquisador no contexto da universidade. A pesquisa teve como problemática de estudo: como o professor torna-se um pesquisador em contextos emergentes? As leituras e discussões em grupo suscitaram o objetivo geral dessa pesquisa que visou compreender as demandas assumidas pelo professor/pesquisador e suas implicações no desenvolvimento de sua atividade em contextos emergentes.

A tese está balizada na perspectiva de que os saberes da pesquisa não se transformam nos saberes do ensino, se não houver a [re]significação dos processos de formação para o campo específico, como forma de aproximá-los do campo de pesquisa ao qual o professor/pesquisador precisa se dedicar. Isso implica que os saberes produzidos pela pesquisa constroem novas possibilidades entre o



ensinar e o aprender, pois os discursos produzidos são deslocados de maneira que haja uma [re]significação da ação pedagógica na apropriação de conhecimentos da profissão docente em contextos emergentes. Justifica-se esse pressuposto, pois havia uma ideia acerca do significado da docência na Educação Superior. A lógica estabelecida era que o professor que soubesse pesquisar automaticamente saberia ensinar, determinado pela ação pedagógica de um saber fazer condicionado por um cenário, no qual a pesquisa representava prestígio acadêmico, em detrimento dos saberes da experiência e do campo específico. Então, em 2018 defendi a tese de que o professor/pesquisador reelabora constantemente seus saberes, a partir do desenvolvimento de sua prática docente em contextos emergentes, tendo como premissa as situações de ensino e sua relação com as pesquisas que desenvolve.

Assim, sentindo-me desafiada, após a defesa de doutorado em julho de 2018, participei do processo seletivo para Professor Substituto da Carreira Superior, no curso de Dança Licenciatura da UFSM, com lotação no Departamento de Metodologia do Ensino (MEN). Fui aprovada em primeiro lugar, e diante dessa conquista, aconteceu a grande metamorfose, o voo mais alto da borboleta, que foi solicitar a exoneração do Concurso Público do Município de Ivorá, em que trabalhava há mais de 13 anos, e me inserir definitivamente na carreira docente universitária.

Acreditei que ser docente do curso de Dança - Licenciatura da UFSM implicaria compreender a trajetória pessoal e profissional de ser professora e pesquisadora, podendo contribuir para a minha reconstrução formativa e para a [re]significação da prática pedagógica. Ministrei as disciplinas de Didática da Dança I, Didática da Dança II, Estágio Curricular Supervisionado I, II e III. Trabalhando no Departamento de Metodologia do Ensino



(MEN) ministrei disciplinas em outros cursos, como: Didática no curso de Música Licenciatura, Didática da Educação Física no curso de Educação Física Licenciatura, Educação Física e Cultura Corporal nos cursos de Pedagogia Licenciatura diurno e noturno. Também, realizei a seleção interna docente para a disciplina TRV 001 - Tópicos Transversais na Formação Docente I da PROGRAD/ UFSM. Então, por meio dessa disciplina do primeiro semestre de 2019, conheci e ministrei aulas para os cursos de licenciatura em Matemática, Química e Ciências Biológicas da UFSM e do *campus* de Frederico Westephalen.

Então, percebi que o contato com o novo gera enfrentamentos e desafios, como também favorece novas possibilidades à formação docente. As vivências com os acadêmicos, com os professores do curso e com as escolas campo de estágio, sinalizaram-me que é necessário acompanhar as mudanças que emergem com a expansão da universidade e do contexto educacional escolar, para que sejamos capazes de garantir a construção e a apropriação dos saberes plurais à profissão docente e ao processo de ensino e de aprendizagem dos nossos estudantes das licenciaturas.

Assim, ao experienciar a docência universitária e o trabalho pedagógico que circula entre o entrecruzamento da teoria e da prática, pude refletir sobre a minha própria formação e atribuir novos sentidos e significados à aprendizagem de ser professora/pesquisadora no contexto da universidade, e assim, contribuir para a formação de qualidade dos futuros professores de cursos de licenciatura, com ênfase para a escola.

Com a inserção dos acadêmicos do curso de Dança em turmas da EJA, eu me deparei com uma modalidade de ensino, que possui suas particularidades de formação. Nesse sentido, percebi que necessitava conhecer mais sobre o contexto da EJA



para orientar e supervisionar esses futuros professores de Dança. Nos acessos diários ao site da UFSM, encontrei o edital do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA do Instituto Federal do Rio Grande Norte (IFRN) em parceria com o Colégio Técnico Industrial (CTISM) da UFSM. Após, a inscrição e consequentemente aprovação iniciei os meus estudos na temática da gestão na Educação Profissional na EJA, em 2019.

Em novembro de 2019, fui selecionada e comecei a atuar, ainda como Tutora Digital de Cursos de Licenciatura, Extensão e Especialização da Educação a Distância da Universidade Franciscana (EAD/UFN).

Com o término do contrato como tutora a distância do curso de Pedagogia em dezembro de 2019, concorri em 2020 ao edital para professor formador da Universidade Aberta do Brasil/UFSM nos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Educação do Campo e Educação Especial obtendo a primeira colocação. Optei pela docência no curso de licenciatura em Educação do Campo.

Diante dessa caminhada acadêmica e profissional, desejo me qualificar ainda mais, o meu campo de formação, e as minhas áreas de interesse na educação, como: formação de professores, estágio curricular supervisionado, saberes docentes, educação a distância, educação de jovens e adultos. Então, proponho-me a narrar e contextualizar os desafios e as possibilidades formativas, a partir das vivências e saberes construídos neste curso de Especialização.

Em Zeichner (1993) e Vásquez (1977), busco a argumentação de que a teoria e a prática são elementos que constituem a práxis do professor, portanto, indissociáveis. E é assim que venho investindo em meu desenvolvimento e produção profissional, entendendo que a postura de professora e de pesquisadora exige constante



vigilância, reflexividade e clareza conceitual. Sob a perspectiva de que há informações ou concepções a serem investigadas, é preciso empreender esforços no sentido de questioná-las e desocultá-las, na tentativa da superação de velhos paradigmas educacionais, ainda presentes no cenário da educação básica e superior.

REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EJA

A década de 40 foi marcada por uma concepção da Educação de Jovens e Adultos de forma compensatória, numa visão sanitária, em forma de campanhas contra o analfabetismo. O modo como era gestado Educação de Jovens e Adultos corroborava para uma formação temporal, perene, rápida e facilitadora (Paiva, 1987, 2009; Beisegel, 1974).

Nesse período, a educação de jovens e adultos veio se firmar como um aspecto de política nacional, por intermédio de ações e programas governamentais, como a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário, em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, ambos em 1947, da Campanha de Educação Rural, iniciada em 1952, e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958.

A partir daí, iniciam-se os primeiros movimentos e discussões sobre analfabetismo nos anos 60, que ganharam espaço e trouxeram ao cenário educacional uma reflexão acerca das metodologias utilizadas na alfabetização de jovens e adultos. O célebre Paulo Freire foi um dos educadores que mais se destacou nessa época, sendo uma referência para esse campo de estudo, em especial pela criação do método “Paulo Freire” para alfabetizar jovens e adultos.



Porém, a ideia de um paradigma pedagógico pautado na educação dialógica, como ferramenta principal do processo de ensino e de aprendizagem perdeu significativamente suas forças com o golpe militar de 1964 e foi aniquilado por ele.

A intenção desse período, da década de 1940 a 1960 era de proporcionar a educação de jovens e adultos de forma rápida, com o objetivo de eliminar o analfabetismo, sem a preocupação dos contextos em que esses educandos estavam inseridos. Foram criados guias de leituras, que possuíam em seu conteúdo, pequenas frases e textos sobre comportamento moral e com informações sobre saúde, técnicas de trabalho e higiene, de forma a reafirmar a visão de campanhas para a erradicação do analfabetismo das nações atrasadas. Outro fator, que contribuiu à uma educação de massa, é a consideração da pessoa analfabeta como ignorante, incapaz e sem jeito para aprender a ler e escrever (Paiva, 2009).

Em março do ano de 1964, Paulo Freire assumiu a coordenação do Programa Nacional de Alfabetização e seu método tornou-se conhecido em âmbito nacional. As discussões trazidas propunham uma formação de jovens e adultos críticos e participativos, voltados para a transformação social. Tendo em vista o golpe militar de 1964, a ideia de Freire foi interrompida, principalmente dos movimentos que lutavam e procuravam reconhecer e valorizar o saber e a cultura popular, considerando assim, a pessoa não alfabetizada uma produtora de conhecimento.

Com o militarismo, os programas que visavam à constituição de uma transformação social foram abruptamente interrompidos com apreensão de materiais, detenção e exílio de seus dirigentes. Retoma-se, nessa época, a educação como modo de homogeneização e controle das pessoas (Di Pierro, 2005).



Surge então, o Mobral, que passa a ser controlado e substitui os programas de alfabetização de forma centralizada. Retoma-se, nessa época, a educação como modo de homogeneização e controle das pessoas. O Mobral foi criado em 1970 e tinha por intenção erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida. Com esse programa a alfabetização ficou restrita à apreensão da habilidade de ler e escrever, sem haver a compreensão contextualizada dos signos. O Mobral procurava restabelecer a ideia de que as pessoas que não eram alfabetizadas eram responsáveis por sua situação de analfabetismo e pela situação de subdesenvolvimento do Brasil.

A terceira ação do Regime foi o ensino supletivo, regulamentado pela Lei nº 5.692/71. Somente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692/1971 se estabeleceu, pela primeira vez na história, um capítulo específico para educação de jovens e adultos: o capítulo IV que versava sobre ensino supletivo. Essa lei, apesar de reconhecer a EJA como um direito à cidadania, limitou o dever do Estado à faixa etária de 7 a 14 anos (Brasil, 1971). O ensino supletivo, na gestão de reformas autoritárias e no processo de modernização conservadora do país, teve um estatuto próprio, o que não garantiu sua unidade com o ensino regular. O princípio da flexibilidade, premissa do ensino supletivo, fez com que se instaurasse na EJA índices elevados de evasão. O processo educativo reduzia-se à aprendizagem de instruções contidas nos módulos instrucionais sem que fosse contemplado um espaço socializador de vivência educativa. A EJA passou a ter caráter supletivo e de aceleração do ensino regular. A oficialização de um projeto compensatório de



escola para jovens e adultos trabalhadores, a fim de diminuir o conteúdo e de acelerar o processo de certificação.

Com o fim do Mobral em 1985, surgiram outros programas de alfabetização em seu lugar como a Fundação Educar, que estava vinculada especificamente ao Ministério da Educação. O seu papel era de supervisionar e acompanhar, junto às constituições e secretarias, o investimento dos recursos transferidos para a execução de seus programas. Em muitos sentidos, a Fundação Educar representou a continuidade do Mobral, porém, devem ser consideradas algumas mudanças significativas, tais como a sua subordinação à estrutura do MEC e a sua transformação em órgão de fomento e apoio técnico, ao invés de instituição de execução direta. No entanto, em 1990, com o Governo Collor, a Fundação Educar foi extinta sem ser criado nenhum outro projeto em seu lugar.

Conforme o Art. 37 da LDB 9.394/96, a educação de jovens e adultos passa a ser destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Em seu § 1º, referencia que os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Já no § 2º, dizia que o Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (Brasil, 1996).

Nessa lei, o Art. 38. referencia que os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. Assim, no § 1º está descrito que os



exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. Nessa direção, o § 2º menciona que os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (Brasil, 1996).

A EJA passou a ter caráter supletivo e de aceleração do ensino regular. A nova identidade da EJA, ampliada, fragmentada, heterogênea e complexa, revelou-se nas atividades propostas pelas diferentes entidades, especialmente, pelo número elevado de experiências desenvolvidas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), voltadas à alfabetização, à educação básica, ou aos cursos profissionalizantes de nível básico e passou a ser chamada de Centro de Educação de Jovens e Adultos. Porém, o nome não alterou a forma de caráter supletivo de alfabetização.

A inclusão da EJA na legislação tem seu caráter de importância, pois se configura como uma opção política que abrange pessoas que não tiveram acesso a escola na idade devida, porém precisa ser legitimada pela prática pedagógica (Paiva, 2009). Vale lembrar que a legislação prevê como forma de oferta da EJA os cursos e exames.

Portanto, na base da organização e da orientação do trabalho pedagógico na EJA, está o desafio de desenvolver processos de formação humana, articulados a contextos sócio-históricos, a fim de que se reverta à exclusão e se garanta aos jovens e adultos, o acesso, a permanência e o sucesso no início ou no retorno desses sujeitos à escolarização básica como direito fundamental.



PROPOSTA CURRICULAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS FORMATIVOS NA EJA

Compreender o sistema educacional, em especial o brasileiro, nos direciona ao caminho do esclarecimento sobre os aspectos condicionantes da trajetória histórica conceitual, que engloba o contexto educacional e o currículo, visto que, em algum momento histórico, foram institucionalizadas determinadas demandas e características que repercutiram, e ainda repercutem, no espaço escolar, e em especial na EJA. Uma dessas características está interligada à ideia de uniformização do conhecimento.

Nessa direção, os pressupostos teóricos de Bordieu, (1983; 2010), Arroyo (2011) e Carrano (2008) despertou um olhar mais reflexivo para a matriz curricular do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA. Ao fazer essa breve análise, reforço a minha compreensão sobre a necessidade da implantação de um currículo integrado à EJA, de modo a entrelaçar os conhecimentos da formação humana com os de formação profissional desse público, por parte de toda a comunidade educacional (gestores, professores, estudantes, comunidade e governantes).

Partindo, então, das reflexões epistemológicas e da trajetória histórica da EJA e sobre sua cultura organizacional ao longo dos anos nos contextos educacionais, proponho-me a tecer reflexões sobre o currículo e os objetos de aprendizagem deste curso de especialização, de modo a descrever os desafios e as possibilidades para a minha formação continuada e para a prática pedagógica docente nessa modalidade de ensino.

A relação existente entre a formação docente e o currículo está atrelado a ideia de que ambos, para se constituírem e qualificarem,



necessitam seguir uma trajetória para ampliar as fontes de conhecimentos e compreender os saberes que estão implicados na escola e que necessitam ser contemplados e [res]significados na formação continuada.

Por isso, parto do princípio que currículo é conhecimento. Nesse sentido, Mello (2018) destaca que o currículo é mais do que apenas conteúdos, currículo é vida, é conhecimento e, sobretudo, é experiência vivida em diferentes contextos, sejam os formais no espaço escolar, como os que vão para além dos muros institucionais. Nessa mesma perspectiva, Campos e Silva (2009, p. 38) compreendem que currículo deva ser visto como uma maneira de preparar a juventude para participar ativamente de sua cultura. “Nem todas as culturas se nutrem das mesmas classes de conhecimentos, nem uma mesma cultura necessita dos mesmos tipos de capacidades e habilidades intelectuais em todas as épocas”. Assim, uma análise do currículo de um curso de especialização com viés na EJA necessita conhecer a cultura desse público de estudantes e os critérios que fundamentam a proposta de currículo.

Os apontamentos que me proponho a fazer, tem por objetivo qualificar a minha formação docente no campo da EJA e promover o melhoramento do currículo deste curso Lato Sensu, em benefício dos professores que atuam neste contexto e que desejam ampliar seus saberes sobre as práticas pedagógicas e profissionais integradas à EJA.

O Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, Pós-Graduação Lato Sensu, na modalidade de educação a distância está fundamentado nos dispositivos legais que tratam dos cursos de especialização na modalidade a distância e observa as determinações legais presentes na LDBEN n.º 9.394/96, no decreto 5.840/2006,



na Resolução CNE/CES n.º 01/2007 e no Projeto Político-Pedagógico (PPP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPC/IFRN, 2018). A modalidade de oferta é por meio da EAD, conforme a Portaria Normativa n.º 1.369, de 07 de dezembro de 2010 (PPC/IFRN, 2018).

A carga horária total deste curso é de 480 horas (640 h/aulas), sendo 450 horas (600 h/aulas) destinadas às disciplinas e 30 horas (40 h/aulas) a um trabalho de conclusão do curso (TCC). O curso possui dois itinerários, um com ênfase na didática e o outro com ênfase na gestão.

Logo, apresentarei reflexões e contribuições sobre as disciplinas que me proporcionaram novas contribuições à prática docente na EJA, e também as que apresentaram algumas fragilidades em relação ao objetivo proposto, ao conteúdo, aos objetos de aprendizagem e a avaliação. Parto de um olhar crítico e reflexivo sobre a Matriz do Curso de Especialização, com ênfase na em Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA, na qual vivenciei o processo de formação continuada, no sentido de apresentar novas perspectivas para problematizar elementos da realidade educacional da EJA.

O curso está organizado em quatro módulos temáticos com suas respectivas disciplinas, conforme matriz do Anexo A. Módulo I - Qualificação em EJA; Módulo II - Qualificação em Organização e Gestão da Educação Profissional integrada à EJA; Módulo III - Qualificação em EaD para EJA e o Módulo IV - Qualificação em Gestão da Educação Profissional integrada à EJA.

Início a discussão com primeira disciplina do curso Fundamentos de EAD e Ambientação Virtual, que foi necessária para que o professor reconheça que as tecnologias digitais são parte do processo educativo contemporâneo e ainda, os docentes



em qualquer modalidade de ensino necessitam acompanhar a evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Pérez Gómez (2011, p. 137) sinaliza que:

[...] a interação dos indivíduos com os meios de comunicação desencadeia uma acumulação de conhecimentos, um desenvolvimento de capacidades, e uma estimulação de interesses e expectativas correspondentes aos aspectos mais dinâmicos da cultura contemporânea, de tal grau de intensidade que pode superar as aquisições dos docentes nesse campo da cultura, complicando a forma tradicional de entender seu influxo socializador, assim como as interações cotidianas.

Para tanto, é preciso buscar uma constante atualização sobre como manusear e utilizar as tecnologias em seus vários contextos. Do contrário, desconhecendo os recursos tecnológicos e o acesso aos repositórios acadêmicos, portais e sistemas, os professores e estudantes ficarão à margem desse processo em rede.

Sinalizo que os objetos de aprendizagem estavam de acordo com o objetivo da disciplina. Aponto a necessidade da criação de um Fórum, que objetivasse que o aluno relate se possui ou não habilidades com as tecnologias, e se essas tecnologias fazem parte da sua prática pedagógica. Como é a primeira disciplina do curso, entendo que é necessário que os professores mediadores e tutores conheçam o perfil dos alunos, já que o PPC deste curso preconiza a incentivar, a avaliar e a promover a prática de projetos curriculares e pedagógicos com aplicação de tecnologias educacionais de informação e comunicação a serem empregadas à educação profissional integrada à EJA (PPC/IFRN, 2018).

A disciplina de Políticas Públicas para EJA Integrada à Educação Profissional Presencial e a Distância tinha como objetivo



realizar a análise histórica dos principais programas e projetos destinados à profissionalização de jovens e adultos no Brasil a partir da década de 1990. Os objetos de aprendizagem foram similares à disciplina de Fundamentos da Educação Profissional à EJA. Acredito que as atividades avaliativas permitiram conhecer esses projetos e programas, mas não os analisar com a profundidade necessária.

Para Libâneo (2013), é importante que tenhamos clareza não só do significado do que seja educação, como também do sentido de instrução e ensino. Nesse sentido, a disciplina de Noções de Didática contribui para refletir sobre os propósitos intencionais do ensino da EJA, suas práticas sistematizadas aos objetivos de seus estudantes, a cultura da comunidade escolar; as ações pedagógicas necessárias para promover o aprendizado e a permanência dos alunos na educação escolar; dentre outras intervenções necessárias para a qualidade dessa etapa educacional. Então, a disciplina de Noções de Didática se sobressaiu em termos de organização, coerência e qualidade do material proposto e dos objetos de aprendizagem. Toda a disciplina esteve atrelada aos objetivos de formação desse curso. Foi possível ter clareza dos conceitos de educação, pedagogia e didática para dar conta dos objetivos que a escola busca para a formação integral do educando na EJA. A prática de ensino proporcionou o contato com escolas que integram a EJA e o seu Projeto Político Pedagógico. Na visita, conheci como são organizadas e pensadas as ações e estratégias pedagógicas e o planejamento da arquitetura organizacional de espaço e tempo do processo de ensino e de aprendizagem na EJA.

As 03 disciplinas de Seminário Temático, Fundamentos e Políticas Públicas para a EJA e o PROEJA; Gestão Escolar para Novos Desafios Educacionais em Educação Profissional Integrada à EJA; e a aprendizagem a distância em tempos de comunicação mediada



pelas tecnologias virtuais de comunicação, respectivamente dos módulos I, II e III retomaram por meio de exposições dialogadas com professores convidados, as temáticas das disciplinas estudadas em cada módulo. Preponderam as falas que contextualizaram a realidade do contexto educacional na EJA à luz dos pressupostos teóricos. Algumas falas ficaram impregnadas na historicidade e na legislação como linha do tempo e pouco referenciaram o atual contexto em que se encontra a EJA no cenário brasileiro. Quando os convidados traziam suas vivências e experiências na EJA, foi possível conhecer a riqueza e as lutas educacionais para a qualidade dessa modalidade de ensino e, ainda, refletir sobre as aprendizagens necessárias dispostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Por conseguinte, tanto a teoria, como a prática alicerçam um olhar de sentido e significação, enquanto aprendizado e (re) construção do trabalho pedagógico do professor. Na interlocução da práxis pedagógica, Dalla Corte (2010, p. 175) define que “a teoria tem a finalidade de ordenar, organizar, significar e explicar os fatos emergentes do contexto vivido, porém sem a prática, a teoria seria apenas o retrato de ideias soltas e abstratas”. Por isso, sinalizo que o docente da EJA, necessita mais do que dominar os conhecimentos oriundos do curso de formação, é preciso sensibilizar-se ao contexto em que se atua e pensar em uma práxis que contempla a identidade cultural e social desses estudantes.

A disciplina de Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional trouxe muitos desafios quanto à compreensão de como se processa a gestão orçamentária e financeira de uma escola pública. O tópico II dessa disciplina exigia um conhecimento aprofundado sobre princípios contábeis e dotação orçamentária. Foi difícil fazer uma conexão a



partir de como orientar a elaboração dos orçamentos fiscais e da seguridade social e de investimentos com as despesas administrativas e financeiras de uma escola. O caráter técnico dessa matéria talvez tenha sido um entrave à contextualização da gestão na escola pública. Os tópicos seguintes, que tratavam de entender a gestão democrática no sistema educacional, de diferenciar as políticas públicas educacionais no Brasil e os níveis de planejamento que caracterizam o espaço escolar, possibilitaram aproximações mais reais, a partir dos objetos de aprendizagem, que proporcionaram a interlocução da teoria com o campo prático de atuação, a escola.

Tendo em vista a complexidade e a importância dessa disciplina na gestão da EJA, ponto que seria necessário duplicar a carga horária de 40 h/aulas. Sugiro dividir a disciplina em dois momentos a serem trabalhados nos módulos I e II, com carga horária cada de 40h/aula.

A disciplina de Práticas de Letramento nos instigou à reflexão de como planejar a nossa prática docente com diferentes perfis que ingressam na EJA. O desafio e as contribuições dessa disciplina permitiram que tivéssemos mais clareza de como constituir um espaço destinado ao diálogo e à reflexão sobre o trabalho pedagógico com a leitura e a escrita nessa modalidade de ensino. Diante de minhas constatações, percebi o quanto é necessário conhecer o aluno que se vai mediar no processo de ensino e de aprendizagem, na sua cultura, nas suas vivências, do local de suas falas. Bakhtin (2011) corrobora, em sua teoria, que os signos têm muitos significados, na medida em que o sujeito constrói relações com o contexto em que vive e os modifica, conforme as situações culturais e históricas que se apresentam. Nessa mesma lógica, Vygotsky (2010) entende a linguagem como o sistema simbólico que organiza a comunicação entre os seres humanos e entre eles e os objetos de conhecimento.



Logo, a língua é sensível à influência dos fatores sociais, históricos e culturais, e assim, “a maneira de conceber a linguagem explicita o tipo de ensino e de trabalho com a língua/linguagem que se quer oferecer aos educandos da EJA” (Marques, 2019, p. 26).

As disciplinas aqui não citadas atingiram a expectativa e o objetivo de novas apropriações de saberes acerca da profissão docente e da gestão na EJA.

Portanto, acredito que por meio das experiências profissionais vividas e ressignificadas por meio desse curso de especialização, fui impulsionada a perceber outros sentidos e desafios decorrentes dos processos formativos assentados nos contextos que emergem da EJA, favorecendo, assim, o planejamento da aprendizagem dos estudantes, a partir da aplicação de processos, métodos e técnicas de avaliação da aprendizagem, de acordo com as especificidades dos educandos dessa modalidade de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso me proporcionou um espaço de reflexão mais aprofundado sobre as temáticas educacionais, com ênfase na gestão da EJA, a fim de analisar o currículo do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA e seus objetos de aprendizagem, na modalidade EAD, e perceber as possibilidades formativas, os desafios da profissão docente e algumas lacunas que deixaram a compreensão mais perene acerca das políticas públicas de gestão na EJA.

Como proposta da construção de um memorial de formação, apresento algumas considerações, pela complexidade e abrangência de se analisar um currículo de um curso de formação continuada.



Destaco que as disciplinas que compõem a matriz curricular desse curso estão sistematizadas e organizadas, de acordo com a temática proposta. As disciplinas que envolviam processos didáticos, atualização pedagógica, planejamento de ensino, gestão e tecnologias educacionais aplicadas à modalidade de ensino promoveram as competências pessoais, pedagógicas e científicas aliadas ao conhecimento, às capacidades, às habilidades, à atitude profissional, à construção social do professor que integra o universo da EJA, com suas características e especificidades educacionais, culturais, políticas e sociais.

Quanto às disciplinas de natureza política, administrativa e financeira para a gestão e seus objetos de aprendizagem, aponto a necessidade de revisão da carga horária, tendo em vista, a complexidade técnica, que está implicada na educação e em cargos de gestão, que envolvem docentes que não possuem formação para os conhecimentos específicos exigidos.

Assim, a relevância deste estudo implica na possibilidade de gerar reflexões sobre o currículo dos cursos de pós-graduação, em nível Lato Sensu, especificamente na temática da EJA. Esta pesquisa continua um estudo em aberto, com possibilidades para novos olhares investigativos, amparado de mais conhecimentos e objetivando retratar o processo formativo, por meio das vivências de caráter mais epistemológico como professora e pesquisadora dessa modalidade de ensino.

Por fim, este curso me possibilitou a qualificar e me fazer sentir parte do processo educativo da EJA, [res]significando saberes, a partir de novas concepções teóricas construídas nesse processo de formação continuada, bem como, novas aspirações emancipatórias para a construção da educação social dos estudantes da EJA, a partir das práticas de ensino e das experiências suscitadas pelos professores formadores desse curso.



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº 1, DE 5 de julho de 2000. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: mai. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394**. República Federativa do Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Aprovada em 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL. **Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. República Federativa do Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Aprovada em 12 de agosto de 1971. Acesso em: 02 jul. 2020.

BEISEGEL, Celso Rui. **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos**. São Paulo: Pioneira, 1974.

BORDIEU, Pierre. Excluídos do interior. *In*: CATANI, Afrânio. NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CAMPOS, Marli; SILVA, Neide de Melo Aguiar. **Gestão escolar e suas competências: um estudo da construção social do conceito de gestão**. *In*: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/autores_m.html. Acesso em: 05 jul. 2020.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos (EJA) e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola “segunda chance”. *In*: CARRANO, Paulo. **Formação de Educadores Jovens e Adultos**. Brasília: SECAD/MEC, UNESCO, 2008.



DALLA CORTE, Marilene Gabriel. **O estágio curricular e a formação de qualidade do pedagogo**. Porto Alegre, RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. 315p.

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. 2. ed. São Paulo: Cortez. Elabore três tipos de fichas (citação, resumo e analítica) com base no texto: **“Os 4 pilares da Educação” de Jacques Delors**. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, out. 2005.

FREIRE, Pedro. **Pedagogia de autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IFRN. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Especialização em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EAD** Projeto aprovado pela Deliberação nº 14/2018-CONSEPEX/IFRN, de 26/07/2018 e pela Resolução nº 25/2018-CONSUP/IFRN, de 17/08/2018. Natal: IRFN, 2018.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. Natal, RG: EDUFRN/ São Paulo: 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos. **Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos**. Livro Digital. Disciplina Práticas de Letramento na EJA UFRN: 2019. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/224216/mod_resource/content/1/Pra_Let_Eja_Unid_I.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006.

MELLO, A. G. **Políticas curriculares: conhecimento em diáspora**. Tese (doutorado): Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, RS, 2018.

PAIVA, J. **Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Faprerj, 2009.



PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

PÉREZ GOMÉZ, A.I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Tradução de Luiz F. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamiento y lenguaje**. 1. ed. nesta apresentação. Barcelona: Paidós Surcos 36, 2010.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1997.



ANEXO A

Matriz do Curso de Especialização em Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA

EIXOS	MÓDULOS/DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA (H/AULA)	CARGA HORÁRIA (HORAS)	CRÉDITOS
MÓDULO 1-Qualificação em Educação de Jovens e Adultos	Fundamentos de EAD e Ambientação Virtual	20	15	01
	Produção de Textos Científicos	40	30	02
	Fundamentos da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens, Adultos	40	30	02
	Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada a Educação Profissional Presencial e a Distância	40	30	02
	Noções de Didática	40	30	02
	Seminário Temático - Fundamentos e políticas públicas para a EJA e o PROEJA.	20	15	01
MÓDULO 2 - Qualificação em Organização e Gestão da Educação Profissional integrada à EJA	Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional	40	30	02
	Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA	40	30	02
	Práticas de Letramento na EJA	40	30	02
	Seminário Temático - A gestão escolar para novos desafios	20	15	01



MÓDULO 3 - Qualificação em EAD para EJA	Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA	40	30	02
	Gestão da Educação a Distância	40	30	02
	Planejamento Educacional em EAD para EJA	40	30	02
	Seminário Temático: A aprendizagem a distância em tempos de comunicação virtual	20	15	01
MÓDULO 4 - Qualificação em Gestão da Educação Profissional integrada à EJA	Teorias, Planejamento e práticas de Projetos Curriculares pedagógicos	40	30	02
	Gestão da Educação Profissional e da EJA	40	30	02
	Oficina de Projetos Curriculares em EJA e PROEJA	20	15	01
	Produção científica aplicada à elaboração do TCC	20	15	01
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso	40	30	02
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO		640	480	32

Fonte: (PPC/IFRN, 2018, p. 20)



POR UMA EDUCAÇÃO HUMANITÁRIA E EMANCIPATÓRIA PARA JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

FERNANDO ROQUE FERNANDES

Orientadora: Profa. Valeska Limeira Azevedo Gomes

Este trabalho é o resultado de reflexões desenvolvidas ao longo de minha trajetória acadêmica e, em especial, dos aprendizados adquiridos no Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, na modalidade de educação a distância, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), no período de março de 2019 à agosto de 2020. O modelo narrativo memorial de formação foi escolhido como abordagem relacionada ao Trabalho de Conclusão e se insere nas prerrogativas estabelecidas pelo Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Nesse sentido, o trabalho visa apresentar um conjunto de elementos que evidenciam a minha trajetória docente, assim como minha experiência com a formação de jovens e adultos no âmbito da Educação Básica.



Além disso, o presente memorial dialoga com os elementos constitutivos da formação docente, constituindo-se como uma narrativa fundamentada em pesquisa teórico-empírica, a qual tem por intuito expressar processos de ensino-aprendizagem realizados no curso. Assim, considerando ainda o Projeto Pedagógico, pretendo apontar alguns aspectos e interpretações que privilegiem meu desempenho pessoal, assim como as habilidades adquiridas ao longo dessa formação, ocorrida em sua quase totalidade no formato a distância (EAD).

No que diz respeito ao seu sentido, este trabalho é a culminância de uma parceria estabelecida entre a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC) e o IFRN, *Campus* Natal de Educação a Distância. Tendo iniciado no primeiro semestre de 2019, o curso conta com estruturas montadas em formato de Polos EAD (*Campus* Avançados), criados em parcerias feitas com Institutos Federais (IFs) de várias regiões do Brasil. Neste caso em particular, é resultado das atividades acadêmicas desenvolvidas no Polo EAD do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), *Campus* Manaus - Zona Leste (ZL).

Entre os itinerários formativos de Didática e Gestão, optei pelos de aperfeiçoamento em procedimentos didático-pedagógicos que auxiliassem em minha formação docente voltada para processos de ensino-aprendizagem. Dessa forma, considerando os objetivos gerais destacados no PPC do curso, procurei enveredar pelas reflexões sobre o aperfeiçoamento de práticas curriculares e pedagógicas voltadas à Educação Profissional (EP), presencial e a distância, articuladas com a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em suas dimensões municipais, estaduais e federal.



Nesse contexto, dentre os objetivos deste memorial, se destaca a necessidade de registrar minhas experiências acadêmicas, como discente deste curso e docente da EJA. Quanto às abordagens de memorial indicadas na bibliografia referente ao tema, optei por privilegiar os elementos que informam sobre minha trajetória acadêmico-científica. Assim, este memorial de formação destaca a minha trajetória no âmbito da formação superior.

Desse modo, a proposta deverá privilegiar elementos narrativos que deem conta de evidenciar minhas experiências de formação, destacando a relevância deste curso de especialização, tanto para os processos de aperfeiçoamento profissional quanto para o fortalecimento e auxílio na criação de políticas e projetos educacionais que se direcionem para a Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Eu me chamo Fernando Roque Fernandes, tenho trinta e quatro anos, sou natural de Manaus (AM) e, atualmente, resido em Porto Velho, capital do estado de Rondônia. Filho de pai e mãe humildes que, por diversos motivos, não conseguiram concluir os estudos na Educação Básica, sempre fui incentivado a investir em minha formação educacional e considerá-la ferramenta importante nos processos de cidadanização e emancipação política e social daqueles sujeitos e coletivos sociais considerados subalternos na sociedade brasileira.

Eu me formei em Licenciatura Plena em História pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE) em fins de 2012. Em 2013, ingressei no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tendo concluído



minha formação em nível de Mestrado em abril de 2015. Entre 2012 e 2016, atuei também como professor da Educação Básica nas modalidades de ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos pelo Centro Metropolitano de Ensino (CEMETRO), escola da rede privada de ensino de Manaus. Ministrei aulas sobre História da Amazônia, do Brasil e Geral até 2016, momento em que concorri a uma vaga no Processo Seletivo para o Curso de Doutorado desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente, desenvolvo pesquisas para minha tese de doutoramento sobre Movimentos Étnicos Contemporâneos, Formação de Professores e Educação Escolar Indígena na Amazônia Brasileira. Além disso, também sou discente do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Didática, ofertado pelo Instituto Federal de

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Desde meu ingresso na pós-graduação, venho acumulando experiências em diferentes frentes relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão. Entre os anos de 2016 e 2018, enquanto professor-pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA/UFPA), atuei em cursos de Formação de Professores em nível de graduação, aperfeiçoamento e especialização. Entre 2018 e 2019, foi aprovado em outro processo seletivo, passando a atuar como Professor Substituto do Departamento de Educação Escolar Indígena da Faculdade de Educação da UFAM.



Nesse período, atuei em cursos de graduação e especialização interculturais oferecidos em diferentes municípios do Amazonas. Ministrei aulas para centenas de professores indígenas provenientes de dezenas de grupos étnicos de diferentes regiões da Amazônia. Em meados de 2019, participei de Concurso Público para Professor de História Regional do Brasil, oferecido pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Sendo nomeado, tomei posse em julho de 2019. Atualmente, sou lotado no Departamento Acadêmico de História do Núcleo de Ciências Humanas da UNIR, *Campus* Porto Velho-RO e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA/UFPA) e pesquisador do Grupo de Pesquisa Jurupari: Cultura, Patrimônio, Memória e Identidade em Rondônia (DAH/UNIR). Nos últimos dois anos, tenho me aproximado das discussões que envolvem a formação de jovens e adultos indígenas na Amazônia brasileira.

Ao longo de minha formação em nível superior, tenho acumulado conhecimentos nas áreas relacionadas à Teoria da História e Historiografia, Protagonismo Indígena na História, Movimentos Indígenas Contemporâneos, Formação de Professores, Educação de Jovens e Adultos e Educação Escolar Indígena na Amazônia, tendo publicado vários trabalhos relacionados a essas temáticas. Minhas produções acadêmicas contabilizam onze (11) artigos completos publicados em periódicos científicos; vinte e três (23) capítulos de livros publicados; dezessete (17) trabalhos completos ou resumidos, publicados em anais de eventos científicos; trinta e três (33) apresentações de trabalhos, palestras e mesas-redondas; cinquenta e quatro (54) produções técnicas ou didáticas e emissão de pareceres técnico-científicos; participação e/ou organização de quarenta e nove (49) eventos científicos; onze (11) orientações de monografias concluídas e quinze (15) participações em bancas de



TCC e/ou Comissões Julgadoras. Em agosto de 2019, fui agraciado com a Moção de Aplauso nº 018/CMPV-19 da Câmara Municipal de Porto Velho-RO pela atuação como professor de História do Município, durante homenagem ao Dia do Historiador.

Desde minhas primeiras experiências como docente, sempre procurei evidenciar as reflexões que envolvem a questão indígena e a educação de jovens e adultos na Educação Básica. Ponto a ser destacado, oportunamente, é que existe uma enorme carência no domínio básico dessas temáticas por parte de pais, gestores, professores e alunos. Quando nos referimos à educação de jovens e adultos indígenas, por exemplo, o problema é ainda maior. O grande número de indivíduos que desconhecem essas questões reflete a fragilidades de nosso sistema educacional na atualidade. Mas não me parece que isso ocorra porque estamos totalmente alheios ao Movimento Indígena Contemporâneo, nem aos processos de alfabetização e letramento tardio de jovens e adultos. É provável que a nossa sociedade não tenha sido preparada para lidar com os desafios que envolvem a EJA de forma valorativa.

Considero que isso não resulte apenas de mera desinformação da sociedade. Nesse sentido, essa problemática se relaciona com a minha intenção em auxiliar nossa sociedade a repensar a visão sobre os indígenas e a EJA na atualidade. Acredito que somente através de um ensino que evidencie essas questões e que promova uma educação escolar gratuita e de qualidade é que poderemos conscientizar pessoas a sobre diversidade cultural em nosso país, assim como sobre os problemas de formação enfrentados por milhares de cidadãs e cidadãos.



REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA: ELEMENTOS INICIAIS

Durante minha experiência na rede privada de ensino, da Educação Básica, tive importantes experiências com a Educação de Jovens e Adultos. Como professor de História e Filosofia, tive a oportunidade de adquirir certos aprendizados, os quais me proporcionaram maior clareza sobre o significado da materialização de projetos educacionais que visassem a formação de jovens e adultos. Entre os anos de 2013 e 2016, como professor do Centro Metropolitano de Ensino (CEMETRO) pude compreender melhor sobre a estrutura de organização do curso e os perfis de discentes que demandavam esse tipo de formação. No geral, essa formação visava apenas um procedimento para a aquisição de diplomas, tanto em nível fundamental como médio. De todo, modo, a grande maioria dos discentes matriculados neste curso o faziam com a intenção de se aperfeiçoarem e aumentarem suas oportunidades de ascender à uma vaga no concorrido mercado de trabalho da cidade de Manaus.

Na maioria dos casos, a expectativa de conseguir um diploma contradizia um processo de formação que, de fato, pudesse proporcionar uma formação de caráter tecnicista ou humanitário, crítico e reflexivo. As principais razões para tais impedimentos era os curtos períodos de trabalhos em cada disciplina, as quais duravam apenas sete dias cada uma. Apesar disso, certos discentes procuravam, além dessa integração ao mercado de trabalho, uma oportunidade de concorrer a uma vaga na universidade. Outros procuravam o curso com a intenção de progredirem em cargos nas empresas nas quais trabalhavam ou a possibilidade de garantir seu emprego através da comprovação de uma formação em nível médio.



Apesar de essa experiência representar um projeto de formação voltada para a aquisição de certificados em nível de ensino fundamental e médio e de não investir propriamente numa formação voltada para o trabalho, é importante ressaltar que a grande maioria dos discentes estabeleciam algum tipo de conexão entre a EJA e sua relação com o mercado profissional. Muitos dos que passaram pelas salas de aula onde atuei como professor, indicavam claramente que aquela formação ou certificação tinha relações com procura, manutenção ou progressões funcionais. Nesse sentido, com base nesta experiência, acredito que a Educação de Jovens e Adultos, mesmo quando não estando integrada a uma formação profissional ou tecnicista, não está de modo algum dissociada de uma estratégia, ainda que tardia, relacionada a questão profissional. Então, nesse caso, entendo que projetos como o PROEJA têm se constituído, na atualidade, como importantes mecanismos de articulação de elementos fundamentais para uma formação que privilegie a integração entre processos alfabetizadores e formações de caráter profissional e tecnológico. Isto significa que qualquer iniciativa pedagógica relacionada à EJA deve, necessariamente, considerar elementos que privilegiem os objetivos de formação educacional pensados pelos discentes que acessam essa modalidade de ensino.

Foi pensando nessas questões que desenvolvi uma análise sobre a situação da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Estado de Rondônia. Como resultado, identifiquei como principal desafio a necessidade de adequação do currículo da Rede Pública de Ensino às necessidades de formação educacionais que considere as particularidades em diferentes níveis de formação (ensino fundamental e médio) e as particularidades socioculturais dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais formativos



(populações tradicionais ribeirinhas, do campo, quilombola e indígena). Os dados apresentados pela SEDUC-RO, com base nos levantamentos desenvolvidos sobre esses processos de formação ocorridos em diferentes municípios e realidades vivenciadas em Rondônia concorrem para a evidência de que a EJA enfrenta desafios que vão desde a não adequação dos currículos às realidades socioculturais, quanto questões que envolvem a alfabetização e o letramento de diferentes

sujeitos envolvidos nesse processo. Além disso, nem sempre os objetivos apresentados pelos projetos de formação na modalidade EJA dialogam com os objetivos informados pelos principais interessados nessa formação, quer seja, os estudantes. No que diz respeito, também, a formação em perímetro urbano, os principais desafios estão relacionados ao estabelecimento de relações entre o trabalho e os estudos. Além disso, nem sempre os objetivos, muitas vezes, profissionais, dialogam com interesses de certos estudantes, como por exemplo, concluir os estudos em nível fundamental e médio, de modo a concorrer uma vaga no ensino superior. Nesse sentido, os principais desafios da gestão, ao planejar as ações para a materialização em projetos relacionados à EJA é criar mecanismos que, de algum modo, também dialoguem com os diferentes interesses e objetivos pensados por comunidades tão distintas, quanto as comunidades tradicionais, assim como os múltiplos objetivos dos estudantes do perímetro urbano que se propõem a estudar nessa modalidade de ensino.

A nosso ver, fatores internos e externos concorrem para o insucesso de alguns estudantes no âmbito da modalidade da EJA. Alguns deles são o tempo que alguns estudantes passam longe do ambiente da sala de aula e a pouca relação com atividades de caráter pedagógico ao longo dessa ausência. Esse é um dos fatores mais



presentes quando se trata de estudantes que concluíram apenas o ensino fundamental e que acessam a EJA a partir do ensino médio no âmbito da Educação feita através de telecursos. Muitos desses alunos já não têm aquela dinâmica de aprendizagem, a qual também está relacionada com os processos de desenvolvimento cognitivo adquiridos presencialmente. Além disso, fatores internos, como a precária formação de professores na Modalidade EJA, acabam dificultando os processos de ensino-aprendizagem, visto que as metodologias pedagógicas relacionadas ao trato com esta modalidade de ensino, apresentam características particulares de outras modalidades. Para acrescentar mais uma causa, podemos citar muitos dos materiais didáticos utilizados nos processos de formação, os quais, considerando, por exemplo, a realidade da região Amazônica, pouco dialogam com os conhecimentos locais apresentando, muitas vezes, conhecimentos generalizantes que pouco dialogam com os conhecimentos que os estudantes locais trazem consigo para a sala de aula.

Além disso, a diversidade de cursos voltados para a EJA, também concorre para a pouca clareza sobre seus objetivos. Alguns cursos são de curta duração e são desenvolvidos de modo disciplinar, ou seja, é ministrada uma disciplina por vez, o que dificulta a interlocução entre as diferentes áreas de conhecimento. Outros cursos são desenvolvidos entre dois a quatro meses ininterruptos; outros em caráter modular, em períodos semestrais, outros em turmas seriadas com diferentes faixas etárias. Por fim, as discussões sobre os objetivos da EJA ainda são plurais. Alguns cursos formam para obtenção de diplomas em nível básico, outros para uma formação voltada para o trabalho técnico e profissional e alguns poucos para uma formação humanitária que privilegie a autonomia e o pensamento crítico. Dessa forma, muitos cursos de



formação para a modalidade EJA acabam resultando em dados estatísticos que exaltam os governos e pouco dialogam com os interesses e objetivos dos principais envolvidos nos processos formativos, os discentes jovens e adultos.

Outro dado é que as avaliações desenvolvidas durante e ao final de cada disciplina/curso têm se constituído, ainda como indicadores de avaliação dos estudantes da EJA. Além disso, as avaliações desenvolvidas em âmbito local e estadual pelas secretarias de educação e em âmbito nacional, pelo Ministério da Educação e o cruzamento de dados oriundos do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais acabam por se constituir como os indicadores oficiais sobre os períodos de formação, percentual de acesso, permanência, sucesso e/ou evasão escolar na modalidade EJA. No entanto, o problema evidente é a pouca relação estabelecida entre esses dados e estudos desenvolvidos em esferas de competências distintas. Nesse sentido, acreditamos que as habilidades a serem utilizadas por um docente da EJA são dimensionadas por uma série de questões que precisam ser consideradas. Somente quando houver um mínimo de alinhamento entre essas questões é que se poderá tornar possível um diálogo entre cidadania, direitos humanos e educação de qualidade no Brasil.

PROCESSOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Conforme indicado por Maria Margarida Machado, professora da Universidade Federal de Goiás e pesquisadora da temática relacionada a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA),



não foi criado de uma hora pra outra, mas, faz parte de um longo processo de problematização da EJA e dos processos que apontam para o desenvolvimento de atividades alfabetizadoras em sintonia com uma formação voltada para o trabalho. Nesse sentido, as análises relacionadas a essa modalidade de ensino devem levar em consideração a própria historicidade que aponta para suas características organizacionais na atualidade.

No que diz respeito a EJA, apesar de o ambiente escolar se constituir em lugar de formação por excelência, é preciso considerar os diferentes espaços com os quais esta modalidade de ensino dialoga. Ou seja, é preciso considerar os demais espaços onde os estudantes dessa modalidade de ensino transitam e constroem experiências cotidianas. Desse modo, o ambiente familiar, os espaços de trabalho e mesmo de lazer, devem ser considerados como parte do processo de formação de jovens e adultos. Além disso, é preciso considerar as experiências trazidas pelos diferentes sujeitos que ocupam os espaços de formação na condição de estudantes.

No caso da Educação de Jovens e Adultos, desde os anos 1940, conforme indicado por Maria Margarida, o analfabetismo passou a ser entendido pelo Estado como uma espécie de “doença intelectual” que deveria ser erradicada. Nesse sentido, a própria noção de uma modalidade de educação voltada para jovens e adultos, além de seus aspectos compensatórios, se constituía como uma solução ao problema educacional a ser resolvido pelo Estado. Este passou a apresentar propostas educacionais que aliassem processos de alfabetização e de formação voltada para o trabalho. A partir disso, apesar de procedimentos de permanências e rupturas históricas características dos contextos vivenciados por esta modalidade de ensino, a EJA ainda passa por grandes desafios, especialmente no que diz respeito aos financiamentos



e procedimentos educacionais necessários e característicos dessa modalidade educacional. Ademais, a concepção de que a EJA se constitui em uma política compensatório ainda se conforma num entrave às propostas de formação educacional que se propõem a formar o ser humano de modo integral. Ou seja, uma educação voltada para a autonomia, exercício da cidadania e pensamento crítico.

Porém, apesar das mudanças ocorridas com a legislação referente à EJA terem surtido efeitos positivos nas últimas décadas, ela ainda deixa muito a desejar. Pois as bases que informam seus fundamentos jurídicos são resultados de processos históricos de longa duração. Para tal evidenciação, tomamos como base a legislação referente à Educação de Jovens e Adultos, especialmente aquela utilizada ao longo da disciplina Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada a Educação Profissional Presencial e a Distância, ministrada pela professora Vania do Carmo Nóbile. Como desdobramento dos aprendizados obtidos ao longo dos estudos nessa disciplina desenvolvemos um quadro comparativo da legislação voltada para a EJA, conforme se pode ser constatado no apêndice A, anexo a este trabalho. As informações presentes no apêndice citado nos permite verificar as principais mudanças ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito ao trato com a educação.

Enfim, a historicidade da EJA, ainda na atualidade, informa certa resistência de uma educação voltada para treinamentos funcionais que, em certos casos se resumem ao tecnicismo e negligenciam, por exemplo, uma formação cultural, social e cidadã para os sujeitos envolvidos no processo de formação, em especial, jovens e adultos.



A variação linguística e os desafios da Educação de Jovens e Adultos A formação educacional voltada para jovens e adultos tem se constituído em processo educacional particular no âmbito da História da Educação no Brasil. Estudos sobre a temática evidenciam que as metodologias utilizadas, apesar dos diferentes objetivos a serem alcançados, são desde sua gênese, desenvolvidas de modo a propor modelos pedagógicos que dialoguem com a realidade vivenciada por diferentes estudantes, ainda que os objetivos dessas metodologias tenham, historicamente, proposto procedimentos educacionais de apagamento de aspectos culturais diferenciados e implementado estratégias de homogeneização social. No entanto, nas últimas décadas, a educação voltada para esse seguimento social tem avançado na materialização de propostas educacionais humanísticas que privilegiem uma formação voltada para o pensamento crítico, valorização das identidades regionais e formação para o exercício da cidadania. Desse modo, as metodologias pedagógicas que se preocupam com a valorização da diversidade e da diferença têm se voltado para diferentes aspectos da formação cotidiana, dentre os quais variações linguísticas desempenham um papel importante. Segundo Marques (2019, p. 21), a variação linguística pode ser entendida como “um fenômeno natural de variação nos sistemas linguísticos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Estas, podem se desdobrar em expressões de pensamento, instrumento de comunicação e processo de interação”. A escolha de uma dessas concepções dimensiona os trabalhos referentes ao letramento. Conforme indicado na videoaula “Práticas de letramento”, referente à Unidade I da disciplina Práticas de Letramento na EJA, é preciso que o professor formador, ao se deparar com variações linguísticas nas atividades de sala de aula, leve em consideração as diferentes relações estabelecidas entre



linguagem formal e informal, de modo a considerar tais variações como elementos que evidenciam particularidades sociolinguísticas relacionadas às realidades vivenciadas por sujeitos e coletivos.

Além disso, de acordo com a aula síntese, “a língua é um fenômeno social, é heterogênea, múltipla e variável e está em permanente estado de mudança”. Assim, no que diz respeito à prática docente, é preciso que se considere aquilo que os discentes já conhecem e os usos que fazem da língua, garantindo o uso da norma padrão da língua, mostrando que existem formas diferenciadas de expressão linguísticas, as quais definem processos de comunicação. Enfim, existem diferentes formas de expressão e comunicação, sem o reconhecimento das quais, corremos o perigo de incorrer em discriminações e processos denominados por Pierre Bourdieu (2007 *apud* Marques, 2019, p. 43) de violência simbólica, a qual pode ser entendida como “uma forma de violência em que não se usa exatamente a força física, mas causa sofrimento e danos morais e psicológicos a alguém pela imposição de crenças e valores baseados em padrões do discurso dominante”.

Nesse sentido, estabelecendo um comparativo as ideias apresentadas por Victor Bianchin (2018), ao refletir sobre as variações linguísticas, tomando como exemplo os termos “bolacha” e “biscoito” e a contraposição feita com base na letra da música Funk do biscoito, é possível verificar que, enquanto Bianchin afirma que ambos termos são equivalentes e válidos etimologicamente, os MCs Jout, Facelles e Diggs, compositores da música, consideram que a pronúncia correta seria “biscoito” já que é dessa forma que a linguagem formal se refere ao produto que está na mesa de 99,9% da população brasileira. A questão é que esse último posicionamento se fundamenta na ideia de que a língua é um sistema imutável, submetido a determinadas normas definitivas. Enquanto Bianchin



(2018) defende que é preciso considera as variações linguísticas como fenômeno que indica diferentes processos e relações sociais.

Portanto, tomando como base as experiências obtidas nessa disciplina, considero que em relação aos processos formativos, o papel desempenhado pelo professor da EJA no trato com as questões referentes às variações linguísticas, devem tomar como igualmente importantes e necessárias os processos de ensino-aprendizagem, assim como o conjunto de expressões utilizadas pelos sujeitos que acessam a sala de aula. Mesmo porque, conforme indicado na Unidade Didática I (Marques, 2019, p. 33), “a língua só existe onde houver possibilidade de diálogo em interação social”, observação para a qual a educação também deve ser pensada. Pois, a nosso ver, só existem processos de formação para a autonomia onde os conhecimentos trazidos pelos discentes se constituem como importantes ferramentas para se pensar a própria realidade em que vivemos, especialmente, no que diz respeito à prática de letramento voltada para a Educação de Jovens e Adultos em situação de vulnerabilidade.

ESTUDO DE CASO I - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM RONDÔNIA

Durante os estudos relacionados à disciplina “Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional”, ministrada pela professora formadora Karla Cruz, tomando como base as análises referentes à situação da formação educacional na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Estado de Rondônia, conforme já indicado anteriormente, identificamos como principais desafios a necessidade de adequação do currículo da Rede Pública de Ensino às necessidades



de formação educacionais que considerem as particularidades em diferentes níveis de formação (ensino fundamental e médio) e as particularidades socioculturais dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais formativos, quer seja as populações tradicionais ribeirinhas, do campo, quilombola e indígena. Os dados apresentados pela SEDUC-RO, com base nos levantamentos sobre esses processos de formação desenvolvidos em diferentes municípios e realidades vivenciadas no Estado de Rondônia auxiliaram minha compreensão sobre como a EJA enfrenta desafios que vão desde a não adequação dos currículos às realidades socioculturais, quanto questões que envolvem a alfabetização e o letramento de diferentes sujeitos. Além disso, foi possível verificar que nem sempre os objetivos apresentados pelos projetos de formação na modalidade EJA dialogam com os objetivos informados pelos principais interessados nessa formação, quer seja os estudantes. No que diz respeito, também, a formação em perímetro urbano, os principais desafios estão relacionados ao estabelecimento de relações entre o trabalho e os estudos. Além disso, nem sempre os objetivos, muitas vezes profissionais, dialogam com interesses de certos estudantes, como por exemplo, concluir os estudos em nível fundamental e médio, de modo a concorrer uma vaga no ensino superior.

Nesse sentido, os principais desafios da gestão escolar, ao planejar ações para a materialização de projetos relacionados à EJA, é criar mecanismos que, de algum modo, também dialoguem com os diferentes interesses pensados por comunidades tão distintas, quanto as comunidades tradicionais do interior do Estado e, também, os múltiplos objetivos dos estudantes do perímetro urbano que se propõem a estudar nesta modalidade de ensino.



No que diz respeito às dificuldades enfrentadas por estes estudantes, tomando como base os dados disponibilizados pela SEDUC-RO, identificamos que os principais obstáculos de aprendizagem dizem respeito aos diferentes níveis de alfabetização e letramento nos quais se encontram os discentes que se reúnem em uma sala de aula da modalidade EJA. Além disso, mais uma vez, especialmente em regiões mais distantes dos centros urbanos, a diversidade de culturas e modos de vida que acabam acessando as salas de aula, como no caso da região amazônica, concorrem para aumentar as dificuldades nos processos de ensino aprendizagem. A questão não é que tal diversidade dificulte nos processos de ensino aprendizagem, mas que, muitas das vezes, os professores formadores que se deslocam do perímetro urbano para desenvolver seus trabalhos pedagógicos em localidades distantes não são conhecedores do cotidiano da vida no campo, na beira do rio ou das matas. Desse modo, a ausência de conhecimento sobre a realidade local acaba dificultando os processos de ensino por ausência de uma preparação pedagógica que possibilite ao estudante estabelecer relações entre os conhecimentos compartilhados em sala e a realidade vivenciada cotidianamente. Para resolver tais problemas, a SEDUC-RO tem se proposto a contratar professores localmente ou que, de algum modo, tenham conhecimento da vida local. Além disso, a criação de turmas específicas para grupos como ribeirinhos, quilombolas, indígenas e trabalhadores do campo auxiliam no estabelecimento de relações entre conhecimento local, realidade vivenciada, conteúdos e metodologias científicas. Por outro lado, a resolução de certos problemas acaba concorrendo para a homogeneização das salas de EJA, as quais poderiam ser muito mais plurais com aprendizados promissores, auxiliando nas relações interculturais vivenciadas por turmas caracterizadas pela



presença multiétnica. No que diz respeito aos dados estatísticos, os levantamentos desenvolvidos em âmbito local e estadual pelas secretarias de educação e em âmbito nacional, pelo Ministério da Educação, assim como o cruzamento de dados oriundos do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais acabam por se constituir como indicadores oficiais sobre os períodos de formação, percentual de acesso, permanência, sucesso e/ou evasão escolar na modalidade EJA. No entanto, acreditamos que um dos principais problemas seja a pouca relação estabelecida entre esses dados e estudos desenvolvidos em esferas de competências distintas. Pois, em geral, são esses dados tidos como oficiais que acabam sendo utilizados como parâmetros para a criação de políticas educacionais para jovens e adultos. Assim, considerando ainda os elementos avaliativos, mas, à nível de sala de aula, tomando como base as reflexões apresentadas ao longo da disciplina, considero ser oportuno verificar de que forma os procedimentos avaliativos podem auxiliar no processo de emancipação identitária dos diferentes sujeitos que acessam a EJA.

De acordo com as ideias apresentadas na síntese da Unidade Didática 4, a avaliação pode ser entendida como um conjunto de práticas desenvolvidas com a intenção de “verificar conhecimentos e competências das pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, tendo como referência metas previamente estabelecidas” (Marques, 2019, Unidade IV, p. 30). Nesse sentido, a avaliação pode ser pensada como importante estratégia que proporciona àquela instituição que a aplica uma dimensão mais coerente sobre os resultados alcançados com determinadas estratégias em comparação com as metas estabelecidas.

No que diz respeito ao âmbito educacional e sua relação com a dimensão da organização administrativa, a avaliação pode ser considerada uma importante ferramenta que possibilita aos



idealizadores ou materializadores de propostas, planos ou projetos educacionais uma espécie de feedback das atividades desenvolvidas com o intuito de alcançar objetivos geralmente relacionadas à melhoria da qualidade do ensino, do acesso à educação e dos procedimentos organizacionais necessários ao desenvolvimento de uma boa dinâmica entre os diferentes sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem.

Ademais, a avaliação apresenta diferentes modelos de aplicabilidade, podendo ser de modelo tradicional, quando se projeta uma “ênfase excessiva no ensino de conteúdos” (p. 31) ou construtivista, quando se prioriza as habilidades adquiridas pelo estudante em seu processo formativo. Além disso, algumas tendências educacionais informam diferenciações quanto à avaliação. A primeira delas, a avaliação classificatória, privilegia os procedimentos de análise que procuram auferir o grau de assimilação dos estudantes em relação às informações repassadas pelo professor no intuito de verificar o grau de reprodução das informações.

A segunda, denominada de avaliação diagnóstica, procura identificar e classificar ações que de algum modo auxiliem o professor nos processos de ensino-aprendizagem junto ao alunado, pois privilegia a identificação de fragilidades e qualidades em cada estudante, possibilitando, assim, o desenvolvimento de um olhar crítico sobre os procedimentos pedagógicos utilizados pela instituição escolar na qual é desenvolvida. A terceira forma de avaliação, denominada de avaliação emancipatória, tem como um de seus principais objetivos auxiliar na criação de estratégias educacionais que privilegiem o pensamento crítico do estudante e as discussões relacionadas à diversidade e a diferença. Além disso, por seu caráter emancipador, visa o estabelecimento de um diálogo mais profícuo entre os saberes dos estudantes e os saberes



escolares, possibilitando a aquisição de habilidades relacionadas à formação voltada para a autonomia e o exercício da cidadania.

Nesse sentido, consideramos que esta última forma de avaliação se constitui como uma das mais próximas dos ideais de processos formativos relacionados à EJA e PROEJA devido ao seu caráter emancipador. Nesses termos, concordamos com a citação presente na página 21 do material da Unidade Didática 4, a qual nos informa que:

A avaliação emancipatória visa à promoção de sujeitos. Apresenta caráter libertador, estimulando a crítica e respeitando as diferenças. O seu objetivo central busca possibilitar a construção ou o aperfeiçoamento do saber. As pessoas envolvidas na ação educacional são direcionadas a escreverem a sua “própria história”, repercutindo em alternativas próprias de ação (SauL, 1998; Hadji, 2001).

Por fim, consideramos que se a Educação voltada para Jovens e Adultos, mais que privilegiar a aquisição de uma certificação, deva ser aquela que se preocupa com a formação humana em todas as suas dimensões. Também, entendemos que a avaliação emancipatória é aquela que pode nos auxiliares na identificação de situações que podem de algum modo nos proporcionar maiores conhecimentos sobre nossos estudantes e maior clareza sobre nosso papel junto aos procedimentos educacionais relacionados à formação de jovens e adultos.

Nesse sentido, considerando os diferentes desafios indicados a partir de uma breve análise sobre a situação da EJA em Rondônia e, tendo em vista minha experiência na Educação de Jovens e Adultos ao longo de oito anos como professor formador tendo, inclusive, atuado na formação de estudantes indígenas nesta modalidade e, considerando ainda as leituras desenvolvidas ao



longo deste curso de especialização e outras bibliografias indicadas, entendo que não há uma solução geral sobre as necessidades avaliativas no caso do Brasil, no contexto da EJA e do PROEJA e, no caso em particular, para Rondônia.

A meu ver, é preciso verificar que a dimensão continental de nosso país acaba por nos levar ao reconhecimento de que cada região apresenta particularidades próprias que precisam ser consideradas quando da materialização de projetos educacionais relacionados a qualquer modalidade de ensino, no que se incluem EJA e PROEJA. Nesse sentido, considero que seja primeiramente importante que reconheçamos o grande desafio de lidar com a diversidade de povos e comunidades existentes no país e reconhecer que cada uma delas apresenta formas próprias de educar e de conceber a realidade, assim como suas particularidades, as quais indicam a diversidade de culturas e tradições existentes no Brasil.

Assim, é preciso considerar que o primeiro passo para dirimir as discrepâncias que assolam nosso sistema educacional é reconhecer que existem particularidades que devem ser levadas em conta quando nos propomos a criar estratégias educacionais para auxiliar na resolução do analfabetismo e carência de formação profissional. Somente dessa forma a inclusão sociocultural poderá se constituir como base de nossos procedimentos educacionais.

Com base nessas ideias e, tomando como parâmetro as reflexões desenvolvidas ao longo de minha formação neste Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, especialmente no que se refere à disciplina “Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional”, tomamos o caso da Educação de Jovens e Adultos em Rondônia, e desenvolvemos uma espécie de Plano de Ação, de modo a auxiliar nas



resoluções dos problemas identificados na modalidade da EJA em Rondônia. O material está anexo a este memorial como apêndice B - Plano de Ação para a EJA em Rondônia 2019-2020.

ESTUDO DE CASO II - O PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS DE 2015

Ainda seguindo os critérios indicados nos estudos referentes à disciplina Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional, ministrada pela professora formadora Karla Cruz, desenvolvi uma análise sobre o Plano Estadual de Educação do Amazonas produzido para o decênio 2015/2025. O principal objetivo desta análise foi verificar de que forma os objetivos indicados neste plano dialogavam ou não com as necessidades e expectativas regionais. Para tanto, procuramos verificar se os objetivos e metas presentes no plano estavam fundamentados em consistentes levantamentos e análises de dados sobre a região.

Minha conclusão foi de que o Documento Base do Plano Estadual de Educação do Amazonas, publicado no portal de transparência do Governo do Estado do Amazonas, em 2015, foi o resultado de um conjunto de conferências desenvolvidas em diferentes municípios do Estado e sua capital e também se constituiu como desdobramento das deliberações resultantes da Conferência Nacional de Educação realizada em 2014. De acordo com dados do referido documento, o mesmo também representa um marco na História da Educação do Estado do Amazonas por

[...] ter tido a participação efetiva da sociedade civil organizada, com representações de instâncias dos mais variados segmentos sociais em que os mesmos



puderam contribuir nas interpretações e formulações de propostas que ao fim e ao cabo propiciaram a construção de metas e estratégias assentadas em diagnóstico da realidade educacional do Brasil e, especificamente, do Amazonas, a serem implementados na Educação Básica, nos seus distintos níveis e modalidades de ensino, no Ensino Profissional e na Educação Superior, para os próximos dez anos (Seduc/Am, 2015, p. 7).

Desse modo, o referido documento enfatiza a participação da sociedade civil, uma vez que resultou de um conjunto de debates em torno da Educação no Amazonas e seu alinhamento jurídico com a Constituição de 1988, através de seu artigo 214 e com diretrizes presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e na Lei 13.005, a qual instituiu o Plano Nacional de Educação de (PNE) de 2014.

Nesses termos, considerando as normativas jurídicas e a justificativa de que o referido documento foi resultado da articulação com setores da sociedade civil, consideramos possível que tal documento base possa ser entendido como parte das deliberações tomadas ao longo dos debates que indicaram as especificidades da Educação Básica no estado do Amazonas.

Para fundamentar os objetivos educacionais presentes ao longo do documento, a premissa utilizada foi de que “a educação deve ser para todos”

[...] tendo sempre como foco a expansão da oferta da educação com qualidade, a universalização do atendimento em todos os níveis, a melhoria das condições de estudos para todos os discentes, a valorização dos profissionais da educação e a melhoria das condições de trabalho, em todos os níveis e modalidades de ensino, a gestão democrática enquanto novo paradigma das relações dos sujeitos



que compõem o espaço escolar interno e em seu entorno, bem como o delineamento do financiamento da educação nos marcos do regime de colaboração entre os entes federados para que se possa avançar nos indicadores educacionais, na perspectiva do acesso, permanência e promoção dos discentes, base primordial do sucesso escolar (Seduc/Am, 2015, p. 7).

Nesses termos, consideramos que dentre seus principais objetivos a expansão da oferta de uma educação pública, interesse que está alinhado com o Plano Nacional de Educação, conforma a base da luta pelo direito à educação em regiões distantes, como a Amazônia brasileira. Não obstante e, considerando os objetivos apresentados, é importante observar que os dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), levantados no ano de 2013, referentes a Educação Infantil apontam que, na região norte do Brasil, apenas 67,9% das crianças com idade entre 4 e 5 anos frequentam a escola, sendo que, no Estado do Amazonas, esse percentual cai para 63,6% de crianças da mesma faixa etária que frequentam a escola enquanto a meta do Plano Nacional de Educação é que até 2024 pelo menos 81,4% das crianças do país estivessem frequentando a sala de aula.

Nesse sentido, o objetivo apresentado no Documento Base do Plano Estadual de Educação do Amazonas, além de se propor a auxiliar no alcance da meta do Plano Nacional de Educação (PNE), também procurou estabelecer metas para melhorar as condições de quase 37% das crianças entre 4 e 5 anos que ainda não tiveram oportunidade ou que enfrentam grandes dificuldades de frequentar a escola na modalidade da Educação Infantil. No que diz respeito às crianças com idades entre 0 e 3 anos esse percentual é ainda menor, indicando que apenas 4,7% das crianças do Amazonas frequentam a escola, enquanto a meta do PNE é de 23,2%. Traduzindo em



números aproximados, em 2013, foram contabilizadas um total de 26.410 crianças entre 0 e 3 anos frequentando a escola, enquanto 290.337 ficaram de fora da sala de aula (Seduc/Am, 2015, p. 15-17). Nesses termos, o Documento Base estabeleceu as seguintes metas educacionais para o biênio seguinte:

Universalizar até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 10% (dez por cento) das crianças de até 3 (três) anos até 2019 e progressivamente 20% (vinte por cento) ao final da vigência deste PEE (Seduc/Am, 2015, p. 18).

Assim, com base nos procedimentos relacionados à criação deste documento base, sendo este um desdobramento de amplos debates com educadores e, inclusive representantes da sociedade civil (como pais de alunos), consideramos que os objetivos para a Educação Infantil, assim como as metas para esta modalidade de Educação estão amparados em um conjunto de dados estatísticos reunidos por instituições como o INEP/MEC e o IBGE, os quais auxiliaram na fundamentação da justificativa que aciona a necessidade de se criar planos de ação para resolver o problema da falta de estrutura física e de recursos humanos para possibilitar a inclusão dessas crianças no ambiente escolar.

Dentre as estratégias criadas para o alcance das metas estão: criar mecanismos de consulta pública para identificação de demandas para a criação e fiscalização de creches públicas; estabelecer regimes de colaboração e parcerias institucionais no âmbito da esfera pública; atender progressivamente as demandas pela criação de creches; amparar as creches já criadas com infraestrutura para o atendimento das necessidades básicas de estudantes, professores e gestores; dentre outras (Seduc/Am, 2015, p. 18).



Como desdobramento de discussões que envolveram diferentes setores do serviço educacional público e setores da sociedade civil, consideramos que o Documento Base do Plano Estadual de Educação do Amazonas segue os mesmos critérios ao apresentar objetivos para cada modalidade de ensino, indicando dados estatísticos e outros resultantes de consulta prévia à sociedade e estabelecendo metas para a resolução desses problemas. Desse modo, o documento, teoricamente, parece estar alinhado com as necessidades e expectativas regionais e suas metas apoiadas em consistente levantamento e análise de dados.

Infelizmente, apesar do rigor utilizado para a produção desse plano, a rede de educação escolar do Estado do Amazonas ainda deixa a desejar em todas as modalidades de ensino. Os dados sobre a situação das crianças em vulnerabilidade educacional no Amazonas evidencia a base da negligência do Estado no que diz respeito à Educação Pública Brasileira. A realidade amazônica é diversa e necessita da criação de políticas educacionais específicas para o atendimento de suas demandas. A pergunta que nos move à essa crítica se reflete na profunda preocupação que temos com a formação de nossas crianças. Se elas, conforme indicado anteriormente, enfrentam grandes dificuldades de acesso à sala de aula, o que dizer de nossos jovens e adultos em situação de vulnerabilidade socioeducacional?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do professor deve levar em consideração a dimensão da sua experiência não apenas no ambiente escolar, mas da sociedade e meio com o qual dialoga. Dessa forma, acredito ser possível problematizar nossa prática docente e investir



em metodologias educacionais que dialoguem com as realidades vivenciadas pelos nossos discentes.

No que diz respeito ao sujeito da EJA e os componentes da organização do processo de ensino, as correlações pedagógicas devem também privilegiar o contexto social no qual cada sujeito está inserido. Para tanto, se faz necessário levar em consideração mecanismos metodológicos de análise que possibilitem o desenvolvimento de diagnósticos referentes aos elementos que nos rodeiam, tais como, discentes, docentes, escola e a sociedade da qual fazemos parte. É a partir disso que poderemos desenvolver planos de trabalho com objetivos claros que levem em consideração a realidade social de cada estudante. A partir disso, torna-se possível selecionar métodos, conteúdos e recursos, assim como dimensionar os elementos avaliativos necessários ao alcance de nossos objetivos.

Enfim, apesar da complexidade referente à formação de jovens e adultos, a utilização desses critérios poderá auxiliar o professor no desenvolvimento de práticas pedagógicas que dialoguem com os objetivos indicados, também, pelo público em questão. Já que cada discente da EJA, traz consigo elementos sociais que dimensionarão seu ingresso, permanência e sucesso ao longo de sua trajetória no curso.



REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Documento Base do Plano Estadual de Educação - PEE/AM.** Fórum Estadual de Educação do Amazonas. Manaus/AM, 2015. Disponível em: [http://www2.ifam.edu.br/arquivos/planos/pee-am-doc base-elaborado.pdf](http://www2.ifam.edu.br/arquivos/planos/pee-am-doc%20base-elaborado.pdf). Acesso em: 01 nov. 2019.

BEZERRA, Edneide da Conceição. **Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA - Material Didático Pedagógico.** Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2019. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5560>. Acesso em: 08 nov. 2019.

BLANCHIN, Victor. O certo é “biscoito” ou “bolacha”?. **Superinteressante:** Cultura, Mundo Estranho. Publicado em 30 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-certo-e-biscoito-ou-bolacha/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

JOUT, Mc; FACELLES, Mc & Diggs, Mc. Funk do biscoito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dLnCaAer2jA>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos. **Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos.** Unidade Didática I: Concepções de linguagem e práticas de letramento na EJA. Programa de Pós-graduação Latu Senso em Educação a Distância. Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/b1a9f9bf-628c-40b3-be8a342bee54e29f/pqjb/publication-web-resources/pdf/Pra_Let_Eja_Unid_I.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos. **Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos.** Unidade Didática II: Gêneros discursivos: objetos de ensino e aprendizagem na EJA. Programa de Pós-graduação Latu Senso em Educação a Distância. Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à



Educação de Jovens e Adultos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/b1a9f9bf-628c-40b3-be8a342bee54e29f/pqjb/publication-web-resources/pdf/Pra_Let_Eja_Unid_I.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos. **Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos**. Unidade Didática III: Fundamentos teóricos e epistemológicos para o trabalho com as práticas de letramento na EJA. Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Educação a Distância. Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/b1a9f9bf-628c-40b3-be8a342bee54e29f/pqjb/publication-web-resources/pdf/Pra_Let_Eja_Unid_I.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos. **Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos**. Unidade Didática I: Concepções de linguagem e práticas de letramento na EJA. Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Educação a Distância. Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/b1a9f9bf-628c-40b3-be8a342bee54e29f/pqjb/publication-web-resources/pdf/Pra_Let_Eja_Unid_I.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.

AUTOR, Nome do autor. **Prática de Letramento - Unidade I. Videoaula**. YouTube, data de publicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VsrYen6eQOc&feature=youtu.be>. Acesso em: 20 nov. 2019.



APÊNDICE A

QUADRO COMPARATIVO DA LEGISLAÇÃO VOLTADA PARA A EJA

BASE LEGAL

DECRETO Nº. 2.208, DE 17 DE ABRIL DE 1997.

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO

Na sua essência, separava a Educação Profissional da Educação Básica, criando currículos específicos para cada formação entendendo a Educação Profissional como uma modalidade de formação diferenciada da Educação Básica especialmente por conta da característica tecnicista e profissionalizante da Educação Profissional.

Características

Coibia a possibilidade de integração entre a formação básica e a profissional de forma orgânica em um mesmo currículo;

Regulamentou a Educação Profissional, impossibilitando qualquer perspectiva profissionalizante no ensino médio;

Estabeleceu as bases da reforma da educação profissional.

Passou a conceber a Educação Profissional como um seguimento distinto do ensino médio, consolidando seu currículo a partir de três níveis: básico, técnico e tecnológico;

Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.



<p>Decreto nº. 5.154, de 23 de julho de 2004.</p>	<p>Apesar de criar a possibilidade de integração entre os currículos da Educação Profissional e do ensino médio, procura alinhar os processos de formação de modo que não haja confusão entre esta e a educação tecnológica ou politécnica, mas aponta em sua direção porque informa princípios de sua construção na medida que apresenta os pressupostos para a concretização dessa oferta, suas concepções e princípios e alguns fundamentos para a construção de um projeto político-pedagógico integrado.</p>	<p>Revogou o Decreto nº. 2.208, de 17 de abril de 1997, trazendo de volta a possibilidade de integrar o ensino médio a Educação Profissional Técnica de Nível Médio; Além de manter as ofertas dos cursos técnicos concomitantes e subsequentes, trazidas pelo Decreto nº 2.208/97, teve o grande mérito de revogá-lo e de trazer de volta a possibilidade de integrar o ensino médio à educação profissional técnica de nível médio; Passou a pensar o ensino médio de modo integrado, tanto para os adolescentes recém concluintes do ensino fundamental e que ingressam no ensino médio, como para o público da educação de jovens e adultos; Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de</p>
---	---	---

DECRETO Nº 5.840, DE 13 DE JULHO DE 2006.

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos apresenta uma proposta de educação voltada para a integração entre a formação inicial e continuada de trabalhadores e a educação profissional técnica de nível médio, considerando as características dos jovens e adultos atendidos nesta modalidade de ensino.

1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências.

Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA.

Articulação da Educação de Jovens e Adultos ao ensino fundamental e ao ensino médio objetivando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador;



Pode ser adotado pelas instituições públicas dos sistemas de ensino estaduais e municipais e pelas entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional vinculadas ao sistema sindical (“Sistema S”);

Os cursos e programas do PROEJA passam a ser oferecidos com base na construção prévia de projeto pedagógico integrado único, inclusive quando envolver articulações interinstitucionais ou intergovernamentais.

<p>Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008.</p>	<p>Apresenta uma organização educacional que se propõe a redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica.</p>	<p>Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; Articula a Educação de Jovens e Adultos, preferencialmente, com a Educação Profissional; Propõe processos de integração com os diferentes níveis e modalidades de educação e as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia; Apresenta possibilidade de organização a partir de eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino; Passa a ser desenvolvida a partir da articulação com o ensino médio ou a partir de processos subsequentes, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.</p>
---	--	---



APÊNDICE B

PLANO DE AÇÃO PARA A EJA EM RONDÔNIA 2019/2020 REFORMULAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR DA EJA

O quê?

– Necessidade de adequação do currículo da Rede Pública de Ensino às necessidades de formação educacionais que considere as particularidades em diferentes níveis de formação (ensino fundamental e médio) e as particularidades socioculturais dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais formativos, quer seja as populações tradicionais ribeirinhas, do campo, quilombola e indígena.

Quando?

– À medida que as instituições escolares desenvolverem estudos sobre conhecimentos locais e consultarem previamente as comunidades sobre suas formas de ensinar, seus sistemas tradicionais de ensino e as razões pelas quais procuram aderir à modalidade EJA como forma de aquisição de conhecimentos

Onde? – No que diz respeito à EJA voltada para ribeirinhos, trabalhadores do campo, quilombolas e indígenas, será preciso, conforme indica a legislação educacional em vigor, criar mecanismos de formação educacional que considerem os modos de vida dessas comunidades e que não provoque um distanciamento dos sujeitos de suas comunidades. Nesse sentido, as ações para resoluções de problemas devem ser aplicadas em cada comunidade ou núcleo de formação em determinada região.

Por quê?

– Porque uma formação voltada para a autonomia do sujeito deve, necessariamente, considerar a diversidade e a diferença como



elementos basilares dos processos formativos. Nesse sentido, uma educação privilegia o reconhecimento da igualdade, apesar da diferença, deve considerar cada processo formativo relacionados aos diferentes grupos étnicos e sociais existentes no país.

Como?

– Criando projetos educacionais que procurem fortalecer a luta pela igualdade no país, tendo como elemento basilar a questão da educação como instrumento de emancipação. Para tanto, faz-se necessária uma profunda reforma na educação para as relações étnico-raciais e grandes investimentos na esfera educacional do país, considerando particularidades muitas vezes distantes, como a da Amazônia brasileira.

Quanto?

– Os investimentos com tais planos de ação devem ser contabilizados a partir do conhecimento das particularidades e da criação de uma rede de intercâmbio sobre as experiências educacionais vivenciadas nesses espaços.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE BASE INTERCULTURAL

O quê?

– Professores Formadores que se deslocam do perímetro urbano para desenvolver seus trabalhos pedagógicos em localidades distantes nem sempre são conhecedores do cotidiano da vida no campo, na beira do rio ou das matas. Assim, a ausência de conhecimento sobre a realidade local dificulta processos de ensino por ausência de uma preparação pedagógica que possibilite ao estudante da modalidade EJA estabelecer relações entre os conhecimentos estudantis e a realidade vivida.



Quando?

– À medida que os recursos humanos demonstrem ausência de conhecimentos prévios sobre os locais para onde se deslocam e com base nos resultados e pesquisas desenvolvidas juntos aos estudantes em formação após cada disciplina ou módulo ministrado por determinado professor e pelo diagnóstico desenvolvido pelo coordenador e gestor de curso.

Onde?

– Em todas as turmas, escolas ou locais onde se fizer necessário considerar as particularidades de formação de sujeitos e coletivos que apresentam traços culturais distintos daqueles do professor formador.

Por quê?

– Porque se faz necessário habilitar os professores formadores para o trato com a diversidade e a diferença, temáticas as quais, muitas vezes, não fazem parte dos processos de formação docente dos professores formadores no âmbito do Ensino Superior.

Como? – Criando cursos de aperfeiçoamento e de especialização que possibilitem uma formação continuada àqueles professores que precisam lidar com o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos com turmas diferenciadas e interculturais, especialmente no que diz respeito a regiões como o norte do país.

Quanto?

– Para saber o montante necessário, é preciso que cada prefeitura, estado e entidade federal faça levantamentos estatísticos para verificar as necessidades de formação continuada para professores da Educação Básica.

ADEQUAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR À REALIDADE DOS DISCENTES DA EJA



O quê?

– A nosso ver, fatores internos e externos concorrem para o insucesso de alguns estudantes no âmbito da modalidade da EJA. Alguns deles são: o tempo que alguns estudantes passam longe do ambiente da sala de aula e a pouca relação com atividades de caráter pedagógico ao longo dessa ausência.

Quando?

– Sempre que os estudantes ingressarem nessa modalidade de ensino. Pois todos têm necessidade de adequação para se ambientarem ao lugar de formação do qual farão parte.

Onde?

– Em todas as salas de aula da modalidade EJA.

Por quê?

– Porque precisamos criar estratégias de nivelamento que auxiliem os professores no desenvolvimento de atividades minimamente compreensíveis a todos os discentes constituintes de suas turmas. Porque isso ajuda a diminuir o índice de evasão escolar daqueles discentes que se sentem deslocados no ambiente de formação no qual estão inseridos e não conseguem acompanhar as atividades sugeridas.

Como?

– Com a criação de estratégias de nivelamento que possibilitem, pelo menos, atividades de revisão escolar nas primeiras semanas de estudos para aqueles que apresentam dificuldades com algumas temáticas ou disciplinas escolares.

CRUZAMENTO DE DADOS PARA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A EJA

O quê?



– As avaliações desenvolvidas em âmbito local pelas prefeituras, em âmbito estadual pelas secretarias de educação e em âmbito nacional, pelo Ministério da Educação e o cruzamento de dados oriundos do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais acabam por se constituir como os indicadores oficiais sobre os períodos de formação, percentual de acesso, permanência, sucesso e/ou evasão escolar na modalidade EJA. No entanto, o problema é a pouca relação estabelecida entre esses dados e estudos desenvolvidos em esferas de competências distintas.

Quando?

– Sempre que a necessidade de estabelecimento de relações entre os dados levantados se fizerem necessários.

Onde?

– Em todas as instituições educacionais que trabalham com a modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Por quê?

– Porque o cruzamento de dados possibilitará maior compreensão dos problemas, desafios e estratégias a serem desenvolvidas de modo a alcançar o maior número de pessoas possível.

Como?

– Com a criação de parcerias institucionais e a criação de observatórios que possibilitem a criação de bancos de dados interinstitucionais voltados para a discussão e criação de estratégias de resolução dos problemas enfrentados pela EJA.

Quanto?

– Os valores para tal empreendimento serão dimensionados pelo modo como cada esfera pública participará dos processos de integração de informações.



REMEXENDO BAÚS: O CAMINHO TRILHADO E A REFLEXÃO FORMATIVA

ELISANE ORTIZ DE TUNES PINTO

Orientadora: Profa. Ms. Liana Barcelos Porto

Este trabalho apresenta um memorial de formação como requisito de conclusão do curso de especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, na modalidade EaD, junto ao polo presencial no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

A intenção inicial é realizar um exercício de reflexão-ação, ou seja, refletir a prática criticamente, objetivando mudanças circunstanciais e necessárias acerca da educação profissional para jovens e adultos.

Sendo este um tema de suma relevância no cenário educacional brasileiro, com uma trajetória de lutas constantes por reconhecimento e valorização a partir de políticas públicas voltadas especificamente para a realidade do público-alvo para esta modalidade, pretende-se contribuir, a partir da prática profissional com



a Educação de Jovens e Adultos, priorizando um olhar voltado especialmente para este público.

Neste memorial de formação, buscarei retratar a importância da formação continuada à docentes e gestores que pretendem refinar seu olhar e sua prática, permeando com as discussões proporcionadas ao longo deste curso de especialização.

Começarei com um breve relato autobiográfico para que o leitor e a leitora compreendam, em linhas gerais, o processo de formação começando pela constituição de vida pessoal até a profissional. Dessa forma, ficará mais claro compreender os motivos da busca por esta formação, visto a importância da memória de vida, desde a escolarização. “Queremos nos deter sobre esse rio do tempo que é a memória e o lugar que ocupa na escola, permitindo aflorar lembranças e formas de ser que constituem sua identidade” (Ciavatta, 2005, p. 11).

No capítulo posterior, mais especificamente no desenvolvimento deste trabalho, busco refletir sobre os conhecimentos proporcionados pelo curso de especialização, traçando o caminho percorrido e as implicações desta trajetória formativa na minha prática profissional atual.

Sendo assim, ao longo deste memorial, tenho a intenção de refletir as mudanças ocorridas na minha formação a partir da oportunidade de estudar sobre as práticas assertivas em educação profissional integrada à EJA, mais especificamente na gestão que é por onde estou trilhando, neste momento, a minha vida profissional.

Certamente se trata de um exercício de reflexão, busca (incessante) por autoconhecimento, análise crítica e crescimento não só profissional, como também, pessoal, visto que a escrita de um memorial mexe com uma gama de sentimentos adormecidos, mas jamais esquecidos.



Ao concluir, pretendo fazer emergir a reflexão acerca do processo de crescimento e a natureza inconclusiva de uma produção desta natureza, por se tratar de um memorial de formação.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

No instante em que me dedico a escrever este memorial, realizo um exercício interno para rememorar momentos de uma caminhada pessoal que me constituiu na pessoa e profissional que sou. O difícil exercício da escrita em primeira pessoa aponta não só a forma diferente do habitualmente utilizado (em terceira pessoa), mas também um exercício mais profundo que é o de colocar-se como sujeito da própria análise acadêmica. O memorial formativo remexe o baú das lembranças pessoal e profissional e permite refletir o que é vivido diariamente, ao longo da existência, sem o tempo, muitas vezes, de pensar ao longo deste caminho sobre o cuidado necessário durante a trajetória. “Pode-se dizer que o memorial, como metodologia de pesquisa-formação para o cuidado, é um dispositivo pedagógico de reflexão crítica que ressignifica o cuidado de si mesmo e o cuidado do outro” (Buogo; Castro, 2013, p. 442).

Embora constante e intensa, não diria que tem sido uma caminhada árdua, pois por estar imbuída das lutas constantes pela Educação, acredito no seu poder de transformação e eficácia para dirimir as injustiças sociais e, no exercício da minha profissão, atuo com entusiasmo e com a certeza de que continuo trilhando no caminho que escolhi frente a outras opções.

A Educação está presente em minha vida desde a mais tenra idade, de modo que acompanho as lutas e discursos por melhores condições e valorização do magistério há vários anos. Acompanhei



as históricas greves, tanto como estudante de escola pública, onde se deu toda a minha formação, quanto como filha de professora. E, mais tarde então, como professora.

Me arrisco a dizer que minha formação como educadora iniciou desde tenra idade a partir destas vivências.

Maurice Tardif (2014), em pesquisas sobre a história de vida pessoal e escolar de professores, diz:

Ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Nessa perspectiva, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem embasados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam em grande parte de preconceções, do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar (Tardif, 2014, p. 72).

Os saberes experienciais se formam a partir de um conjunto de vivências, especialmente no período escolar que vai pouco a pouco contribuindo para a formação da personalidade do futuro professor. É na escola que o professor começa sua formação e, mais tarde, na sua prática, são esses saberes e essas experiências que também são utilizadas como modelos, sejam positivos ou não.

Cursei o Magistério na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ponche Verde na cidade Piratini, Rio Grande do Sul (RS), concluindo com o estágio em 1990 com uma turma de 1ª série do ensino inicial, com crianças.

No ano de 1992 ingressei na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para cursar Pedagogia,



curso este que me fez ter uma visão mais crítica sobre a Educação, sua história e estrutura. A conclusão se deu em 1995 com o estágio em uma turma de 2ª série, das séries iniciais, em uma escola municipal na cidade de Pelotas, RS. Também realizei estágios ministrando aulas para o Curso de Magistério em duas escolas na mesma cidade (extinto Colégio Santa Margarida e Colégio Municipal Pelotense), com as disciplinas de Filosofia da Educação e Didática.

Em 1996 ingressei no curso de pós-graduação em nível de especialização também na FaE/UFPel, na qual realizei meu trabalho de conclusão sobre a “Formação de Professores através da disciplina de Didática Geral”, sob orientação da professora Antonieta Dall’Igna.

No ano de 1996 começou minha carreira profissional. Ingressei, através de concurso público, no cargo para professor de anos iniciais na Prefeitura de Pelotas, RS onde fui lotada no Colégio Municipal Pelotense (CMP), escola que atuo até o momento.

No ano 2000 ingressei, também através de concurso público do estado do Rio Grande do Sul, como professora de Didática para atuar no Curso Normal no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB). Atuei nesta escola até o ano de 2014 ministrando disciplinas didáticas (Didática da Alfabetização, Linguagem, Matemática, Estrutura e Funcionamento do Ensino) e como Supervisora do Estágio Profissional.

No final do ano de 2014, assumi o cargo de Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologias Sul-rio-grandense (IFSul), *Campus* Pelotas-Visconde da Graça (CaVG), também através de concurso público, onde atuo, até o momento como Supervisora Pedagógica na Coordenadoria de Supervisão Pedagógica (CoSuP).



Neste breve relato não caberia toda a atuação ao longo destes 24 anos dedicados à educação pública, mas transitei em vários níveis, o que contribuiu para a construção da minha identidade como Pedagoga. Comecei atuando nos anos iniciais, dando aulas desde o 1º ano até o 5º ano, concomitantemente com as aulas no Curso Normal do CMP e do IEEAB. Atuei como coordenadora pedagógica entre os anos 2000 e 2007 e, posteriormente, no ano de 2014. Fiz parte da gestão do CMP entre 2000 e 2002. Atualmente, atuo como supervisora pedagógica e na gestão do *Campus* CaVG, coordenando a CoSuP e, também, atuo como docente no Curso Normal do CMP, turno noturno, nível pós-médio, com turmas da habilitação para a educação infantil.

Durante este tempo de exercício da profissão sempre busquei a qualificação profissional, seja através de cursos, participação em congressos, etc., mas havia um degrau há muito desejado que ainda não tinha sido galgado: o mestrado! Foi então que no ano de 2016 me aventurei no curso de Mestrado Profissional do PPGCITED/IFSul. Cursei com êxito e muita motivação, sob orientação do professor Fernando Brod que, junto comigo, aceitou o desafio de unir os estudos sobre as Múltiplas Inteligências (Howard Gardner, 1995) e Aprendizagem Significativa (David Ausubel, 1978), propondo um ensino para estudantes com dificuldades na aprendizagem, apoiado nas tecnologias da educação. Assim, defendi em 2017, a dissertação intitulada O Apoio Pedagógico no Colégio Municipal Pelotense: uma proposta a partir do modelo Laboratório Rotacional de Ensino Híbrido.

Foi um momento importante da minha formação e da minha trajetória profissional, que teve origem nos anos iniciais do ensino fundamental. Foi onde eu pude pensar no trabalho que eu estava



realizando e propor alternativas a partir da reflexão crítica da prática, configurando uma pesquisa-ação.

Atualmente, comecei a observar o meu mais recente papel profissional, como Pedagoga no IFSul/CAVG, e foi pensando neste momento da minha vida profissional que me propus à realização deste curso de especialização em PROEJA por avaliar a necessidade de aprofundamento nesta temática. Embora não caracteriza uma experiência profissional até o momento, visto que não atuei na docência em turmas de EJA, se fará presente na oferta de cursos PROEJA no IFSul, uma das metas dos Institutos Federais e previsto no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do IFSul.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E RELATO DA EXPERIÊNCIA (FUTURA) PROFISSIONAL NA EJA

Conforme é possível acompanhar a partir do capítulo anterior, minha trajetória profissional sempre foi pautada no exercício da docência na educação básica, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio e, ao longo desta caminhada obtive experiências significativas na coordenação pedagógica. Esta última experiência vislumbrou uma oportunidade de atuação que, embora estando intrínseca em minha formação, não havia considerado no início da minha carreira profissional, pois sempre refleti a minha profissão, como professora, exatamente no chão da sala de aula.

Com a experiência, o passar do tempo e com as oportunidades de ouvir e ler teóricos que considero essenciais para minha carreira e formação contínua, pude perceber que ser docente é algo muito abrangente e atuar na coordenação pedagógica é uma forma de docência que possibilita uma visão macro da educação.

Para Tardif,



Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional; ele se apoia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares; ele se baseia em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares ao ofício de professor (Tardif, 2014, pp. 262-263).

Desta forma, com o olhar para além da minha sala de aula, me aventurei na coordenação pedagógica e me compreendi como educadora e também docente neste espaço, sem, contudo, deixar o chão da sala de aula definitivamente, pois é lá que mantenho acesa a chama do ser professora.

A disciplina de Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA, (Bezerra, s.d., un. I) me proporcionou revisitar os teóricos que basearam meu trabalho e minhas ações pedagógicas, desde minha formação na universidade e foi importante tanto para retomar as reflexões como para compreendê-las dentro de um cenário de coordenação em EJA e PROEJA.

Conforme aponta a professora Edneide,

Compreender os aspectos históricos e legais da coordenação pedagógica na escola nos remete a retomar fios históricos na busca de entender como se deu, historicamente, a configuração desse profissional, o coordenador pedagógico. Nessa configuração, encontramos muitas nomenclaturas que foram ou são usadas para nomear esse profissional, tais como: coordenador pedagógico, supervisor, apoio



pedagógico, especialista, suporte pedagógico, dentre outras. Os nomes e lugares dessa função foram se modificando ao longo do tempo em decorrência de transformações econômicas, políticas, conceituais, sociais, vivenciadas na sociedade brasileira (Bezerra, s.d., un. I, p. 12).

Relembrar a história e resgatar a identidade do coordenador ou supervisor pedagógico é essencial para compreender o importante papel que desempenha na escola, independentemente do nível e modalidade de ensino.

O papel do coordenador ou coordenadora na construção da proposta pedagógica na escola da EJA/PROEJA é de fundamental relevância, tendo em vista que é este profissional que buscará o diálogo entre todos os segmentos da comunidade escolar, mediando o processo de construção do projeto pedagógico. É ele que promoverá a formação continuada dos professores para que os mesmos busquem qualificar a prática voltada para o público de jovens e adultos. Em outras palavras, ele é o articulador de todo o processo que visa ser participativo, além de considerar os aspectos éticos, solidários e de respeito que deve envolver todo o processo democrático.

Com a oportunidade de ingressar no serviço público federal, como Pedagoga, atuando na Supervisão Pedagógica (ou coordenação como prefiro) me vi pertencente a um espaço legítimo da minha formação. Com a bagagem no meu baú de vivências em coordenação pedagógica, pude desenhar minha atuação no IFSul, grata pela experiência antes vivenciada, pois foi ela que me trouxe alento nas dificuldades enfrentadas e segurança nas decisões tomadas.

Embora com suas especificidades, as experiências em coordenação que já vivenciei me deram relativa segurança para a



Supervisão Pedagógica no *Campus* CaVG e, a esta experiência atual foi me mostrando e mostra até hoje, que este ramo da Pedagogia, que sempre pulsou em mim, poderia de fato desabrochar. Atualmente, exerço a coordenação pedagógica não como um cargo eletivo (como se deu anteriormente) e sim, como meu fazer de fato e direito, num cargo efetivo para esta atuação.

Os desafios desde ano de 2014 no IFSul são constantes. Outra organização, outra proposta, outras modalidades de ensino que antes eu não tinha experiência. Educação profissional em nível médio (técnico integrado e subsequente) e tecnólogos (cursos superiores) são desafios que me impulsionam a seguir no rumo da formação continuada, seja participando de eventos, lendo ou fazendo cursos.

Recentemente as discussões para a possibilidade de oferta de cursos PROEJA no *campus* onde atuo, me fizeram acender o alerta para esta modalidade que até então nunca foi minha expertise. Percebi que teria, como Supervisora Pedagógica, orientar os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC), bem como dar o suporte pedagógico, orientações e atuar no campo de gestão junto aos docentes. Então, soube, via divulgação da Pró-Reitoria de Ensino do IFSul sobre a divulgação do curso de especialização em práticas assertivas em didática e gestão em educação profissional integrada à EJA. Neste momento, percebi a importância desta qualificação no meu currículo e o quanto tal curso emergiu em um momento tão propício.

A escolha do percurso formativo em gestão deu-se devido minha atuação profissional no *Campus* CaVG e, também, vislumbrando a necessidade de tal formação e conhecimentos à prática num futuro próximo.



Hoje, em vias de conclusão do curso, percebo matizes muito relevantes da educação de jovens e adultos, as quais já tinha algum conhecimento devido algumas leituras, mas não com detalhes e aprofundamento tão essenciais para acompanhar a inserção dos cursos no *campus*.

A disciplina de gestão em educação profissional (Motta, s.d., un. I, IFRN) elucidou os tipos de gestão e me convidou a pensar na gestão que defendemos no nosso *campus*, além de proporcionar a reflexão acerca de uma gestão democrática, mas que, por vezes tropeça na gestão centralizadora, por diversos motivos e percalços ao longo da trajetória.

Na disciplina de Teorias, Planejamento e Práticas de Projetos Curriculares Pedagógicos foi possível refletir sobre questões pertinentes à pedagogia, como a importância do planejamento e o currículo. Foi possível compreender e resgatar reflexões essenciais sobre o currículo, sendo que “o currículo é tudo o que acontece na instituição escolar, dentro ou fora da sala de aula, tudo aquilo que é formativo e constrói a identidade dos alunos. Vai muito além dos conteúdos oferecidos pela escola” (Queiroz, s.d., p. 18).

Na referida disciplina e em Tecnologias Educacionais (Silva; Almeida, s.d., un. I, IFRN) refleti sobre o planejamento e as TDICs e as metodologias ativas, temas que são tão presentes em minha trajetória e, também, em minha pesquisa de mestrado. Considerei muito importante a possibilidade de pensar nas metodologias ativas e no ensino híbrido como proposta metodológica para a educação de jovens e adultos e percebi como se aproxima da realidade destes estudantes, visto que, devido suas experiências e vivências diversas, possuem mais acentuado o ritmo próprio para construir conhecimentos e buscar um itinerário de estudos.



Aliado a esta reflexão, compreendi o quanto na EJA é menos apropriado, ainda, que se reproduza o ensino tradicional, desconsiderando os conhecimentos socialmente construídos pelos estudantes desta modalidade de ensino.

Diante dos estudos, revivi o ato de planejar e, conforme o material didático da disciplina de Teorias, Planejamento e Práticas de Projetos Curriculares Pedagógicos,

a ação de planejar é uma atividade consciente e sistemática, a qual centraliza a aprendizagem do aluno sob a direção do professor. Não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle pedagógico, mas deve ser uma atividade fundamentada numa clara opção político-pedagógica e ter como referências permanentes as situações didáticas concretas, ou seja, a problemática social, econômica, cultural. A complexidade desse trabalho não está limitada aos muros da escola (Queiroz, s.d., un. I, p. 22).

Destaco esta disciplina, pois quando tive o primeiro contato pensei que seria um estudo repetitivo, visto minha formação acadêmica e minha atuação profissional. Afinal, planejamento, currículo, metodologias e projetos pedagógicos são fazeres rotineiros para uma pedagoga. Mas, embora o mote da unidade fosse as discussões já citadas, me vi refletindo em uma futura atuação voltada ao PROEJA. Qual o tipo de projeto sugerir, que currículo formal deveria ser organizado e como propor um currículo integrado à educação profissional? A proposta de currículo integrado é um desafio constante nos cursos de formação profissional e, em cursos voltados ao público da EJA, creio ser não só um desafio maior quanto uma exigência, dadas as características do público alvo.

Historicamente no âmbito dos níveis da educação, o ensino médio tem se caracterizado por um ensino



dual, ou seja, parte dos estudantes que chegam a esse nível de ensino tem acesso a uma educação propedêutica voltada para as ciências humanas, físicas, biológicas e para a matemática.

Outra parte do acesso é voltada para cursos de formação profissional. São caminhos diferenciados constituídos por dois tipos de escolas, uma que forma os trabalhadores e outra que forma os intelectuais. O Decreto nº 2.208 de 1997 expressou essa mesma concepção ao separar o ensino médio da educação profissional.

Ressalta-se, assim, um perfil de trabalhador voltado para o setor de serviços que estimula a competitividade, atribuindo a ele a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso profissional (Baracho; Nóbile. Un. II, pp. 7-8)

Reportando à legislação, o Decreto n. 5154 do ano de 2004, trouxe significativa mudança para o que tínhamos em termos de ensino profissional, possibilitando a visão de integração entre o ensino médio à educação profissional. Conforme o seu artigo 2º:

A educação profissional observará as seguintes premissas:

I - organização, por áreas profissionais, em função da estrutura sócio-ocupacional e tecnológica;

II - articulação de esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego, e da ciência e tecnologia;

III - a centralidade do trabalho como princípio educativo; e



IV - a indissociabilidade entre teoria e prática.

Segundo Moura (2007), este Decreto foi de fundamental importância no sentido de trazer de volta a possibilidade de integrar o ensino médio à educação profissional técnica de nível médio, revogando o Decreto 2.208/97.

Esse instrumento legal, além de manter as ofertas dos cursos técnicos concomitantes e subseqüentes trazidas pelo Decreto n. 2.208/97, teve o grande mérito de revogá-lo e de trazer de volta a possibilidade de integrar o ensino médio à educação profissional técnica de nível médio, agora, numa perspectiva que não se confunde totalmente com a educação tecnológica ou politécnica, mas que aponta em sua direção porque contém os princípios de sua construção (Moura, 2007, p. 20).

É importante salientar que os estudos voltados à história do ensino, perpassando pela legislação, permite a compreensão da sua construção. O ensino profissional passou por mudanças através de esforços das instituições que buscam, ao longo do tempo e atualmente, um ensino profissional de qualidade com uma formação integral visando os aspectos éticos, estéticos e humanos e não só braçais.

Para os educadores do PROEJA, seja no percurso didático ou de gestão, esta compreensão é fundamental, visto que muitos que procuram os cursos, buscam qualificação profissional e oportunidade de ingressar no mundo do trabalho. Proporcionar a visão integral na formação deste público, permite à sociedade contar com profissionais com competências e habilidades para além da técnica pura e simples.

A trajetória de formação, desde o princípio, e agora culminando com o curso de especialização em práticas assertivas



em EJA integrada à EP, com percurso formativo em gestão tem contribuindo sobremaneira para a minha formação de pedagoga, agora voltada para a modalidade e educação de jovens e adultos com o desafio de propor e pensar coletivamente nos cursos que serão ofertados com o currículo, de fato, integrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este memorial formativo sinto-me como se estivesse no início do processo. Um tempo dedicado aos estudos nunca pode ser conclusivo, quanto mais uma produção acadêmica desta natureza. A experiência de rememorar trajetória e formar, mentalmente, uma linha do tempo trazendo-a para o presente, costurada com leituras, vivências pessoais e experiências profissionais me provoca pensar no futuro.

Neste momento de reflexão vislumbro o quão importante foi o período depreendido ao longo do curso. O tempo é exíguo e os compromissos são intensos. Por diversas vezes pensei na possibilidade de não concluir a especialização devido aos compromissos profissionais em 60h de trabalho semanal e também a questões pessoais que se atravessaram e atrasaram alguns planos. Resisti. Afinal, qual educador no nosso país não é um símbolo de resistência? Segui e hoje, com a oportunidade de organizar os pensamentos e, melhor ainda, concretizá-los em palavras, posso perceber um certo amadurecimento além de muitas aprendizagens.

Já sou, por natureza, escritora. A escrita é um dos artifícios que uso para tornar meus pensamentos mais concretos. E a escrita com a organização de pensamentos que permite rememorar desde o início da trajetória é um grande presente.



Através de todo este exercício consigo elucidar melhor a natureza do meu trabalho, a certeza do lugar que ocupo e a importância de estudar cada vez mais.

A modalidade EJA e especificamente PROEJA, não estava exatamente nos meus planos profissionais e foi se desenhando (ou rabiscando), sendo este curso o que possibilitou, através das disciplinas, seminários e as tarefas avaliativas, me fazer parar, de fato, para pensar nas leituras realizadas e nas discussões ouvidas através dos seminários. Esta pausa física de grande movimento mental me fez compreender que, embora tenhamos a discussão do ensino integrado nos institutos federais, nem sempre ele acontece, pois, analisando os projetos dos cursos, vemos ainda um currículo fragmentado. Há o ensino integrado com as disciplinas da área técnica e da formação geral nos cursos técnicos integrados, porém, ainda compartimentados com disciplinas isoladas.

Creio que o maior desafio e a maior motivação a partir de agora é pensar num currículo integrado de fato, conforme nos indica Ciavatta, Frigotto e tantos outros estudiosos e teóricos do assunto.

Ingressei no curso de um jeito e o concluo de outro, com a certeza que minha prática pedagógica no percurso formativo escolhido – gestão – rumará de um jeito diferente, sem muitas rupturas, mas com acréscimos de conteúdos, pensamento e reflexão crítica da prática. Vi, portanto, que o curso me proporcionou um conhecimento além do que eu já possuía, com um aprofundamento teórico importante para qualificar a prática futura.



REFERÊNCIAS

BARACHO, Maria das Graças; NÓBILE, Vânia do Carmo. **A Integração da EJA com a EPT: Concepções, Características e Desafios**. Curso de Especialização em Práticas Assertivas em EJA e PROEJA. Livro digital, Unidade II, IFRN, s.d.

BEZERRA, Edneide da Conceição. **Contextos históricos e legais da coordenação pedagógica**. Curso de Especialização em Práticas Assertivas em EJA e PROEJA. Livro digital, Unidade I, IFRN, s.d.

BUOGO, Miriam; CASTRO, Gardênia de. Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro. Vol. 11, n. 2, p.p. 431 - 449, maio/agosto, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000200010#nt Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 23 de julho de 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm. Acesso em: 17 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 dez. 1996.

ClAVATTA, Maria. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. Revista Trabalho Necessário, Rio de Janeiro: NEDDATE/UFF, v. 3, n. 3, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonestessario/article/view/6122/5087>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia de esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MOTTA, Thalita C. **Gestão da Educação Profissional e da Educação de Jovens e Adultos**. Curso de Especialização em Práticas Assertivas em EJA e PROEJA. Livro digital, Unidade I, IFRN, s.d.

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *In: Revista*



Holos. Ano 23, Vol. 2 - 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>. Acesso em: 14 jun. 2020.

QUEIROZ, Rouseane da S. P. **Planejamento e Organização do Trabalho Pedagógico.** Curso de Especialização em Práticas Assertivas em EJA e PROEJA. Livro digital, Unidade I, IFRN, s.d.

SILVA, Abigail N. B; ALMEIDA, Everton F. C. de. **Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA.** Curso de Especialização em Práticas Assertivas em EJA e PROEJA. Livro digital, Unidade I, IFRN, s.d.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



O USO DE MATERIAIS MANIPULÁVEIS NAS AULAS DE MATEMÁTICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

VANILDO DOS SANTOS SILVA

Orientadora: Profa. Úrsula Andréa de Araújo Silva

Quando a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC), em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus* de Educação a Distância (EaD), divulgou o edital para oferta do curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), senti-me bastante instigado em dá mais um passo na minha formação. Assim, ao ter acesso à proposta do curso, notei que suas bases estavam em consonância com os trabalhos que desenvolvia em sala de aula. Por isso, considerei um grande desafio participar do curso e me dedicar para concluí-lo com êxito. Além de sua proposta, o curso oferecia uma abordagem prioritariamente virtual. Atualmente, por conta de minhas demandas em sala de aula, a formação a distância conciste na melhor maneira de possibilitar



minha formação continuada. Por esse motivo, foi possível ter um bom desempenho.

O objetivo proposto pela Especialização está centrado no desenvolvimento de um curso preparado para docentes e gestores, na perspectiva de uma formação continuada para os profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional (presencial e a distância) articulada à EJA, nas redes federal, estadual e municipal, por meio da formação continuada. E com isso, permiti aos participantes a possibilidade de criar, refletir, desenvolver e instituir na escola em que atuam formas e práticas pedagógicas mais adequadas aos estudantes da EJA. Desse modo, minha participação na Especialização esteve voltada a duas questões cruciais: a proposta do curso e a minha prática pedagógica. Essa última sinaliza para a necessidade de atualização de minha formação profissional por considerar necessário consolidar minha atuação em sala de aula em torno das políticas afirmativas que venho tentado implementar no atendimento às demandas de jovens e adultos que estudam na Escola Municipal da Fazenda Coutos na periferia de Salvador. Os sujeitos envolvidos não tiveram a oportunidade de formação básica e/ou profissional. Para mim, a Pós-graduação consistiu no espaço de produção e socialização de conhecimentos o que implicou no melhoramento de minha visão apontada às demandas dessas pessoas.

Como a Especialização está voltada à formação de professores e gestores, com intuito de leva-los à reflexão sobre as contribuições de tecnologias educacionais da informação, comunicação e prática pedagógica, esse fato pôde me permiti, a partir dos itinerários formativos, condições para que eu, enquanto professor da EJA, refletisse sobre minha prática pedagógica, no sentido de criar conjecturas e avaliar o meu fazer pedagógico. Principalmente,



naquilo que venho tentando instituir naquela escola, quanto às práticas pedagógicas mais adequadas aos estudantes da Unidade Escolar.

Durante a caminhada, cursando os itinerários formativos, encontrei a possibilidade de participar de um espaço que me auxiliou fortemente a refletir sobre currículo, políticas e práticas pedagógicas adequadas aos estudantes da EJA. Assim, diante das possibilidades ofertadas na Especialização, na condição de professor de Matemática de turmas da EJA, me deparei em meio a um cenário favorável para melhor compreensão sobre o trabalho que desenvolvo quanto ao uso de Materiais Manipuláveis voltados aos sujeitos desse segmento de ensino. Encontrei nesse ambiente formativo, temas relevantes para que eu pudesse aprofundar meus estudos sobre minha prática pedagógica. Além disso, como forma de consolidar o trabalho que realizo em sala de aula, fui instigado a ampliar minhas pesquisas durante o processo de formação, isso me possibilitou melhor compreensão voltada às demandas dos jovens e adultos da Escola Municipal da Fazenda Coutos.

Quanto aos itinerários formativos, me aprofundei naquele que versou sobre as Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos, ministrada pela professora Rejane Bezerra Barros, sob a tutoria da professora Simone Cristina Oliveira da Silva. Considerei a proposta dessa disciplina alinhada à minha prática educativa e ao processo de minha formação. Por essa razão, me aprofundei nela. Minha escolha esteve relacionada ao objetivo central da disciplina: possibilitar a discussão de conceitos, fundamentos e características de práticas pedagógicas voltadas para a docência na Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, como forma de subsidiar o trabalho



do professor, do ponto de vista teórico-prático, para o planejamento, a execução e a avaliação de suas aulas.

Como meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem a intenção de apresentar a produção do memorial de minha experiência, a qual está voltada para o uso de Materiais Manipuláveis nas aulas de Matemática no âmbito da educação de jovens e adultos, eu e a tutora Simone Cristina Oliveira conseguimos manter diálogos ricos sobre minha prática docente. Durante o trajeto em que cursei a disciplina, apresentei as tarefas que realizei meu percurso há cerca de 16 anos na Escola Municipal da Fazenda Coutos. Em minha experiência, tenho sido guiado por algumas perguntas às quais, durante esse tempo, tem norteado minha prática pedagógica: como artefatos manipulativos podem auxiliar os alunos da EJA na apropriação de conhecimentos matemáticos? Como utiliza-los sem estabelecer um ambiente infantilizado para os jovens e adultos? Em busca dessas respostas, tenho procurado respaldar-me em atitudes que sejam dialógicas, problematizadoras e emancipadora. Por isso, minha necessidade em investir em formação pessoal.

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso trata-se de uma narrativa descritiva e reflexiva sobre minha trajetória em sala de aula. Aqui, buscarei apresentar minha experiência na modalidade de memorial de formação, o qual pretendo rememorar eventos cruciais que possibilitem apontar para alguns pontos cruciais de minhas experiências em turmas da Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal da Fazenda Coutos e durante a formação na Especialização. Minha pretensão é elaborar um breve relato sobre minhas experiências, as quais vivenciei e as condições voltadas para possibilidades de incorporar práticas pedagógicas em turmas da EJA quanto ao uso de Materiais Manipuláveis nas aulas de Matemática.



Penso que foram dois anos de formação regados a muito trabalho, os quais me fazem refletir sobre minha participação, desempenho e as etapas que cumpri com êxito, no tempo em que me foi ofertado uma formação desafiadora e de excelência. Esse fato foi sendo verificado ao longo do curso, onde tive a oportunidade de vivenciar uma experiência de respeito a valores fundantes de forma democrática, com conhecimentos referentes à compreensão da EJA como prática social, domínio de conhecimentos específicos, significados em diferentes contextos e a articulação interdisciplinar. Por essa razão, entendo que os resultados de minha experiência, agregados aos conhecimentos adquiridos com os itinerários formativos, sugerem que o trabalho mediado pelo uso de Materiais Manipuláveis nas aulas de Matemática podem se mostrar favoráveis em três situações: a possibilidade de uma prática pedagógica problematizadora; a intensificação do diálogo entre os pares alunos-professor e alunos-alunos e a compressão de objetos matemáticos a partir do uso desses materiais (Figura 1).

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Sou filho de pai ausente e de mãe analfabeta, filho de uma mulher que sustentava sua prole, lavando roupas para quinze famílias de bairros populares e do centro da cidade de Salvador. Como exemplo, no próprio bairro onde eu morei: Fazenda Grande do Retiro, situado na periferia da mesma cidade. Iniciei o labor aos nove anos vendendo frutas, amendoim torrado, carregando trouxas de roupas que minha mãe e outras mulheres lavavam. Aos nove anos de idade, irmão de oito pessoas e tio de três crianças, todos morando em uma mesma casa de tábuas, mal sabia ler e escrever naquela idade. Aos treze anos, alfabetizado às duras



penas, acordava às quatro horas da manhã de domingo a domingo para apanhar jornais no Largo do Retiro e saía para vendê-los pela região metropolitana e periférica de Salvador. Naquela ocasião, dividia meu tempo entre o trabalho de jornaleiro, a escola pela tarde e, quando sobrava tempo, estudava e resolvia à noite as tarefas da escola.

Entre um intervalo e outro, ajudava minha mãe na entrega das roupas que ela lavava, engomava e passava. Minha rotina sempre foi marcada pelo trabalho, desde muito cedo. Contudo, havia tempo para as brincadeiras, geralmente à noite ou nos finais de semana: futebol, corre-corre, esconde-esconde, patinete, não posso deixar de relatar o quanto minha infância foi rica nesse quesito. Enquanto aos meus irmãos mais velhos, esses optaram sumariamente pelo trabalho, deixaram a escola no meio do caminho. Um deles não chegou a se alfabetizar, até hoje não sabe ler nem escrever. Os outros, simplesmente abandonaram os estudos em alguma fase na trajetória escolar. O mais velho, depois de muito tempo de abandono, conseguiu concluir o nível médio, na modalidade de Supletivo.

As escolas pelas quais eu e meus irmãos passamos, no meu caso, até os sete anos, eram regidas pela palmatória. Eles contam que havia ainda o castigo de “ajoelhar no milho” e de um colega bater no outro com a palmatória, nos dias de sabatina. Como eu tinha muita dificuldade com a cartilha do abecedário e tabuada, quase sempre era penalizado. Nos dias de leitura da cartilha e de “tomar a tabuada” era certo que eu voltaria para casa com as mãos avermelhadas. Minha mãe autorizava que eu fosse sujeitado ao castigo da palmatória, ela cria que isso me forçaria a aprender e a respeitar minhas professoras. Nessa peregrinação regida por “bolos” e puxões de orelha, foi aos dez anos que eu efetivamente passei a



juntar letras e sílabas na tentativa de ler estruturas como frases e textos. Não havia em minha casa quem pudesse me auxiliar, ou porque sabiam menos que eu ou porque eram analfabetos. Os mais velhos, embora tivessem algum domínio com a leitura, tinham seus afazeres e mostravam pouca importância com os menores em relação ao fato de eles estarem na escola.

Embora com o percurso escolar marcado por muitas dificuldades, tornei-me um jovem com desejo de cursar o nível superior. Por isso, quando resolvi prestar vestibular, pela primeira vez, na Faculdade Fundação Visconde de Cairu (FVC), no curso de Bacharel em Ciências Contábeis, em Salvador, considerava meu anseio um atrevimento de um sujeito desprovido de condições básicas, tanto no aspecto material quanto no quesito intelectual. Por esta razão, considerava meu desejo uma ousadia, mas mesmo assim, eu aspirava a realização desse sonho “quase-que-impossível”. Por esta razão, passei durante dois anos estudando com esmero, pagando cursinho pré-vestibular, mesmo sem condições de fazê-lo. Apesar de todo esse esforço durante esse tempo, fui reprovado no primeiro vestibular.

Apesar de ter sido desaprovado, em minha primeira tentativa, persisti estudando: de manhã, à noite, de madrugada e enquanto trabalhava durante o dia. Aquele momento de minha vida foi marcado pela dúvida entre o desejo e a incerteza. Havia em mim uma convicção: “se” eu me empenhasse e lutasse por aquela decisão; “se” eu superasse todas as negações acumuladas durante anos de uma vida escolar truncada, marcada pela dificuldade de aprendizagem, falta de professores, merenda e material escolar, falta de condições financeiras mínimas para pagar as passagens de ida e volta à escola, talvez fosse possível atingir esse sonho. Assim, por conta das inúmeras condicionantes “se”, fui provocado a passar



por dois anos de intenso estudo, como num esforço desumano de “compensar”, durante esse tempo, todas as minhas dificuldades acumuladas no período em que estudei em instituições públicas na educação básica.

A partir de muita determinação e força de vontade, em 1992, aos 24 anos de idade, resolvi prestar novamente aos exames de vestibular. Agora, em três instituições: Fundação Visconde de Cairu (FVC), no curso de Ciências Contábeis; Universidade Federal da Bahia (UFBA), no mesmo curso, e; Universidade Católica de Salvador (UCSAL), no curso de Ciências Econômicas, conseguindo êxito em todas.

Em toda minha infância eu já presenciava o quanto a sociedade em que estava inserido era marcada por relações tão flagrantemente injustas e como essas injustiças estavam impregnadas na trajetória de vida dos sujeitos das classes populares. Embora, aos 24 anos tivesse passado em três instituições de nível superior, senti mais uma vez um direito sendo-me negado: o de frequentar uma instituição de ensino federal e gratuito. Naquela ocasião, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) não oportunizava condições para que eu pudesse estudar e trabalhar. Não havia curso noturno na UFBA que me possibilitasse conciliar meus estudos à atividade profissional que exercia durante o dia na Empresa Baiana de Alimentos (EBAL), como escriturário. Por outro lado, apesar de a Universidade Católica de Salvador ter o curso noturno, meu salário não era compatível ao valor de suas mensalidades. Nesse caso, terminei seguindo o curso de Ciências Contábeis na Fundação Visconde de Cairu. Por ter aulas noturnas e a possibilidade de manter as mensalidades.

Muitas pessoas foram importantes no meu processo formativo. Em especial, minha mãe. A atuação dela, que inúmeras



vezes se devotou por minha causa em ter uma formação superior. Às vezes, quando eu varava as madrugadas estudando, eu a presenciei, por inúmeras ocasiões, ao lado de sua cama, com seus joelhos dobrados, oferecendo suas preces aos Orixás e Caboclos, suplicando para que “as almas dos vaqueiros” e os espíritos de luz guardassem e orientasse minha vida, minha integridade física, moral, intelectual e resguardasse meu sucesso. Era eu, seu primeiro e único filho que alcançaria o nível superior, pois a trajetória de vida dos demais filhos e filhas não permitiu que eles chegassem àquela fase da vida escolar.

Meu percurso de iniciação ao magistério começou como estagiário em turmas regulares do nível médio, quando cursava o bacharelado em Ciências Contábeis na Fundação Visconde de Cairu. Portanto, o caminho que me conduziu a esta especialização e o motivo que me tornou professor estão centrados, primeiro, em minhas necessidades e depois ao modo como me relacionava com os meus alunos. Assim, quanto mais me aproximava da educação e dos problemas das pessoas envolvidas, mais pretendia me envolver. A priori, não havia em mim o desejo ou um plano para o magistério. Nesse caso, a necessidade me conduziu à educação, na qual entrei para ter um rendimento complementar como estagiário. Essa experiência foi um divisor de águas em minha vida profissional, pois não imaginava que, no meio do percurso acadêmico, eu estaria em uma sala de aula ensinando a jovens e adultos.

Pensava em me tornar um contador, um auditor fiscal, um gerente de empresas, mas minha passagem dentro de uma sala de aula modificou meu modo de ver minha atuação, enquanto sujeito do mundo, disposto a dá uma contribuição aos menos favorecidos, pois penso que ensinar é um ato de amor àqueles que precisam. Foi dentro de uma sala de aula que eu assisti à saída de cena de



um iminente bacharel em Ciências Contábeis, para dar lugar ao professor repleto de inquietações. Agora, eu, filho de dona Eunice dos Santos sou um homem de formação superior e especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, disposto a contribuir para formação de sujeitos menos favorecidos.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E RELATO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA: ESTUDOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS

Os estudos que realizei sobre a Educação de Jovens e Adultos, a partir dos itinerários formativos, conduziram-me a atentar sobre questões relacionadas à indissociabilidade entre a respectiva modalidade de educação e os aspectos pertinentes à temática de classes sociais. Bem como, a diversidade sociocultural e a importância de proporcionar possibilidades de superação dos percalços construídos ao longo das trajetórias de vida dos sujeitos que tiveram seu percurso de vida marcado pela ausência de políticas públicas e a sucessão de direitos negados, principalmente aquelas pessoas de grupos sociais menos favorecidos.

Logo, esse estudo se configurou na necessidade de compreender melhor os pressupostos relacionados aos indivíduos da Educação de Jovens e Adultos e focar melhor em torno dessa modalidade de educação. Assim, encontrei nas pesquisas que envolvem temas relacionados à EJA (Arroyo, 2006; Fonseca, 2000; Haddad, 1994; Urpia, 2009), que os homens e mulheres que estão presentes em salas de aula, são os mesmos que vivenciam percursos históricos de negação. Por isso, são considerados sujeitos de



direitos e da falta. Contudo, foi preciso enfatizar que esses sujeitos também vivenciam o protagonismo positivo, quando lutam pela sobrevivência, vencendo desafios que exigem conhecimentos aos quais não tiveram acesso (Urpia, 2009).

Desse modo, o estudo sinaliza para a possibilidade de desenvolver reflexões no campo da Educação de Jovens e Adultos, no que tange aos aspectos relacionados às políticas públicas e educacionais; currículo; processo de apropriação de conhecimentos e práticas pedagógicas que possam colocar os sujeitos jovens e adultos como protagonistas de sua aprendizagem. No entanto, para direcionar meus esforços, centrei-me, tão-somente, na possibilidade de oportunizar a esses sujeitos uma experiência de Matemática mediada pelos Materiais Manipuláveis como uma forma de apoiá-los na apropriação de conhecimentos (Figura 2). Para isso, foi necessário considerar os conhecimentos que eles traziam de suas experiências de vida. Foi nesse sentido que encontrei campo fértil nos itinerários formativos, para justificar minha experiência em sala de aula na turma da EJA, a partir de um trabalho exploratório com jovens e adultos mediado pelo uso desses artefatos.

No início do percurso, em minha atuação na Escola Municipal da Fazenda Coutos, passei a trabalhar no noturno, com classes da EJA e no diurno, com turmas onde a maioria dos alunos estava em situação de defasagem escolar. Em meus primeiros contatos, cheguei à constatação de que as aulas expositivas, tanto para os alunos da EJA quanto para os alunos em situação de defasagem escolar, apresentavam fortes limitações. Isso foi sendo verificado à medida que percebia que as aulas realizadas em sala de aula não proporcionavam condições satisfatórias no rendimento escolar. Essa situação deixava-me inquieto, de tal forma que fui à busca de modelos alternativos de lidar com este problema. Por esta razão,



passei a utilizar recursos pedagógicos que possibilitassem que os alunos pudessem manipulá-los e, a partir disso, pudessem explorar objetos e propriedades matemáticas.

Antes de ter contato com a terminologia Materiais Manipuláveis; de encontrar uma definição; de utilizar sua nomenclatura em trabalhos acadêmicos e nos afazeres em sala de aula, eu já utilizava uma variedade de modelos manipulativos em minha prática docente. Todos os objetos utilizados eram passíveis de serem manipulados e eram produzidos com intuito de auxiliar os alunos na resolução de problemas próprios da Matemática, como, por exemplo, a resolução de equações do primeiro grau.

Os artefatos aos quais me refiro, possibilitavam que os alunos os tocassem, dobrassem, medissem e levantassem conjecturas sobre eles, com vistas à formulação de um conceito matemático. A princípio, a proposta de usar esses materiais possibilitava a manipulação, consistindo na tentativa de proporcionar aos alunos uma experiência visual e tátil, com o desejo de problematizar situações matemáticas, onde eles pudessem interagir comigo e entre si, de forma mais dinâmica e provocativa. Contudo, ainda desconhecia a literatura e os estudos que contemplavam os pressupostos teóricos sobre as formas de utilização desses materiais na prática pedagógica.

Minhas primeiras experiências consistiram na tentativa de atenuar as dificuldades apresentadas pelos alunos. Além disso, em minhas impressões preliminares, notava que os recursos oferecidos, proporcionavam apoio na forma como eles lidavam com os artefatos e na forma como eles dialogavam comigo e uns com os outros, quando eu propunha a exploração de um objeto, os quais com a aula expositiva não havia condições em fazê-lo. Nesses experimentos, verificava que havia possibilidade de ampliar os estudos sobre



os ditos “materiais diferenciados” que eu propunha em minha prática escolar, no sentido de inclui-los na aula de Matemática como componente de apoio à prática pedagógica e, a partir disso, realizar uma análise sobre o desempenho e envolvimento dos alunos.

Foi nessa caminhada de experimentos, aprimoramentos e modificações que, em 2008, me senti motivado a elaborar e implementar um projeto, o qual estava atrelado ao uso de Materiais Manipuláveis, para lidar com o problema de aprendizagem de equação do primeiro grau. O projeto recebeu o título de: “Equação do 1º grau - o x da questão”. Este projeto descreveu uma ação pedagógica baseado na dificuldade encontrada pelos alunos daquele ano quanto à resolução de problemas envolvendo aquele tipo de equação. Diante dessa experiência, em dezembro de 2009, o projeto foi encaminhado e contemplado no Prêmio Professores do Brasil do Ministério de Educação e Cultura (MEC), em sua 4ª edição, onde participei de um seminário em Brasília-DF, quando o apresentei à comissão de especialistas em educação daquele Ministério (Figura 3).

Com isso, o trabalho foi veiculado nas principais redes de televisão e no jornal impresso de maior circulação da capital baiana. Este fato rendeu-me um convite, em 2010, pelo professor Dr. Jonei Cerqueira Barbosa a participar do X Encontro Nacional de Educação Matemática (X ENEM), cujo tema versava sobre os diferentes contextos para o desenvolvimento do pensamento algébrico. Neste mesmo evento, apresentei um artigo relatando o percurso da experiência vivida com os alunos em situação de defasagem escolar na Escola Municipal da Fazenda Coutos. Depois disso, logo no início de 2011, novamente fui convidado pelo professor Dr. Jonei Cerqueira Barbosa, dessa vez para integrar a equipe do Projeto de Pesquisa intitulado “A Aprendizagem dos Professores de Matemática com



materiais curriculares educativos” no âmbito do Observatório da Educação Matemática (OEM) - CAPES/UFBA/UEFS.

INICIAÇÃO À PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

O Observatório da Educação Matemática é o resultado da parceria entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), instituído pelo Decreto Presidencial nº 5.803, de 08 de junho de 2006, com o objetivo de fomentar estudos e pesquisas em educação, que utilizam a infraestrutura disponível das Instituições de Educação Superior - IES e as bases de dados existentes no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), estimulando a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado.

A partir da orientação dado pelo Decreto nº 5.803, surge o projeto de pesquisa e extensão, no âmbito do Observatório da Educação Matemática. O projeto trata-se de um grupo colaborativo composto por discentes da licenciatura em Matemática, mestrandos e doutorandos, pesquisadores em Educação Matemática da UFBA e da UEFS e professores da Educação Básica que ensinam Matemática nos anos finais da educação fundamental da região de Salvador e Feira de Santana. Nesse caso, meu envolvimento no OEM, estava na condição de professor da educação básica da rede pública de ensino.

A formação do grupo nasceu do desejo de partilhar e confrontar saberes e experiências com vistas a produzir intervenções na realidade da Educação Matemática que se pratica nas escolas



(com ênfase nas redes públicas). A sede do OEM está localizada em uma das instituições parceiras do grupo, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Faculdade de Educação (FACED), onde o grupo realiza suas reuniões presenciais.

O objetivo do grupo é delinear propostas de tarefas para o ensino de tópicos previstos no programa da disciplina Matemática que inspirem mudanças nas práticas pedagógicas. Estas tarefas são implementadas nas salas de aulas dos professores que participam do grupo, de modo que possa documentar a experiência. Com isso, o grupo produz o relato descrevendo e analisando a referida aula em termos da tarefa comentada, do planejamento, das soluções do professor e dos alunos, da narrativa da aula e de episódios de sala de aula.

Seu funcionamento teve início em 2011, com o apoio do Programa Observatório da Educação (OBEDUC) da CAPES, do INEP e do Ministério da Educação, por meio de financiamento para o quadriênio 2011-2014. Além disto, o OEM conta com o apoio das instituições às quais os membros do grupo são vinculados, envolvendo escolas públicas e universidades. Para colaborar com o OEM, há duas maneiras:

- Presencialmente: tendo disponibilidade de participar das reuniões do grupo, basta enviar uma mensagem no site <http://www.educacaomatematica.ufba.br/>, pela página “Contato”;
- Virtualmente: fazendo comentários sobre os materiais compartilhados e, no caso de ter usado algum dos materiais, podendo enviar versões modificadas para publicação (ver as seções “Faça sua contribuição” em cada um dos materiais, no site do OEM).



No ambiente virtual, o grupo socializa os materiais para inspirar, discutir e interagir com outros interessados. Eles podem servir de inspiração a outros professores para se apropriarem desses materiais, editarem e usarem de acordo com as necessidades de suas próprias salas de aula. Deste modo, para além de apoiar o desenvolvimento profissional dos membros do grupo, espera-se, por meio da socialização desses materiais, interagir e discutir com qualquer professor, futuro professor ou pesquisador que esteja interessado em viabilizar mudanças na matemática escolar.

Meu envolvimento no OEM aproximou-me de um número expressivo de material que versava sobre questões relacionadas à Educação Matemática. Dentre os temas de estudo propostos ao grupo de professores da rede pública de ensino, estavam matérias que abordavam várias questões sobre práticas pedagógicas. Em um desses estudos tive contado com a obra de Sérgio Lorenzato (2006): *O Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores*. O livro desse autor foi bastante esclarecedor para mim, nele obtive as primeiras noções sobre o trabalho docente e acadêmico que envolve o uso de Materiais Manipuláveis. Foi a partir dessa obra que passei a chamar os materiais que utilizava em minha prática docente de “Materiais Manipuláveis”. Haja vista, inicialmente, os chamava de “material didático”, “materiais concretos” e denominava a experiência que realizava em sala de aula de “prática lúdica”.

Lorenzato (2006) argumenta que há diferença pedagógica entre uma aula em que o professor apresenta o assunto ilustrando-o com material didático e as aulas em que os alunos manuseiam o material. Segundo o autor, o material didático é o mesmo nas duas situações de ensino. Entretanto, os resultados no segundo exemplo “serão mais benéficos à formação dos alunos, porque, de



posse do material que favorece a manipulação, as observações e reflexões deles são mais profícuas, uma vez que poderão, em ritmos próprios, realizar suas descobertas e, mais facilmente, memorizar os resultados obtidos durante suas atividades” (Lorenzato, 2006, p. 27 - Grifo pessoal).

Assim, os textos indicados pelos pesquisadores do OEM que abordavam temas referentes ao uso de Materiais Manipuláveis, fizeram-me refletir sobre minha prática docente e ao modo como eu propunha meu trabalho aos alunos. Nesse sentido, minha intensão estava consonante ao que Lorenzato (2006) descreve em sua obra: os Materiais Manipuláveis devem possibilitar que os alunos tenham uma experiência não apenas visual. Ou seja, além da materialidade capturada pela visão, todos os artefatos que possibilitam o toque e são elaborados para explorar conceitos e propriedades matemáticas se configuram enquanto manipuláveis. Desta forma, Passos (2006) propõe que esses materiais devam servir como mediadores na relação entre professor/aluno/conhecimento.

Embora seja preciso estar atento ao que Moyer (2001) reforça, quanto à produção desses artefatos, para representar explicitamente e fisicamente ideias matemáticas, Villas Boas (2011) apresenta a diferenciação dos objetos projetados para representar ideias, daqueles que são utilizados corriqueiramente na rotina escolar. Além disso, a autora amplia a reflexão sobre o seu uso. Ela argumenta que não se pode pensar em Materiais Manipuláveis apenas no ensino de Matemática:

[...] entendo que uma tesoura, por exemplo, é um manipulativo e esta não foi projetada para representar ideias matemáticas. Além disso, “materiais manipuláveis” não se referem apenas a materiais utilizados no ensino de matemática, de modo que se pode falar



em materiais manipuláveis referindo-se ao ensino de química, por exemplo, (Villas Boas, p. 14, 2011).

Dessa maneira, a partir dos estudos iniciados no OEM, surgiu em mim a curiosidade de realizar uma pesquisa aprofundada na literatura sobre os Materiais Manipuláveis e as possibilidades de usá-los em minha rotina docente. Contudo, de forma fundamentada e orientada em pressupostos apropriados. Assim, em busca de uma melhor compreensão sobre formas problematizadoras de ensinar Matemática aos alunos da Escola Municipal da Fazenda Coutos, tendo como apoio o uso de Materiais Manipuláveis, encontrei trabalhos acadêmicos que abordavam temas sobre os modos de utilizá-los em sala de aula (Aragão; Vidigal, 2012; Lorenzato, 2006; Fiorentini; Miorim, 1990; Nacarato, 2004-2005; Januário, 2006; Villas Boas, 2011).

Diante desse estudo, notei que havia consonância entre os pressupostos que envolvia o tema e as potencialidades e limitações que esses materiais ofereciam à minha prática docente. Estava nítido para mim que o uso de Materiais Manipuláveis nas aulas de Matemática propiciava uma experiência que ia além de um trabalho com uso de símbolos, manuseio de fórmulas, utilização de regras e técnicas e resolução de problemas. Pois a inserção desses artefatos em sala de aula possibilitava-me ir além da lousa, do livro didático e de minha fala:

O USO MATERIAIS MANIPULÁVEIS EM TURMAS DA EJA

A primeira fonte que tive contato tratava-se dos trabalhos publicados por Lorenzato (2006), o qual argumentava que os Materiais Manipuláveis podiam ser considerados catalisadores para que o aluno construísse aquilo que o autor denominava de “saber



matemático”. A priori, a definição dada pelo autor pareceu-me uma boa base para o desenvolvimento de minha prática pedagógica e, que isso poderia, em algum momento, me subsidiar na elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso. Contudo, percebi que a ideia central de seu pensamento estava em desalinhamento com a proposta a qual tinha pretensão de propor aos sujeitos jovens e adultos sugestões de ensino e aprendizagem relacionados à trajetória de sujeitos inseridos nas classes da EJA, pois seus princípios estavam relacionados ao desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes, haja vista, ao mencionar que os Materiais Manipuláveis são utilizados “na construção” de saberes matemáticos, o autor dava a entender que esses aspectos não estavam relacionados à trajetória de vida de homens e mulheres que já possuíam seu próprio saber matemático desenvolvido.

Por esta razão, no processo de pesquisa, notava que além de Lorenzato (2006), outros autores que abordavam esse tema, deixavam de contemplar as possibilidades de incluir sujeitos jovens e adultos das turmas da EJA em práticas educativas que fizessem uso de Materiais Manipuláveis. Desse modo, à medida que me envolvia na investigação, em busca de pressupostos teóricos que contemplassem as possibilidades de abarcar os Materiais Manipuláveis no âmbito da EJA, notava que os pesquisadores em Educação Matemática (Dante, 2005; Lorenzato, 2006; Nacarato, 2005; Passos, 2006; Reys, 1971; Turrioni, 2004) se referiam à inserção desses materiais a partir da ideia de construção de conhecimentos matemáticos para crianças e adolescentes.

Como meu trabalho em sala de aula estava centrado em discussões focando os alunos da EJA, tornou-se imprescindível abandonar a perspectiva da criança e do adolescente quanto ao uso de Materiais Manipuláveis e colocar em evidência o protagonismo



dos jovens e adultos. Para que isso ocorresse foi necessário considerar as vivências e os saberes que esses sujeitos levavam para a sala de aula. Por essa razão, resolvi incluir em minha prática o uso desses artefatos, mas priorizando aspectos dialógicos e problematizadores que pudessem envolver os sujeitos das turmas da EJA da Escola Municipal da Fazenda Coutos, onde eles fossem provocados a apresentar formas pessoais de expor suas intenções e estratégias ao manipular esses materiais, pois se assim não o fizesse, correria o risco de apresentar um enfoque infantilizado.

Diante disso, passei a me aproximar de leituras que tivessem abordagens e orientações sobre o campo da Educação Matemática. Assim, iniciei uma busca no sentido de encontrar modos alternativos de ensinar Matemática aos alunos de meu convívio, os quais eram todos das camadas populares. Foi em busca dessas respostas que passei a utilizar alternativas que fossem além da lousa, da aula expositiva e que pudessem valorizar aspectos relacionados às vivências trazidas do cotidiano dos educandos com os quais eu trabalhava, pois as aulas expositivas mostravam-se insuficiente frente algumas demandas. Com isso, fui provocado a inserir diferentes materiais didáticos em minha prática pedagógica.

Nessa busca, comecei a utilizar os primeiros Materiais Manipuláveis que eu mesmo confeccionava, na tentativa de possibilitar aulas mais experimentais e menos expositivas, onde os alunos pudessem explorar conceitos, ideias e propriedades matemáticas a partir do uso de artefatos. Esse fato evidencia minhas primeiras preocupações em estabelecer uma mudança em minha prática pedagógica, alinhado às questões relacionadas às necessidades de colocar os estudantes como protagonistas de sua aprendizagem. Meu desejo inicial era que esses materiais pudessem auxiliar,



de alguma forma, o tema estudado em sala de aula às práticas e experiências dos alunos.

Desta forma, por meio da revisão de literatura sobre o tema, encontrei algumas referências que me deram a possibilidade de pensar na elaboração de tarefas de cunho exploratório para que fosse possível explorar tópicos de Matemática, apoiado no uso de Materiais Manipuláveis. Essas tarefas compuseram o plano de ação em minhas práticas pedagógicas que realizei nas turmas da Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal da Fazenda Coutos.

MINHA EXPERIÊNCIA NA ESPECIALIZAÇÃO

A princípio, meu desejo em participar do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à EJA esteve voltado à sua proposta, a qual sinaliza para a formação de profissionais envolvidos na educação de jovens e adultos, como forma de consolidar políticas afirmativas que possibilitam o atendimento às demandas de sujeitos populares que não tiveram a oportunidade de formação básica e/ou profissional em tempo hábil.

Enquanto professor de Matemática de turmas da EJA e, em busca de uma melhor compreensão sobre o uso de Materiais Manipuláveis voltados aos sujeitos desse segmento de ensino, eu tenho procurado meios formativos no intuito de investir em meu desenvolvimento, enquanto profissional sedento a aprofundar meus estudos sobre este tema. Por essa razão, como forma de consolidar o trabalho que realizo em sala de aula, fiquei instigado a participar dessa formação a qual me possibilitou melhor atendimento às demandas dos jovens e adultos da Escola Municipal da



Fazenda Coutos. Foi assim que encontrei, no Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à EJA, a possibilidade de participar de um espaço formativo que me auxiliasse a refletir sobre práticas pedagógicas mais adequadas para os estudantes da EJA.

Considero que a formação me possibilitou, enquanto professor de turmas da EJA, uma melhor reflexão sobre práticas pedagógicas mais adequadas aos estudantes da EJA. Penso que, desta forma, a proposta do curso alcançou seu objetivo: desenvolver um curso para docentes e gestores na perspectiva de uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional (presencial e a distância) articulada à EJA, nas redes federal, estadual e municipal, por meio da formação continuada de gestores, professores, tutores da EaD e técnicos educacionais.

A abordagem virtual oportunizou-me envolvimento, facilitando minha formação continuada. Além disso, possibilitou-me acesso e reflexões sobre as contribuições das tecnologias educacionais da informação e comunicação à minha prática pedagógica. Com isso, considero que a Especialização pôde contribuir com minha formação, na condição de professor da rede pública, visando dar um novo foco ao ambiente de aprendizagem virtual na profissão que escolhi seguir. Além disso, a escolha do itinerário: Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos, possibilitou-me alinhar a proposta do trabalho que desenvolvo em sala de aula ao seu objetivo, e isso, subsidiou meu trabalho, do ponto de vista teórico-prático, para o planejamento, execução e avaliação de minhas aulas.

No percurso do itinerário eu pude levantar conjecturas sobre minha prática pedagógica. Por exemplo, na primeira unidade, o



tema Gestão e Prática Pedagógica no PROEJA, teve como objetivo refletir sobre o desenvolvimento da gestão do trabalho pedagógico e de práticas educacionais voltadas à docência na Educação Profissional integrada à EJA de modo a subsidiar o professor, em questões relacionadas à teoria e a prática, para o planejamento, a execução e a avaliação de atividades didáticas, bem como a elaboração de planos de aulas para o ensino no PROEJA. Nesta Unidade foi realizado o Fórum de Discussão, como atividade avaliativa, no qual foi discutido a temática “Gestão e Prática Pedagógica no PROEJA”. Nesse momento do curso, pude avaliar sobre a necessidade de incluir o uso de Materiais Manipuláveis como uma forma viável de promover a participação dos alunos nas aulas de Matemática.

O tema proposto constava no material didático disponível na plataforma, o qual discorria de forma sintética e bem organizada pontos referentes à gestão e a prática pedagógica no PROEJA. Embora a atividade não fosse atribuída pontuação, foi promovida a participação como forma de cada professor realizar sua apresentação e iniciar as discussões das temáticas trabalhadas na disciplina. Minha afinidade à disciplina ocorreu quando notei que essa destacava a organização do trabalho pedagógico, tendo bem definidas as concepções de educação, de ser humano e de sociedade que deveriam nortear a prática educativa da instituição escolar e a ação do professor. Dessa forma, a partir da leitura do material didático, de outros materiais sugeridos e de minha própria experiência, foi solicitada uma reflexão, em forma de comentário sobre questionamentos, que incluía a concepção de educação definida no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Instituição em que eu atuava e o tipo de sujeito à escola eu pretendia formar. Esse trabalho possibilitou-me que eu pudesse rever o PPP da escola e avaliasse minha atuação diante do que este documento propõe.



A segunda unidade didática teve como objetivo subsidiar o professor, a partir do ponto de vista teórico-prático, no que diz respeito à reflexão sobre o seu papel como mediador no contexto do PROEJA, bem como problematizar as concepções sobre o processo de aprendizagem em espaços formais e não formais, considerando os diferentes contextos existentes e, ainda, elaborar planos de aulas para essa modalidade, focando no papel do professor no processo de ensino e aprendizagem em espaços formais e não formais.

A atividade avaliativa deu-se após o estudo das temáticas apresentadas no material didático das Unidades I e II, onde foi realizada a atividade avaliativa proposta para a Unidade II. Assim, realizei uma análise crítica de um plano de aula, com o registro de minhas reflexões sobre os elementos que o compõem e com o registro da autoavaliação sobre o referido plano, tomando como base os estudos desenvolvidos a partir dos temas trabalhados no material didático. Para isso foi preciso seguir as orientações que estavam no disponibilizado no arquivo anexo.

A terceira unidade didática teve como objetivo discutir sobre as estratégias metodológicas de ensino, visando à melhoria da prática pedagógica, a dinamização do processo de ensino e o favorecimento da aprendizagem dos estudantes. Após o estudo sobre estratégias de ensino na educação profissional integrada à EJA, tema abordado na Unidade III, foi proposto que fosse elaborado um projeto interdisciplinar/integrador. No meu caso, foi desenvolvido na Escola Municipal da Fazenda Coutos, a partir da problematização de um tema/problema, em diálogo com outros educadores. Como referência, foi sugerida a experiência do Projeto Interdisciplinar Rio com Vida, desenvolvido em uma escola da rede pública, na cidade de Pombal/PB.



Nessa unidade, apresentei uma experiência de ensino de geometria com estudantes em situação de defasagem escolar (idade/série) entre 14 e 18 anos, em turmas do 7º e 8º anos do ensino fundamental de 2013, na Escola Municipal da Fazenda Coutos no subúrbio ferroviário de Salvador. Um trabalho realizado em parceria com a professora de Educação Artística, Anaílda. Na ocasião, nós tomamos como base o Plano de Metas Compromisso Todos Pela Educação e o tema I (Espaço e Forma) proposto pelas matrizes de referência de matemática da Prova Brasil/PDE/SAEB (BRASIL, 2011). Esse trabalho, cujo projeto foi intitulado “O Uso de Materiais Manipuláveis nas Aulas de Geometria com Estudantes em Situação de Defasagem Escolar”, foi premiado no 7º Prêmio Professores do Brasil em 2013 (Figura 4).

Na quarta unidade didática o objetivo foi discutir sobre estratégias pedagógicas inovadoras em sala de aula, a partir do estudo da metacognição e do uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), visando à melhoria da prática pedagógica, à dinamização do processo de ensino e ao favorecimento da aprendizagem dos estudantes. Nessa ocasião, foi sugerido que fosse lido o material didático (livro digital) e também a leitura de outros materiais indicados como leitura complementar sobre metacognição. Além da indicação de um link para obtenção de mais informações sobre metacognição e sobre diferentes possibilidades de uso de Tecnologia digital de informação e comunicação na prática pedagógica.

Entendo que os resultados de minha experiência, agregados aos conhecimentos adquiridos nesse itinerário formativo, sugerem que o trabalho mediado pelo uso de Materiais Manipuláveis se mostrou favorável em três situações: a possibilidade de uma prática pedagógica problematizadora; a intensificação do diálogo entre os



pares alunos-professor e alunos-alunos e a compressão de objetos matemáticos com o uso de Materiais Manipuláveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso pude recuperar lembranças de minha memória, experiências de minha vida pessoal, acadêmica e profissional que guardei, aprendi e reativei, durante a formação e o tempo que fui me tornando professor da EJA. Alguns conhecimentos significativos que adquiri e produzi em minhas andanças foram colocados nesse documento de forma leve, mas com posicionamentos críticos. Nesse caso, o exercício em escrever minhas memórias levou-me a refletir sobre fatos e lembranças de minha mãe e acontecimentos importantes de minha vida e isso, me fez cogitar que a caminhada foi importante para meu crescimento como sujeito do mundo. Desse modo, com a escrita desse TCC aprendi que relatar experiências formativas pertinentes à área de atuação profissional possibilita ao autor pensar no quanto é valiosa exercitar a auto avaliação.

Nesse sentido, o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, trata-se de uma narrativa descritiva e reflexiva sobre minha trajetória em sala de aula. Aqui, busquei apresentar minha experiência no formato modalidade de memorial de formação, o qual pretendi rememorar eventos cruciais no sentido de apresentar uma narrativa que pudesse apontar alguns pontos de minhas experiências em turmas da Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal da Fazenda Coutos e na Especialização. Assim, minha pretensão foi criar um ambiente que possibilitasse à apresentação dessas experiências as quais vivenciei com os sujeitos populares e às condições voltadas para possibilidades de incorporar práticas pedagógicas



em turmas da EJA quanto ao uso de Materiais Manipuláveis nas aulas de Matemática.

Os resultados depreendidos nessa compilação, a partir das reflexões no processo de formação, viabilizado no curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, destaca expectativas e propostas que podem ser utilizados para atenuar problemas relacionados às práticas pedagógicas nas salas de aula da EJA/PROEJA. Assim como, essa compreensão pode subsidiar professores de Matemática no desenvolvimento e produção de materiais educacionais, a partir da experiência realizada sobre o modo como o uso de Materiais Manipuláveis pode apoiar os alunos da EJA nas aulas de Matemática. É possível, com isso, que os professores de Matemática utilizem o produto desse trabalho, no sentido de motivá-los e auxiliá-los no momento em que eles forem utilizar esses materiais em turmas da EJA.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** *In:* SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs.). 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- CACCIAMALI, M. C; RIBEIRO, R. **Defasagem Idade-Série a partir de distintas perspectivas teóricas.** Revista de Economia Política, v. 32, n. 3 (128), pp. 497-512, julho-setembro, 2012.
- DANTE, Luiz Roberto. **Didática da Resolução de Problemas de Matemática.** 12. ed. São Paulo, 2005.
- FIORENTINI, Dario ; LORENZATO, Sergio. **Investigação em Educação Matemática: Percursos Teóricos e Metodológicos.** 3ª edição revista. 228 p. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.
- FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: Especificidades, desafios e contribuições.** 3. ed. (Coleção Tendências em Educação Matemática). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- HADDAD, Sérgio. **Tendências Atuais na Educação de Jovens e Adultos** - Em Aberto, Brasília, a. 11, n. 56, out. /dez. 1992.
- JANUÁRIO, Gilberto. **Materiais Manipuláveis: uma experiência com alunos da Educação de Jovens e Adultos.** *In:* Encontro Alagoano de Educação Matemática, I, Anais... I EALEM: Didática da Matemática: uma questão de paradigma. Arapiraca: SBEM - SBEM-AL, 2008a.
- LORENZATO, Sergio. (org.). **O Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores.** Campinas: Autores Associados, 2006, v. 1.
- MOYER, Patrícia S. **Are We Having Fun Yet? How Teachers use Manipulatives to Teach Mathematics Educational Studies in Mathematics** 47: 175-197, 2001. Kluwer Academic Publishers. Printed in the Netherlands. 2001



NACARATO, Adair Mendes. Eu Trabalho primeiro no concreto. **Revista de Educação Matemática**. Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), a. 9, n. 9-10, (2004-2005), p. 1-6.

PASSOS, C.L.B. Materiais Manipuláveis como Recursos Didáticos na Formação de Professores de Matemática. *In*: LORENZATO, S. (org.). **O laboratório de ensino de matemática na formação de professores**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 77-91.

REYS, Robert E. **Considerations for teaching using manipulative materials**. *In*: Arithmetic Teacher, 1971.

REMILLARD, Janine T. **Review Of Educational Research** 2005 75: 211 - Examining Key Concepts in Research on Teachers' Use of Mathematics Curricula - The online version of this article can be found at: <http://rer.sagepub.com/content/75/2/211>. Review of Educational Research Summer 2005, v. 75, n. 2, pp. 211-246

SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Educação de Jovens e Adultos: uma história de complexidade e tensões - Dossiê Temático Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas - Práxis Educacional Vitória da Conquista**, v. 5, n. 7 p. 13-27 jul./dez. 2009.

TRINDADE, Ângela Ferreira Pires da. **Investigações Matemáticas e Resolução de Problemas - que Fronteiras?** Curitiba-PR: 2008.

TURRIONI, A. M. S. **O laboratório de educação matemática na formação inicial de professores**, p. 175. Dissertação de Mestrado. Rio Claro-SP: Unesp, 2004.

TURRIONI, A. M. S.; PEREZ, G. **Implementando um laboratório de educação matemática para apoio na formação de professores**. *In*: LORENZATO, S. (ED) O laboratório de ensino de matemática na formação de professores. São Paulo: Autores Associados, p. 57-76, 2006.

URPIA, M. F. M. **Fórum EJA Bahia: implicações na definição da política pública da Educação de Jovens e Adultos**. 2009, 125 f. Dissertação. (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania). Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2009.



VILAS BOAS, Jamille de Souza ; SANTANA, Thaine Souza. **O ensino de quadriláteros e a formação de conceitos**: uma proposta de sequência de tarefas didáticas - Encontro Nacional de Educação Matemática: retrospectivas e perspectivas, XI ENEM, 18 a 21 de julho. Curitiba-PR: 2013.

VILAS BOAS, Jamille de Souza. **Os materiais manipuláveis e a participação dos alunos na aula de matemática**. Salvador-BA: Programa de Pós-Graduação Em Ensino, Filosofia e História das Ciências-UFBA, 2011.



APÊNDICE – GALERIA DE FOTOS

Figura 1 – alunos reconhecendo os materiais.



Fonte: pessoal.

Figura 2 – alunos manipulando cédulas sem valor real.



Fonte: pessoal.



Figura 3 – Projeto premiado em 2009



Fonte: pessoal

Figura 4 – Projeto premiado em 2013



Fonte: pessoal



TECENDO A VIDA: MEMÓRIAS, RESILIÊNCIAS E O FETICHE DO ÊXITO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL

RAFAELA MAURÍCIO QUARESMA

Orientador: Prof. Dr. Wellington Emanuel dos Santos

Diante da linha tênue da vida, nós seres humanos temos sempre histórias para contar, todas acompanhadas de experiências, tornamo-nos autores principais, ou muitas vezes personagens na vida de outros indivíduos. Somos uma sucessão de experiências... E muitos são os cenários, as fachadas, os espetáculos que compõem minha jornada no espaço educacional.

O memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva, este artefato, deve fornecer uma ponderação avaliativa de cada etapa materializada nesse recurso, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou (Severino,1990), nesses ditames, fulguram a importância de consolidar esse memorial dialogando com teóricos que discutem e refletem acerca do espaço escolar, os quais podem me fornecer



informações sobre como os eventos e acontecimentos exerceram e exercem significativamente, resultando nesses subsídios que contemplam a minha formação enquanto agente atuante e emissor nesse espaço diverso de construção humana, que caracterizam traços marcantes pertencentes a minha existência.

Para Benjamin (1987), o narrador pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas, em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer).

Assim, esse memorial tem a finalidade de enfatizar experiências por mim vivenciadas, para além de uma abordagem autobiográfica, este aporte, contribui para minhas reflexões e perspectivas sobre o que construí ao longo dos meus anos na minha história no espaço educacional, e especificamente sobre a minha vivência na EJA (Educação de Jovens e Adultos) e na Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA com ênfase em Didática, auxiliando-me para compreender o meu processo formativo, e assim, ter novas oportunidades de reconstruir, desconstruir e viver novos espetáculos que se apresentam, quem sabe vivenciá-los novamente, mas, a partir de outros ângulos, com outro sentido, com outro olhar.

A Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos - EJA, um curso ofertado pelo *Campus* Natal Zona Leste do IFRN, em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC), cuja parceria contemplou o IFPB, Polo Monteiro - PB, sendo uma Pós-Graduação *Lato Sensu* na modalidade a distância, que tem como objetivo melhorar a qualidade da educação pública em todo o país, despertou em mim a



possibilidade de ampliar o conhecimento em torno de um campo educacional necessário e importante para a realidade nacional, uma vez que, minha experiência na EJA, ocorreu durante o Estágio na graduação, quando cursava o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

Como forma de promover e implementar mudanças na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional presencial e a distância, interligada à Educação de Jovens e Adultos nas redes federal, estadual e municipal, esta especialização elencou elementos fundamentais para que pudesse pensar e efetivar educação de qualidade no campo da EJA, considerando as potencialidades em meio as diversidades de indivíduos encontrados nesse contexto. Afinal, a história da EJA insere-se num cenário econômico, social e político, onde a relação entre educação e trabalho está basicamente interrelacionada, tendo um público de trabalhadores jovens que procuram pelo primeiro emprego e também os trabalhadores aposentados, a exemplo. Este âmbito educacional, efetiva-se em sua procura devido às necessidades políticas e exigências de uma nova sociedade.

Portanto, a Especialização supracitada, considerando a importância que as pessoas têm no mundo e que como a leitura (alfabetização/letramento) podem ajudar esses indivíduos a participar da transformação social, fomenta elementos basilares aos educadores, para discorrer sobre o processo de ensino de qualidade nesse contexto educacional, e conseqüentemente, pensar em possibilidades de promover mecanismos a esses jovens e adultos que culminem em uma aprendizagem significativa, que os tornem aptos a perceber e interpretar a realidade que os cercam, cumprindo os propósitos da educação necessários a uma perspectiva crítica, na qual a Escola ensina o estudante a “ler o mundo”. Pois somente



sabendo a realidade do mundo e da cultura em que vive é possível ir atrás de melhorias, sendo assim, para obter transformações é preciso inserir-se na realidade em que se vive (Freire, 2001).

Contudo, o que se apresenta nesse memorial, não é apenas a materialidade, as hipóteses por mim levantadas, ou até mesmo a diversidade de experiências que a mim se apresentam. Esse escrito, levanta reflexões sobre minhas experiências e práticas no âmbito da EJA e do mundo acadêmico, considerando as graduações e a vivência ao decorrer da Especialização vigente, para isso, essa narrativa apresenta-se a partir de uma conjuntura de bases teóricas que validam os pontos fundamentais da minha trajetória educacional.

Portanto, as teorias que se apresentam para dialogar como base para minhas experiências são aquelas que contemplam funções pedagógicas e educativas do campo escolar, por conseguinte, considero alguns escritos de relevância pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos para a construção do currículo construído na escola e seus impactos e efeitos na minha experiência escolar e os seus entornos, considerando as dinâmicas de formação, de conhecimento e de alteridade que definem em suas infinitudes traços do meu passado, do meu presente e do meu futuro, do legado marcado em mim.

Para esse memorial, irei enfatizar o quão importante foi o início do meu processo de formação na graduação e pós-graduação, demarcando algumas passagens profundas e significativas em minhas experiências, entrelaçando em minhas reflexões os teóricos como forma de dialogar minha realidade com tantas outras que englobam a construção da vida, da escola e do currículo em nosso país.



Eu instituí provisoriamente uma figura de mim e a submeti a avaliação da minha experiência (Delory-Momberger, 2006). Dessa maneira, acionamos nossa memória, visitamos e recordamos o nosso passado, que por vezes, nos causa alegria, medo, aflição, contentamento, dentre tantos outros sentimentos que emergem. Assim, nesse processo, percebemos o quanto a experiência possui um caráter individual, contingente, relativo e dinâmico com muitas subjetividades, pois entendemos que isso é “o que nos acontece” e não “o que acontece”, nessas perspectivas, os episódios podem ser os mesmos, porém, a experiência torna-se única e particular cujos caminhos são irrepetíveis em meio a suas faces multiformes.

Nessas condições, essas análises sobre outros direcionamentos e visões educacionais apresentados, disseminam em mim novos olhares questionadores e avaliativos sobre o papel da Escola e do campo da EJA ante as transformações e continuações de quadros econômicos, políticos, sociais e culturais, fatos esses que não permitem me perder na contemplação excessiva desta reflexão. Mas, que proporcionam fórmulas desafiantes circundando a inovação em práticas e vivências para os nossos dias atuais. Portanto, que esse memorial seja mais um elemento que proporcione uma conjectura redesenhada, retomando experiências com novas ideias para um novo circuito de existência.

CAMINHOS POR ONDE ANDEI: RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Escreverás meu nome com todas as letras, com todas as datas - e não serei eu. Repetirás o que me ouviste, o que leste de mim, e mostrarás meu retrato - e nada disso serei eu. Dirás coisas imaginárias, invenções sutis, engenhosas teorias - e continuarei ausente. Somos uma difícil unidade, de muitos



instantes mínimos - e isso seria eu. Mil fragmentos somos... (Cecília Meireles, 2001, p. 235)

Nasci em 21 de abril de 1990, na cidade de Monteiro-PB. Abrirei aqui um parêntese para elencar um momento decisivo na minha vida educacional, que diz respeito ao campo que estudei no ensino fundamental, mas, que foi decisivo para minha vida.

Sempre fui estudante de escolas públicas, em 1994 (aos 4 anos), iniciei a trajetória de estudos, foi na Escola Cenicista de Monteiro/CNEC (a que mais amei) que tudo começou, cursei quase todo os anos iniciais do ensino fundamental. Era uma Escola tradicional em seus anseios, mas, inovadora em alguns métodos específicos, e fez dos seus estudantes sujeitos capazes de interpretar o mundo, é esse retrato que tenho em minha memória. Marcada pela competência dos professores, que promovia a proximidade de estratégias para práticas desafiadoras, fez em sua história, uma escola de referência para a cidade.

Esse ambiente que eu aprendi a amar, foi durante aqueles anos e continua sendo, o meu lar, foram consolidados aqui, momentos não percíveis. Afinal, não é toda escola que considerava em seus limites a capacidade de pensar dos seus estudantes. Aprendi nesse espaço, a perceber o lugar do outro, com anseios encantadores que se estabelecem nos espaços e no processo de egos e percepções no mundo da imaginação das crianças, sim, ainda criança, aprendi o quão importante é o compartilhamento e a cooperação entre os sujeitos sociais.

Suas portas foram fechadas, deixando a saudade e a lacuna que jamais foram preenchidas em outras instâncias. Foi nesse espaço que aprendi ser, a escrever, a ler, a interpretar e os êxitos alcançados, foram efeitos dessa base que consolidou o melhor e maior processo de apreensão do mundo em mim, tanto pelas



palavras quanto pela sensibilidade de olhar o mundo, aqui, eu deixo a minha gratidão e meus méritos, cada elogio pela escrita, por uma expressão, pela retórica (ainda que seja um desafio pela timidez), e até esse desafio vencido a cada momento, foram marcas do que aprendi nesse âmbito educacional, e seu legado, sua potencialidade educativa de entrelaçar o todo em uma unidade, ficaram em mim.

Os anos posteriores dos anos finais do ensino fundamental e o ensino médio tiveram suas contribuições necessárias para a minha formação. Mas, suas contribuições voltam-se, especificamente, a alguns educadores em particular. No entanto, na maioria das vezes, foi um campo de entraves intensos devido ao tradicionalismo no processo de ensino. Principalmente, quando a Escola não estabelece redes para que os alunos possam construir elos com tal espaço. Assim, o processo educativo tornou-se excessivamente cansativo, entre angústias e alguns nós. Entretanto, esses obstáculos, não atrapalharam o meu processo quantitativo na Escola.

Minha formação acadêmica é Licenciatura em Ciências Sociais, concluída em 2015, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG-CDSA). Durante a graduação, sempre participei das atividades acadêmicas desenvolvidas pelo *Campus*. Assim sendo, tive a oportunidade de atuar como bolsista em três Projetos: Conexões de Saberes, como monitora de Literatura no Pré-Vestibular Solidário da UFCG. Posteriormente, fui bolsista do PIBID (Programa de Iniciação à Docência), com ênfase na disciplina de Sociologia, o qual proporcionou diversas análises em torno do ensino-aprendizagem num diálogo constante entre professores e alunos do ensino médio, tal interação resultou em novos saberes e olhares múltiplos sobre a docência. A prática desses conhecimentos me levou cada vez mais a ponderar a dinâmica que movimenta a Educação Básica, especialmente para o ensino médio, por meio de ferramentas



essenciais - a pesquisa e ensino. Por fim, atuei como bolsista do PROEXT (Programa de Extensão Universitária). Esse tinha por objetivo tirar os sujeitos da invisibilidade da história. O eixo o qual participei, buscava discutir sobre os Direitos fundamentais e sobre a Cultura Surda, projeto que nos proporcionou a publicação de um livro, cujo nome é “Cidadania, Educação e Direitos Humanos no Semiárido” (2012).

Diante dos elementos supracitados, essas atividades e experiências aguçaram em mim o desejo pela pesquisa e pelos elementos que consolidam uma prática pedagógica de ensino com qualidade.

A Sociologia, despertava curiosidade de modo prazeroso e fecundo, porque, antes de tudo, era a disciplina científica que me conduzia a cada nova pesquisa, a cada passo dentro do âmbito acadêmico... era a essência sociológica que me conduzia (e me conduz) a cada nova oportunidade para propor, analisar, refletir e vivenciar metodologias, técnicas e articulações diante dos saberes construídos no cotidiano, e por meio do conhecimento científico.

Logo, o conhecimento exerce um efeito libertador, que firmado através do olhar diferenciado, a partir de outros ângulos podem desenvolver percepções que emanam novas óticas, compreendendo melhor a realidade que nos cercam. Contudo, em meio as diversas experiências práticas e teóricas, se faz necessário, ressaltar que, a minha formação superior foi de descobertas intrínsecas e extrínsecas. Li coisas que jamais imaginaria que alguém pudesse ter pensado, nem escrito. Conheci a Sociologia, a Antropologia... e me encantei. Foi nesse universo do mundo - no espaço acadêmico que entendi melhor os meus limites, meus anseios, meus questionamentos, e percebi, que até estes, fazem parte do processo de emancipação humana, que é preciso permitir-se tê-los e nesses procedimentos de construção e reconstrução desencadear um



processo de libertação pessoal através do desenvolvimento de uma consciência crítica torna-se essencial para ações coletivas e particulares transformadoras.

A partir de 2018, eis que mais uma vez me vi diante da possibilidade de obter mais uma oportunidade de repensar alternativas significantes às múltiplas possibilidades de formação dos sujeitos que se difundem em torno de conhecimentos postulados como válidos, que contempla a pluralidade e atuação dos diversos saberes — fui selecionada para o Mestrado (finalizado em Maio de 2020); posteriormente, ingressei na especialização sobre a EJA (em fase final), e concomitante com esses cursos, tornei-me graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) (em fase final). Pois considero importante dar visibilidade à investigação docente no âmbito dos processos próprios de ensino e aprendizagem, com vistas à intervenção pedagógica no desenvolvimento de metodologias específicas e conteúdos curriculares, tornando-se uma ampliação dos meus conhecimentos, em torno do grande e necessário processo formativo — a Educação.

Em busca de ampliar as reflexões e mediar o conhecimento, essa missão tornou-se algo desafiador, afinal, como seria possível organizar meu tempo para a efetivação dessas atividades, considerando que, como funcionária pública, tenho a jornada de trabalho de 40 horas semanais? São os desafios que me fazem viver, e é isso que me consolida; eu gosto da arena, do suor, da realização de sonhos. E fazer parte de uma área administrativa, no campo educacional, configurou-se como incentivo, uma vez que, presenciamos as emblemáticas encontradas nesse campo que nos coloca em constantes questionamentos.



Diante dos desafios sistemáticos que fui encontrando em meio a análises e pesquisas realizadas no âmbito educacional, mais especificamente, no ensino médio, percebi que a educação integra um pilar fundamental para a transformação e formação humana, pois esta, pode modificar a consciência dos sujeitos e colocá-los como protagonistas de suas histórias promovendo assim, o desenvolvimento social em todas as suas esferas. Entretanto, o modelo educacional brasileiro ainda não se encontra preparado para se adequar a dinâmica social e solucionar as patologias existentes do meio, e para isso, é preciso buscar meios, orientações e resoluções que nos levem a novas configurações de educação. Desse modo, esses campos vivenciados apresentaram-se como uma nova ótica sobre os acontecimentos que englobam o campo educacional.

O campo, o qual adentrarei com minhas reflexões, diz respeito à Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA com ênfase em Didática. Afinal, tanto o lembrar como o imaginar, propõem o feixe de relações e acontecimentos vinculados ao que nos interessa neste momento. Assim, ao falar das minhas inquietações no contexto educativo e social, estou enfatizando também a coletividade e a diversidade que compõem os sujeitos da EJA. Conjuntamente, ainda que reconhecendo a singularidade de cada pessoa, em muitos aspectos, as trajetórias estão entrelaçadas pelas dificuldades impostas, provenientes dos sistemas opressores, mas também da esperança e da busca pela autonomia que estão em constante movimento.

Considerando que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que colabora na formação da identidade própria e que deve ser trabalhada conforme as necessidades realidades dos indivíduos, encontrei nessa Especialização, um caminho cheio de possibilidades para trilhar nos segmentos de



um ensino transformador, capaz de promover oportunidades com qualidade para as pessoas que ainda não tiveram acesso à escola e aos que não conseguiram terminar seu processo de escolarização. Para isso tal formação me fez efetivar um olhar mais atento e especial, especificamente para modalidade de ensino da EJA, bem como, toda a conjectura e mecanismos necessários a essa educação. Por isso acredito na formação continuada, para que o professor consiga promover e efetivar uma participação mais ativa na formação de seus alunos e essencial na busca de sua autonomia na sociedade necessárias à produção do conhecimento humano. Ainda que consideremos as problemáticas a serem enfrentadas, isto é, «há um desafio crescente para as universidades no sentido de garantir/ampliar os espaços para discussão da EJA, seja nos cursos de graduação, seja nos de pós-graduação e extensão» (Machado, 2001, p. 16).

Para explicitar as narrativas de aprendizagem concernentes no espaço, acima citado, considere os aprendizados que permeiam minhas memórias. E assim, como dizia o poeta: “a memória é o início de todo o caminho para a produção de uma narrativa”, que irá se construir. Para além de um instrumento de relatos, este dispositivo instala-se para a concretização de uma perspectiva crítica face aos espaços e mecanismos operantes. Nessas memórias estarão os fios emaranhados em muitos processos, mas permanecem aqueles retos que me levaram ao caminho da produção do conhecimento que permitiu em minha trajetória criar sentidos e significados para e sobre o mundo, e de como capturo esse mundo em suas múltiplas e amplas altivezes.

Os saberes incorporados na educação e nessas áreas nas quais atuo, têm me ensinado muito sobre tudo, inclusive sobre a vida, e influenciou tudo o que sou, o meu pensar, o meu encanto



com a Filosofia, Sociologia, Antropologia. Afinal, esses campos de conhecimento me incentivaram a ver a vida de uma forma mais bonita, ainda que, mais crua. Essas foram as lentes que me conduziram a sempre enxergar a vida com mais perseverança: aprendi que nascer e aprender é ganhar de presente o mundo inteiro, porque é descobrir um universo de possibilidades, de liberdade e de revolução.

Por fim, aprendi com minhas leituras, que dividir nosso aprendizado é catalisador para nós e para os outros, pois há sempre muito aprendizado inculcado nos dias, e para perceber, é preciso examinar as coisas, jogando as sementes do conhecimento. Aprendi que a universidade é um ambiente que nos molda, nos exercita e nos sensibiliza, que nos prepara para ação, quando acreditamos que encontramos a nossa vocação, e que nos deixamos ser movidos por ela para construir o amanhã.

A educação me ensinou que tem gente que desperta, gente que não se contenta, e minha defesa é para uma educação de qualidade para todos, inclusive para aqueles cujas vozes foram silenciadas pela ausência da leitura, do escrever; para que sua humanidade não seja banalizada e que os sonhos sejam revitalizados — precisamos de uma educação comprometida com dignidade da pessoa humana. Espero que a educação se refaça e seja um vaso novo no mundo. Não que ela seja uma saída, mas sim uma ponte para promover várias alternativas, do mesmo modo como fez com a minha existência — tornando-me mais que um grão de areia; um monte de areia que tem vida, que anseia por mudança e que se transforma; um monte de areia que se faz um pouco mais especial que outros montes que nada falam, nada ouvem e nada aprendem.



REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADOS NA EJA

Diante de todo esse processo civilizatório, a Escola sempre buscou cumprir papéis importantes para a formação da sociedade e suas contemplanções, promovendo aprendizagens ao longo da história. E, aqui se encontra a amplitude do que representa o ato de ensinar e nossa responsabilidade de promover o ensino, garantindo ao sujeito uma formação que o torne consciente e crítico acerca da realidade, a fim de levá-lo a intervir na realidade da comunidade em que vive, com a intenção de transformá-la num ambiente melhor, que atenda às suas necessidades de trabalho, lazer, moradia, saúde e segurança, entre tantas outras.

Assim, a educação se dá na vida e se dá para a vida, trata de um convite à reflexão e ação. O professor tem papel fundamental no processo de construção do conhecimento. Ele é o mediador entre o aluno e os conteúdos, promovendo a interação dos mesmos por meio de intervenções pedagógicas intencionais, provocadoras e desafiadoras, pois a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2001). O que possibilita perceber tudo que se aprende não está no mundo por acaso ou naturalmente, e o cotidiano do qual se faz parte está aí desde todo o sempre, é histórico e cultural.

Na graduação de Licenciatura em Ciências Sociais, efetivei o meu estágio na Educação de Jovens e Adultos, no ensino médio, fazendo observação-participante e, posteriormente, lecionando a disciplina de Sociologia. Optei por estagiar nessa área, pois, concommitante ao curso, eu exercia a função de apoio pedagógico em 40 horas semanais. Nesse campo, eu me dedicava a ensinar para alunos com dificuldades de aprendizagem e fui aprendendo a identificar



os problemas apresentados por eles, seus interesses, necessidades e os auxiliava em seu desenvolvimento e aprendizagem.

Na obra de Michael Young (2007), denominada “Para que servem as Escolas?”, o autor faz uma reflexão sobre dois tipos de conhecimento: o conhecimento poderoso e o conhecimento dos poderosos. O primeiro tipo de conhecimento é aquela fonte confiável, ou seja, aquela explicação confiável sobre a qual podemos nos debruçar para pensar como o mundo é. O segundo tipo de conhecimento é aquele definido por quem detém o conhecimento, quem possui um status social, ou seja, aquele que possui maior poder econômico e social na sociedade e que tenha espaço maior nas universidades (Young, 2007). O autor nessa obra tenta responder à questão que o título traz. Diante desse pensamento do Young, percebo o quanto que essa reflexão se aplica as minhas experiências de vida, em relação ao acesso a universidade e a pós-graduação tanto no mestrado quanto na Especialização — o conhecimento poderoso é o que tenho em mãos para entender como o mundo é, como se dão as relações e suas subjetividades.

Dediquei-me aos estudos e ao ensino, ainda que, esses artefatos oferecessem correria no cotidiano. Realizava essas missões com prazer e incansavelmente. Quando efetivei meu estágio na graduação, eu me encantei pelos espaços da EJA, antes de tudo, ampliei minha percepção sobre o mundo dos outros, percebi o quanto esse campo educacional necessitava de uma pedagogia que tivesse concretude a partir da união entre teoria e prática e da relação simbiótica entre ensino, pesquisa e extensão, possibilitando a transformação e o redimensionamento dos saberes populares, construídos na lógica do saber das experiências de vida dos sujeitos da EJA, como força motriz das práticas pedagógicas. O inciso VII do art. 4º da LDB 9394/96 estabelece a necessidade de atenção às



características específicas dos trabalhadores matriculados nos cursos noturnos. Vê-se, assim, a exigência de formação específica para atuar na EJA, explicitada pelo Parecer CEB/CNE 11/2000: “Trata-se de uma formação em vista de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marcadas experiências vitais que não podem ser ignoradas”.

Considerando tais apontamentos, compreendi na prática, mais do que naquelas teorias tantas vezes analisadas, o que necessariamente a educação requer de um educador/educadora — é que ele/ela seja um profundo(a) conhecedor(a) do próprio homem. Portanto, buscava em meio ao processo de Ensino contribuir para a aprendizagem daqueles estudantes, primava mediação de conteúdos que contemplava os ideais da materialidade de um currículo significativo, que percebe as necessidades de aprendizagem dos alunos, propiciando sua formação através do melhoramento contínuo dos procedimentos pedagógicos. Para Arroyo (2005, p. 23),

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se pautar pelo diálogo entre os saberes escolares e sociais. Esse diálogo exigirá um trato sistemático desses saberes e significados, alargando-os e propiciando o acesso aos saberes, conhecimentos, significados e a cultura acumulados pela sociedade.

Por esse viés, o papel do professor, na promoção de uma aprendizagem significativa é desafiar os conceitos já aprendidos, para que os estudantes possam reconstruí-los mais ampliados e consistentes, tornando-se assim mais inclusivos com relação a novos conceitos. Isso significa dizer que, quanto mais se sabe,



mais se tem condições de aprender, pois educação é também um ato coletivo e solidário e nunca se dá isoladamente. Afinal,

se o meu compromisso e realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa (Freire, 2001, p. 22).

Portando, a partir dessas vivências, das histórias contadas e apreciadas por aqueles estudantes, aprendi o quanto a educação segue contemplando as pessoas ao longo da vida enquanto exerce o papel privilegiado de aprender e construir para pensar. Dessa maneira, a especialização da EJA trouxe grandes aprendizados ao meu universo institucional sobre esse campo da educação básica, pois houve grandes contribuições para a reflexão sobre o papel do professor, ensinamentos sobre a evolução da EJA e diversos saberes docentes, bem como as habilidades que trazem a consolidação da modalidade de ensino na educação formal e que desencadeiam inúmeras reflexões pedagógicas, métodos, mecanismos, recursos e materiais didáticos, entre outros e o redimensionamento da Educação de Jovens e Adultos.

Minha preocupação a cada aula observada, planejada e aplicada, era analisar até que ponto cumpria minha missão, tantas vezes elucidada no papel. Se, enquanto educadora, conseguia promover as potencialidades educativas da EJA, pautada pela dimensão do trabalho como princípio educativo, promovendo a interrelação entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura. Mais do que isso, até que ponto conseguia despertar aqueles indivíduos para a importância daquele processo, não apenas de formação para o trabalho, mas também, e principalmente,



para a vida. Consecutivamente, nessa abordagem, entende-se que, enquanto educadores, precisamos não só partir de um marco integrado que oriente a caminhada do educando/educanda, como também eleger como trilhas as novas didáticas (Veiga; Quixadá Viana, 2012).

Sempre levei a sério a missão de um bom educador que reconhece o seu papel político-pedagógico para que possa ter a certeza de não se tornar apenas um reproduzidor de informações sem devidas contextualizações e reflexões críticas. Porém, em toda história, há êxitos e suas adversidades. Convivendo e conversando com os estudantes, muitas vezes eles me relatavam e apresentavam que suas dificuldades para se manterem na EJA não eram poucas. Falavam do trabalho — ou da ausência deste —, dos infortúnios que a vida lhes apresentava. As mulheres, especificamente, falavam dos tantos limites que lhes eram impostos por uma sociedade patriarcal. Inicialmente, entre trocas de aprendizados, absorvi roteiros de forma indireta, considerando o plano de ensino sobre o que precisaria mediar para contemplar a realidade daqueles alunos, pois escutava aquelas falas — não somente como processo externalização, mas, muitas vezes, como gritos de socorro — e procurava ajudá-los a compreender que a história não precisava se repetir, que havia caminhos, pontes, partidas e chegadas.

Diante dos aspectos supracitados, na atuação enquanto estagiária, os estudantes foram convidados a realizar pesquisas originadas a partir de problemáticas (questões) do interesse e da necessidade dos educandos da EJA. Pois a pesquisa transforma os estudantes em sujeitos do conhecimento essa horizontalidade, revira a hierarquia do antigo princípio de que o professor sabe e o aluno aprende, aquela que o professor fala e o aluno escuta. Na prática do projeto pedagógico da EJA, o estudante se torna o



sujeito de sua vontade de conhecer, e a junção do ensino com a pesquisa fornece elementos basilares para essa construção, uma vez que, conforme Gilvan Oliveira (2004), a pesquisa como princípio pedagógico pretende minimizar a dicotomia entre teoria e prática, entre os que pensam e os que executam. Outra questão relevante, é aquela abordada por Pedro Demo (1997), em que a pesquisa como método pedagógico inverte o planejamento: o professor é também um construtor de conhecimento, pois necessita se qualificar, atualizar-se cotidianamente. Para tanto, ele precisa ouvir seu público, entender suas necessidades e dificuldades de formação, ajustando seu planejamento ao perfil da turma.

Nas matizes do retrato em branco e preto que a vida nos apresenta, tornava-se perceptível que alguns estudantes persistiam, perseveravam e se encantavam com as novas descobertas, mas, para meu desapontamento, outros continuavam a reproduzir o fracasso, desistiam, perdiam sonhos, e nesse amontoado de fatos, muitas vezes eu me questionava sobre a educação, se eram nesses segmentos que eu queria consolidar minha história. Assim, muitas vezes, esse campo que tanto me integra, também me quebrava, tornava-me um vaso despedaçado em meio às angústias e sofrimentos contados e vivenciados pelos estudantes.

Contudo, a convivência na realidade da Escola da EJA fortaleceu meus princípios de compromisso social e educacional. Novos desafios e outros dilemas se juntaram aos já existentes na complexa atividade educacional, e eu precisava fazer escolhas entre cumprir o programa oficial previsto para aquele período ou trabalhar a partir dos (des)conhecimentos dos alunos em relação a conceitos básicos sobre a realidade social, aprendendo a dialogar com eles. Com a aceitação da gestão, bem como da professora titular, foi



possível entrelaçar esse conjunto de critérios para efetivar o meu estágio, elencando algumas inovações para o ensino desse campo.

Dessa experiência, aprendi a ler e interpretar as condições de contextos diversos, o que não fiz anteriormente ao Estágio, devido a imaturidade profissional, a partir dessas vivências, aprendi a lidar com os dilemas do cotidiano à medida que surgiam. Contudo, esse processo de identificação, resolução ou convivência com dilemas, embora acompanhado de reflexões na ação, era espontâneo e intuitivo. Assim, este memorial representa uma oportunidade de reviver algumas memórias reaprender com ela e recontextualizá-las para outras situações, bem como, compartilhá-las com o mundo para novos aprendizados. Nesse ambiente, aprendi a compreender a educação como base elementar para a transformação social, na qual o estudante não é mero reservatório, depósito de conteúdos, mas sujeito construtor da própria história e, em consequência, capaz de problematizar suas relações com o mundo. Assim, “sendo criativo, articulador, mediador e desafiador, o professor apostaria em todos os meios e recursos existentes para consolidar a construção do conhecimento” (Behrens, 1996, p. 64).

Nesses segmentos, portanto, precisamos introduzir uma integração teórico-prática, entre o saber e o saber-fazer. E em relação ao currículo, inserirmos em termos de integração, entre uma formação humana mais geral, uma formação para o ensino médio e para o ensino profissional, assim como emanam as diretrizes da EJA. Aprendi que, enquanto educadores, precisamos revisar muitos conteúdos, preparar aulas e materiais apropriados a esta modalidade, uma vez que o material didático contribui de maneira significativa para o ensino e a aprendizagem desses estudantes. Demonstrando que a concepção moderna do educador exige uma sólida formação científica, técnica e política; claro que, atrelada a



uma prática pedagógica crítica e consciente para avaliar a atual condição da educação.

Sendo assim, trabalhar com a EJA é ter tudo isso em conta e saber o que ensinar e o porquê, levando em conta os saberes que esses educandos já têm, fazendo-os reconhecer esses múltiplos saberes, sua validade para a vida e seus limites. E assim, educadores e educandos podem se reconhecer enquanto sujeitos portadores e produtores de cultura, de saberes. Reconhecerem o lugar de onde falam, a partir de suas trajetórias, das suas experiências, das suas crenças, desejos e aspirações. Reconhecerem, além disso, enquanto sujeitos coletivos, os aspectos comuns das suas trajetórias com os de outros colegas, sujeitos integrados em um processo histórico que ultrapassa nosso limite individual e nos identifica com classes sociais, com raças e etnias, com religiões, com gêneros, com partidos ou propostas políticas, com grupos sociais.

Em média, três anos após finalizar a graduação e adentrar outros campos da Educação, que não correspondem à sala de aula, surgiu a possibilidade de ingressar na Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada a EJA com ênfase em Didática. A partir disso, cursar essa pós-graduação tornou-se um dos momentos de maior aprendizado, principalmente para a minha futura vida docente. Ressaltando que a tentativa de ingresso para essa área ocorreu pelas memórias e aprendizados que se consolidaram ao decorrer do Estágio no campo da EJA, uma vez que esse tipo de educação é uma arena de muitos desafios, e esse espaço me proporcionaria formas mais amplas do papel de um professor em sala de aula.

Na Especialização com ênfase em Didática, podemos perceber, através da aula, o quanto docente por meio de uma didática idealizada, prepara os discentes para viver em sociedade, formando



cidadãos ativos, reflexivos, críticos e participativos na sociedade em que vivem. Nesse contexto, podemos deduzir que o professor pode, ou melhor, deve estar aberto às diversas metodologias de ensino, incorporando-as nas suas aulas, trabalhando os conteúdos do concreto para o abstrato. As disciplinas existentes nesse campo levantaram diversas reflexões e me trouxeram diversos aprendizados, e nessas muitas atividades consolidadas tornaram-se fundamentais para os meus questionamentos. Aprendi, a partir das aulas de tecnologias, o quanto o uso correto de recursos para a aprendizagem tornam o espaço um lugar real da produção de saber, e o quanto é fundamental o professor que leciona nesse segmento cativar e usar metodologias inovadoras. Fazendo a aula acontecer com qualidade, aprendemos sobre a importância da didática e do aperfeiçoamento constante necessários a uma exemplar prática pedagógica.

Para isso utilizamos a didática, como maneira de trazer algo que estimule esses alunos de forma geral, influenciando nos seus estudos e na sua vida. Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. (Freire, 1999, p. 41).

Entretanto, a prática pedagógica dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos é um assunto pouco abordado, por isso nota-se a importância de tomar parte desse espaço de formação e intervenção para ampliação de estratégias para esse âmbito educacional, a partir de teorias, tendo em vista a relevância e influência na aprendizagem dos alunos, assim, essa especialização tornou-se uma referência curricular para os futuros estudos em torno da EJA, que buscarei emitir em outros segmentos. Assim,



as disciplinas enfatizadas nessa especialização contribuíram fortemente para os aprendizados, a formação de olhares e sobre as futuras práticas que irei consolidar a partir do ensino. Ou seja, a partir dessa pós-graduação e das disciplinas ofertadas ampliou-se o desejo de tornar-me educadora. Para além das aulas teóricas, as reflexões e atividades práticas propostas me inseriram nesse campo vasto da disseminação do conhecimento, que ainda sendo um desafio, leva-me a caminhos ainda mais libertadores e de encantamento para a promoção do ensino. Diante do elucidado, buscarei seguindo com práticas inovadoras na tentativa de superar e não fracassar com a missão de educadora.

Vale ressaltar que, além de, a educação ser um ato político ela é uma via para construção do conhecimento e alicerce para a construção de uma nova sociedade. Assim, o método de ensino, essa didática supracitada, juntamente a sua própria metodologia, estimula o aluno a ter uma visão mais ampla e coerente daquilo que ele aprende e ao mesmo tempo questiona, e, portanto, defendendo aqui, ações pedagógicas orientadas para uma aprendizagem comunicativa, no sentido da melhor compreensão sobre o assunto. É por essa razão que, insisto na defesa da educação que liberta, sobre a importância do diálogo, da problematização e da compreensão dos saberes dos educandos no cotidiano escolar.

Dessa forma, aprendi que, a EJA, além de ser um modelo pedagógico indispensável para vencer o desafio do analfabetismo brasileiro de uma vez por todas, também pode ser considerada uma metodologia base para a formação de alunos e professores para os níveis elementar e médio. Assim, enquanto docentes em formação, podemos entender melhor os mecanismos da EJA e vencer as barreiras que atravessam o ensino e o processo de aprendizagem dos estudantes desse segmento.



Portanto, verifica-se de um modo geral que o bom professor da EJA deve ter características pessoais, como dinamismo, criatividade e gostar do que faz; deve emitir saber específico (domínio de conhecimento) e deve saber ensinar mediando e estimulando, planejando e utilizando estratégias, deve saber interagir. Em relação à boa aula, ela deve apresentar características como dinamismo, clareza, objetividade, organização e ter estratégias diversificadas, pautadas na experimentação e na prática principalmente. Para Cunha (1996),

A produção do conhecimento é entendida como a atividade do professor que leva à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento exigente, à inquietação e à incerteza. É o oposto da transmissão do conhecimento pronto acabado. É a perspectiva de que ele possa ser criado e recriado pelos estudantes, e pelos professores na sala de aula (Cunha, 1996, p. 111).

Dessa forma, o conhecimento influenciará no modo com o qual exerceremos a prática pedagógica, sendo necessário e constantemente o exercício de repensar a práxis, ou seja, “a prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo” (Freire, 1985, p. XX). Mais do que isso, essa especialização trouxe para minha vida contextos que me apresentaram métodos por meio dos quais alcancei melhores condições de aprender a estudar mais sistematicamente; de aprender que o professor/pesquisador precisa criar em relação a estratégias de leituras e de estudos para melhor aproveitar as informações bibliográficas que lhe estão disponíveis em suas amplitudes no mundo.

Essa especialização tornou-se um campo de aprendizado para a minha vida, não somente por sua dimensão teórica, mas por todos os fatores relevantes que contemplaram as repercussões decorrentes de uma esfera educacional composta por múltiplos



mecanismos como a Educação de Jovens e Adultos, proporcionando ainda, muito aprendizado pessoal, portanto, foi nesse jardim de flores e divisórias que me tornei parte do mundo, deixando o campo escolar fazer parte do que fui, do que sou e do que serei, tanto quanto discente quanto como profissional do campo educacional. Afinal, é exatamente o conhecimento que faz com que a voz da consciência possa ser escutada e aplicada, e podemos, portanto, enquanto educadores, auxiliar nossos educandos a construí-lo.

Por fim, aprendi que o bom professor, que tem como missão influenciar positivamente a vida social dos alunos, deve contribuir com aulas extremamente edificadoras, completas e libertadoras, mediando o desenvolvimento do conhecimento e promovendo aprendizagens significativas, como forma de auxiliar e mediar para a geração do saber crítico e necessário ao bom ensino, uma vez que, nessa categoria, está edificada a minha missão educativa — sobre o ato de ensinar, oferecendo instrumentos para que estes educandos/educandas possam construir uma visão articulada, organizada e crítica do mundo em quem os cercam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o memorial reflexivo das experiências vivenciadas e compartilhadas no campo educacional, percebo o quanto que esse documento é fundamental para repensar nossos aprendizados, permitindo reviver as memórias e refletindo-as através de olhares pedagógicos e, através destes, permitir o aprimoramento das minhas práticas pedagógicas enquanto uma professora em formação. Ainda, ativar nesse segmento a memória sobre as experiências de vida, é transbordar acúmulo de conhecimentos que consolidaram a plenitude do vivido com as marcas do núcleo essencial da pessoa,



sintetizando os distintos papéis assumidos ao longo da vida. Os retratos em branco e preto permitiram representar os momentos revisitados da dinâmica da vida, momentos que me marcaram e orientaram novas ações, incursões e obras. É por essa razão que insisto na defesa da educação que liberta, na importância do diálogo, na problematização e na compreensão dos saberes dos educandos no cotidiano escolar.

Portanto, ao decorrer dessas linhas e diante dos aprendizados na Especialização sobre a EJA, é possível verificar, de um modo geral, que o bom professor da EJA deve ter características pessoais, como dinamismo, criatividade e gostar do que faz; deve emitir saber específico (domínio de conhecimento) e deve saber ensinar mediando e estimulando, planejando e utilizando estratégias, deve saber interagir. Em relação à boa aula, ela deve apresentar características como dinamismo, clareza, objetividade, organização e ter estratégias diversificadas, pautadas na experimentação e na prática principalmente, e esta, é a educadora que quero ser — alguém que tem como missão, mediar o conhecimento para a vida.

Descobri meu estilo de escrever, afinal, produzir um memorial é mais do que refletir sobre o que almejamos na educação, é desnudar formas e memórias que nos consolidam como humanos e que nos apresenta o que somos, aprendi por essas escritas de memórias que somos constantes, e que podemos superar o fazer, o viver, e contar, e o aprender, que o movimento e o aprendizado sempre nos levam a novos encontros.

Em suma, a chegada aos dias atuais está conduzida por significados e sentidos alcançados em essência como qualidade inerente de aprendizagens no decurso das experiências de vida, da qual o trabalho é parte integrante. Foram experiências gratificantes, realizadas em diferentes e notáveis tempos, espaços e contextos



matizados com o lápis impreciso da memória desbotada repleta de emoções, que se revelam expondo desejos, realizações, perdas, amores, rugas e sorrisos. Narrar essa história é um exercício de reconhecimento do próprio eu, é ver nos retratos o que antes eu não conseguia enxergar, é extrair dos fatos os feitos, sendo que, cada retrato mostra os ângulos significativos em determinado momento e permite atribuir sentido ao passado com os olhos do presente. Por fim, novos retratos serão incorporados a essa história, novas experiências comporão essa tela e quem sabe mostrem também o outro lado do quadro que precisa ser colorido e redesenhado, no espaço em que tudo cabe — no presente e futuro que se apresentam com novas cores.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. Gonzalez. **Educação de Jovens e Adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (orgs.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p. 19-50.
- BAVARESCO, Agemir; BARBOSA, Evandro; ETCHEVERRY, Katia Martin (org.). **Projetos de filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. *E-book*. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/projetosdefilosofia.pdf>. Acesso em: 23 maio 2020.
- BRASIL. Ministério de Educação. **Documento Base PROEJA**. Brasília, 2007.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 6. ed. Campinas-SP: Papirus, 1996.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Campinas, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez: 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- MACHADO, M. M. Formação de professores de EJA: como as pesquisas tratam este tema? **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, São Paulo, n. 13, dez.2001.
- OLIVEIRA, G. M. de. **Interesse, pesquisa e ensino**: uma equação para a educação escolar no Brasil. A experiência da rede municipal de educação de Florianópolis. Florianópolis: IPOL, 2004.
- RIBEIRO, V. M. (org.). **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001. SAVIANI, D. O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto do MEC.
- VEIGA, I P. A. QUIXADÁ VIANA, C. M. Q. Formação de professores: um novo campo de possibilidades inovadoras. *In*: VEIGA, I. P. A.; D'AVILLA, C. M (org.). **Profissão docente**: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas: Papirus, 2012.
- YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.



RESILIÊNCIA E SUPERAÇÃO: O PODER DA BUSCA PELA REALIZAÇÃO DOS SONHOS, INDEPENDENTE DA IDADE CRONOLÓGICA EM QUE SE ENCONTRE O SUJEITO

MARIA GORETE DE MACEDO LIRA

Orientadora: Profa. Míriam Flávia Medeiros de Araújo

De acordo com Prado e Soligo (2005), “o memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível uma vez que, além de tornar público o pensamento e os sentimentos, possibilita difundir o conhecimento produzido no cotidiano dos profissionais e/ou futuros profissionais.

Nessa perspectiva, discorrerei, nas páginas seguintes, sobre minha trajetória estudantil e profissional de forma crítica e reflexiva, através do referido gênero, cujo texto, essencialmente autobiográfico, me permitirá registrar fatos importantes que, ao longo de quase seis décadas de existência, ajudaram-me a construir uma história permeada por sentimentos de alegria, decepções,



medo, superação, resiliência e, acima de tudo, de muitos sonhos e muitas lutas.

Constituindo-se como última etapa do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos, desenvolvido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC), em parceria com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus* de Educação a Distância (EaD), que tem como objetivo geral a oferta de uma formação continuada para profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional articulada à EJA, bem como contribuir com a formação dos professores a distância, visando dar um novo foco ao ambiente de aprendizagem virtual nas redes federal, estadual e municipal, o presente trabalho acadêmico de caráter obrigatório e instrumento de avaliação final do referido curso, denominado TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), será elaborado em forma de dissertação, visando a iniciação e o envolvimento, de minha parte, no campo da pesquisa científica, o que se constituirá, sem sombras de dúvidas, como de suma importância para minha formação como leitora e escritora.

Nesta perspectiva, compreendo a necessidade de uma breve explanação acerca minha trajetória acadêmica, que tem início nos primeiros contatos com a leitura, muito antes de adentrar os muros de uma escola; perpassa situações de sobrevivência de uma aluna oriunda da zona rural, em situação de extrema pobreza, frente a uma escola fragilizada e excludente, característica das últimas décadas do século XX; registra o amadurecimento adquirido através dos conhecimentos produzidos em instituições de ensino superior, após longos anos de “abstinência”; indo até a inserção no mercado de trabalho da educação, que me oportunizou lutar



por melhores condições de vida de uma camada da sociedade a quem até mesmo o direito à educação para todos, assegurado por nossa Constituição Federal de 1988, me parece não haver, em muitos casos, saído do papel.

Mister se faz evidenciar que, por se tratar de um trabalho científico, buscarei fundamentar as reflexões ora apresentadas, em estudos realizados ao longo do referido curso, associando-os ao pensamento de LEFFA (1996), Paulo Freire (1989), Gadotti (2014) e Ivan Ivic, que nos apresenta a teoria interacionista de Lev Vygotsky (1896 – 1934). Dessa forma, buscarei desenvolver uma melhor compreensão acerca do descaso da qual são vítimas os jovens e adultos de nosso país, principalmente no que diz respeito à sua formação científica e assim, me permitirei continuar buscando alternativas no sentido de contribuir com a construção de uma escola que enxergue o cidadão como sujeito de direitos, independentemente de sua cor, raça, crença, ideologia e, porque não dizer, de sua idade cronológica, aja vista, sabemos todos nós que, do nascimento até a morte, o ser humano estará em constante formação.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Considero o ato de rememorar minha história de vida como um momento solitário e doloroso, permeado por algumas lágrimas, mas, por que não dizer, por doces lembranças de pessoas que acreditaram no meu potencial e assim, ajudaram na construção de minha história. Uma história marcada por muitas privações, renúncias e negações de direitos, mas de muitos sonhos, desejos de mudança, alegrias e, acima de tudo, de muita resiliência e fé.



MINHA FAMÍLIA

“Meu pai, amante das letras. Minha mãe,
mulher de fé.

Ambos queriam pros filhos algo melhor.

Quem não quer?

Diziam que por ali para nós não havia futuro.

Deveríamos estudar, aprender contas, ler bem,

Saber entrar e sair. Ser respeitoso, também!

Pegar a estrada e seguir, mesmo que fosse no
escuro.”

Gorete Lira

Nasci em uma comunidade rural no ano de 1962. Quinta filha de um casal de pequenos agricultores do interior da Paraíba, mais precisamente, do município de Picuí, um lugar, à época, ainda mais distante da civilização e do progresso, que qualquer outro por mais atrasado que seja, nos dias atuais. Foi nesse pequeno mundo, dada a necessidade de interação que acometia a todos, que adquiri boa parte do aprendizado inerente à minha formação como pessoa humana.

Fiz parte de uma comunidade de leitores desde a mais tenra idade. Recordo nitidamente dos bons momentos de leitura que partilhávamos as quais se resumiam à literatura de cordel, a alguns livros didáticos já bastante surrados que alguém da cidade nos mandava ou a uma folha de revista que viesse enrolando a barra de sabão comprado na bodega. Nesse momento, meu pai era o mais empolgado: desenrolava o sabão com pressa e lia em voz alta e compassada, diante de uma pequena plateia consumida pela ansiedade e curiosidade natural às pessoas que, cansadas do infortúnio já constante em suas vidas, desejam encontrar em meio



às letras, um mundo mais leve, mais colorido e mais perfumado, confirmando assim, a teoria interacionista de Vygotsky (1896 - 1934), de que é por meio do adulto que a criança se envolve em suas atividades.

MINHA INFÂNCIA

Posso dizer que minha infância foi, mais do que em todas as demais fases da vida, um emaranhado de contradições: se por um lado eu era vista como uma criança raquítica,

complicada e esquisita, por outro era admirada pela facilidade com que me apoderava da leitura. Leitura essa que, de princípio, não passava de decoreba: aos três anos de idade, mostravam-me um livro que circulava na casa o dia inteiro e mandavam-me ler a história de João e Maria. Ao que eu lia, sob os olhares atentos e curiosos, da seguinte forma: “João e Maria, todos os dias, todo cedo”. Abro aqui um parêntese, para lembrar as palavras do grande Paulo Freire: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (Freire, 1989, p. XX).

Concluída a leitura, meus olhinhos brilhavam de felicidade, frente aos aplausos da “plateia”, em um ato de pura admiração, que compensava os demais adjetivos a mim conferidos normalmente, como feia, magricela, chorona, nervosa e fraca.

Naquela época, eu gostava de ficar em casa, enquanto meus irmãos iam à escola, uma vez que todas as atenções dos adultos se voltavam para mim e, o melhor de tudo, é que quando eles voltavam, tinham sempre alguma coisa que aprenderam e que queriam mostrar a meus pais e, conseqüentemente, a mim. Eu me deliciava com tudo! Às vezes sentia um pouquinho de inveja, também queria



ir à escola, mas diziam-me que era muito “fraquinha” que não iria “botar o caminho” e outras coisas mais.

A ESCOLA

Discorrerei a partir deste ponto, sobre minha trajetória acadêmica, marcada pela precariedade do ensino público ofertado nas últimas décadas do século XX, cujo descaso, por parte do Estado atingiu, em cheio, várias gerações, mais precisamente a aqueles que nasceram e cresceram em um contexto social que hoje seria caracterizado como abaixo da linha de pobreza.

A CARTA DE ABC

O ano de 1968, foi um ano de grandes mudanças: mudamos de casa; fomos morar em um sítio um pouco distante do nosso e que ficava perto da casa de uns parentes onde funcionava uma escola. Desta feita, fui matriculada aos cinco anos e meio, embora na matrícula constasse que tinha sete. Fato que não fazia muita diferença, uma vez que nem registro de nascimento eu possuía. No entanto, meu primeiro dia de aula não foi tão significativo como esperava: meu pai havia comprado para mim uma carta de ABC: Um folheto bem pequeno que começava com lições do alfabeto; depois o estudo das sílabas e, por último, a introdução à leitura de algumas palavras soltas. No primeiro dia de aula, a professora mandou que sentasse no banco junto à parede e lesse da letra A à letra E. Senti-me a pior das criaturas naquele momento. Comecei chorar baixinho e, como se ninguém me ouvisse, chorei um pouco mais alto, até que ela foi onde eu estava e perguntou porque estava chorando. Entre soluços, respondi que estava chorando porque ela



mandara-me ler apenas cinco letrinhas enquanto eu conhecia todas as letras e até lia histórias. Esse episódio rendeu bastante, entre minha família, a professoras e os alunos, como motivo de boas risadas. Alguns dias depois deste fatídico episódio, a professora constatou que eu estava alfabetizada e me presenteou com uma cartilha que possuía pequenos textos para leitura. No dia da prova final, a professora errou o número de alunos e, acabou faltando uma prova dos alunos da cartilha e sobrando uma do primeiro ano. Resolveram que eu faria essa prova que sobrara. Obtive melhor nota que os alunos do primeiro ano e isso, mais do que justo, foi motivo de aplausos, inclusive, da professora que passou a achar que, no próximo ano, eu deveria ir para o segundo ano, mas minha mãe achou por bem que eu continuasse no primeiro ano, para não igualar com minha irmã, mais velha três anos que eu. Considero que a concepção de leitura daquela escola, ignorava a importância dos conhecimentos prévios na constituição do sujeito como leitor, a que três décadas depois, Leffa nos leva a refletir:

[...]o leitor, usando seu conhecimento prévio, interage com a informação básica do texto para estruturar um determinado padrão silábico [...] começa a ocorrer, com a contribuição do leitor, ainda que de modo primitivo e subconsciente, as primeiras manifestações do processo de interação (Leffa, 1996, p. 19).

O PRIMEIRO GRAU (PRIMEIRA FASE)

No ano seguinte, após voltarmos para nossa casa que ficara abandonada por longos doze meses, passei a frequentar a Escola das Pedreiras, que funcionava na casa da professora, mais precisamente na sala de visitas. Estudei naquela escola o primeiro e o segundo



ano primário. Recordo as leituras que fazia em um livro velho que fora de minha segunda irmã, as quais já conhecia de cor, como parte da atividade denominada “dar a lição”. Não lembro bem das atividades de escrita. Acredito que as mesmas não foram assim tão significativas. Recordo bem do aprendizado de matemática, as famosas contas tão exigidas pelo meu pai.

Guardo boas recordações dessa escola, principalmente, em relação às datas comemorativas. Comemorávamos o dia das mães recitando poesias e cantando músicas com tema de mãe. Tudo de uma forma muito simples, mas feita com muita dedicação pela professora que costurava nossa roupa de papel crepom e enfeitava nosso chapéu de palha. Quando algum aluno não tinha condição financeira para comprar o material da roupa, ela ou uma de suas tias, comprava-o, de forma que todos participassem dessas comemorações. Nessa época, inconscientemente, eu já usava a leitura como função social. Havia duas tinhas minhas que eram cegas: Uma evangélica e outra católica. As duas não se davam muito bem, disputavam entre si tudo do pouco que lhes restavam e, como não poderia deixar de ser, naquele momento o objeto predileto dessa concorrência era eu com meu dom de leitora. No dia em que era requisitada por minha tia evangélica para ler e reler até que ela decorasse um versículo da Bíblia, no outro, sem dúvida já seria intimada pela outra para ler e reler inúmeras vezes uma oração do adoremos, um livro preto que continha todas as orações da Igreja Católica, até que a mesma decorasse. Minha avó reclamava bastante das minhas tias as quais ignoravam seus argumentos de que eu iria ficar doida. Acredito que nenhuma das duas estava preocupada com minha saúde mental, diante do infortúnio em que se abateram suas vidas. Quanto a mim, rejubilava-me com o sentimento de proteção oferecido por minha avó, mas gostava das



leituras que fazia ao mesmo tempo em que vibrava com minhas tias a cada vez que conseguiam proferir sozinhas as leituras decoradas.

No ano de 1970, uma seca devastadora, apagou muitos sorrisos em nossa região. Período em que perdemos nossa irmã mais nova, um bebê de oito meses, que foi vítima da falta de assistência médica. Contudo, apesar de todas as necessidades materiais que enfrentamos, não diminuiu, em ninguém de minha casa, a vontade aprender. Enquanto deveríamos ficar ociosos, visto que não havia nada para fazer nos roçados, além de irmos à escola, aproveitamo-nos da oportunidade para estudar tudo que havia em um livro de admissão ao ginásio que uma parente nos mandou da cidade. Quanto a mim, gostava de decorar a geografia, mas o que me impressionava mesmo eram os textos da parte de Língua portuguesa. Conheci Graciliano Ramos naquele livro, através de um pequeno texto extraído de sua obra *Vidas Secas*, onde Fabiano, Sinhá Vitória, seus dois filhos e a cachorra baleia, lutavam sem muitas armas, assim como minha família, contra a miséria que a que se abate as vítimas da seca, em qualquer tempo ou lugar. Lia e relia também, com os olhos e com a alma, os poucos poemas que aquele livro continha. Leitura essa que me enchia de lágrimas os olhos e me colocava uma mistura até então desconhecida de doce e amargo na garganta.

Infelizmente, no início ano de 1971, quando deveria eu estudar a terceira série, meu pai resolveu que não iria nos matricular. Acabávamos de sobreviver uma seca devastadora, da qual deveríamos agradecer a Deus por estarmos vivos. Lembro perfeitamente o dia em que a professora veio nos matricular e minha mãe explicou que não havia condições. Estávamos realmente sem nada! A professora lamentou muito, falou que não ia desistir, pois nós (eu e meus irmãos) éramos os seus melhores alunos. Saiu cabisbaixa,



como que vencida pelo infortúnio, causado pela seca, que mais e mais se alastrava...

No meio do ano, a professora veio novamente, mas meu pai argumentou que não adiantava estudar um ano pela metade e que já tinha outros planos para nós naquele momento. E assim, partimos para uma nova experiência: Fomos trabalhar nos roçados dos vizinhos, eu, meus quatro irmãos mais velhos e meu pai.

Voltei à escola no ano seguinte, somente eu e minha segunda irmã. Havíamos nos mudado novamente para um sítio bem distante onde tudo era para mim novidade e, como não poderia deixar de ser, novidade também seriam os costumes da nova escola: Uma escola que seguia os mesmos padrões físicos das conhecidas anteriormente. A diferença é que eu e minha irmã fomos matriculadas na terceira série já que a professora exigira livro, sendo um livro só para as duas, uma forma de economizar. Certo dia a professora pediu que comprássemos lápis de pintar. Era minha primeira experiência com desenho e pintura: um desastre, diga-se de passagem! Fui criticada ao extremo por todos da escola e de casa. Pegava no lápis com tanta força que rasgava o papel. Meus desenhos eram horríveis, nem gosto de lembrar...

Aprendi pouquíssimo dos livros naquele ano. Em casa já não tínhamos mais o hábito da leitura, estava sempre todo mundo muito ocupado e minha segunda irmã estava ficando mocinha. Foi quando eu criei uma amiga imaginária para ter com quem desabafar. Essa amiga era tudo do que eu precisava: ouvia-me perfeitamente, não me criticava e ainda aprovava tudo que eu dizia ou fazia. Seria, realmente, tudo perfeito se não existisse o fato de que, vez em quando, em meio a um longo papo, sermos surpreendidas por minha mãe ou por um de meus irmãos que me



chamavam de doida, pois, no ambiente em que fui criada, somente os loucos conversam sozinhos.

No ano seguinte, criou-se uma escola em minha casa na qual uma prima seria a professora. Esse também não foi um ano bom. Estudar em casa, sob os olhares de pai e mãe, ter que varrer a escola e outras coisinhas igualmente chatas, serviu-me de desestímulo total. Minha prima tentava repassar tudo que aprendera no ano anterior em uma escola da cidade para mim e minha irmã, mas eu não estava interessada, achava tudo aquilo muito enfadonho. Tirei nota boa nas provas para não levar uma surra, mas pra ser sincera, não aprendi nada.

De volta para nossa casa própria, tínhamos outra novidade: minha irmã mais velha, após um ano de estudos na cidade, tornou-se professora e eu, para não ficar sem estudo e para aumentar sua folha de matrícula, repeti a quarta série por mais dois anos, apesar de tirar dez em todas as matérias. Por outro lado, não gostei de ter como professora uma irmã. Em minha fase rebelde fui castrada de todas as aventuras inerentes às garotas de minha época. Como já estivesse eu entre os doze e quatorze anos e minhas primas até mais nova já se comportassem como moças, ninguém aceitava minha maneira de ser: Diziam que eu era pequena, feia, sem jeito, e malcriada. O fato de ser inteligente já não tinha a menor importância. Faltava-me a doçura e a esperteza própria de uma adolescente em descoberta.

Enquanto isso eu sonhava. Sonhava silenciosamente com medo que alguém viesse criticar também meus sonhos e que me levasse a despertar para a dura realidade em que estava inserida.



O PRIMEIRO GRAU (SEGUNDA FASE)

Final de 1976, tempo da grande virada em minha vida. Resolveram mandar-me prestar exames na Cidade. Naquela época, para se matricular na quinta série, o aluno precisava passar por um exame de admissão. Todos achavam que eu estava preparada. Afinal de contas, minha irmã professora havia me repassado tudo aquilo que aprendera. E eu passei, em segundo lugar, concorrendo com mais de cem alunos da Cidade. Fiquei tão emocionada quando ouvi meu nome na Difusora Guarani que precisei sentar-me para não cair. Apesar de toda a felicidade que sentia no momento, doeu-me muito ouvir o tom taxativo de algumas pessoas que comentavam: “Em primeiro lugar foi fulana, filha de fulano. Em segundo lugar foi uma menina do sítio”.

Meu primeiro dia de aula no colégio Cenecista Ana Maria Gomes pareceu-me mágico. Tudo era novidade! Até a sirene tocando me encantava. Era tudo perfeito demais para ser verdade: Aquele cheirinho de novo, a euforia dos alunos, cinco professores em um só dia, a hora do intervalo, minha roupa igual a das outras meninas, um caderno grande e cheio de divisões. Imaginei realmente ter encontrado o paraíso.

Contudo, o encanto durou pouco e a realidade foi mais forte. Minha cabeça não conseguiu segurar as emoções e a ansiedade falou mais alto. Certo dia, percebi que apesar de toda mudança pra melhor que me havia acontecido, continuava eu a ser uma esquisita; que a marca de matuta estava impregnada em mim para sempre; que eu nunca seria igual às garotas da cidade; que nenhum professor iria me dirigir a palavra e que, para ser vista, eu precisava ser engraçada. Resultado: uma catástrofe: Passei da condição de ignorada a de desrespeitada. Todas as vezes que tentava



falar, era interrompida por um ensaiadíssimo coral que repetia a pior de todas as frases que poderia me ser dirigida naquela época: “Cala a boca, do sítio”! Tudo isso, sem contar com os professores que aparentemente, me detestavam.

Não me lembro de ter aprendido alguma coisa das matérias ensinadas naquele ano. Passei por média, apesar de tudo concorrer para o contrário. Em casa, esse foi um ano sem leitura, pois na casa da minha tia onde passei a morar na cidade, não se cultivava esse hábito.

No ano seguinte, fui morar na Cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, em casa de uma prima que era professora. Matricularam-me no Instituto Vivaldo Pereira, uma escola do Estado, em pleno regime militar, onde adquiri alguns ensinamentos de disciplina e de respeito, bem como tive alguns bons professores. Nesta escola, adquiri o status de prima da professora. Isso para mim era a glória diante do termo pejorativo de “do sítio” a mim atribuído no colégio cenicista de minha cidade. Estudei quatro anos naquela escola, de onde guardo boas recordações e alguns aprendizados.

O SEGUNDO GRAU

Fiz o primeiro ano, alimentando a ideia de ingressar no Magistério. Cheguei a fazer matrícula, sob os protestos de parentes, que não concordavam com o fato de eu estudar no turno da tarde, pois precisava trabalhar. Mas eu insisti e, não sei se por esse motivo ou por outros que não vale a pena ressaltar nesse momento, mandaram-me de volta à minha Cidade. De volta à Escola Cenicista, matriculei-me no único curso disponível, o Técnico em Contabilidade e, naquele momento, descobri que aquela instituição



perdera seu encanto, pois agora era eu quem brilhava, não como aluna, mas como pessoa. Jurei pra mim mesma que nunca mais seria humilhada naquela turma, agora bem pequena, em virtude do acentuado número de reprovação e desistência características da época. Com eles vivi dois anos maravilhosos. Inocentes, enchíamos de orgulho quando falávamos que seríamos contabilistas. Na prática, não dávamos nenhum valor. Aliás, acho que esse não era um sentimento somente de nós, os alunos. Desconfio que boa parte dos professores também enveredassem por essa linha de pensamento. Tive uma ótima professora de literatura; não aprendi nada de matemática e decorei muitos conceitos sobre contabilidade e mecanografia.

A turma era maravilhosa. Praticamente todos da mesma idade; vivíamos a fazer festas por todos os motivos. Escrevíamos versos enquanto os professores falavam, depois mostrávamos pra toda a turma, até mesmo para os professores que nos achavam engraçados. Experimentei nessa época, uma verdadeira sensação de igualdade e de aceitabilidade até então desconhecida, embora as condições financeiras de meus colegas fossem bem melhores que as minhas. Colamos grau sob toda pompa a que tínhamos direito, jurando de pés juntos que seríamos bons profissionais e que nunca iríamos esquecer a amizade que construímos.

Havia nesse momento, um destino pré-traçado para mim: deveria ir morar na Cidade de João Pessoa, para conseguir um trabalho digno de minha inteligência e de meu grau de instrução, satisfazendo assim, também eu, o grande desejo dos meus pais que era o de ver todos os seus filhos em busca de algo melhor bem longe do lugar onde eles próprios nos criaram.

Viajei uma semana após minha colação de grau, banhada em lágrimas e cheia de esperanças em um futuro promissor.



Influenciada por meus colegas, tentei um exame vestibular no qual tirei péssimas notas, talvez pelo fato de que, ao me inscrever, escolhi Economia por achar que o nome era bonito.

O CURSO DE PEDAGOGIA

Após morar 21 anos na Cidade grande e, mesmo não tendo frequentado nenhuma instituição de ensino neste período, continuei desejando ir em busca do aprendizado que não me foi oferecido no âmbito escolar. De volta, mais uma vez, à minha cidade, me surgiu a oportunidade de ingressar na Universidade Federal de Campina Grande. De princípio imaginei um curso de Pedagogia repleto de teorias infantis, que me encheria de tédio e que me tornaria uma pessoa falsa e sem nenhum objetivo definido. Puro engano. Surpreendi-me com os estudos desenvolvidos ao longo do curso e com o aprendizado que me foi oferecido. Tive ótimos professores que me incentivaram a descobrir meu potencial; fizeram renascer em mim o gosto pela leitura e a escrita; levaram-me a perceber a capacidade de refletir e me suscitaram o desejo de buscar sempre a construção de novos conhecimentos. Tornei-me, oficialmente, Pedagoga, em julho de 2010, ciente da minha responsabilidade frente à educação desse país, principalmente em relação aqueles que não tiveram a mesma oportunidade que eu.

PÓS-GRADUAÇÃO

No ano seguinte ingressei no Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Economia Solidária, ofertado pela UFCG, *Campus Cuité-PB*, no qual tive oportunidade de aprofundar meus conhecimentos acerca de uma parte da



sociedade que clama por oportunidades que, apesar de lhes serem asseguradas pela Constituição Federal, não lhes são apresentadas, haja vista a falta de vontade política e planejamento, não só dos nossos governantes, mas da sociedade. Nessa perspectiva, Moacir Gadotti vem alertar que

Não há sociedades que tenham resolvido seus problemas sociais e econômicos sem equacionar, devidamente, os problemas de Educação, e não há países que tenham encontrados soluções para seus problemas educacionais sem equacionar, devida e simultaneamente, a Educação de adultos e a alfabetização. (Gadotti, 2014).

Logo em seguida, busquei outra especialização, desta feita, na Modalidade a Distância, da Universidade Cândido Mendes, Curso de Coordenação Pedagógica, acreditando assim poder concorrer a um cargo na instituição onde trabalho, que me permitisse participar ativamente das discussões acerca do sistema de ensino e assim poder defender meus ideais de construção de uma escola mais justa, mais humanitária e menos excludente.

No final de 2018, em meio à luta por melhores dias para alunos da Educação de Jovens e Adultos, surge-me a oportunidade de ingressar no Curso de Especialização em Práticas

Assertivas da Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos. Era tudo que eu desejava naquele momento: aprofundar meus conhecimentos acerca do PROEJA, cuja existência, em nossa realidade existe apenas no papel. Período de muitos desafios, que foi marcado pela falta de tempo disponível para os estudos, em virtude da carga de trabalho a que tenho me submetido nos dois últimos anos. Contudo, um período de muita aprendizagem que veio alimentar em mim, cada vez mais, o desejo de levar a sociedade a refletir sobre os benefícios que a educação



pode proporcionar ao ser humano, independentemente da idade cronológica em que ele se encontre.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E RELATO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA

No ano 2005, antes mesmo de ingressar no Curso de Pedagogia, fui convidada a ministrar aulas no Programa de Alfabetização Solidária, um Programa desenvolvido pelo Conselho da Comunidade Solidária do Governo Federal, criado em 1997, cuja proposta era alfabetizar jovens e adultos nas cidades com maior índice de analfabetismo, em módulos com duração de cinco meses. No Primeiro dia da capacitação oferecida pela Universidade Federal da Paraíba, destinada aos professores leigos que atuavam no referido programa, escutei, pela primeira vez, o nome do grande educador Paulo Freire. Curiosa, pedi a Professora formadora, que discorresse um pouco mais sobre a vida e obra deste senhor, haja vista seus olhos brilhavam, cada vez que a ele se referia e, já no segundo dia, fui apresentada a principal obra do mais celebre educador brasileiro. “Pedagogia do Oprimido”, da qual adotei como lema, para minha trajetória profissional que hora iniciava, a seguinte frase:

Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (Freire, 1998)

Firmada na crença das palavras de meu recém adotado mestre, iniciei minhas aulas em uma escola rural que acabara de



ser reaberta, localizada em uma comunidade com noventa por cento de suas casas em estado de abandono. Matriculei dezoito alunos, dos quais apenas seis se dispuseram a me acompanhar naquela aventura noturna, após longo dia de trabalho pesado sob o sol escaldante do nosso Curimataú. Logo nos primeiros dias, percebi que os alunos não gostavam do desenvolvimento de discussões em sala de aula; que se aborreciam com a abordagem de temas que os levassem a refletir sobre a constituição de cidadãos de direitos e de deveres; bem como não aceitavam, de forma alguma, a ideia de que a aprendizagem iria se construindo em uma via de mão dupla, ou seja que professor e alunos aprendem mutuamente, à medida que se dá a valorização dos saberes de todos os envolvidos. Neste contexto, levando em consideração minha inexperiência, guardei minhas teorias, sufoquei meu idealismo e passei a utilizar o método tradicional de soletração, a única forma que encontrei para manter a pequena turma ao longo do Módulo XVIII.

Contudo, a frustração vivida em minha primeira experiência com a Educação de Jovens e Adultos, não foi capaz de destruir meus sonhos. Ao longo do Curso de Pedagogia, defendi com todas as minhas forças a ideia de que esta modalidade de ensino carecia de um novo olhar lançado por aqueles que fazem educação, inclusive, no período da prática de ensino, eu lutei bastante junto a Coordenação do Curso, para que me permitisse estagiar em uma sala de EJA. Meu pedido foi negado, sem muitas explicações.

No ano 2014 já exercendo função administrativa na Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de minha Cidade, recebo o convite para assumir a Coordenação Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos em três escolas, sendo duas urbanas e uma rural, nas quais funcionavam da primeira à quarta etapa. Muitos foram os desafios nesta fase de minha vida profissional:



professores desestimulados; gestores que não aceitava as especificidades do público formado por alunos adultos; alunos indisciplinados; funcionários revoltados por terem que trabalhar no turno da noite; entre outros.

Com a ajuda da Gerente Estadual da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), organizei um encontro de formação para professores e gestores de EJA da rede municipal de ensino; consegui parceria da orientadora educacional para o desenvolvimento de um trabalho voltado à diminuição da indisciplina e, ao final daquele ano, alguns avanços puderam ser comemorados, embora estivesse eu ciente de que a batalha ainda não fora vencida.

No ano seguinte, após ser aprovada em Concurso para professora da rede municipal de ensino de Picuí, vivenciei a felicidade de realização do sonho de lecionar em uma sala de EJA, dessa vez, como profissional e não mais como professora leiga. Assumi uma turma do primeiro ciclo, composta por alunos adultos e idosos, muitos deles descrentes de suas habilidades e competências o que ocasionou um significativo índice de evasão logo nos primeiros meses de aula, não somente em minha turma, mas em todas as escolas da rede

Preocupados com a situação, o diretor de uma das escolas onde funcionava a EJA, o Coordenador Pedagógico e eu, formamos uma comissão e levamos a problemática até a Secretária de Educação que, por sua vez, despertou no Prefeito a aflição diante da acentuada queda que já se verificava no repasse dos recursos do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), em decorrência da diminuição no número de alunos no ano anterior e o levou a refletir sobre uma forma de incentivar adultos e jovens a voltar à escola e assim garantir o aporte financeiro necessário ao



bom funcionamento da rede. Após inúmeras discussões, foi criada a Lei Municipal nº 1.615, de 30 de abril de 2015, que, em seu Art. 1º, institui o “Programa de Bolsas de Estudos destinado à concessão de 500 (quinhentas) Bolsas de Estudos aos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos - EJA do município de Picuí/PB”. Nessa perspectiva, houve um significativo aumento nas salas de EJA e, conseqüentemente, me foi dada a oportunidade de desenvolver um bom trabalho junto aos alunos, agora motivados por uma simbólica ajuda financeira, enquanto eu, empunha todos os esforços possíveis, no sentido de promover cidadania.

No ano seguinte, tivemos um expressivo número de matrículas na EJA, contudo, em virtude da crise financeira que se alastrou pelo país, a Prefeitura não conseguiu cumprir a determinação da Lei 1.615/2015 PMP, o que ocasionou, mais uma vez, a evasão em massa de nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Apesar de todos os esforços empenhados, terminei o ano letivo com uma turma multisseriada de oito alunos, subentendidos como os que compreenderam o real papel da escola.

Em 2017, em decorrência da mudança na gestão municipal e do secretário de educação, bem como dos gestores das escolas, me foi confiada, mais uma vez, a Coordenação Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos. Nesta perspectiva, o desafio seria reconquistar os alunos por meio de um novo quadro de professores e da firmação do compromisso, por parte do novo gestor, em manter em dia o pagamento da Bolsa da EJA. Novamente tivemos um número de matrícula expressivo e até conseguimos aumentar a oferta dessa modalidade de ensino em mais uma das escolas da rede. Contudo, apesar dos esforços contínuos desta coordenação, os novos gestores escolares apresentaram bastante dificuldade em compreender as metodologias da EJA; os professores, por sua vez,



perderam rápido, o interesse; a Prefeitura atrasou por três meses o pagamento das bolsas, e o resultado inevitável, mais uma vez, foi o significativo número de alunos evadidos.

Compreendi naquele momento, que poderia fazer bem mais pela Educação de Jovens e Adultos em uma sala de aula. Cheia de esperanças, pedi a Secretária de Educação que me deixasse exercer a função em que acreditava, e fui atendida. Devo dizer que considero o ano de 2018 como meu período de realização profissional, haja vista que consegui, junto ao meu substituto na coordenação pedagógica da EJA e parte da gestão escolar, desenvolver um excelente trabalho junto aos cinquenta por cento dos alunos matriculados, uma vez que o fenômeno da evasão continuou presente, em consequência do pagamento da Bolsa da EJA, que continuava acontecendo com significativo atraso.

Neste contexto, conseguimos promover ações significativas na vida dos alunos, através do desenvolvimento de projetos tais como o de meio ambiente que culminou com uma caminhada ecológica; o Projeto Junino, que levou os alunos à reflexão sobre a importância da colheita, da partilha e da valorização do trabalho do agricultor; e o ensaio da quadrilha junina, que os elevou a categoria de protagonistas, na Festa do Bairro. No Desfile Cívico, tradicional do 07 de Setembro, os alunos da EJA foram escalados para a abertura da escola. Assim, cada um, a sua maneira, conseguiu se constituir como parte de um todo e demonstrar a uma sociedade preconceituosa e rotuladora, o protagonismo que lhes fora negado ao longo de décadas de exclusão. Ao desenvolver um Projeto de Leitura, despertamos nos alunos o gosto pelas artes e assim enveredamos pelo caminho do teatro. Muitas foram as apresentações de sucesso em eventos escolares para os quais fomos convidados, maior ainda, minha satisfação em enxergar a felicidade



de cada um dos alunos, ao reconhecerem-se, não somente aceitos, mas valorizados por aquilo que se descobriram capazes de fazer. De acordo com Zabala,

A escola, enquanto instituição social, tem a finalidade de promover a formação integral dos educandos, enquanto sujeitos sociais. Formação essa que deve ocorrer na perspectiva da formação do cidadão, que vai muito além do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos (Zabala, 1998).

Foi justamente neste período em que, como escola, eu me sentia dando início à promoção de formação integral dos educandos, que me surge a oportunidade de concorrer a uma vaga no Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), cuja perspectiva é a oferta de uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional articulada à EJA, bem como contribuir com a formação dos professores a distância, visando dar um novo foco ao ambiente de aprendizagem virtual nas redes federal, estadual e municipal. Garantida a participação no referido Curso, dei início aos estudos em meados do ano seguinte, na esperança de que, através do seu desenvolvimento, pudesse adquirir maior embasamento para a prática em salas de EJA, uma vez que o PROEJA, não se configura como realidade em escolas da nossa rede municipal de ensino.

No decorrer do curso, no qual me foi permitido a escolha do itinerário formativo II, pude vivenciar momentos de reflexão acerca da forma como se gerencia e pratica a educação profissional pública no Brasil, bem como sobre os métodos e técnicas gerenciais, administrativas, pedagógicas e didáticas para as escolas que ofertam cursos de formação profissional em toda e qualquer



modalidade integrada à EJA. A cada disciplina disponibilizada, ao longo dos quatro Módulos de Estudos, muitas foram as contribuições para minha formação, tanto no campo profissional, quanto no pessoal. Contudo, destaco como uma experiência bastante marcante, a atividade avaliativa da Disciplina Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada a Educação Profissional integrada à EJA, que me possibilitou realizar a análise crítica do desenvolvimento, dos processos avaliativos e da gestão do PPP de uma escola da rede em que estou inserida como profissional, baseada nas aprendizagens desenvolvidas no curso.

Contudo, o de mais significativo, no que diz respeito a minha aprendizagem no referido curso, foi o despertar do comprometimento com meu papel, enquanto agente multiplicador e difusor de novas tecnologias, cujas mudanças são evidentemente necessárias para a oferta de cursos da Educação Profissional integrada à EJA. Por fim, os estudos me permitiram momentos de reflexão acerca da minha ação docente em sala de aula, com vistas a produzir conhecimentos de forma significativa que, prioritariamente, atenda às peculiaridades do público-alvo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a elaboração deste Memorial de Formação, observo, como se fizesse parte de uma atenta plateia, cada passo que foi dado por minha trajetória de formação escolar. Confesso que, mesmo de forma inconsciente, faltou-me, durante a juventude, a habilidade de pautar, com responsabilidade, meu projeto de vida acadêmica. Creio que, embora não tenha apresentado nenhuma dificuldade de aprendizagem, não me constitui como uma boa aluna, bem como admito a precariedade do ensino que a mim foi oferecido.



Nesta perspectiva, considero que fui alfabetizada em casa e que o gosto pela leitura foi a verdadeira tábua de salvação diante do incontável número de naufragos da ignorância predominante em minha faixa etária, principalmente no meio em que fui criada.

Hoje, consciente do meu papel como educadora, defensora incansável da Educação de Jovens e Adultos, embora, desde o início do ano letivo 2019, tenha tido minhas funções pedagógicas reconduzidas para os anos iniciais do ensino fundamental e assim me encontre afastada, de forma física, desta modalidade de ensino, reconheço a grandiosidade das aprendizagens adquiridas ao longo do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos (EJA), Pós-Graduação Lato Sensu, na modalidade de educação a distância (EaD), uma vez que o mesmo me possibilitou a reflexão acerca da prática pedagógica que vem sendo aplicada, ao longo de décadas, junto aos jovens e adultos que, muitas vezes, após idas e vindas desconsertadas, se arriscam a busca de novos sonhos através da reinserção no contexto da escola.



REFERÊNCIAS

FREIRE, P. 1921. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. (1998). **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. (1ª edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos**. 1. ed. São Paulo: Moderna: Fundação Santillna, 2014

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRADO DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos**. Natal: IFRN, 2018. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/portal/wpcontent/uploads/2018/09/PPC_especializa%C3%A7%C3%A3o_27-09-2018_RL_V3.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

IVIC, Ivan. **Lev. Simionovich Vygotsky** / Ivan Ivic; Edgar Coelho Pereira (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LEFFA, V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre Sagra: DC Luzzatto, 1996.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: **quando as memórias narram a história da formação....** In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (org.). *Porque escrever é fazer história* revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005.p. 47-62

PREFEITURA MUNICIPAL DE PICUÍ-PB. **Lei nº 1.615, de 30 de abril de 2015**. Que autoriza a concessão de bolsas de estudos destinadas aos alunos matriculados na educação de jovens e adultos - EJA e dá outras providências.

Verbete Alfabetização Solidária, por Ebenezer Takuno de Menezes, em **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: MídiAmix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/alfabetizacao-solidaria/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.



NARRATIVAS DA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA: CONEXÕES ENTRE A DOCÊNCIA E A EJA

KÁTIA RIBEIRO LIMA

Orientadora: Profa. Jacineide Arão dos Santos Profeta

Este trabalho é um Memorial de Formação, o qual apresento de forma discursiva e numa perspectiva histórica a minha trajetória escolar, acadêmica e profissional. Ao iniciar a escrita deste memorial, deparo-me com recordações significativas que contribuíram para a construção da minha identidade profissional.

Vale salientar que conforme as concepções de Prado; Soligo (2005) o memorial de formação configura-se como registro de vivências, experiências, memórias e reflexões, necessários para que os profissionais e futuros profissionais possam narrar o que pensam e sentem, como também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano. Além disso, os saberes construídos no processo de formação, abarcados na escrita de um memorial, emergem em memórias daquilo que foi ensinado, estudado e transformado em conhecimento no processo de ensino e aprendizagem em contextos



diversos de formação, seja na escola, na família, na universidade e em outros espaços formativos. (Prado; Soligo, 2005).

Narrar essa volta ao passado que equivale ao percurso da minha formação, trazem um encaminhamento a reflexão, em buscar respostas, acontecimentos e experiências formativas que contribuíram para a construção da minha identidade profissional, que perpassa a fase da constituição como sujeito leitor, a paixão pela docência e a busca incessante pelo conhecimento.

Assim, este memorial além de registrar narrativas da minha trajetória formativa, abordará as contribuições que o curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/ PROEJA proporcionou para a minha formação acadêmica e atuação profissional.

O Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), Pós-Graduação Lato Sensu, ofertado na Modalidade de Educação a Distância (EaD) é desenvolvido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC), em parceria com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus* de Educação a Distância (EaD), tendo como polo de apoio presencial, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, *Campus* Salvador. Neste polo presencial tive a oportunidade de participar de processo de formação essenciais para a realização deste curso a distância.

A docência sempre foi um encantamento. Desde a infância, recordo de situações em que brincava de faz-de-contas, exercendo a função de professora. Eram momentos bastante significativos e que nortearam o desejo de uma trajetória para a docência. Com essas lembranças, percebo que a formação docente é construída



historicamente antes e durante o caminho profissional do docente, o que se faz também no social. Assim, por atuar com a docência e acreditar que a formação docente depende basicamente, tanto das teorias, quanto das práticas desenvolvidas na vida escolar, tive um grande interesse em seguir neste curso de especialização o itinerário formativo da didática, que se refere a formação de docentes para atuarem nas ofertas da educação profissional integrada a educação de jovens e adultos.

Atuar com o público da EJA é um grande desafio, visto que, os cursos de formação inicial não trazem um aprofundamento teórico sobre este público. Durante a minha graduação em Pedagogia me deparei com esta observação, por analisar que o curso de licenciatura não contemplava uma reflexão mais detida sobre o ensino e aprendizagem dos jovens e adultos. Além disso, as especificidades, de uma maneira geral não são aprofundadas, já que a ênfase permanece sendo a Educação Infantil e as séries iniciais do ensino fundamental.

As lacunas em relação à Educação de Jovens e Adultos nas licenciaturas, de forma geral, vêm sendo apontadas em inúmeros estudos. As análises destacadas por Di Pierro (2006), Gatti e Barreto (2009), revelam tanto o lugar secundário da preparação para a docência como o silêncio em relação ao trabalho específico em EJA, ausente na maioria das experiências de formação inicial em cursos de licenciatura que habilitam o profissional a exercer a docência numa dada área do conhecimento, nos níveis e nas modalidades da educação básica. A questão, portanto, coloca-se em torno dos limites dessa formação, isto é, da não explicitação do seu compromisso com a educação destinada aos alunos jovens e adultos que integram as frações mais empobrecidas da classe trabalhadora.



Ainda em discussão sobre essas lacunas na licenciatura, Arroyo (2006) defende que os futuros professores de EJA precisariam conhecer as especificidades do que é ser jovem, do que é ser adulto. Ele avalia que tudo deveria girar em torno disso. Entretanto, “não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia” (Arroyo, 2006, p. 22). Nesta perspectiva, esse conhecimento requer pesquisa e produção teórica dos próprios educadores da EJA, sendo a formação inicial um dos espaços para essa construção e a formação continuada em nível de especialização para compreender não só as especificidades da EJA, mas as suas potencialidades.

A realização dessa especialização possibilitou a construção de novos saberes para atuar com esse público, saberes estes que me fazem refletir tanto sobre o processo de formação deste público quanto à formação e identidade do professor que atua com a EJA e o desafio para a inserção de políticas públicas no Brasil para esta modalidade. Pensar na permanência dos jovens e adultos na escola é refletir sobre as suas peculiaridades históricas e experiências diversas. Assim, a realização deste curso trouxe muitas aprendizagens referente também a ação docente em sala de aula, de forma que pude analisar sobre a produção de conhecimentos e materiais didáticos como síntese da formulação e implementação teórico-prática, assim como as formas diferenciadas de ensino e de metodologias educacionais que reflitam em práticas na sala de aula mais adequadas a esse público.

Este memorial está dividido em três capítulos: o primeiro abordará como se deu o meu processo de constituição leitora na perspectiva da contação de histórias, buscando estabelecer relações com as práticas sociais da alfabetização na EJA; no segundo capítulo



faço um relato sobre a minha formação inicial em Pedagogia, fazendo uma análise sobre o percurso formativo e as experiências, na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos; No terceiro e último capítulo irei abordar a importância da formação continuada, abordando as contribuições que curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática na Educação Profissional Integrada a EJA/ PROEJA trouxe para a minha formação acadêmica e profissional, assim como as minhas inquietações referente a modalidade da EJA. Ressalto ainda as disciplinas que foram significativas e os processos de formação que contribuíram para a minha formação.

Este memorial permite registrar a minha trajetória formativa, desde a educação básica à formação continuada, ao mesmo tempo que realizo esses registros faço uma reflexão e autorreflexão sobre este percurso, considerando uma grande oportunidade, através deste gênero discursivo de recordar momentos significativos em minha vida e compartilhar esta escrita com outros leitores. A escrita de um memorial se constitui como um encantamento e uma arte formadora dentro de si enquanto profissional.

O ALFABETIZAR COMO PRÁTICA SOCIAL: AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA MINHA CONSTITUIÇÃO LEITORA

Ao iniciar este capítulo, recordei de várias situações que vivenciei na minha infância referente a contação de histórias, muito antes de ingressar na escola. Minha avó materna e minha mãe sempre foram ótimas contadoras de histórias. Cada história que escutava sempre instigava a minha imaginação, eu sempre buscava criar imagens referentes a cada acontecimento da história em minha cabeça. Como também amava recontar as histórias para



outras pessoas, me sentia importante, por ver as pessoas atentas, me escutando. Desde então, percebi que as histórias sempre me fascinaram e me encantaram.

Os livros era uma realidade um pouco distante nesta fase da minha vida, as vezes minha mãe conseguia emprestado ou doados. As primeiras histórias que escutei através da leitura de um livro foram os contos da Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Alice no País das Maravilhas. Pedia várias vezes a minha mãe para contar para mim. A contação de histórias contribuiu de forma significativa para a minha constituição leitora. Ao ingressar na escola, já levava muita bagagem sobre o mundo das letras e da leitura. Não demorou muito para ser alfabetizada.

A partir destes relatos, é fundamental analisar que a contação de histórias é uma das práticas mais remotas que se tem registro na humanidade. Desde o início do desenvolvimento da fala que o ser humano conta histórias, sejam para divertir, para passar o tempo, seja para relatar um acontecimento. Enfim, com o passar dos anos, essa prática tornou-se parte essencial na formação do indivíduo. Nessa perspectiva, Abramovich (1993, p. 16), revela que: “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

Essa prática de contar histórias se tornou algo rotineiro na minha vida, visto que além de vivenciar essa prática em casa e na escola, comecei a inseri-la nas minhas brincadeiras de faz-de-conta. Exercia a função da professora, contando histórias, propondo atividades diversas de escrita com minhas irmãs. Eu sempre amei estudar e me disponibilizar a aprender mais. E foi na infância que desenvolvi uma paixão pela docência. Sempre falava que quando crescesse queria ser professora.



Após, concluir o ensino médio, realizei cursinhos de pré-vestibular e minha irmã me orientou a cursar Pedagogia. No ano de 2011 fui aprovada no vestibular da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Ao finalizar a graduação em Pedagogia realizei o concurso público na rede municipal da cidade de São Francisco do Conde. No momento estou atuando com o público infantil. Mas, diante das oportunidades que foram surgindo, sempre tive vontade de conhecer e aprender mais sobre o público da EJA, visto que, na minha formação inicial senti falta de estudos mais voltados para a EJA, pois o curso de pedagogia possibilita uma formação mais abrangente e dentro das especificidades da docência na educação infantil e Séries Iniciais do ensino fundamental.

A contação de histórias como uma prática social foi fundamental no meu processo de alfabetização e letramento. Nesta perspectiva, reflito sobre as práticas para alfabetizar na Educação de Jovens e Adultos. É essencial que o professor que atue na EJA possa proporcionar aos seus alunos situações em que haja uma boa mediação para o aprendizado e dos seus usos nas práticas sociais, visto que, o encontro do educando com a literatura, mediada racionalmente, possibilita perceber a si mesmo como sujeito histórico que se emancipa, por meio do debate e do posicionamento de suas opiniões perante um grupo ou a sociedade.

Os estudantes que frequentam o processo de ensino da EJA, possuem pouco domínio sobre a leitura e a escrita. Por outro lado, esses jovens e adultos vivenciam as mais diversas formas de interação em que a escrita e a leitura estão presentes. Sendo assim, a alfabetização deve ocorrer de maneira significativa a partir da cultura e história de vida dos alunos, para que compreendam a escrita como uma representação cultural.



Essa experiência leitora com a contação de histórias que me acompanha desde a infância me fez refletir sobre uma educação mais humana e significativa, pautada nas vivências, nas aprendizagens e nas experiências veiculadas à enunciação oral. A contação de histórias desperta a sensibilidade, a emoção e o autoconhecimento, na medida em que aprendemos algo, nos instrui e nos prepara para a vida. Cada história que escutava, despertava um grande envolvimento no mundo da fantasia e da imaginação, e essas dimensões simbólicas possibilitam o despertar para a curiosidade, a construção de experiências próprias e a construção de novos sentidos, desenvolvendo assim habilidades e potenciais significativos.

Nesta perspectiva, percebo que a pedagogia freiriana vai ao encontro com o que é almejado e o que foi alcançado nestes espaços da minha primeira infância, quando Paulo Freire (1989, p. 9), afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

A partir desta afirmação, percebo que as experiências remotas da minha infância, foram pontos de partidas significativos para a minha constituição leitora e para a compreensão crítica do mundo, tendo em vista, que a leitura se relaciona à libertação do indivíduo, que passa não somente a ler o mundo, mas a entendê-lo e questioná-lo, promovendo a libertação. Neste sentido, me faz retomar a uma reflexão que Paulo Freire traz em seu artigo, *A importância do Ato de Ler*, afirmando que:

No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não



lia a palavra. E algo que me parece importante, no contexto geral de que venho falando, emerge agora insinuando a sua presença no corpo destas reflexões. (Freire, 1989, p. 10).

Esta experiência leitora, possibilitou um olhar mais reflexivo sobre a minha prática docente e os rumos para atuar na Educação de Jovens e Adultos. Nesta mesma direção, a realização desta especialização contribui de forma expressiva para essa ampliação do meu universo leitor, possibilitando ricas experiências teóricas e práticas, criando um potencial docente mais crítico para atuar na EJA. Experiências estas que proporcionaram um reconhecimento das especificidades do público da EJA, percebendo-os como potentes leitores do mundo.

AS DIMENSÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: NARRATIVAS DO MEU PROCESSO FORMATIVO

Ao iniciar este capítulo reflito sobre a minha formação inicial em Pedagogia, fazendo uma análise sobre o percurso formativo e as experiências, na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos. O curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia traz princípios referentes à formação humana que se propõem a capacitar o profissional de pedagogia para desenvolver os processos educativos junto às crianças, aos adolescentes, aos jovens e aos adultos em suas atividades cotidianas. Diante disto, mais precisamente no 4º semestre, cursei a disciplina Educação de Jovens e Adultos. Me recordo que nesta disciplina foi apresentado o histórico da EJA no Brasil, propostas curriculares para a EJA, as necessidades educativas deste público, além de concepções sobre o ensino da EJA.



Nesta disciplina, desenvolvi um projeto de pesquisa na Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), na UNEB, no *campus* de Salvador - BA. A UATI é um programa de extensão universitária que atende pessoas, cuja faixa etária seja igual ou superior a 60 anos e, oferece aos idosos espaços para o exercício da livre expressão de suas potencialidades artísticas e culturais. O projeto que desenvolvi na disciplina da EJA em parceria com o público da UATI, foi referente as histórias de vida deste público voltadas a alfabetização. Foi realizado um tipo de coleta de dados através de entrevistas, além disso, alguns idosos se dispuseram a gravar vídeos relatando sobre suas histórias de vida, as dificuldades que tiveram nos processos de escolarização e impedimento de estudar por fatores diversos. Recordo-me neste percurso de pesquisa, uma aluna que se emocionou bastante ao contar a sua história de vida, e que só aprendeu a escrever seu nome na fase adulta, somente porque era necessário para obter documentos. Além disso, ela relatou que após muitos anos voltou a estudar com a ajuda das suas filhas, que a incentivaram também para participar das atividades da UATI.

A partir destas reflexões, percebi que os sujeitos que estudam na EJA possuem saberes e fazeres construídos de suas memórias, histórias e vivências de vida, porém em muitos casos, encontram-se a margem da sociedade, pela ausência de acesso aos bens culturais.

Durante a minha trajetória de formação inicial em Pedagogia, percebo que somente estas experiências fizeram parte do meu percurso formativo. Por isso a importância de destacar neste memorial as lacunas da formação inicial de professores voltada para o trabalho com o público da EJA. Alguns estudiosos reforçam a existência de tais lacunas (Soares, 2008; Porcaro, 2001; Ventura; Bomfim, 2015) analisam o desconforto e a insegurança dos professores que atuam



na EJA diante de desafios que emergem a realidade expressada nos espaços-tempos escolares da modalidade, enfatizando que:

é necessário reconhecer que, salvo algumas importantes exceções identificadas em propostas curriculares inovadoras e, especialmente, em atividades de extensão universitária, a modalidade não tem se constituído tema prioritário na universidade, nem no que diz respeito à formação, nem no que concerne à produção científica. (Soares, 2008; Porcaro, 2001 *apud* Ventura; Bomfim, 2015 p. 218).

Nesta perspectiva, percebo que a formação inicial, ou seja, a formação acadêmica de graduação do professor para atender a especificidade da EJA é ainda incipiente. Para minimizar essa defasagem, a formação continuada ao longo da carreira profissional pode contribuir para os docentes dessa modalidade de ensino, por possibilitar relevância das práticas de formação continuada em serviço no desenvolvimento profissional do professor e contribui para a constituição de saberes necessários, como também para a construção da identidade do Professor de EJA.

Finalizei o curso de Pedagogia com o ensejo de aprofundar um estudo na Educação de Jovens e Adultos com a necessidade da busca pela formação continuada. Visto que pode contribuir para os docentes desta modalidade de ensino, na troca de experiências, levando-os na direção de um trabalho pedagógico preparado a enfrentar a diversidade cultural de seus alunos. Assim, a realização desta especialização foi essencial para despertar este sonho que estava há 3 anos adormecido. Além disso, por estar atuando como docente na educação básica, percebo a necessidade de aprender mais sobre a EJA.

Nestas séries de vivências e experiências formativas percebo que, o curso de pedagogia dá a apropriação dos conhecimentos



necessários para a atuação docente e a formação continuada integrada o desenvolvimento profissional contínuo ao longo da carreira do professor e faz parte do processo de constante busca por atualização e formação complementar.

FORMAÇÃO CONTINUADA NA EJA/PROEJA: REALIZANDO SONHOS ADORMECIDOS

A realização desta especialização em práticas assertivas em didática da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA faz parte de um grande sonho que estava adormecido. Sempre tive interesse em aprofundar estudos na área da Educação de Jovens e Adultos e, toda a trajetória formativa vivenciada nesta especialização foi extremamente significativa para a minha formação profissional e realização pessoal, além disso por amar a docência, a especialização com ênfase em didática contribuiu por favorecer uma aprendizagem qualitativa fundamentada a prática docente, desenvolvendo um pensamento crítico e condizente ao ensino e aprendizagem da EJA.

Um dos conteúdos estudados nesta especialização trouxe uma reflexão atual no que se refere ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação. Uma das maiores barreiras encontradas com relação ao uso das TICs na escola é a capacitação do professor. Segundo Tedesco (2004), muitos dos professores em serviço não tem conhecimento prévio sobre como devem ser utilizadas as ferramentas tecnológicas e suas possibilidades em sala de aula. Com isso, comecei a refletir sobre como utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula, se nem mesmo os professores estão preparados para o seu uso em qualquer modalidade de ensino, principalmente na Educação de Jovens e Adultos?



Na disciplina Tecnologias Educacionais aplicadas à Educação Profissional Integrada a EJA foi possível compreender em que medida as TICs permitem o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos sujeitos da Educação Profissional Integrada a EJA, além disso, nesta disciplina aprendi a classificar os objetos de aprendizagens de forma a ressignificar o seu uso na sala de aula, identificando as metodologias ativas de aprendizagens, objetivando a elaboração de planejamentos de ensino-aprendizagem com foco nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Uma forma de utilizar as TIC nas aulas da EJA é através das metodologias ativas, por exigir uma participação ativa do educando. A sala de aula invertida, os objetos de aprendizagens são metodologias ativas para empreender práticas transformadoras através das TICs. “A participação ativa propõe que o aluno se torne sujeito de sua própria aprendizagem e estimule, cada vez mais, a autonomia em relação ao conhecimento”. (Da Silva; Almeida, 2020, p. 17). As metodologias ativas de aprendizagens são propostas acessíveis, as quais devem passar por reflexão crítica sobre suas possibilidades e limitações, no intuito de promover transformações significativas, não apenas no espaço escolar, mas na vida dos sujeitos que pertencem a esse espaço. Quando se há domínio do uso das tecnologias pelo professor, se torna mais fácil o planejamento das aulas com esses recursos e maior objetividade de sua finalidade para os alunos. Seria interessante então, haver maior investimento do governo e das instituições em capacitação desse professor atuante na Educação de Jovens e Adultos.

A alfabetização de jovens e adultos é um grande desafio para muitos educadores que atuam na modalidade EJA. É importante compreender que alfabetizar pessoas adultas é muito diferente de alfabetizar uma criança, por demandar responsabilidades, tempo,



dedicação e práticas pedagógicas com especificidades para este público. Considero as práticas de alfabetização uma temática de grande destaque para a formação de educadores na EJA/PROEJA e, na disciplina Práticas de Letramento na EJA pude aprender e compreender mais sobre a construção identitária no campo da alfabetização e letramento de jovens e adultos.

O trabalho com gêneros discursivos é uma proposta eficaz e significativa para o processo de alfabetização e letramento com o público da EJA, por ser assumido como uma ação social, possibilitando a construção dos alunos através de reflexões e suas visões de mundo. Logo, os alunos aprendem a ler e a escrever e, a refletir criticamente sobre o contexto das suas construções, o que torna o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e significativo para eles. No módulo da unidade II da disciplina Práticas de Letramento, MARQUES (2020) traz a seguinte discussão:

Afirmamos a relevância do trabalho com os gêneros discursivos para a ampliação da competência leitora e escrita dos estudantes, oferecendo-lhes as condições necessárias para produzir e para compreender os discursos que circulam na sociedade. Nesse sentido, os alunos não só refletem sobre a visão do mundo como também constroem percepção e pontos de vistas sobre eles e a partir deles. (Marques, 2020, p. 21).

O professor que atua na EJA, precisa compreender melhor o aluno e sua realidade diária, constituindo espaços de diálogos, contribuindo assim com a formação crítica dos alunos e preparando-os para a vivência da cidadania.

Neste percurso formativo no curso de especialização realizei algumas atividades práticas que foram muito significativas para compreender a identidade do profissional da EJA/PROEJA. Na disciplina Produções de Textos científicos, realizei uma pesquisa



de campo em uma escola que atua com a EJA. Essa experiência foi muito significativa por conhecer as especificidades deste público, conversei com alguns profissionais que atuam com a EJA, que relataram os desafios de buscar manter os alunos atuantes na escola, visto que ocorre muita evasão. Além disso, tive a oportunidade de analisar o Projeto Político Pedagógico da escola, que envolve todo o processo educativo dos alunos da EJA, buscando verificar se o documento considera as necessidades desses alunos.

Esta especialização contempla também estudos voltados para a qualificação em EaD para a EJA/ PROEJA. Na disciplina Planejamento Educacional em EaD para a EJA, pude aprender sobre como realizar um planejamento educacional na modalidade a distância, compreendendo as teorias andragógicas que fundamentam as práticas de ensino - aprendizagem em EaD com foco na educação profissional integrada à EJA, além disso, conheci as possibilidades de práticas pedagógicas na EJA, partindo das metodologias inovadoras e a importância dos critérios e instrumentos avaliativos que se aplicam a modalidade a distância voltada para a EJA.

Ainda refletindo sobre a EaD, a disciplina Gestão da educação a distância trouxe estudos pertinentes para compreender todo o processo desde a estrutura a avaliação de um projeto voltado para a modalidade a distância na educação de jovens e adultos. Considerando o desafio de transposição didática na EaD, sendo essencial analisar os materiais didáticos que atendam a necessidade de formação no contexto dinâmico e dialógico propiciado por esta modalidade com foco na EJA. É importante que o material didático ofereça aportes teóricos e estratégias metodológicas, em uma perspectiva interativa, que motive o aluno a busca de conhecimentos e que o estimule a resolver os desafios que lhes são propostos,



possibilitando assim, o desenvolvimento de competências que permitam uma formação profissional e humanística. A necessidade de uma linguagem dialogada, clara e concisa, para que o aluno, apesar da distância física, possa sentir a presença do professor;

O módulo da Unidade I da disciplina de Gestão da EaD, traz uma discussão sobre a importância de compreender a gestão em EaD, por partir de uma busca e desenvolvimento de múltiplas ferramentas e estratégias de conhecimento administradas a partir da interação para a otimização do processo de ensino e aprendizagem a distância.

Além de compreender a utilização das tecnologias de informação e comunicação durante as disciplinas, as propostas de algumas atividades foram significativas, por possibilitar a construção de tarefas, nas quais pude colocar em prática os aprendizados adquiridos, utilizando os artefatos tecnológicos. Na disciplina Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional Integrada à EJA, produzi um vídeo na plataforma digital do Youtube, refletindo sobre a formação docente na EJA, tendo a figura do coordenador pedagógico como articulador da formação continuada na escola.

Por compartilhar em uma plataforma na internet, várias pessoas podem ter acesso ao conteúdo e aprender também sobre esta temática. Outro trabalho neste mesmo formato, foi realizado na disciplina Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada à EJA, em que elaborei um projeto interdisciplinar voltado para o público da EJA /PROEJA e apresentei este projeto em formato de uma videoaula, também compartilhado no Youtube. A realização dessas propostas me fez refletir sobre a importância das metodologias ativas, a elaboração de materiais didáticos, estabelecendo uma



proposta que valorize a qualidade do ensino e da aprendizagem, perfeitamente adequada a modalidade EaD.

Em toda a minha trajetória formativa nesta especialização, a todo momento, refletia sobre a didática e a identidade do profissional da EJA. Todas as disciplinas contribuíram para esta formação. Na disciplina Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada a Educação Profissional Integrada à EJA, realizei como uma das propostas de atividades, uma entrevista com uma professora que atua com o público da EJA. Baseando-me nos dados da entrevista, montei um retrato individual e real do profissional da EJA. Foi um trabalho rico de aprendizados e experiências, por ter a oportunidade de conhecer de perto a realidade, os desafios e as metodologias que esta profissional coloca em prática na sala de aula de forma a possibilitar uma educação dialógica, crítica e de qualidade para os alunos da EJA, sempre buscando conhecer a realidade e as necessidades dos alunos.

É por meio de uma didática idealizada, através das aulas, que o professor prepara os educandos para viver em sociedade, formando cidadãos ativos, críticos, reflexivos e participativos na sociedade em que vivem. Nesta perspectiva, o professor reflete qual as metodologias e as manifestações didáticas mais adequadas a incorporar nas suas aulas. Essa reflexão parte de saberes que obtém de experiências, do processo formativo, e das suas vivências em sala de aula. Na EJA é importante que o professor desenvolva saberes e práticas pedagógicas que atendam as especificidades desse público, vinculando conteúdos com a realidade dos alunos, de maneira a estimulá-los, influenciando nos seus estudos e na sua vida. É através da didática que o professor irá refletir sobre suas práticas, influenciando assim na aprendizagem dos alunos.



Segundo Martins e Barros (2020, p. 32), “os saberes da docência são saberes conceituais, integradores e pedagógicos que definem e influenciam a construção da identidade docente, interferindo diretamente na atuação do professor”.

É nesse contexto que os professores constroem os seus conhecimentos e saberes através de suas experiências profissionais e vivências no espaço escolar, principalmente, na sala de aula, além de suas histórias de vida e percurso formativo, como a graduação, a formação continuada e as diversas aprendizagens que ocorrerem em espaços formais e não-formais. O conhecimento do professor está focalizado no conteúdo de seus pensamentos, tais como: o conhecimento que o professor tem do aluno; do currículo; das teorias pedagógicas; das experiências, que são as vivências profissionais e pessoais; dos saberes pedagógicos, que compreendem os saberes sobre a atividade docente e a realidade escolar.

Dessa forma, todo o processo formativo, desde a formação inicial até a formação contínua, que deve ocorrer ao longo da vida, colabora para a formação profissional do professor e contribui para a construção da identidade docente. Porém, para que a formação tenha significado e se materialize no domínio da profissão docente, é preciso reconsiderar os saberes necessários à docência, colocando a prática pedagógica e o próprio docente como objeto de análise, por meio de um contínuo processo de reflexão-ação-reflexão e da investigação. (Martins; Barros, 2020, p. 32)

A partir desses estudos, percebi que como docente é essencial se apropriar e construir saberes para então compreender as relações estabelecidas entre esses saberes durante a minha trajetória de formação. Esses saberes contribuem para uma melhor compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem e da formação e



identidade do professor para promover uma melhor qualidade de ensino na EJA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste curso de especialização foi uma grande conquista para a minha formação acadêmica e pessoal. A Educação de Jovens e Adultos sempre foi uma área que sempre quis atuar e senti que precisava de preparo, de uma formação que pudesse refletir sobre a docência na EJA/PROEJA. Tenho grandes expectativas em atuar com este público e, com esta especialização acredito que seja viável essa realização. Já atuo na educação básica, como docente no segmento da educação infantil, porém os próximos passos é agarrar todas as oportunidades que aparecer para atuar na EJA, que é uma área que tenho grande ensejo em atuar. Este curso foi extremamente completo em todos os sentidos que envolve o âmbito da EJA/PROEJA, na área da docência, na gestão da elaboração de projetos voltados a educação a distância, na elaboração de materiais didáticos e também voltados a projetos na EaD. Este curso foi extremamente significativo, trouxe várias reflexões, a exemplo, as fragilidades que ainda existem em relação a formação destes estudantes, a falta de políticas públicas para a EJA/PROEJA, e como profissionais da educação devemos a cada dia buscar e lutar por uma educação de qualidade e a garantia dos direitos destes jovens e adultos, trabalhadores.

A formação de professores para a EJA é essencial para que haja uma educação de qualidade, pois somente desta maneira o professor será capaz de elaborar práticas didáticas que resultem bons desempenhos em sala de aula, o que garantirá a permanência desses alunos na escola. Entretanto, a formação inicial muitas vezes



deixa a desejar por não compreender todas as especificidades que essa modalidade abrange, para que o professor possa tomar como reflexão, bases para fomentar as suas práticas pedagógicas.

Para isso, é necessário que o professor reconheça a importância da formação continuada nesse processo, visto que a construção de novos saberes e aprendizagens, contribuirá de forma significativa para que os professores atuem de forma que reconheça as especificidades do público da EJA. Essa formação pode ocorrer também dentro do espaço escolar e, isso ajudará o professor a entender essas especificidades na prática.

A escrita deste memorial marcou um caminho de lembranças significativas do meu passado e que contribuíram para o que sou hoje e para a profissional que me tornei. Lembrar e narrar cada detalhe, foi um exercício de muita realização pessoal e profissional. A minha sede no conhecimento, de saberes, de estudos voltados ao campo da EJA/PROEJA não encerram por aqui. Mais uma porta se abre e pretendo buscar novos rumos de formação neste contexto. Colocarei todos os aprendizados e saberes em prática na vida profissional. Além disso, o exercício de escrita deste memorial contribuiu para desenvolver mais a minha competência de leitora e escritora, bem como foram construtivas e significativas para a minha formação acadêmica e profissional.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. SP: Scipione, 1993.

ARROYO M. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos**. In: SOARES, L. (org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica/ MEC/ UNESCO, 2006. p. 17-32. Disponível em: http://forumeja.org.br/un/files/Formacao_de_educadores_de_jovens_e_adultos_.pdf. Acesso em: 17 jun. 2020.

DA SILVA, A.N.B; DA ALMEIDA, E.F.C. Unidade II - **As Tecnologias e as metodologias ativas de aprendizagens na Educação Profissional Integrada à Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos**. Módulo da disciplina Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA. IFRN, 2020.

DI PIERRO, M. C. **Contribuições do I Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. In: SOARES, L. (org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica/ MEC/UNESCO, 2006. p. 281-291. Disponível em: http://forumeja.org.br/un/files/Formacao_de_educadores_de_jovens_e_adultos_.pdf. Acesso em: 17 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GATTI, B.; BARRETO, E. (org.) **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: Unesco, 2009.

MARQUES, I. B. A. S. **Unidade II - Gêneros discursivos**: objetos de ensino e aprendizagens na EJA. Módulo da disciplina Práticas de Letramento. IFRN, 2020.

MARTINS, FRANCY IZANY DE B. B.; BARROS, REJANE B. **Unidade I - A didática e a Educação Profissional Integrada à EJA**. Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada à Educação Profissional Integrada à EJA. IFRN, 2020.

PRADO, G.; SOLIGO, R. Memorial de formação: Quando as memórias narras a história da formação. In: PRADO, G.; SOLIGO, R. (org.). **Porque escrever é**



fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005. P. 47-62.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

VENTURA, Jaqueline; BOMFIM, Maria Inês. **Formação de Professores e Educação de Jovens e Adultos:** o formal e o real nas licenciaturas. Educação em revista. Belo Horizonte, 2015. v. 31.p. 211-227. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v31n2/0102-4698-edur-31-02-00211.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.



MEMÓRIAS E REFLEXÕES DA MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

EDNEI NEVES COELHO

Orientador: Prof. Dr. Carlos Moisés de Oliveira

O presente trabalho é um memorial de formação desenvolvido junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, o qual foi realizado durante o curso de Especialização de Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, no período de 29/05/2019 a 03/08/2020, na modalidade a distância em parceria com a Secretaria Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação.

O curso tem como objetivo promover formação continuada para docentes, gestores, tutores da EAD e técnicos educacionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional na modalidade presencial ou a distância articulada a EJA, nas redes federal, estadual e municipal, bem como melhorar a qualidade da educação pública em todo o país, contribuindo com a prática



pedagógica na Educação de Jovens e Adultos e para a qualificação profissional dos docentes que atuam na EJA ou PROEJA.

Nesse contexto, este memorial faz parte do percurso formativo do curso, tem como objetivo narrar as minhas experiências de vida escolar e profissional, refletindo acerca das experiências adquiridas no decorrer do curso de Especialização de Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, ressaltando a importância de todo o itinerário formativo que muito contribuiu para a elaboração do presente memorial e para a experiência de formação do curso que foi de grande relevância para a minha carreira profissional.

Nesse sentido, o itinerário formativo que norteou o curso foi dividido em quatro módulos, sendo o quarto módulo específico para cada qualificação, ou seja, qualificação em Didática ou Gestão. Sendo assim, destaco as disciplinas: Políticas públicas para EJA integrada a educação profissional presencial; Gestão da Educação a Distância; Gestão da Educação Profissional e da EJA, que fizeram parte do percurso formativo e contribuíram com a minha qualificação em gestão da Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro a introdução onde descrevo a finalidade do trabalho, no segundo capítulo trato do meu relato autobiográfico, onde faço uma breve reflexão sobre quem sou eu, e também relato sobre o meu percurso formativo desde a educação básica até a minha formação superior, relatando a minha trajetória profissional na docência. Já no terceiro capítulo são as minhas reflexões sobre a formação durante o curso e relatos de experiência profissional na Educação de Jovens e Adultos. Por fim terço as minhas considerações finais



acerca das reflexões e aprendizagens adquiridas no decorrer do curso.

Portanto, quero destacar que foi um grande desafio realizar este curso de especialização, mas foi uma experiência de grande relevância para a minha carreira profissional, pois através das leituras e dos estudos realizados no decorrer do curso pude compreender e aprender de uma maneira mais específica o contexto em que a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional estão inseridas. Estas aprendizagens contribuirão com a minha prática profissional no segmento da EJA/PROEJA. O memorial também é uma experiência nova na minha carreira acadêmica, pois é a primeira vez que escrevo um. Sendo assim, ressalto a importância das leituras realizadas no decorrer do curso no qual contribuíram para a escrita deste memorial de formação.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Eu me chamo Ednei Neves Coelho, nasci no município de Anori no estado do Amazonas. Sou de uma família muito humilde. Desde muito cedo aprendi com meus pais que a educação era a saída para melhorarmos a situação em que vivíamos. Somos oito irmãos, sendo duas mulheres e seis homens. Meus pais nunca tiveram a oportunidade de estudar, pois também eram de famílias humildes e em sua infância a oportunidade de frequentar a escola não era para todos, porém para todos os filhos, eles puderam proporcionar esta oportunidade. Dentre todos os meus irmãos, três deles são professores. No município onde nasci, os professores sempre foram reconhecidos pela comunidade e eu também os admirava. Eu me recordo de uma professora chamada Zenaide, ela ministrava a disciplina de Língua Portuguesa, na 7^o série do



ensino fundamental, uma excelente professora que me inspirava em todas as suas aulas, sempre com uma palavra de motivação, além de ministrar o conteúdo das aulas com muita dedicação, e durante suas aulas, eu me imaginava também como professor. Foi uma das pessoas que me inspirou a seguir a carreira docente.

A TRAJETÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A minha formação básica, desde a alfabetização até uma parte do ensino médio, foi em Anori. A professora que me alfabetizou se chamava Aucelir, nunca esquecerei o nome dela, como também a gratidão por ter contribuído com a minha formação. Me recordo do prédio da escola, era feito de madeira, com salas pequenas, bem antigo. Apesar das dificuldades a professora Aucelir conseguia fazer seu trabalho com muita dedicação. Cursei os anos iniciais e finais do ensino fundamental na Escola Estadual Almerinda Nogueira Uchoa Izel, onde tive ótimos professores que contribuíram muito para a minha formação. A professora Zenaide foi a que mais me inspirou para seguir a carreira docente, uma excelente pessoa e profissional, sempre motivando os seus alunos, ela ministrava a disciplina de Língua Portuguesa, mas também conversava conosco sobre o nosso futuro, suas palavras eram sempre de motivação, ela fazia suas aulas serem sempre alegres com seu sorriso no rosto. Os demais professores também foram significativos na minha formação, cada um com sua maneira específica de desenvolver o seu trabalho. Posso destacar os professores: Jonas da disciplina de Matemática; Jailson de História; Ana Alice de Ciências. O professor Jailson é também um exemplo de superação, ele é deficiente físico, mesmo na cadeira de rodas, ele desenvolvia o trabalho com dedicação, ele gostava muito de atividades que envolviam algum tipo



de apresentação, seminários, peças de teatro, um docente muito dinâmico. Já o professor Jonas era mais tradicional, matemática pura, mas foi assim que aprendemos a tabuada e a realizar as operações matemáticas. Já a professora Ana Alice, era super tranquila, gostava de passar atividades que envolviam desenhos e pinturas, gostávamos bastantes de suas práticas em sala de aula.

A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

No ensino médio cursei até a 2ª série na Escola Estadual Presidente Costa e Silva, onde tive a oportunidade de conhecer ótimos professores e fazer muitos amigos. Foi uma mudança tremenda, pois estava acostumado na escola anterior, porém não poderia continuar lá, pelo fato de ter apenas até a 8º série na época. A partir daí passei a estudar a noite, durante o dia trabalhava com meus pais nas nossas plantações, chegava exausto no final da tarde, entretanto as aulas eu não faltava nenhum dia. Recordo com muito carinho dos professores, Avacy de Língua Portuguesa e Rubely de Matemática, que hoje continuam atuando lá no município e são meus colegas de profissão. Dos amigos, até hoje os tenho, mas distante, dentre eles destaco: Denilson, Gelcimar, Tatiane e Luciana. A 3ª série do ensino médio cursei no Instituto de Educação do Estado do Amazonas - IEA, na cidade de Manaus - Am.

A minha vinda para a capital foi em busca de melhorias e de continuar meus estudos, neste mesmo ano em 2007, também servir ao exército brasileiro, que muito contribuiu em minha formação pessoal. Este período foi um grande desafio o qual superei, eu era militar e muitas das vezes chegava na escola bastante exausto, após passar 24 horas de serviço. Recordo com muito carinho de uma colega chamada Gisele que me ajudava passando as atividades



dos professores que eu havia perdido, nos dias em que precisava estar ausente das aulas, por estar no quartel.

MINHA TRAJETÓRIA NO ENSINO SUPERIOR

Em 2010, pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE / Laureate, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia, a qual finalizei no ano de 2013. A graduação foi uma experiência única e cheia de grandes desafios, tive também a oportunidade de ter ótimos professores que me ajudaram muito em minha trajetória acadêmica. Dentre estes professores posso destacar: Debora Rebelo; Josildo Severino, Yone Gama, Emerson Saraiva e Cristina Carvalho. Todos estes me inspiraram durante a minha trajetória acadêmica no ensino superior. Dos amigos que fiz durante a graduação, quase todos tenho contato; Lucivaldo Franco, Letícia Souza, Maria Divina e Zila Miguéis. No ano de 2014, fiz o concurso da Secretaria de Estado de Educação - SEDUC-AM, para o cargo de pedagogo, o qual fui aprovado. No ano de 2015 fiz especialização em Docência do Ensino Superior no Centro Universitário Mauricio de Nassau - UNINASSAU concluindo no ano de 2016. Em 2015 também fiz a especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social oferecida pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, o qual concluir em 2017. Em 2019 iniciei o Mestrado em Ciências da Educação na Universidad de La Integración de Las Américas - UNIDA, no PARAGUAY.

A CARREIRA PROFISSIONAL NA DOCÊNCIA

De 2012 a 2013 fui estagiário da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino SEDUC-AM, atuava em uma



coordenação. Neste período passei a ter os primeiros contatos com a rotina escolar, fazia parte da equipe do Projeto Jovem Cidadão, que era um projeto a nível estadual, o qual desenvolvia atividades para a área social e educativa nas escolas estaduais. Juntamente com a professora Sheila, que hoje é minha colega de profissão, fazíamos a supervisão das atividades na escola.

Em 2014 tive minha primeira experiência na docência, fui professor celetista na Secretaria Municipal de Educação do Município de Rio Preto da Eva - Amazonas. Esse período não foi muito fácil, não conhecia ninguém nesse município, mas mesmo assim encarei o desafio e passei o ano todo lecionando na Escola Municipal São Francisco, a qual tinha como gestora a professora Antônia, que hoje também é minha colega de profissão. Lecionava para uma turma de 4º ano e para uma de 5º ano. Recordo com carinho dos amigos que fiz e também dos alunos, os quais ainda guardo algumas fotografias deste período. Meus colegas professores desta época era: Tayane, Clemêncio, Marceli e Ester. Este período foi a base da minha experiência na docência, onde aprendi muito com meus colegas professores e alunos. Era uma escola da região periférica, com alunos que encontravam em nós professores um refúgio, a maioria eram de famílias humildes e alguns dos ramais localizados na área rural do município. Em 2017 assumi o concurso no cargo de Pedagogo na Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino SEDUC-AM, fui Lotado na Escola Estadual Leopoldo Neves, na cidade de Manaus/Am, onde atuei até o mês de fevereiro de 2020. Nesta escola foi a minha primeira experiência como pedagogo, aprendi muito no decorrer dos anos, com a Gestora Celeste Marreiro e com meus colegas professores. Dentre os professores destaco: Tayana, Ronyer, Railson, Olinda, Suanny, Júlia, Leandro e Juliana. Eu era responsável por toda a parte pedagógica da



escola e algumas administrativas, tinha uma relação de parceria com toda a comunidade escolar. Ao sair para assumir uma outra função, penso que deixei um grande legado de trabalho a escola. Atualmente sou Pedagogo do quadro efetivo na Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino SEDUC-AM, atuando como assessor pedagógico em uma coordenadoria na cidade de Manaus- AM.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E RELATO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA

Sendo Pedagogo de Carreira da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino SEDUC-AM, atuando como assessor pedagógico em uma coordenadoria na cidade de Manaus-AM, ainda não tive a oportunidade de atuar na EJA/ PROEJA. Como tenho pretensões de futuramente atuar neste segmento, o curso de Especialização de Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, proporcionou aprendizagens significativas no que se refere a este segmento de ensino. Neste contexto, o percurso formativo dos conteúdos estudados foram de grande importância para a minha formação, no qual escolhi o itinerário formativo em Gestão.

O itinerário formativo foi dividido em quatro unidades, no qual a última unidade era composta por disciplinas específicas de acordo com a especialização escolhida pelo cursista. Na unidade I terço uma reflexão sobre a disciplina de Políticas Públicas para EJA Integrada a Educação Profissional Presencial e a Distância. Esta disciplina foi de grande relevância, pois discutimos sobre as políticas públicas formuladas e implementadas para a Educação de



Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica. Destaco os marcos políticos e regulatórios que norteiam a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional.

No que diz aos marcos regulatórios da EJA e da EP, Baracho e Nóbile (2019, p. 19) afirmam que “temos as Conferências Internacionais da Educação de Adultos e quanto à EPT, foram realizados Fóruns Mundiais de Educação Profissional e Tecnológica”.

A saber, as (CONFINTEAS), são promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), representando assim um marco muito importante para esta modalidade de educação. Nesse contexto;

CONFINTEA significa Conferência Internacional de Educação de Adultos e são eventos promovidos periodicamente pela UNESCO, a partir da primeira metade do século XX. Essas conferências são pensadas, planejadas e organizadas com o objetivo de construir as Diretrizes e as Políticas Globais em face da problemática da EJA. Ao longo das últimas décadas, foram realizadas seis Conferências e cada uma delas resultou na sistematização de documentos para subsidiar as ações da EJA em cada país participante (Baracho; Nóbile, 2019, p. 20).

As conferências internacionais para a Educação de Jovens e Adultos contribuem para a Elaboração e implementação de políticas públicas no Brasil e nos demais países.

Após a democratização do Brasil e promulgação da Constituição Federal de 1988 à educação brasileira passou por diversas mudanças. Dentre estas mudanças destaca-se a criação da Lei nº 9394/ 96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que passou a nortear a educação em todo o país. No que diz respeito a EJA, a LDB afirma:



Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Parágrafo 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Parágrafo 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. Artigo 38. Os sistemas de ensino mantêm cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. Parágrafo 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos: II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. Parágrafo 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (Brasil, 1996, não paginado).

A partir desse período, as políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos tiveram como base legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e as políticas construídas nas Conferências Internacionais de Educação de Adultos. Por meio desses avanços a EJA passa a fazer parte de políticas educacionais, dentre estas destacam-se o Plano Nacional de Educação (2001-2011), no qual definiu-se 26 metas para a Educação de Jovens e Adultos. Destas metas destacam-se:

1. Estabelecer, a partir da aprovação do PNE, programas visando a alfabetizar 10 milhões de jovens



e adultos, em cinco anos e, até o final da década, erradicar o analfabetismo.

2. Assegurar, em cinco anos, a oferta de educação de jovens e adultos equivalente às quatro séries iniciais do ensino fundamental para 50% da população de 15 anos e mais que não tenha atingido este nível de escolaridade.

5. Estabelecer programa, nacional de fornecimento, pelo Ministério da Educação, de material didático-pedagógico, adequado à clientela, para os cursos em nível de ensino fundamental para jovens e adultos, de forma a incentivar a generalização das iniciativas mencionadas na meta anterior.

14. Expandir a oferta de programas de educação a distância na modalidade de educação de jovens e adultos, incentivando seu aproveitamento nos cursos presenciais.

15. Sempre que possível, associar ao ensino fundamental para jovens e adultos a oferta de cursos básicos de formação profissional.

17. Implantar, em todas as unidades prisionais e nos estabelecimentos que atendam adolescentes e jovens infratores, programas de educação de jovens e adultos de nível fundamental e médio, assim como de formação profissional, contemplando para esta clientela as metas nº 5 e nº 14 (Brasil, 2001, não paginado).

O Plano Nacional de Educação (2001-2011), contemplou a EJA com metas específicas para este segmento de ensino, norteadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.



Ao término do período do Plano Nacional de Educação (2001-2011), no decorrer dos dois anos seguintes elaborou-se o novo Plano Nacional de Educação (2014-2024), o qual está em vigor atualmente. As diretrizes do PNE (2014-2024) são:

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

IV - melhoria da qualidade da educação;

V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;

VI - promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;

VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;

VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto - PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;

IX - valorização dos (as) profissionais da educação;
X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental (Brasil, 2014, não paginado).



Dentre as 20 metas estabelecidas no PNE (2014-2024), algumas têm relação direta com a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional integrada a EJA. Destacando-se as metas:

Meta 9: Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional. Meta 10: Oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional (Brasil, 2014, não paginado).

As metas do PNE (2014-2024) são avaliadas por meio de relatórios, sendo estes elaborados pelo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

No decorrer do itinerário formativo, foi de grande relevância compreender todo esse contexto em que a EJA/PROEJA está inserida, perpassando pelos marcos legais que fundamentam a Educação de Jovens e Adultos, os quais contribuíram ao longo dos anos com as políticas educacionais voltadas para a EJA/PROEJA. Durante os estudos nesta disciplina tecemos discussões e refletimos sobre as políticas públicas voltadas para EJA, relacionando com a realidade em que desenvolvemos nossas atividades docentes.

No ensino mediado por tecnologias a Gestão da Educação a Distância da EJA é essencial para o desenvolvimento das atividades curriculares do curso. Cada sujeito tem seu papel neste processo, com o objetivo único, que é tornar a aprendizagem dos alunos significativa. Sendo a EJA uma modalidade de ensino que exige do professor um olhar diferente em todos os contextos, da elaboração do planejamento até a sua prática pedagógica. Esta disciplina



de grande relevância em meu itinerário formativo, foi possível compreender o contexto em que a EAD está inserida no que se refere a EJA/PROEJA e o papel dos sujeitos do processo educativo.

Entre os principais desafios dos educadores no que diz respeito a formação mediada pelo uso das TIC destacam-se o uso de novos equipamentos, a dinâmica do conhecimento, em alguns casos a não participação da família no processo de ensino e aprendizagem. Devem ser destacados também o fato de alguns professores ainda resistirem em não usar as TICs como ferramenta didático pedagógica em suas aulas.

Na EAD o uso das TICs é de suma importância para o processo formativo do estudante, porém requer do professor uma mudança em sua prática pedagógica. Nesse contexto, na EJA o processo de ensino e aprendizagem torna-se um grande desafio aos sujeitos, tanto para o professor quanto para o estudante. Outro desafio a se destacar é a proposta pedagógica direcionada a EJA, que por vezes não contempla a realidade dos estudantes, ou seja, não há políticas públicas efetiva que contemple essa modalidade de ensino.

O gestor em EAD exerce papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem mediado por tecnologias. O gestor em EAD deve desenvolver três características primordiais, sendo elas:

1. Perfil crítico: um perfil de mudanças em face da tecnologia atual. Esse perfil atende a uma prática fundamentada na reflexão constante sobre a realidade em que se vive, comprometida com o papel de educador.
2. Perfil criativo: um perfil marcado pela criatividade, pela cordialidade e pela comunicação. Deve-se ir além das fórmulas preestabelecidas,



já que o verbo “criar” indica ação e pressupõe movimento em direção ao que é inovador.

3. Perfil comunicativo: m perfil flexível para atender aos ajustes necessários durante o processo. Para potencializar sua prática na EaD, o gestor precisa utilizar as tecnologias disponíveis e avaliar a necessidade de novos arranjos tecnológicos, selecionar os materiais e elaborar as estratégias de ensino e de aprendizagem, com clareza das potencialidades dos recursos midiáticos que se possa empreender a partir das características da instituição (Neto, 2020, p. 23).

O gestor da EAD é um dos sujeitos responsáveis em nortear as ações junto a sua equipe de professores e demais funcionários, sejam ações de cunho administrativo ou pedagógico. Na EJA mediada pelas novas tecnologias, irá partir do gestor as iniciativas para o bom andamento do trabalho, daí a necessidade deste gestor ter um perfil específico para trabalhar na EJA/PROEJA.

O professor da EAD também deve ter um perfil específico para trabalhar com a EJA, diferentemente dos outros segmentos de ensino, a EJA tem características específicas, alguns dos alunos já são pais de famílias, outros não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade correta, outros por algum motivo desistiram da escola. O professor da EJA ao adquirir o conhecimento no processo de formação continuada, precisa adaptar seus conteúdos a realidade de seus estudantes de maneira que possa ser atrativo e ressignificado no processo de aprendizagem de seus alunos.

Ao professor que irá trabalhar com a EJA, em seu planejamento é necessário, primeiro, selecionar e adaptar os conteúdos, buscando assim a potencialização dos conhecimentos dos alunos



contribuindo para o desenvolvimento de sua aprendizagem na construção de novos conhecimentos; além de pensar em estratégias de ensino que possam estimular a curiosidade de seus alunos, com o intuito de desenvolver a autonomia, adotando um sistema de avaliação que favoreça a aprendizagem de cada um, sobretudo, a partir da interação com os demais alunos, valorizando a troca de conhecimentos a partir das comunidades de aprendizagem; segundo, desenvolver uma metodologia que favoreça a realização de um trabalho interativo com seus alunos, em um espaço flexível e dinâmico, que possa os desafiar na aceitação e no compartilhamento da aprendizagem individual e coletiva de seus alunos. O uso das novas tecnologias na EJA contribui para o processo de aprendizagem, pois pode auxiliar no desenvolvimento positivo das capacidades nos alunos, que possivelmente apenas a interação presencial não fosse suficiente. Pois o uso atrativo das tecnologias da informação e comunicação pode servir de atração e estímulo às pesquisas e aprofundamentos sobre os conteúdos apresentados, diminuindo assim a desvantagem pela ausência constante do professor-orientador. Buscar utilizar as tecnologias que vem surgindo como aliada da educação, ainda no campo presencial e tradicional de ensino e aprendizagem, é um bom precursor para auxiliar alunos jovens e adultos, ambientando-os na nova ordem de informações e conhecimentos atuais tornando as aprendizagens mais motivacionais, inovadoras e de inserção tecnológica sem detrimento de conteúdos próprios do nível de escolarização (Souza *et al.*, p. 7).

As novas tecnologias são ferramentas que podem ser utilizadas tanto da educação presencial como na educação a distância, favorecem o processo de aprendizagem e a prática pedagógica do professor, podendo ser utilizada em qualquer segmento de ensino.



Ao docente da EJA é de suma importância que o mesmo domine os recursos necessários de utilização das tecnologias utilizadas no determinado curso, seja na EJA/ PROEJA, ou nos demais segmentos. Sendo assim, o professor que irá trabalhar com as novas tecnologias, seja na educação presencial ou na educação a distância, caso não domine as ferramentas necessárias para desenvolver seu trabalho docente, deve qualificar-se para que possa desenvolver sua prática pedagógica com eficiência.

Na disciplina de Gestão da Educação Profissional e da EJA, tecemos discussões no que consiste aos conceitos e fundamentos da gestão educacional na perspectiva da educação de jovens adultos integrada a EJA/PROEJA. A gestão está presente nas diversas instituições sejam elas públicas ou privadas, cada uma com suas especificidades. A gestão educacional apresenta características próprias que diferem das demais gestões. Entretanto, há que se considerar que o gestor educacional deve compreender em que consisti a administração escolar, o contexto em que a escola está inserida bem como a relação com os sujeitos que fazem parte da escola.

Tratando-se de uma administração escolar que reflita os objetivos educacionais, Paro (1986, *apud* Motta, 2020, p. 13), afirma que “a atividade administrativa não se dá no vazio, mas em condições históricas determinadas para atender a necessidades e a interesses de pessoas e grupos”. Nesse contexto, a administração escolar tem objetivos específicos, os quais irão atender a determinados grupos na sociedade. Da mesma forma, a educação escolar não se faz separada dos interesses e das forças sociais presentes numa determinada situação histórica. A administração escolar está, assim, organicamente ligada à totalidade social, onde ela se



realiza e exerce sua ação e onde, ao mesmo tempo, encontra as fontes de seus condicionantes.

A gestão no seu contexto histórico é definida por diversos autores que tratam sobre a temática. Sendo também utilizada como uma das possibilidades que podem consistir em mudanças nas concepções pedagógicas que norteiam as políticas educacionais no país. Para Luck (2010, *apud* Motta, 2020, p. 14),

A gestão educacional corresponde à área de atuação responsável por estabelecer o direcionamento e a mobilização capazes de sustentar e de dinamizar o modo de ser e de fazer dos sistemas de ensino e das escolas, para realizar ações conjuntas, associadas e articuladas, visando o objetivo comum da qualidade do ensino e seus resultados.

A gestão educacional consiste em uma das áreas de suma importância para a educação do país. Já para Dourado (2007 *apud* Motta, 2020, p. 14),

A gestão educacional tem natureza e características próprias, ou seja, tem escopo mais amplo do que a mera aplicação dos métodos, técnicas e princípios da administração empresarial, devido à sua especificidade e aos fins a serem alcançados. Ou seja, a escola, entendida como instituição social, tem sua lógica organizativa e suas finalidades demarcadas pelos fins político-pedagógicos que extrapolam o horizonte custo-benefício *stricto sensu*. Isto tem impacto direto no que se entende por planejamento e desenvolvimento da educação e da escola e, nessa perspectiva, implica aprofundamento sobre a natureza das instituições educativas e suas finalidades, bem como as prioridades institucionais, os processos de participação e decisão, em âmbito nacional, nos sistemas de ensino e nas escolas.



A gestão educacional nesse sentido, está relacionada diretamente com os objetivos da escola como instituição social, na garantia do direito a educação.

Ao tratarmos dos principais tipos de gestão, a democrática e participativa é a que deve prevalecer na instituição escolar. Pois é na gestão participativa que todos os sujeitos têm a oportunidade de colocar suas sugestões de melhorias para a escola, seja para tomada de decisões administrativas ou pedagógicas.

Para Libâneo (2006, *apud* Motta, 2020, p. 19) “ressalta que a participação dos sujeitos nessa gestão educacional requer a responsabilidade de cada um para a consecução das decisões tomadas, somando a isso a coordenação e a avaliação sistemáticas das ações”. Ressaltando também que todos os sujeitos devem contribuir com a construção dos projetos pedagógicos da escola.

A gestão democrática na escola é amparada pela LDB, que afirma:

Art. 14 - Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15 - Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas



as normas de direito financeiro público (BRASIL, 1996, não paginado).

A gestão democrática perpassa os muros da escola, pois traz para a gestão escolar a participação da comunidade nas tomadas de decisões que norteiam o fazer administrativo e pedagógico da escola. Diante disso, Bastos (1999 *apud* Motta, p. 12), explica que:

A gestão democrática da escola pública deve ser incluída no rol de práticas sociais que podem contribuir para a consciência democrática e para a participação popular no interior da escola. Esta consciência e esta participação, é preciso reconhecer, não têm a virtualidade de transformar a escola numa escola de qualidade, mas tem o mérito de implantar uma nova cultura na escola: a politização, o debate, a liberdade de se organizar, em síntese, as condições essenciais para os sujeitos e os coletivos se organizarem pela efetividade do direito fundamental: acesso e permanência dos filhos das classes populares na escola pública.

Sendo assim, a gestão democrática é uma prática social que se configura no ambiente escolar, através da participação dos sujeitos envolvidos no processo educativo, ou seja, gestores, professores, alunos, funcionários administrativos e toda comunidade escolar. Na instituição escolar a gestão democrática tem o objetivo de proporcionar a oportunidade que a tomada de decisões não seja centralizada apenas na gestão da escola, mas que seja compartilhada por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Nesse contexto, todas as discussões tecidas ao longo do curso foram de grande importância para a minha formação, pois através dos conteúdos trabalhados pelos professores formadores neste curso foi possível aprofundar o meu conhecimento acerca da EJA/PROEJA, seja na modalidade presencial, a distância ou



mediada por novas tecnologias. Diante disso, as aprendizagens que adquirir ao longo desse percurso de formação irão fundamentar e nortear as minhas ações enquanto gestor ou docente do segmento da educação de jovens e adultos, ressaltando as especificidades deste segmento de ensino.

Nesse sentido, tais conhecimentos irão somar aos demais já adquiridos em minhas outras formações, e contribuirão para o meu crescimento enquanto profissional seja atuando na EJA/PROEJA ou em outro segmento de ensino. Ressalto que este curso de especialização foi um desafio e uma experiência inédita em minha formação profissional, mas muito significativa e gratificante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, este memorial foi um grande desafio, não havia tido ainda a experiência de escrever tal trabalho, porém foi um aprendizado significativo e que agregou conhecimento para a minha carreira pessoal e profissional. Ao escrever este trabalho pude aprender que cada item que compõe o memorial é importante. Cada item requer do escritor uma reflexão acerca de sua trajetória pessoal e também profissional. O curso de Especialização em Práticas Assertivas em Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, também foi desafiador. Entretanto no decorrer do processo formativo fui somando as aprendizagens, as quais irão proporcionaram contribuições a minha carreira profissional e para a minha atuação como docente ou gestor educacional na EJA/PROEJA. A educação de jovens e adultos é um segmento de ensino que apresenta uma particularidade bem específica, visto que é composta em sua maioria por um público de estudantes que busca a sua melhoria profissional ou pessoal em



relação ao seu grau de instrução. Nessa perspectiva, é necessário um olhar diferente no que diz respeito às políticas educacionais para este segmento de ensino, como também que seja oportunizado uma qualificação específica ao docente ou gestor que irá atuar na EJA/PROEJA, pois a EJA requer destes sujeitos um perfil profissional que possa contribuir com o processo de ensino e aprendizagem destes estudantes, valorizando o seu conhecimento de mundo e tornando o aprendizado significativo aos estudantes. Contudo, para que se tenha êxito na educação de jovens e adultos ou nos demais segmentos de ensino, é preciso que todos os sujeitos que fazem parte do contexto escolar sejam participativos nas tomadas de decisões da instituição escolar.



REFERÊNCIAS

BARACHO, Maria das Graças; NÓBILE, Vânia do Carmo. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos integrada à educação profissional**. 2019. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 22 Jun. 2020

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 11 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 010172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 23 Jun. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF: Senado, 1988.

MOTTA, Thalita Cunha. **Gestão da Educação Profissional e da Educação de Jovens e Adultos**. 2020. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/>. Acesso em: 22 jun. 2020

NETO, Bernardino Galdino de Sena. **Gestão da Educação a Distância. Unidade I: Modelos de Gestão na Educação a Distância**. 2020. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/>. Acesso em: 22 jun. 2020

SOUZA, Joyce Bezerra de; FERNANDES, Laedson Luiz; BARRETO, Magna Sales. **A educação a distância para a educação de jovens e adultos**: Fundej. Pernambuco. 2018. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2020.



ENCONTRAR-ME COMIGO: VALEU A PENA - REDESENHANDO MEUS CAMINHOS

DENISE PEREIRA DA SILVA

Orientador: Prof. Guilherme Augusto Montes

O presente trabalho, intitulado “Encontrar-me comigo: valeu A pena – Redesenhando meus caminhos”, trata-se de um memorial acadêmico, que cumpre a função de registrar minha trajetória de formação docente, e, conforme Souza e Dourado (2014, p. 38), nele “os sujeitos expõem sua formação profissional entremeadada com as vivências e experiências da vida cotidiana, possibilitando assim, a ressignificação da prática em sala de aula”. De fato, minha formação acadêmica mistura-se com a formação pessoal, pois sendo filha de professora, a docência foi quase hereditária.

Vale ressaltar que, mais que narrar e refletir sobre minhas vivências e experimentações, enquanto licenciada do curso de Letras e aluna desta especialização, tem este relato a função de fazer-me pensar de maneira estruturada, sobre as descobertas e os conhecimentos dos quais me apropriei ao longo deste curso, que foi ofertado pela segunda vez, na modalidade a distância, pelo



Instituto Federal do Rio Grande do Norte, visando oportunizar um melhor preparo para aqueles que atuam no seguimento da EJA e do PROEJA, bem como, possibilitar aos docentes que sempre estiveram alheios a estas modalidades de ensino, um conhecimento maior a respeito dos mesmos, além de fomentar, em nós, um desejo de ir além, saber mais profundamente, experimentar, e fazer-se multiplicador do que foi aprendido.

Parafraseando Sócrates, afirmo que, quanto mais estudo, mais sei que nada sei! Pois, ao longo destes dezoito meses, fui apresentada a conceitos, práticas, informações e questionamentos que não se encerraram em si, mas que tiveram como principal função conduzir-me a uma reflexão maior sobre meu papel na sociedade que estou inserida, sobre minha práxis docente, sobre as muitas desigualdades que só a educação poderá acabar, e sobre o tipo de indivíduo que sou diante das muitas mazelas que assolam nosso país (os preconceitos, desigualdades e esquecimento — dos ditos invisíveis).

Deste modo, tem o meu trabalho a intenção de registrar minha trajetória no curso, desde o porquê fazê-lo, até onde o mesmo me levou, e para tanto, acessarei a memória, a fim de relatar, em justa medida, meu aprendizado e o impacto que o mesmo causará a minha prática docente. Logo, posso afirmar que, o maior objetivo deste curso foi apresentar o que é o PROEJA e a EJA, a função social destes programas, seu desenvolvimento ao longo das últimas décadas, os instrumentos e ferramentas disponíveis para fazê-lo gerar o impacto positivo na vida de milhares de brasileiros e, conseqüentemente, na sociedade em que vivemos hoje e na que teremos amanhã.

Tudo o que foi citado já seria uma justificativa totalmente plausível para sua oferta e execução, porém, devo salientar que



além deste caráter universal, também possui o curso um caráter de transformação pessoal, pois enxergar as inúmeras possibilidades de ensino por meio das TICs, repensar o papel do professor na sala de aula, a importância da construção e execução do projeto pedagógico, as novas práticas (onde o protagonismo não cabe ao professor, mas aos aprendentes), o refletir não apenas sobre um conteúdo engessado, mas sobre uma educação verdadeiramente inclusiva, onde o mais importante não é aprender a decifrar símbolos fonéticos, mas sim entender que somos parte de um todo, pois a sociedade é composta por cada indivíduo, independente de gênero, condição social, faixa etária, instrução e etc.

Hoje, mais que nunca, entendo que a experiência de vida do outro conta para o crescimento em conjunto, e tudo isso reafirma a justificativa da oferta de um curso que objetiva promover a mudança de paradigmas, afim de oportunizar uma educação transformadora.

Iniciei essa especialização como uma curiosa sobre o “porquê” de a Universidade não ter me instrumentalizado para este seguimento da educação, e ainda hoje segue sem fazê-lo, ao menos dentro do universo em que vivo e saio uma entusiasta, cheia de vontade de transmitir o que aprendi e aprender com os que, sem muito preparo, estão fazendo o seu melhor. Quero levar aos meus alunos, futuros professores, não apenas o que aprendi, mas principalmente o desejo de buscar, em parceria com eles, estratégias para mudar nossas práticas pedagógicas, nosso olhar sobre o público da EJA (invisíveis no nosso currículo), e a análise acerca do material didático ora utilizado pela EJA na cidade de Feira de Santana, na Bahia.

Acredito que, como multiplicadora que sou, conquistarei uma legião de novos educadores que pensarão não apenas naqueles que



estão nas carteiras escolares, cumprindo o esquema idade-série, mas também, naqueles de quem a vida um dia sequestrou o seu direito de aprender e escolher qual o caminho a seguir.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

“[...]compreender que nem toda vivência se transforma em experiência”

Christine Delory-Momberger

Segundo a mesma Delory-Momberger (2016, p. 136) “a temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem” e é este o meu objetivo neste momento, dar forma ao que vivi e que constituí como a professora Denise.

Nasci em 1965, momento em que grandes transformações começavam a acontecer no Brasil e no mundo. Além dos Beatles, da Jovem Guarda e dos grandes festivais de música popular brasileira, foi um tempo de opressão, quando grandes pensadores começaram a ser perseguidos, pois o imperialismo norte-americano execrava todo e qualquer pensamento que apontasse para a igualdade de condições entre ricos e pobres, pretos e brancos, homens e mulheres, falava-se, e ainda se fala, da tal meritocracia, que na verdade só se fez, e faz, presente na vida dos que nasceram longe dos guetos, das favelas, dos morros, dos confins do Brasil e do mundo.

Filha de uma professora, que havia atuado em uma campanha, vista como subversiva, DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER, em Natal (RN), e de um pernambucano, que acreditava fielmente que, todos nascemos e morremos iguais,



portanto, também os direitos e deveres deveriam ser os mesmos. Ah, meu pai! Quantas vezes teve que fugir, pois seu pensamento comunista o colocava em uma posição condenável, por aqueles que tinham o poder.

Todas às vezes que penso sobre meus pais, a história de amor e de luta deles, eu choro! Mas também me orgulho muito do que sou, e entendo porque não optei pela medicina, mas sim pela docência!

É que corre nas minhas veias a vontade de transformar, de apresentar aos que têm os pés descalços, as armas para conquistar aquele mundo com igualdade de condições para todos, com que meus pais sonhavam e queriam, um mundo onde a EDUCAÇÃO não seja um privilégio, e sim um direito respeitado.

Aluna de escola pública, na cidade de Olinda, tinha como principal característica gostar de estudar e de ensinar aos colegas. Bastava faltar um professor nas series anteriores para a diretora ir buscar-me, pois como aluna colaboradora, era meu papel substituir, como monitora, os professores. Nesta época eu tinha 10 anos, e jurava que jamais seria professora, queria ter uma clínica em um bairro pobre e outra em um rico, seria uma espécie de Robin Hood da saúde, e este desejo me fez estudar cada vez mais.

Entretanto, aos 17 anos, por conta de muitos problemas financeiros de minha família, fui trabalhar dentro do condomínio que morava em uma pequena escola, onde era praticada a escola multisseriada, e eu nem sabia o que era isso! Tinha desde uma aluna de 4 anos, até um aluno, vindo da Ilha de Itaparica, que aos 12 anos ainda não sabia ler e escrever! Eram 15 alunos de idades variadas, e nosso livro para alfabetizá-los chamava-se “Casinha Feliz”. Aquele desafio, já que havia concluído o ensino médio como



Técnica em Mercado de Capitais, foi a luz para minha verdadeira vocação, ser PROFESSORA!

Sem nenhum conhecimento de técnicas e práticas pedagógica, minha vivência como aluna colaboradora e minha intuição foram o norte. Desenvolvi minhas próprias técnicas, e a afetividade foi o fio condutor desta parceria entre os alunos e eu, e cujo resultado foi, em dezembro de 1984, formava-se a minha turma com todos lendo e escrevendo. Hoje ainda acompanho a história de alguns deles: uma é veterinária, outro deputado estadual, uma bióloga, tem professora também, e tem quem optou por parar no ensino médio.

A superação daquele desafio foi crucial para que eu entendesse que havia nascido exatamente para aquilo, ser professora, onde cuidaria não das feridas do corpo, mas as da alma. Ministraria não doses de antibióticos, mas de conhecimento, e desta forma eu não tiraria dos ricos para dar aos pobres, senão que, apresentaria os meios para atingir todas as mudanças almejadas.

Fiz vestibular em 1985 para o curso de Letras (Língua Estrangeira - Inglês, que logo foi trocado por Espanhol!), começava assim minha formação acadêmica, e ao longo dos anos na academia participei de inúmeros congressos, seminários, greves, passeatas, e fiz todas as disciplinas possíveis, ficando no Instituto de Letras por sete anos e não quatro, isto porque eu era a única aluna do curso de espanhol, o que inviabilizava a oferta das disciplinas: metodologia do ensino e estágio!

Durante este longo período dirigi uma creche do Governo do Estado da Bahia, também abri uma escola, a qual acabei por fechar, por questões financeiras e para concluir minha licenciatura.

Após os longos sete anos, atravessados por greves, paralizações, falta de disciplinas, mas também de muito aprendizado, formei em maio de 1993. Nesta época eu já dava aulas em um curso



de idiomas, trabalhei em eventos como tradutora/interprete, dei aula para cantor da Axé Music, comecei a dar aulas de literatura em escolas particulares na cidade de Feira de Santana, e naquele mesmo ano fui aprovada em concurso público (a) para ensinar língua espanhola na Universidade Estadual de Feira de Santana, onde um ano depois fui eleita coordenadora do colegiado do curso de Letras, e nesta função fui mantida por meio do votos dos alunos e professores por cinco anos. Período de muito aprendizado.

Mas, jamais me afastei da sala de aula, tanto como professora, como aluna. Fiz uma pós na Espanha, outra na própria UEFS, e ministrei aulas em diversas escolas privadas e cursos (idioma, concurso e pré-vestibular), e o tempo foi passando! A jovem idealista não se perdeu, mas tinha agora uma vida preenchida por outras três vidas, meus filhos. E com os mesmos o aprendizado dos erros e acertos na tarefa de ser mãe.

Acredito que meu maior orgulho é saber que fui mãe e pai de meus filhos, mas também fui, e continuo sendo, uma professora inquieta, pois é esta inquietude que me move e me faz buscar sempre aprender para ser a cada dia um pouco melhor.

O mestrado, por exemplo, nasceu no âmbito da sala de aula, pois enquanto professora do ensino médio e do pré-vestibular conseguia perceber que para determinados conteúdos nossos alunos da Universidade, ou seja, nossos futuros professores, não estavam sendo preparados. Por meio de meu currículo, na UFBA, aprendi muitas coisas, mas o mundo é dinâmico, e “tudo muda o tempo todo no mundo”, como diz Lulu Santos, e assim como fui aprender a ser professora de EAD, pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), também fui aprender sobre as competências e habilidades cobradas no Enem, muitas das quais demandam certos conhecimentos sobre textos multimodais, sobre educação visual, temas que não aprendi



na Universidade, mas que precisava dominar para ensinar aos meus alunos da educação básica e aos meus futuros professores, e é esta necessidade que desenha o título de minha dissertação *As imagens presentes nas questões de língua espanhola do Exame Nacional do ensino médio (ENEM)*, na qual investigo caminhos para a leitura de imagens, tão presentes em todas as avaliações.

O meu aprendizado no mestrado transformou minhas aulas, minhas discussões e reflexões. Inclusive sobre processo avaliativo, pois me fez pensar sobre as muitas lacunas em nossos currículos, no que tange aos métodos, conteúdos e público. As leituras e resultados de minhas investigações me apontavam a necessidade de melhorar enquanto formadora, pois de minha sala, a cada semestre saem pelo menos 20 novos professores, despreparados sob certos aspectos, tal qual aconteceu comigo, portanto, é minha responsabilidade identificar estes espaços que nosso currículo não tem alcançado. Tal preocupação foi, certamente, um dos elementos que me conduziu ao mestrado, a esta especialização e ao projeto do doutorado em Educação.

Assim como no mestrado, meu interesse pela EJA também nasceu na sala de aula, após a leitura e discussão sobre conteúdos, e quais estratégias utilizar para ensiná-los, começamos, eu e meus alunos da graduação, a pensar (em) a quem iríamos ensinar, e quais os espaços educativos os acolheriam após a conclusão do curso, e entre escolas de idiomas, escolas públicas e privadas com alunos com diferentes demandas, pensamos nos jovens e adultos, que não fazem parte da maioria das escolas, e que aqui na cidade são acolhidos em um único espaço. Sabemos que eles, os alunos, são muitos, mas não sabíamos o que lhes é ensinado e por quem, já que na Universidade este é um tema silenciado.



A descoberta que um aluno de vernáculos ensinava espanhol, e que o fazia a partir de um livro didático que é usado no ensino regular, sem nenhum preparo, sem um material construído especificamente para este grupo, que é formado por pessoas acima de 25 anos, sendo a maioria da zona rural, que trabalham durante o dia, que no período de colheita, ou de festas não frequentam à escola. Tudo isso acendeu uma luz vermelha, indicando que estamos negligenciando a formação destes novos professores, tal qual aconteceu comigo e com muitos.

É desta forma que em 2019, enquanto aluna especial do doutorado em Educação da Universidade Estadual da Bahia, começo a estudar sobre ruralidades, já que é minha intenção unir imagem-ruralidades-livro didático-alunos da EJA, porém faltava saber a respeito da EJA, sua estrutura, objetivos, conteúdos, e metodologias para atingir um público tão heterogêneo, com muitas particularidades e histórias de vida tão ricas e distintas. Ingresso, assim, nesta especialização em busca não apenas de respostas, mas de caminhos possíveis para encontrá-las, e desta forma REDESENHAR MEUS CAMINHOS!

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E RELATO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA

[...]o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida.

Christine Delory-Momberger



Ao longo destes meses foram se descortinando novos aprendizados, e a possibilidade da construção de novos caminhos e veredas, fez com que minha história acadêmica fosse revisitada e redesenhada. Mas também, me deu a certeza de que tudo têm valido à pena, e que o ser humano se faz grande pela oportunidade de aprender a cada instante. Segundo Alvarez (2006), os estudos de Erikson, aluno de Freud, que desenvolveu a teoria psicossocial de desenvolvimento, há, na mesma, uma visão de que o desenvolvimento se dá em todas as fases da vida. Logo, é certo que, independentemente da idade, todos têm a possibilidade de aprender.

Visando ser justa com a Instituição que promoveu e possibilitou minha participação nesta jornada de descobertas e aprendizados, revisei cada uma das disciplinas que compôs esta Especialização, e devo confessar que me surpreendi com a quantidade de informação que foi ofertada. Com um olhar agora de observador, e protagonista, consigo perceber e mensurar a dimensão e importância dos temas que foram tratados ao longo destes meses, os quais, certamente, muito enriqueceram minha prática docente, e meus estudos daqui por diante.

Diferente de outros colegas, com relação a prática em ensino de jovens e adultos, entrei neste curso como uma folha em branco, ávida por ter em suas linhas, tintas e traços que dessem forma a um tema sobre o qual muito pouco sabia, e para minha alegria na disciplina Fundamentos da Educação Profissional Integrada ao Ensino de Jovens e Adultos fui convidada a conhecer a história desta modalidade de ensino, para que assim, de forma crítica, pudesse entender seu papel e função dentro de uma sociedade excludente e desigual, que muitas vezes nega a oportunidade de estudos a milhões de pessoas. De acordo com a fala de Sonia Couto,



coordenadora do Centro de Referência Paulo Freire, “A EJA não é só um problema educacional, mas político e social”.

O sistema educacional que gere a educação no Brasil é formado por Leis estabelecidas através de políticas públicas, as quais têm por objetivo garantir a todos os brasileiros, e brasileiras, um direito sagrado e sacramentado em nossa Constituição, que é o direito à Educação gratuita e de qualidade a todos. E foi na disciplina Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada a Educação Profissional Presencial e a Distância que conheci um pouco a respeito desse tema.

Foi, a partir das reflexões provocadas pela disciplina de Políticas Públicas, que busquei mais informações a respeito da garantia deste direito, e quais são as políticas públicas implementadas pelo Governo Federal visando financiar a modalidade da EJA, descobrindo que, a maior parte do dinheiro que financia a EJA vem do FUNDEB, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica, e que os valores repassados para a EJA são inferiores aos das demais etapas. Por isso, a professora Sônia Couto afirma que “A EJA precisa ser vista como política pública, e não como programa ou caridade. Mas não é isso que acontece”, concluiu.

Entretanto, vale ressaltar que, apesar deste déficit financeiro, segundo Tamarozz e Costa (2008), a EJA ganhou maior visibilidade depois de sua inserção nas redes públicas de ensino, o que ocorreu após lutas em prol da melhoria educacional brasileira, uma luta em prol de uma educação mais democrática e inclusiva. E a partir da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), assim passou a ser tratada a EJA:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.



§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Ao analisar as determinações da LDB, verifica-se que há uma preocupação com a formação profissional, já que a educação passou a ser vista como meio de desenvolvimento e melhoria de vida para os menos favorecidos, que são, conseqüentemente, menos preparados para o mercado de trabalho.

As disciplinas Noções de Didática e Didática e Avaliação de Aprendizagem Aplicada à Educação Profissional Integrada à EJA pelos conteúdos apresentados, e como foram abordados, bem como a aplicabilidade desses conhecimentos em minha prática docente, certamente transformará não apenas minhas aulas, mas também as propostas e reflexões no âmbito da sala de aula.

Na disciplina de Noções de Didática me senti revisitando a faculdade no papel de discente, foi um reviver conhecimentos adquiridos na Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, já a segunda trouxe uma abordagem sob uma outra perspectiva, mas que em muitos momentos dialogava com meus estudos no mestrado, posto que, avaliação/exame foi o alvo de



minha investigação científica, quando, naquela ocasião, meu foco foi o Exame Nacional do ensino médio.

Hoje alargo minhas reflexões e meu público, e penso na avaliação de uma modalidade de ensino (EJA) que traz em seu bojo variantes e variáveis que devem ser consideradas quando da elaboração e construção de todo o processo avaliativo. De acordo com Cruz (2018) “Na EJA, a avaliação deve buscar a inclusão do educando, a valorização do Ser humano, dando ao processo de aprendizagem mais produtividade e tornando as aferições melhor aceitáveis do ponto de vista do alunado”.

Portanto, pensar avaliação significa pensar em múltiplos instrumentos de verificação, que impliquem na análise não apenas do resultado final, mas sim, de todo o processo que levará ao produto final. Segundo Nascimento; Bassani; Pinel (2009, p. 5),

A avaliação da aprendizagem escolar na EJA, em geral, no contexto brasileiro, tem sido utilizada como elemento de auxílio no processo ensino aprendizagem, porém, ainda apresenta um caráter excludente na medida em que as escolas aplicam métodos tradicionais e classificatórios, o que não auxilia o avanço e o crescimento dos educandos.

Tal concepção é fruto da didática empregada, e que para Silva (2012, p.07), em seu trabalho de pós-graduação, intitulado “A didática Solidária na Educação de Jovens e Adultos”

A didática em sala de aula passa pela concepção que se tem por educação, e para que o educando se transforme em sujeito do processo de aprendizagem se acredita que o conhecimento é construído através da troca solidária, onde o aprendizado se torna mais significativo e dá sentido à busca de novos saberes.

Assim que, é uma condição indispensável



[...] Reconhecer e valorizar os alunos como sujeitos, capazes não só de aprender, mas de administrar sua vida e sua sobrevivência pessoal e familiar, participar ativamente da comunidade com autonomia, sem vê-los como receptores passivos da assistência e do favor alheios; perceber que a proposta pedagógica praticada na sala de aula influencia diretamente no envolvimento dos alunos na aprendizagem e na superação de suas dificuldades, desafiando-os positivamente a aprender e incentivando-os a querer retornar todos os dias. Por isso, refazer esta história da EJA nunca é demais, é preciso conhecê-la para respeitar os sujeitos que nela sempre estiveram e estão envolvidos (Sampaio, 2009, p. 25 e 26).

Logo, no que diz respeito ao aluno da EJA, é fundamental levar em consideração os múltiplos saberes pertencentes a cada um, porque negá-los significa colocá-los à margem de uma educação significativa, o que poderá contribuir para uma evasão deste alunado, que não se sentirá prestigiado, nem motivado.

Assim que, com o intuito de oportunizar a nós, cursistas e docentes, uma reflexão acerca de nossa práxis pedagógica nas aulas da EJA, a disciplina de didática trouxe, para além das reflexões críticas, alguns métodos, que se apresentam como possíveis caminhos metodológicos, que irão subsidiar o planejamento, a execução e a avaliação, que tem como diretriz o projeto pedagógico da comunidade escolar, e que deverá ser construído pelos membros da escola (gestor, coordenação, professores e demais funcionários), alunos e famílias.

Estes caminhos metodológicos serão mediados pelos professores, em sua Prática Pedagógica, pois segundo Bulgræn:

O professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como



ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador (BULGRAEN, 2010, p. 31).

As abordagens feitas pelas disciplinas de Didática e Avaliação Aplicada à Educação Profissional Integrada à EJA e Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada à EJA entrelaçaram os conteúdos, construindo uma rede dialógica, o que desencadeou momentos de inquietação, quanto a minha práxis docente, fazendo-me repensar posturas e ações.

Deste modo, entendo agora, com maior clareza, o dano da “educação bancária”, assim chamada por Freire (2014), o qual “aprofunda o conceito de práxis no universo pedagógico, como sendo a capacidade do sujeito de atuar e refletir, isto é, de transformar a realidade”, ideia da qual comunga Libâneo (1994), ao afirmar que a educação tradicional, aquela em que o aprendiz é um repositório de informações depositadas pelo professor, limita-o pedagogicamente, subestimando-o e privando o mesmo da possibilidade de desenvolver toda a sua potencialidade cognitiva, suas capacidades e habilidades, retirando do mesmo sua independência de pensamento.

A disciplina Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos traz não apenas uma discussão política-reflexiva a respeito da função social do letramento, mas aponta caminhos possíveis para um resultado efetivo, entendendo que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, como afirmava Freire (2014), e é como espera-se que ocorra em cursos voltados para um público tão heterogêneo como o da EJA, detentores de saberes adquiridos ao longo da vida, em espaços que mesmo não sendo espaços educativos formais, não invalidam estes conhecimentos.



Cruz (2018) cita Paulo Freire, que ensina que o processo de ensino aprendizagem precisa envolver o contexto vivenciado pelo educando, deve fazer sentido para ele, pois somente assim é possível construir uma educação libertadora capaz de promover a auto conscientização dos sujeitos.

Silva (2012, p. 19), em seu trabalho intitulado *A Didática Solidária na Educação de Jovens e Adultos* faz a seguinte consideração

Em Educação de Jovens e Adultos, encontramos um desafio maior que é o de possibilitar-lhes o conhecimento e reconhecimento da diversidade de modelos ideológicos, para que possam confrontar com os que já trazem consigo e que lhes foram impostos, permitindo a livre escolha, conscientemente é claro, daquele(s) que melhor lhes convier.

Para tanto, é papel do professor, oportunizar aos seus alunos um contato direto com múltiplos textos. Logo, de acordo com Linhares (2012) surge o desafio na escolha desses materiais, que deverá ter como premissa básica questionamentos, tais como: o que é ler, como se lê, sobre ser ou tornar-se leitor, o que pode ser lido e que tipos de materiais e textos são valorizados socialmente.

Por meio da disciplina de Práticas de Letramento conheci muitos autores, que discutem o papel da leitura na formação cidadã, bem como a necessidade da oferta de textos multimodais, presentes no cotidiano de todos, e que por seu caráter mais pragmático possuem maior probabilidade de atingirem os objetivos do ensino das leituras múltiplas. Ademais desta importante função, a disciplina de Práticas de Letramentos também apresentou-me à autores que certamente irão corroborar com meus estudos em multiletramento, parte fundamental de meu projeto de pesquisa no doutorado em Educação, onde investigo por meio de narrativas autobiográficas a



prática pedagógica dos egressos do curso de Letras com Espanhol, da Universidade Estadual de Feira de Santana, no que concerne ao ensino da leitura e interpretação de textos imagéticos e mistos, visto que, em sua formação há uma lacuna no que diz respeito a tais estudos, assim como nos estudos direcionados à EJA, ainda que, sejam estes discentes os futuros professores, também, desta modalidade de ensino.

No que tange as disciplinas voltadas às novas tecnologias, posso afirmar que, desconstruíram verdades tidas como absolutas, como por exemplo, que o Ensino a Distância seria inferior frente ao presencial. Outras como Políticas Públicas, Organização e Normas Aplicadas à Administração, e mesmo Coordenação do Trabalho Pedagógico demonstraram a importância de conhecer as Leis e normas que regem as Políticas Públicas, bem como o papel consolidador do coordenador pedagógico, e sua imprescindível função de orientar e unir as partes envolvidas na construção e execução do Projeto Pedagógico de cada comunidade escolar.

Os seminários temáticos fecharam com chave de ouro cada módulo, pois traziam, sob a luz de uma reflexão consciente e crítica, temas relacionados ao conjunto das disciplinas ministradas em cada módulo, e que, claramente, faziam parte do todo. Entretanto, vale ressaltar que, tal êxito se deu em função, também, da escolha acertada de cada palestrante, que não “depositavam” informações, porém provocavam inquietações e o desejo, em nós, de sermos multiplicadores de práticas assertivas no ensino de jovens e adultos, bem como contínuos aprendizes da arte de compartilhar e mediar saberes e aprendizados.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Redesenhar meus caminhos, é ressignificar minha prática docente, e reenquadrar minhas referências, objetos culturais e saberes, presentes em cada espaço de aprendizagem”.

Denise Pereira

Finalizar este curso não significa esgotar um tema, tampouco fechar um ciclo, mas sim traçar novas rotas, desenhar novos percursos e buscar contribuir com a construção de um currículo que tenha olhos para além das séries ditas regulares, lembrando que vivemos em um país onde o número de jovens e adultos que não foram alfabetizados, ou são analfabetos funcionais, é muito alto.

No entanto, ainda que exista uma modalidade voltada a este público (a EJA), dentro das academias segue o mesmo invisível, e por isso, cursos de graduação, como o curso no qual atuo como docente, a quase vinte e oito anos, não contemplam em seu currículo o ensino de jovens e adultos.

Entendo que um dos objetivos da escola é oportunizar a todos o direito ao conhecimento, arma fundamental para o pleno exercício da cidadania. Assim, cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, as práticas que reconheçam e valorizem as culturas locais, populares e de massa, os saberes múltiplos, e para tanto, as academias precisam difundir uma educação que leve em conta os letramentos multissemióticos, críticos, protagonistas e autônomos, como foi proposto por esta especialização.

Dentre as muitas reflexões provocadas ao longo deste curso, três posso pontuar como molas propulsoras, que deverão impulsionar novas práticas no exercício de minha profissão. Primeiro



lutar por um currículo de formação docente que contemple o ensino de jovens e adultos; segundo criar um grupo de pesquisa que tenha por objetivo analisar e produzir um material didático voltado especificamente para este público, considerando sua heterogeneidade etária, social, laboral, e regional, um material que os contemple como sujeitos ativos e representativos. E terceiro, rever minha prática docente, testar metodologias onde meus discentes assumam definitivamente o protagonismo, e eu figure cada vez mais como mediadora.

O ato de revisitar os conteúdos, trabalhos, discussões, interações e as várias indicações bibliográficas, oportunizaram novas e mais profundas reflexões, bem como uma análise mais criteriosa quanto a minha prática docente. Acredito que uma das maneiras de devolver à sociedade o investimento feito em mim, por meio desta especialização, será o de acompanhar uma Escola Estadual do município onde resido, na qual funciona um grupo da EJA, e cujos professores foram, em sua grande maioria, alunos meus da graduação, e que hoje elaboram seus planos de forma intuitiva.

Por tudo isso, afirmo que o ciclo não se encerra aqui, com a conclusão desta especialização, mas abrem-se portas para outros espaços, para novos aprendizados, novas leituras, experimentações, buscas, descobertas e a continua construção do fazer pedagógico.



REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Ana. Os neurobiomecanismos do aprender: a aplicação de novos conceitos no dia-a-dia escolar e terapêutico. **Rev. Psicopedagogia**, v. 23, n. 71. São Paulo, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000200011. Acesso em: 18 jun. 2020.

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 4, ago./dez. 2010, CAGLIAR. Disponível em: <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CRUZ, Antônio Carlos dos Santos. Avaliação e prática pedagógica EJA. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 11, Vol. 01, pp. 05-26 novembro de 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/avaliacao-e-pratica>. Acesso em: 02 jul. 2020.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LINHARES, Allan de Andrade. Concepções e práticas de leitura na EJA: uma experiência com professores de 4º ciclo. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/User/Documents/ESPECIALIZAÇÃO%20DIDATICA-PROJEA/TCC/233992309.alan-revisao_final_-_dissertacao-final_pdf. Acesso em: 24 jun. 2020.

MORAN, José. **Como transformar nossas escolas: Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados**. Educação 3.0: Novas perspectivas para o Ensino. CARVALHO, M. (org). Porto Alegre, Sinepe/RS/Unisinos, 2017, p. 63 Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.



NASCIMENTO, Claudenice Maria Vêras; BASSANI, Elizabete; PINEL, Hiran. **Avaliação da Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: Buscando Sentidos**. 2009. Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2009/63b. Acesso em: 05 mai. 2020.

OLIVEIRA, Diego Greinert de. **A mediação pedagógica como prática docente: uma análise da pedagogia histórico-crítica e demais correntes pedagógicas**. Revista Eletrônicas: LENPES - PIBID de Ciências Social - UEL Edição Nº. 2, Vol. 1, jul.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpesbibid/pages/arquivos/2%20Edicao/DIEGO%20-%20para%20publicar%20revista%20lenpes.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SAMPAIO, M.N. Educação de jovens e adultos: uma história de complexidade e tensões. **Revista: Práxis educacional**, v. 5, n. 7, p. 13-27, 2009, jul./dez. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/241>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SILVA, Paulo Luiz Pereira da. **A didática solidária na educação de jovens e adultos**. UFABC. Disponível em: <http://proec.ufabc.edu.br/ejaecosol/a-didatica-solidaria-na-educacao-de-jovens-e-adultos/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SOUZA, E. M. F.; DOURADO, L. S. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 37-56, jul.-dez. 2014.

TAMAROZZI, E; COSTA, R. P. **Fundamentos metodológicos em EJA II**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2008. p. 189-196.



A CONSTRUÇÃO FORMATIVA DE UM PROFESSOR

SÉRGIO SEVERO DO NASCIMENTO

Orientadora: Profa. Janailde de Jesus Dutra Pinto.

Como parte integrada para obtenção do título de Especialista em Práticas Assertivas em Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, será desenvolvido sob a ótica do gênero discursivo no formato de Memorial de Formação. O memorial de formação é um exercício de escrita proposto aos professores em processo de formação, onde o autor escreve sua própria autobiografia. Segundo Dourado (2013, p. 1), o desenvolvimento desse tipo de gênero discursivo “tem sido estimulada como estratégia de pesquisa para o campo da formação docente e do trabalho com a escrita.”

O memorial de formação é um processo que resulta em reviver memórias e refletir sobre os fatos marcantes da trajetória acadêmica e experiências profissionais docente, contextualizando uma narrativa de vida. Este tipo de gênero discursivo é, portanto, um:



processo e a resultante da rememoração com reflexão sobre fatos relatados, oralmente e/ou por escrito, mediante uma narrativa de vida, cuja trama (enredo) faça sentido para o sujeito da narração, com a intenção, desde que haja sempre uma intencionalidade, de clarificar e ressignificar aspectos, dimensões e momentos da própria formação. (Abrahão, 2011, p. 166)

O sujeito da narração precisa compreender que a reflexão realizada é um elemento essencial para que ele compreenda a sua própria história e sua trajetória de formação e, dentro desse processo de escrita, também é um momento de formação para o professor/escritor. Do ponto de vista de Gaspar, Araújo e Passeggi (*apud* Dourado, 2013, p. 4), o memorial de formação relata:

um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. A grande riqueza da experiência do memorial é compreendida quando o rememorar dos eventos constrói pontes com o presente, criando insights que vão dar lugar a verdadeiras aprendizagens.

Metodologicamente, a narrativa autobiográfica articula, do ponto de vista de Abrahão (2011), três dimensões: o ato narrativo reflexivo, a própria narrativa como ato investigativo e a atribuição de um novo significado aos fatos acontecidos na vida do autor, através das mudanças da sua visão de mundo.

O curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, Pós-graduação *Lato Sensu*, na modalidade de Educação a Distância, desenvolvido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/MEC, que tem como objetivo de melhorar a qualidade da educação pública em todo o país e ofertado em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande



do Norte - IFRN, *Campus* Natal - Zona Leste, que oferece duas linhas de qualificação: didática e gestão, que tem como perspectiva a formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional (presencial e a distância) articulada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas redes federal, estadual e municipal, por meio da formação continuada de gestores, professores, tutores da EaD e técnicos educacionais. O curso foi realizado no período de fevereiro de 2019 a julho de 2020, atendendo todos os requisitos e conceitos das disciplinas ofertadas, de acordo com a matriz curricular.

A especialização foi cursada dentro do itinerário formativo de Gestão, que tem como objetivos formar profissionais para atuar na gestão da Educação Profissional e da Educação de Jovens e Adultos, com foco na qualificação profissional para EJA, organização e gestão da Educação Profissional integrada à EJA, educação a distância para EJA e especificamente em gestão da Educação Profissional integrada à EJA. Dentro das atividades propostas pelo currículo do curso, a partir do itinerário formativo de gestão, cabe destacar a realização da análise crítica do desenvolvimento, dos processos avaliativos e da gestão do PPP da escola, baseada nas aprendizagens desenvolvidas no curso.

O presente trabalho tem como cerne a escrita autobiográfica, sistematizada e reflexiva, do resgate das minhas memórias aqui postas, sobre a minha trajetória acadêmica e profissional. Além disso, serão destacados os estudos que contribuíram para a minha formação e construção da minha identidade como docente e especialista em Práticas Assertivas em Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Diante do exposto, me ponho como autor da minha própria história, para Bakhtin (1997, p. 221), “o autor deve ser compreendido, acima de tudo, a partir



do acontecimento da obra, em sua qualidade de participante”, fazendo com que o leitor compreenda o meio histórico vivido, o lugar na sociedade e a condição social, acadêmica e profissional do autor. Ao rememorar e repensar a minha trajetória acadêmica e profissional, o memorial de formação possibilitará a inserção da análise da relevância do curso, ora concluído, na minha atuação como docente e/ou gestor no campo da educação profissional e da educação de jovens e adultos.

O desenvolvimento do memorial de formação vai além de uma mera reflexão e síntese das memórias do autor, ele é uma produção acadêmica valiosa, um instrumento que apresenta a narrativa das histórias do personagem principal “eu”. Me permito aqui dialogar com o passado, com o presente e pensar no futuro, contando as minhas histórias vividas na escola, na academia e no mundo do trabalho. Desempenharei aqui, o meu papel de escritor da minha própria história, o mais relevante nessa trajetória.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Me chamo Sérgio Severo do Nascimento, nascido em Recife, capital do Estado de Pernambuco, em 05 de janeiro de 1979, filho de Severino e Creuza, pais maravilhosos, mas que tiveram poucas oportunidades na vida para estudar, por diversas circunstâncias sociais, econômicas e culturais, deixando-os na condição de semianalfabetos, uma realidade para boa parte dos brasileiros e nordestinos. Desta união, frutificou três filhos, incluindo eu, o primogênito da família. Tenho duas irmãs excelentes, que se casaram e constituíram família e me agraciaram com cinco maravilhosos sobrinhos, que amo e que cuido como se fossem meus próprios filhos.



Como relatado acima, se eu fosse depender de uma boa estrutura educacional dos meus pais, talvez estivesse na mesma situação que eles. Porém, talvez pelas suas condições educacional, eles fizeram o possível, e por que não dizer o impossível, para que todos os seus filhos tivessem condições básicas de frequentar a escola para estudar e galgar um nível instrucional maior que o deles. Mesmo com toda a estrutura econômica e social desfavorável.

ENSINO PRIMÁRIO: O INÍCIO DE TUDO

O início da minha vida escolar acontece entre 1983 e 1984, quando começou o meu processo de alfabetização e o início da minha vida escolar propriamente dita. Lembro perfeitamente como os dois primeiros anos de escola foram difíceis para mim, uma criança de apenas quatro-cinco anos de idade, como toda criança o choro tomava conta de mim e a falta do ambiente familiar e dos meus pais assolava a minha vida no momento em que minha mãe me deixava na porta da escola, o desespero tomava conta de mim e o choro era inevitável, assim como a vontade de voltar para casa. Ainda não tinha tomado gosto pelo mundo escolar e a vida em grupo social. Em 1986, começou os meus estudos na primeira série primária, assim eram classificadas as modalidades de ensino na época. Essa trajetória iniciou em escola pública, na Escola Olinto Victor, integrante da rede estadual de ensino do Estado. Nesse momento, o gosto pelos estudos e a vontade de ter uma condição de vida social, econômica e cultural diferente dos meus pais já me tomava e me fazia querer estudar e me alfabetizar para prosseguir para os próximos níveis do sistema educacional.

A partir da segunda fase do ensino primário, antiga quinta série, já na fase pré-adolescente, comecei a despertar o interesse pela



docência, a dedicação e vontade de ensinar dos meus professores me despertou esse desejo. Em casa, com minhas irmãs e vizinhos, eu já colocava em prática o ato de ensinar, como todo jovem que começa a descobrir a profissão que se identifica. Na década de 90, a configuração do ensino médio no Brasil era o antigo Científico e os cursos médio integrado ao ensino técnico em Contabilidade e o Magistério ou Normal Médio, este último dedicado a formar professores para a docência nos anos iniciais e alfabetização, no sistema brasileiro de educação.

Como todo adolescente sonhador e cheio de vontade de alcançar voos maiores, após ter concluído a sétima série do ensino fundamental, penúltimo ano antes de completar esta etapa de ensino, na escola em que eu estudava desde o início da minha vida escolar e que era próximo a minha residência. Pedi aos meus pais para estudar em outra escola, que ficava localizada no centro da cidade. Após meus pais terem acatado a minha decisão, fomos à luta para conseguir uma vaga no Colégio Municipal Reitor João Alfredo, onde eu queria cursar a oitava série da etapa fundamental de ensino, último ano para conclusão dos meus estudos fundamentais. Nesta época, me recordo bem, o acesso ao sistema de ensino era muito precário e bastante difícil, não existiam vagas suficientes para atender a população na capital, sendo assim, para conseguir uma vaga na rede pública era preciso madrugar nas imensas filas nas portas das escolas, uma batalha árdua, mas que foi vencida pela minha mãe.

O meu propósito em ir estudar nesta escola municipal especificamente, era por que ao concluir o ensino fundamental a própria escola se encarregava de transferir os seus alunos concluintes para o ensino médio, sem a necessidade de passar por toda aquela fila de espera em luta por uma vaga. Na ocasião da minha conclusão



com êxito da minha etapa fundamental de ensino, o colégio oferecia duas opções de curso para transferência, poderíamos optar pela permanência na mesma escola, onde era oferecido o ensino médio Normal/Magistério, e então eu teria a oportunidade de continuar os meus estudos e me formar para a profissão que eu queria, ou a transferência para outro colégio da rede, porém, para cursar o ensino médio Técnico em Contabilidade. Cronologicamente, estou passando pelo ano de 1993, ano em que conclui o ensino fundamental e já pensando em 1994, onde eu iria começar a minha trajetória no ensino médio.

DO ENSINO MÉDIO AO ENSINO SUPERIOR: UM GRANDE LAPSO TEMPORAL

Vivíamos uma época onde as questões culturais e sociais eram muito fortes e influenciava nas nossas decisões, sem contar com o culturalismo machista da época. O curso Normal Médio era tipicamente classificado socialmente como um curso para meninas, poucos eram os meninos que se aventuravam em cursar o magistério, para isso acontecer eles iam de encontro com todos os costumes e todos os aspectos culturais do momento. Eram xingados, sofriam *bullying* e em alguns casos até agressões físicas. A falta de pessoas do sexo masculino nas salas de aula das turmas do magistério era perceptível, as turmas eram compostas em sua totalidade ou quase totalidade por pessoas do sexo feminino, para se ter uma ideia, enquanto cursava a oitava séria, na mesma escola existiam quatro turmas do curso normal médio, eu, já exercitando o benchmarking dentro da escola, observava que existia apenas um ou dois alunos do sexo masculino nas turmas, e tinha turma que não tinha nenhum rapaz.



Inocentemente, e arrependido até hoje, diante de toda a pressão social, cultural e machista, optei em ser transferido para o Colégio Municipal Pedro Augusto, também localizado no centro da cidade, onde em 1994, iniciei meus estudos no ensino médio integrado ao curso profissionalizante de Técnico em Contabilidade, atendendo a todas as expectativas sociais impostas, adiando assim, o meu sonho de me tornar professor.

No período de 1994 a 1996, foi marcado pelo acesso e conclusão com êxito do ensino médio. Neste período tive a oportunidade de conhecer uma nova área de atuação profissional, porém, nunca segui. Durante o ensino médio, já no segundo ano, consegui um estágio na Secretaria Municipal de Educação do Recife e fui desenvolver minhas atividades administrativas na secretaria de uma escola. Foi o meu primeiro contato profissional com a educação. Naquela unidade de ensino eu estava tento a oportunidade de conhecer mais de perto a realidade da educação e da profissão docente, mesmo sem exercê-la de fato e de direito. Lembro bem, que quando um professor faltava ou se atrasava, eu sempre ia para sala de aula substituí-lo para não ter que mandar as crianças para casa. Esses momentos eram mágicos, o meu encanto pela profissão docente só fazia aumentar, mesmo com todas as incertezas e dificuldades que a educação enfrentava e enfrenta até hoje, mesmo com as pessoas me desestimulando para exercer a docência, com vários argumentos depreciativos sobre o exercer a profissão professor, enfim, mesmo com todas as influências sociais, econômica e culturais sendo contrária à minha vontade, eu não desisti.

No final do ano de 1996, estava, eu, concluindo o ensino médio, preste a completar 18 anos de idade, cheio de incertezas acadêmicas e profissionais, como todo adolescente nesse momento



de transição da fase adolescente para fase adulta. Como egresso de escola pública, num período em que a educação era pouco valorizada e que as estratégias de ensino e aprendizagem eram pouco motivadoras e não preparava o jovem para o ingresso no ensino superior e devido a condição social e econômica familiar, só me restava o caminho do mundo do trabalho naquele momento. Sendo assim, tive a oportunidade de conhecer e trabalhar em várias áreas profissionais, porém, nenhuma delas, até o momento, era na área da educação e o meu sonho de ser professor foi adormecido e deixado para o segundo plano, mas nunca desisti dele.

Da conclusão do ensino médio até o início da graduação existe uma longa lacuna temporal de 11 anos. E isso aconteceu devido aos fatores econômicos, sociais e educacionais, que me cercava naquele momento. Egresso de escola pública, vítima de um sistema educacional excludente, de péssima qualidade e que não preparava o aluno para prosseguir os estudos no ensino superior e tão pouco, valorizava e dava condições de trabalho aos professores, que eram meros cumpridores do conteúdo curricular, isso quando tinha professor disponível para lecionar na disciplina. Do ponto de vista econômico, a minha família não tinha condições para custear um curso preparatório para o vestibular, apesar de toda a vontade. Diante deste cenário, só me restava esperar que eu conseguisse entrar no mercado de trabalho, me estabilizar financeiramente e conseguir pagar uma faculdade privada.

O início da minha formação acadêmica superior, começa em 2007, quando iniciei os estudos na minha primeira graduação em Administração, ainda rejeitando, mesmo que inconscientemente, a minha vontade de ser professor, de buscar uma formação na área, porém, mesmo sem saber, aquela graduação iria realizar o meu grande sonho de ser docente. O tempo passou, os estudos na



graduação foram ficando intensos, porém, muito bom e comecei a tomar gosto pela área, em 2009, veio a minha formatura, momento em que me deixou muito feliz, eu era o primeiro da minha família a ter curso superior, um sonho realizado, uma conquista pessoal.

QUANDO O SONHO E A VOCAÇÃO SUPERAM AS DIFICULDADES

Quando temos a vocação e a vontade de realizar uma atividade ou exercer uma profissão, temos que persistir e seguir em frente, sempre. Entre 2003 a 2005, eu tive a minha primeira experiência docente como oficinairo de Informática no Programa Escola Aberta, uma iniciativa do Governo do Estado de Pernambuco que abria as escolas da rede estadual para atividades esportivas, recreativas e para formação de jovens e adultos. Sentia ali o início da realização de um sonho, que durante muito tempo ficou entorpecido. O trabalho era voluntário, mas, era realizado com muito amor e dedicação.

O ano de 2009 é um divisor de águas na minha vida profissional, além de marcar a conclusão da minha graduação, também foi o início da minha experiência profissional na área da educação. Neste ano eu comecei a trabalhar na gestão do Programa Paulo Freire, um programa de alfabetização de jovens e adultos, promovido pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco em parceria com o Programa Brasil Alfabetizado, do Governo Federal. Em 2010, a Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, abre processo seletivo para a contratação de professor para lecionar na educação profissional, o governo estava dando início a uma política pública de ampliação e descentralização da educação profissional no Estado. Ao ler aquele edital de seleção vislumbrei que ali estava



a oportunidade para que, definitivamente, eu pudesse realizar meu sonho e exercer as minhas atividades docentes.

De fato, aconteceu. Em 2010 eu iniciei a minha carreira docente lecionando para jovens e adultos na educação profissional. Lembro como se fosse hoje o meu primeiro dia em sala de aula, ansiedade, preocupação e todos os cuidados possíveis, mas muito feliz. E nessa trajetória, já se vão 10 anos de profissão, durante esse período, também passei seis anos na coordenação de curso, comecei a lecionar no ensino superior, outra conquista minha e que muito busquei, ser professor universitário. Ainda nesse caminho, veio a oportunidade de trabalhar com educação a distância, em 2012, quando fui trabalhar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, primeiro nos cursos técnicos e posteriormente na pós graduação, como tutor a distância e professor formador. Atualmente, estou como coordenador de estágio em uma escola técnica da rede estadual de educação de Pernambuco, concluindo essa especialização e cursando uma Licenciatura em Formação Pedagógica para graduados não licenciados, oferecida pelo IFRN, mais um sonho que se concretiza.

Todas as minhas expectativas profissionais da juventude, foram influenciadas e concretizaram-se através das minhas experiências docentes como oficinairo, como professor de educação profissional, professor universitário, como tutor e professor formador na educação a distância, coordenador de curso e como coordenador de estágio. Exercer essa profissão para mim, apesar de todas as dificuldades que temos no sistema educacional brasileiro e da falta de valorização, ainda é uma alegria e faço com todo amor e prazer do mundo. Enquanto a chama da esperança e o desejo por um país com um sistema educacional de qualidade, inclusivo e acessível para todos, continuarei minha caminhada em prol da educação.



RELATO E REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.”

Rubem Alves

Enquanto professores, ao longo de nossa vida profissional e pessoal, passamos por grandes e silenciosas transformações, nos reinventamos o tempo todo, nos adaptamos a situações diversas em sala de aula e no ambiente escolar, nos ressignificamos e buscamos o aprimoramento sempre, em prol de uma docência de qualidade e um processo de ensino-aprendizagem motivador, integrador e dinâmico para os nossos alunos. O cenário atual mundial é a prova do quanto estamos nos adaptando, reinventando e ressignificando as nossas atividades didáticas, quantos de nós, professores, não tivemos que nos recriar frente aos modelos de aulas virtuais, para não deixar os nossos estudantes sem o conhecimento? Foram erros, acertos, choros, momentos de nos sentirmos incapazes, mas aprendemos e estamos fazendo o nosso melhor para a educação e para os nossos educandos.

Particularmente, continuo o meu processo de metamorfose e como as borboletas vou me recriando e me aprimorando, para melhorar cada vez mais as minhas práticas didáticas. Apesar de já ter uma graduação que me qualifica para o exercício da docência, eu achava que ainda faltava algo, faltava alguma coisa para me completar como profissional docente. E fui em busca dessa complementação, que iniciei em 2020, a minha licenciatura, também ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN e hoje sou estudante



do Curso Superior de Licenciatura em Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados, o caminho para a realização de mais um sonho está sendo trilhado.

Ao me deparar com a seleção discente para ingresso no Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos (EJA), Pós-Graduação Lato Sensu, na modalidade de educação a distância, no IFRN, vislumbrei um caminho de formação na área da educação e em uma modalidade de ensino a qual eu estava iniciando as minhas atividades. O itinerário formativo de gestão foi perfeito para o atual momento profissional, na escola em que trabalho, uma instituição de ensino da rede pública estadual, estávamos implantando o EJATEC, uma versão estadual do PROEJA, ou seja, iniciamos a oferta de educação profissional integrada a educação de jovens e adultos, dentro de um processo de ensino híbrido, onde as disciplinas propedêuticas serão cursadas no formato presencial/tradicional e a parte da formação profissional será oferecida na modalidade de educação a distância.

Analisando a matriz curricular da especialização, logo me encantei com o que vinha pela frente, por tudo o que iríamos estudar ao logo dessa caminhada. Tudo estava perfeitamente harmonioso com o que preconiza o Projeto Pedagógico do Curso - PPC e com os seus objetivos.

A capacitação docente e de gestores que lidam com a formação profissional integrada à EJA tem como pressuposto a formação de um novo profissional capaz de adequar as reflexões e práticas desenvolvidas nos cursos às práticas necessárias ao cargo que ocupa, uma vez que se tornará um agente multiplicador de novos conhecimentos que possibilitem a melhoria da qualidade do ensino. (PPC, p. 11)



Os docentes e gestores formados pela especialização tem em suas mãos a possibilidade de transformar o ambiente escolar, garantindo a aplicabilidade de metodologias inovadoras na educação profissional integrada a educação de jovens e adultos. Os egressos do curso serão agentes multiplicadores das políticas afirmativas inclusivas e peça fundamental para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem dos educandos desta modalidade de ensino.

Para atender o perfil do egresso desejado e descrito no PPC, de acordo com o itinerário formativo de gestão, o curso é dividido em quatro módulos, cada um deles consoante sua natureza de formação e o perfil final desejado, no meu caso, o foco específico é no quarto módulo, destinado exclusivamente para o perfil de gestor, com o objetivo de qualificar o aluno em gestão da educação profissional integrada à EJA.

ESPECIALIZAÇÃO PROEJA: UMA TRAJETÓRIA DE MUITOS CONHECIMENTOS

FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A minha caminhada didática no processo de ensino e aprendizagem no curso começa em maio de 2019, quando iniciei o primeiro módulo. Conforme a matriz curricular do curso, para este início de estudos, cursei os componentes curriculares Fundamentos de EaD e Ambiente Virtual, Produção de Textos Científicos, Fundamentos da Educação Profissional integrada à EJA, Políticas Públicas para a EJA integrada a Educação Profissional presencial e a distância, Noções de Didática e conclui com o Seminário Temático.

Divido este módulo em dois blocos de disciplinas. O primeiro bloco, chamo aqui de componentes curriculares básicos:



Fundamentos de EaD e Ambiente Virtual, onde ampliei meus conhecimentos sobre os fundamentos e metodologia da Educação a Distância, reconhecendo as possibilidades e limitações dessa modalidade e suas ferramentas de comunicação pedagógicas; Produção de Textos Científicos, conheci alguns gêneros textuais relevantes para o universo acadêmico dentro de uma linguagem técnica, acadêmica e científica e Noções de Didática, estudei as práticas pedagógicas desenvolvidas dentro do processo de ensino e aprendizagem, através de subsídios teóricos e práticos.

Considero todas as disciplinas importantes dentro do processo de aprendizagem, porém, destaco o componente Noções de Didática, por ser uma disciplina fundamental para formação do docente, com vista a desenvolver ou aprimorar as ações didáticas. A didática por ser uma disciplina da pedagogia atua diretamente no processo de ensino, através dos conteúdos das disciplinas, e na aprendizagem, formulando diretrizes que orientam a atividade do docente, conforme embasamento das teorias educacionais. Libâneo (1994) aponta a didática como matéria fundamental na formação de professores e que baliza o trabalho docente, ajudando-o a guiar a sua atividade de ensino, com vista ao resultado de uma aprendizagem dos conteúdos escolares pelos estudantes. Sua função é traduzir os desejos sociais e políticos em objetivos de ensino, selecionando e organizando os conteúdos e métodos, e ao mesmo tempo em que inter-relaciona o ensino e a aprendizagem, faz a indicação de princípios e diretrizes norteadores da ação didática.

O segundo bloco de disciplina, nomeio de componentes curriculares específicos, que valida o objetivo desse módulo, que é a qualificação do aluno em Educação de Jovens e Adultos. Sendo assim, tive a oportunidade de estudar os Fundamentos da Educação Profissional integrada à EJA e Políticas Públicas para EJA integrada



a Educação Profissional presencial e a distância. As disciplinas em tela estão estrategicamente ligadas em objetivos e conteúdos propostos, que são de suma importância para o desenvolvimento das atividades de gestão no âmbito do sistema educacional brasileiro. Durante o desenvolvimento dos componentes curriculares, compreendi os fundamentos que alicerçam o desenvolvimento de políticas educacionais para a formação de estudantes em sua integralidade, dentro de uma perspectiva histórica e crítica, passando pelos marcos políticos regulatórios da EJA e EPT, suas concepções, desafios políticos e pedagógicos para a sua integração, como também, os programas e projetos voltados para a profissionalização de jovens e adultos no Brasil e as estratégias adotadas para acompanhar e avaliar esses projetos e programas.

Compreender a formulação de políticas públicas educacionais e seus desdobramentos, nos dar fundamentação como gestor, para entender a estrutura de poder e de dominação do Estado, enquanto formulador dessas políticas. Para Azevedo (2004, p. 5), é preciso considerar, durante o processo de análise das políticas públicas educacionais, que elas são definidas, implementadas, reformuladas ou desativadas com base na memória da sociedade ou do Estado em que têm lugar e que por isso guardam estreita relação com as representações sociais que cada sociedade desenvolve sobre si própria. Entender o nosso papel dentro dessas políticas é extremamente importante para o exercício das nossas atividades de gestor, zelando pelo cumprimento das ações que permeiam as políticas públicas.

Encerrando o primeiro módulo, tivemos a oportunidade de participar do Seminário Temático I, onde foram discutidos os Fundamentos e Políticas Públicas no âmbito da Educação de



Jovens e Adultos e do PROEJA, uma exposição dialogada rica em conhecimentos.

Nesse trajeto, aprimorei os meus conhecimentos sobre a Educação de Jovens e Adultos e sua integração com a Educação Profissional, seus fundamentos e políticas públicas para a área. Neste cenário, foi possível compreender a importância do papel dos agentes públicos na formulação e implantação de políticas para a EJA e para EP e como gestor, ampliei o meu horizonte de conhecimentos e percebo que o “espaço da escola é vital para afiançar a EJA, sua valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiências, a ação efetiva do processo de ensino-aprendizagem e o processo de inclusão socio educacional.” (Vasques; Anjos; Souza, 2019)

ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EJA

Prosseguindo com os estudos, neste segundo módulo o foco foi na organização e gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, onde foram ministrados os componentes curriculares Organização e Normas aplicadas a Administração, Planejamento e Avaliação Institucional, Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA e Práticas de Letramento na EJA.

O início dessa caminhada me levar a compreender os conceitos e fundamentos da administração pública e suas características. Como gestor, é de suma importância conhecer o funcionamento da esfera pública, das políticas públicas para educação, como elas são planejadas e avaliadas institucionalmente ao longo da sua execução. Entende-se por administração pública o governo, tomador



das decisões políticas e sua estrutura, executor das decisões políticas, isso posto num sentido amplo, restritamente, exerce funções administrativas de execução dos programas de governo, prestação de serviços para sociedade e outras atividades. Retificando o que foi posto anteriormente, Paludo (2013, p. 35) afirma que o termo administração é utilizado tanto para designar funções de planejamento e direção, como para designar as atividades de execução, e o gestor público tem a função de planejar, organizar, dirigir, coordenar e controlar essas atividades. Considero que o conhecimento aqui adquirido ampliou o meu horizonte quanto as funções públicas, suas atividades e gestão, principalmente no campo das políticas públicas para a área educacional. Também foi possível compreender toda a complexidade que envolve o planejamento das ações públicas, segundo Paludo (2013, p. 307), o Governo e a Administração Pública passaram a adotar o planejamento com vistas a melhorar a assertividade das decisões e obter melhores resultados quanto à eficiência e à eficácia na aplicação dos recursos, devido a heterogeneidade no campo político e no meio público.

Continuando com o desenvolvimento do processo de aprendizagem, enquanto gestor foi possível conhecer e contextualizar os aspectos históricos e legais que balizaram a criação da figura do coordenador pedagógico dentro das unidades de ensino e suas atividades. Esse profissional tem função estratégica dentro das escolas, com forte atuação na formação continuada dos professores, na intercessão entre o currículo e os docentes, e também, entre os pais dos estudantes e os professores, ou seja, o coordenador pedagógico é articulador, formador e transformador dentro do espaço escolar.

Considero de extrema relevância a atividade proposta pela professora da disciplina de Coordenação do Trabalho Pedagógico



na Educação Profissional integrada à EJA, que nos colocou em campo para conhecer o desenvolvimento das atividades de um coordenador pedagógico dentro da escola. Ao realizar esta atividade tive a oportunidade de observar de perto as ações desenvolvidas por este profissional, acompanhar a sua rotina diária de trabalho e sua interação com o corpo docente da escola. Observei, na oportunidade, as relações existentes entre as atividades desenvolvidas pelo coordenador pedagógico, entrevistado, com as minhas atividades de coordenador na escola em que eu atuo, momento este, onde foi possível absorver conhecimentos novos e aprimorar as práxis por mim desenvolvidas.

Dentro dessa articulação pedagógica, adentramos no campo destinado ao diálogo e à reflexão sobre o trabalho pedagógico com a leitura e a escrita na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos. Início aqui o meu percurso na disciplina de Práticas de Letramento na EJA. No tocante a este componente curricular, consegui articular a teoria e a prática, levando em consideração as atividades pedagógicas desenvolvidas pelos docentes dentro da sala de aula dessa modalidade de ensino, problematizando e discutindo o papel dessas práxis na sala de aula e a dimensão humanizadora dos letramentos, com o objetivo de contribuir com a formação do pensamento crítico dos alunos da EJA, preparando-os para a vida em sociedade.

Finalizo este módulo participando do Seminário Temático II: A Gestão Escolar para novos desafios educacionais em Educação Profissional integrada à EJA. Temática bastante relevante para a qualificação de gestores, professores e técnicos educacionais que atuam ou pretende atuar na área de educação profissional articulada com à educação de jovens e adultos. O evento teve como



perspectiva refletir sobre papel da gestão escolar e os desafios postos para a EJA e o PROEJA.

AS FERRAMENTAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM PROL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O mote do terceiro módulo destina-se a formar os estudantes em Educação a Distância para a Educação de Jovens e Adultos, levando-nos a conhecer as ferramentas e instrumentos da educação a distância disponíveis para serem aplicadas na educação de jovens e adultos. Assim sendo, nos foi oportunizado vivenciar os componentes curriculares Tecnologias Educacionais aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA, Planejamento Educacional em Educação a Distância para EJA e Gestão da Educação a Distância, onde foi possível aprender os elementos que constituem as tecnologias informacionais voltadas para educação, os vieses para se planejar um modelo de educação a distância voltado para EJA e as práxis da gestão da modalidade de ensino de EaD.

Aprendi na disciplina de Tecnologias Educacionais aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA os conceitos e pressupostos das tecnologias educacionais voltadas para o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino, com o objetivo de percebê-las como instrumento para a melhoria da qualidade desse processo. Os conhecimentos aprendidos neste componente curricular permitiram compreender as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC dentro dos processos educativos, o que me levou a pesquisar outras áreas do saber e outras mídias, aprimorando a minha prática pedagógica e refletindo nas minhas ações didáticas com os estudantes. Mas, sozinha as tecnologias não são capazes de mudar a práxis pedagógica, neste sentido:



é necessário o desenvolvimento de novas competências docentes que busquem reflexões sobre como as tecnologias digitais podem contribuir para a formação de um ambiente de construção de conhecimento que desenvolva a autonomia, o entendimento do aluno sobre como tirar o melhor proveito de cada ferramenta a favor do seu aprendizado e promova uma interação entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, processo este que deve ser crítico. (Verasztó; Baião; Souza, 2019, p. 18)

Após compreender a importância das tecnologias digitais da informação e comunicação para a transformação das práticas pedagógicas, visando a melhoria na qualidade da educação, chegou a hora de planejar e gerir a execução da implantação da educação a distância. Na modalidade de ensino de educação a distância é preciso levar em consideração os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, possibilitando alcançar os objetivos no processo de ensino e aprendizagem dos professores e dos alunos, sendo assim, se faz necessário a gestão e o planejamento educacional das ações. As disciplinas de Gestão da Educação a Distância e Planejamento Educacional em Educação a Distância para EJA, se complementam em conteúdos e procedimentos metodológicos, enquanto a primeira foca nos processos de gestão da educação a distância, a segunda prevê o planejamento da articulação das teorias pedagógicas, a mediação docente e os métodos avaliativos para promover uma melhor aprendizagem na modalidade de ensino de educação a distância.

A gestão da educação a distância precisa integrar todos os atores envolvidos no processo e suas ferramentas, segundo Hack (2009, p. 47) a “gestão da EAD envolve todo o processo de administração dos subsistemas que levam à criação, veiculação e implementação de um programa de EAD, iniciando, é claro, pelo



árduo processo de avaliação das necessidades do público-alvo, que não são fáceis de acessar e entender”. Dentro das atividades de gestão da educação a distância, está o planejamento educacional das ações.

O planejamento é um ato intencional que visa determinar os fins, ou seja, dentro de um planejamento educacional para educação a distância com foco na educação de jovens e adultos, compreendi que é necessário dimensionar além de toda a estrutura física para o funcionamento dos cursos, é preciso de equipe multidisciplinar, professores e tutores, ferramentas de sistema da informação para promover a interação entre professor/aluno/equipe multidisciplinar e todo o planejamento financeiro para sua implantação. Concordo com Kenski (2019, p. 154) quando a autora afirma “que um bom planejamento de curso *on-line*, além de ser centrado no aluno, deve privilegiar estratégias que ajudem a obter a confiança dele, assim como estimulá-lo a participação”, em suma, o planejamento para educação a distância integrada a EJA deve levar em consideração todos esses aspectos e, também, a especificidade do público-alvo.

Concluo o terceiro módulo participando do Seminário Temático III: A aprendizagem a distância em tempos de comunicação mediada pelas tecnologias virtuais de comunicação, e com a certeza de ter ampliado o meu conhecimento nas áreas estudadas. Pensar em cursos para EJA já não é fácil e articular essa modalidade de ensino com as metodologias da educação a distância é ainda mais desafiador. Enquanto coordenador em uma escola técnica, vivencio isto na prática, iniciamos em 2019, a oferta da EJA Médio articulada com a Educação Profissional por meio da educação a distância, ou seja, trabalhamos com a metodologia híbrida, os alunos cursam as disciplinas propedêuticas através do ensino presencial e os componentes curriculares da formação



profissional através do ensino a distância. Diariamente, integro a teoria com a prática no meu trabalho, em prol da promoção de uma educação igualitária, emancipatória e inclusiva para os estudantes da educação de jovens e adultos.

GESTÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A caminhada foi longa, porém, o resultado final é positivo e satisfatório. chego ao quarto e último módulo do curso com a sensação de ter acumulado, durante todo o caminho, um vasto leque de conhecimentos e saberes que irão influenciar na minha vida profissional para sempre. O cerne deste módulo está diretamente ligado ao itinerário formativo que eu escolhi: gestão. Atuar na equipe gestora de uma instituição de ensino pública é desafiador, eu tenho a sessão diária de ser testado profissionalmente, diante das adversidades impostas pela sociedade, pelo sistema e por toda a conjuntura do sistema educacional brasileiro. Mas, ao mesmo tempo me sinto satisfeito por exercer a profissão que eu escolhi para a minha vida e faço o que eu faço hoje com dedicação. Iniciamos este percurso do saber e do conhecimento, tendo a oportunidade de estudar os componentes curriculares Teorias, Planejamento e Práticas de Projetos Curriculares Pedagógicos, Gestão da Educação Profissional e da EJA e Produção Científica aplicada a elaboração do TCC.

Compreender a teoria e metodologias que gira em torno do planejamento e da organização do currículo, as práticas pedagógicas voltadas para os projetos educacionais de curso e todo o seu processo de elaboração e implementação com foco na educação profissional integrada à educação de jovens e adultos, foram os



princípios básicos estudados na disciplina de Teorias, Planejamento e Práticas de Projetos Curriculares Pedagógicos. O trajeto realizado neste componente curricular, me levou a identificar, conceituar e entender as distintas fases do planejamento pedagógico e os desdobramentos da elaboração e implantação do currículo escolar.

Os saberes formativos adquiridos nesta disciplina, me levaram a perceber as diferentes etapas dentro do processo de planejamento educacional, começando pelo planejamento do currículo, que deve ser centrado no sujeito e no mundo do trabalho, passando pelo planejamento das práticas pedagógicas, onde o professor passa a estudar antecipadamente suas ações didáticas e culmina com o planejamento do trabalho pedagógico, nessa fase o docente decide o processo metodológico da sua aula, levando em consideração as especificidades da sua turma. O ato de planejar envolve a organização passo a passo para realizar uma ação, neste caso, as ações pedagógicas.

Enquanto gestor e docente, entender as nuances da elaboração, implantação e integração do currículo escolar, ampliou a minha visão sobre a área estudada, me guiando num caminho extremamente importante para a minha prática profissional. Considero o currículo uma ferramenta pedagógica valiosa e é um instrumento decisor na formação do perfil dos estudantes. O currículo escolar pode ser concebido de três modos, segundo Fernandes (2014), pela sua perspectiva técnica, pela perspectiva prática ou pelos seus artefatos multiculturais. Concordo com a autora, quando ela menciona que, independentemente do modo de concepção do currículo, o mesmo deve levar em consideração os artefatos constituintes do processo educativo, como o saber escolar, os indivíduos, suas relações e a própria organização e seus valores. Estrategicamente e pedagogicamente o currículo é, sem



dúvida nenhuma, “o coração da escola, o espaço central em que todos atuamos” (Moreira apud Fernandes, 2014, p. 16), é através dele que a escola desempenha o seu papel fundamental, educar e formar cidadãos emancipados, críticos e prontos para conviver socialmente e profissionalmente.

Concomitantemente aos estudos acerca do currículo e seus princípios, também foi possível entender o processo de gestão da educação profissional e da educação de jovens e adultos, bem como, suas concepções e fundamentos, que são balizadores para o desempenho das minhas funções enquanto ente participante da equipe gestora de uma unidade de ensino. Na disciplina de Gestão da Educação Profissional e da EJA, pude compreender a importância do processo de gestão democrática e dos órgãos colegiados, que viabilizam o trabalho do gestor. Independente da modalidade de ensino, a gestão democrática uni toda a comunidade escolar em prol da melhoria, funcionamento e aplicação de recursos financeiros da educação na escola.

Segundo Paro (2017, p. 17) “na medida em que se conseguir a participação de todos os setores da escola - educadores, alunos, funcionários e pais - nas decisões sobre seus objetivos e seu funcionamento, haverá melhores condições para pressionar os escalões superiores a adotar a escola de autonomia e de recursos”, o que me leva a considerar a importância da participação da comunicação escolar e local na construção do Projeto Político Pedagógico - PPP e nos órgãos colegiados. Levando em consideração o ponto de vista do autor, considero de suma importância que é preciso fortalecer o conselho escolar, que tem como prerrogativa a democratização da escola e o fortalecimento da cidadania, que tem como função resolver questões político-pedagógicas, administrativas, financeiras, no âmbito da escola, principalmente, a aplicação dos recursos



financeiros da unidade de ensino, de forma a atender as demandas da escola.

Concluo essas duas etapas do processo de ensino colecionando saberes indispensáveis para a minha práxis profissional. Articulando essas duas disciplinas, participei do Seminário Temático IV: Novas perspectivas para EJA, as possibilidades da educação de jovens e adultos no embate entre concepções de educação e de alfabetização. Durante a apresentação da palestrante, foi possível compreender os caminhos tortuosos que a EJA enfrentou e enfrenta até hoje, um processo histórico de exclusão e falta de possibilidades para atender a essa parcela da sociedade, como a própria debatedora falou, um caminho de pedras e flores, porém, mais pedras do que flores.

O componente curricular Produção Científica aplicada a elaboração do TCC, me colocou diante de um grande desafio: reviver as minhas memórias acadêmicas e profissionais, numa perspectiva autobiográfica. Carrillho (1997, p. 04), considera o Memorial de Formação como sendo “um texto de caráter científico, onde o autor descreve a sua trajetória profissional de forma crítica e reflexiva”, é um gênero discursivo ao qual eu nunca tinha tido contato, mas, passado o momento inicial do susto, a medida em que fui estudando e conhecendo sobre esse gênero, as minhas ideias foram clareando e aqui está o resultado.

Todo o trajeto por mim realizado durante todo o curso de Especialização em Práticas Assertivas em Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, contribuiu e vem contribuindo para o desenvolvimento das minhas atividades como docente e como gestor. A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que tem uma especificidade peculiar e integrar esses sujeitos a uma formação



profissional técnica, é para nós gestores, desafiador e enriquecedor, poder proporcionar a esses alunos a formação para a vida e para o mundo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre as minhas memórias não foi nada fácil, mas, todo o processo até aqui desenvolvido ratifica o propósito deste trabalho: reviver memórias e refletir sobre os fatos marcantes da minha trajetória acadêmica e experiências profissionais docente e de gestão, contextualizando uma narrativa de vida. Esse processo culminou na construção de aprendizados durante a trajetória da minha vida pessoal e profissional e de conhecimentos acumulados ao longo do curso de especialização. Um trabalho que requer dedicação, estudo e domínio de alguns saberes que foram aprimorados durante o processo de ensino.

Docente da educação profissional há alguns anos e hoje, membro da equipe gestora de uma escola técnica, onde oferecemos além da modalidade de ensino de educação profissional, também, ofertamos educação profissional integrada a EJA, um desafio vivido diariamente, atender a públicos distintos e com histórias de vidas diferentes. Enquanto gestor, preciso lidar com esses desafios, mas, também preciso criar estratégias de enfrentamento, para garantir um ensino de qualidade para os nossos alunos.

Como fruto desse processo de formação em gestão, tive a oportunidade de participar da implantação da EJATEC - Educação de Jovens e Adultos do ensino médio concomitante a formação técnica e profissional, ofertada pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, uma versão de âmbito estadual do PROEJA, com distintas particularidades. O estudante quando efetua sua matrícula



na EJA tem a opção de escolher cursar a EJATEC, o que diferencia do curso EJA normal é a sua carga horária e tempo de duração. No curso EJA normal, o tempo de integralização da carga horária é de 18 meses, na EJATEC, foi preciso reformular o currículo para acrescentar a matriz profissional, aumentando assim a carga horária total do curso para 2.700 horas aulas, sendo distribuída em 1.500 horas para as disciplinas propedêuticas e 1.200 horas para a formação profissional, ampliando, também, o tempo de conclusão, que é de 24 meses. Outro diferencial da EJATEC é o uso de metodologias de ensino híbridas, ou seja, os componentes curriculares da base comum são ministrados dentro da metodologia presencial, enquanto os da base profissional são ministrados pela educação a distância, mediado por um tutor presencial.

Diante do exposto, considero relevante a qualificação recebida neste curso e a importância deste trabalho na minha vida pessoal, profissional e acadêmica, que oportunizou uma reflexão acerca do meu eu como pessoa, como profissional e aluno, possibilitando colocar em prática as teorias estudadas na especialização com as minhas atividades profissionais.

Concluo este trabalho e a qualificação no curso de Especialização em Práticas Assertivas em Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, com a sensação de dever cumprido e de novos conhecimentos adquiridos, que estão sendo úteis e continuarão sendo, na minha prática profissional. Encerro este relato com a certeza de crescimento pessoal e a alegria de reviver minhas memórias, que durante anos ficaram guardadas e aqui tive a oportunidade de rememorar-las e perceber o quanto eu cresci como pessoa e como profissional, refletindo no que hoje eu sou e no que eu quero para o meu futuro e para o futuro da educação no Brasil.



Por fim, entendo que a escola como unidade social, tem características de organismo vivo e dinâmico, dentro de um contexto social, econômico e cultural, plural e repleto de controvérsia. Sendo assim, a escola é caracterizada por uma rede de relações entre todos os membros que nela atuam ou interferem direta ou indiretamente e requer uma gestão centrada no aluno, na sua participação protagonista dos estudantes, no desenvolvimento do corpo docente, pedagógico e administrativo, como também, sua relação com a comunidade local, amparado pelos órgãos colegiados, com foco na prática social.



REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação.** Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.
- AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A educação como política pública.** 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.
- BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CARRILHO, M.F. *et al.* Diretrizes para a elaboração do Memorial de Formação. Metodologia do trabalho científico. Natal: IFP/URRN, 1997. Mimeo
- DOURADO, Leidiane Santos. O memorial de formação: notas sobre estilo de um gênero discursivo. **Anais do Simpósio Internacional de Letras e Linguística**, v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- FERNANDES, Natal Lânia Roque. **Currículos e Programas da EPCT.** Fortaleza: UAB/IFCE, 2014.
- HACK, Josias Ricardo. **Gestão da educação a distância.** Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.
- KENSKI, Vani Moreira. **Design instrucional para cursos on-line.** São Paulo: Senac, 2019.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- PALUDO, Augustinho. **Administração pública.** 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- Projeto Pedagógico do Curso (PPC).** Natal: IFRN, 2018. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/187034/mod_resource/content/1/ppc_Espe_Praticas_AssertivasEdu_EJA.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.



VASQUES, Cristiane Cordeiro; ANJOS, Maylta Brandão dos; SOUZA, Vera Lucia Gomes de. Políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Educação Pública**, v. 19, nº 16, 13 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/16/politicas-publicas-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos-eja-a-escola-como-local-de-excelencia-para-a-realizacao-dos-processos-de-ensino-e-aprendizagem>. Acesso em: 22 jun. 2020.

VERASZTO, Estefano Vizconde; BAIÃO, Emerson Rodrigo; SOUZA, Henderson Tavares de. (orgs.). **Tecnologias Educacionais**: aplicações e possibilidades. Curitiba: Appris, 2019.



MEMÓRIAS EM MOVIMENTO, TRAJETÓRIAS DE VIDA

RAIMUNDO DRUMOND NETO

Orientador: Prof. Paulo César Puga Barbosa

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem por finalidade produzir um memorial de formação em atendimento ao curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos - EJA, Pós-Graduação Lato Sensu na modalidade a distância, ofertado pelo *Campus* EaD do IFRN em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC). O itinerário de formação que estudo é em Didática e ofertado em parceria com o Instituto Federal do Amazonas, *Campus* Manaus.

O curso ofertado pelo IFRN em parceria com o IFAM visa implementar mudanças na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional interligada à Educação de Jovens e Adultos por meio da formação continuada de gestores, professores, tutores da EaD e técnicos educacionais e comprometido com os valores referenciados em uma sociedade democrática, tendo a educação como prática social.



No momento que me cientifiquei sobre o curso de pós-graduação *latu sensu* para a modalidade EJA interessei-me imediatamente por se tratar de um segmento o qual me importa muito e por ter experiência com jovens e adultos. Acho importante estar sempre me aperfeiçoando, buscando estar em sintonia com aprendizagens que possibilitem melhor prática docente, de inteirar-me quanto ao uso de tecnologias aplicadas à educação e fomentar o conhecimento com a proposta de educação profissional integrada à EJA. A ação reflexiva proporcionada pelo curso permite o planejamento da ação docente para o atendimento às peculiaridades do público alvo.

Um dos objetivos do curso em proporcionar ao professor estudante momentos de reflexão da ação docente em sala de aula, visando a produção de conhecimentos e materiais didáticos como síntese da formulação e implementação teórico-prática da proposta integrada de educação profissional à EJA despertou meu interesse e motivação em realizar o curso, gerando expectativas de novas aprendizagens e saberes, comprometimento com o uso de novas tecnologias aplicadas ao trabalho docente. Esta formação continuada na modalidade de EaD contribui positivamente e decisivamente no meu conhecimento, agregando novos valores à minha prática quando utilizo ferramentas e tecnologias educacionais da informação e comunicação, favorecendo o processo ensino-aprendizagem. Além de agregar conhecimentos e novos valores me permite uma formação voltada à prática curricular e pedagógica, o curso estende a formação a tutores da EaD e técnicos educacionais voltados para a implementação democrática, participativa e socialmente responsável de programas e projetos educacionais.

A construção do memorial de formação permite-nos expressar nossos anseios, projetos e visão de profissional, nossas expectativas, reflexões e emoções acerca da profissão e trajetória percorrida,



exposição dos conhecimentos e a necessidade de compartilhamento dos saberes adquiridos, constituintes da nossa experiência.

O memorial “Memórias em movimento, trajetórias de vida” emergiu em solicitação do curso de Pós-graduação *Latu sensu* como atividade de conclusão do curso. O título deste memorial reflete o entendimento sobre a construção da memória como sendo algo em permanente registro e ebulição, importando e significando episódios que marcaram meu percurso acadêmico e experiências vividas, depositários na construção do profissionalismo e personalidade. A intencionalidade em delimitar temporalmente fatos e acontecimentos que marcaram minha trajetória fundamenta uma relação tríade, família-trabalho-profissão, como alicerces que sustentam a minha vida, marcando um legado existencial que reflete minha dedicação e esforço na vida familiar e profissional.

Nesse sentido, a escrita deste memorial de formação proporcionará um resgate da minha história escolar, os percursos realizados até minha realidade docente, partindo de um olhar sensível sobre a sala de aula, lugar que me proporcionou o encontro com saberes e conhecimento de mundo. Buscarei embasamento teórico em Luckesi (1994), Freire (1989, 1997, 2001), Halbwacks (1990), Rúdio (1993). Assim procurarei enfatizar aquilo que referenciou minha construção identitária e que de forma significativa corroborou minhas expectativas durante o transcorrer de minhas vivências e experiências. A minha primeira formação em História contribuiu de forma interessante a percepção sobre a necessidade de construção sobre a identidade do profissional e também do aluno como fundamento essencial na formação da personalidade e percepção histórica de si mesmo.

Minha experiência como professor da Educação de Jovens e Adultos remonta ao período em que lecionei na rede pública



de ensino do estado da Bahia. Lecionei no turno noturno para um público bem heterogêneo com alunos de idades variadas. Trabalhei por um período de três anos seguidos com turmas de EJA com disciplinas diversas apesar de ser formado em História. Em momentos diferentes lecionei as disciplinas, sociologia, filosofia e artes laborais. Uma característica marcante era o índice de evasão escolar alto, um desafio à parte diante das problemáticas existentes com o turno noturno como a violência e uso de drogas. A escola em que trabalhava também ofertava o ensino médio. Os problemas com a infraestrutura da escola, a falta de material pedagógico, funcionários, laboratórios e acompanhamento psicológico de alunos e professores evidenciam as fragilidades no exercício do trabalho.

“Memórias em movimento, trajetórias de vida” é um grande exercício e um expediente interessante e prazeroso onde rememorei momentos vividos de constante aprendizagem e desafios. Remonta ao período onde me encontrei ao trilhar novos caminhos, redirecionando minha trajetória profissional ao encontro com realizações únicas e inesquecíveis, marcantes. Levou-me a comprometer-me, enquanto multiplicador e difusor de novas tecnologias buscando articulação com a coletividade da qual faço parte.

MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE MINHA VIDA

Nasci em Nova Era, cidade do interior de Minas Gerais, localizada aproximadamente a 140 km da capital na região leste do Estado, nos findos da década dos anos sessenta do século passado, precisamente em junho de 1969, ano da chegada do homem à lua. Com inspiração no nome do meu avô materno, sou filho e neto de alfaiate, minha mãe “do lar”, sétimo nascido do total de nove irmãos. Cresci no período marcado pela ditadura militar, fruto do



golpe de 1964 ocorrido no governo João Goulart. Não compreendia a extensão da realidade histórica em que estava inserido tampouco a dimensão dos tempos difíceis em que vivíamos no país e cotidiano.

Comecei a estudar com seis anos e meio de idade, pois completaria sete anos em junho, o que atrasaria meu desenvolvimento se retardasse o acesso à escola. Lembro-me da necessidade de convencimento e aceitação na escola sobre esta realidade. Primeiro momento que recorro na escola é a sala de aula que entrei os olhares dos colegas, os cartazes, as carteiras, a atmosfera lúdica que retratava o ambiente, muito diferente da que pensava.

Conclui os primeiros anos de estudo na Escola Estadual Augusta Maciel Vidigal a poucos metros de casa, aliás, as escolas que estudava eram próximas à minha residência. Recordo-me das professoras e dos métodos de aprendizagem em língua portuguesa e matemática principalmente. O uso de cartilhas na alfabetização - o barquinho amarelo, os cartazes da história dos três porquinhos como recurso inicial de leitura, os materiais criados para fazer demonstrações no ensino de matemática feito de tampinha de garrafas, palitos de picolés, bolinha de gude etc. Participava dos jograis realizados nos momentos festivos, peças teatrais, festas juninas, era muito ativo nas recreações e participações coletivas.

Estudei a quinta série à oitava série, o que corresponde ao 1º grau, na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima no início dos anos 80, período de muita turbulência no campo político do país e também no mundo, com ameaças de conflito nuclear, marcado pela relação conflituosa entre Estados Unidos e antiga União Soviética. No primeiro grau, assim denominávamos, foi um período intenso e passava por muitas dificuldades financeiras. O material didático era muito limitado e não tinha condições de comprar os livros, estudei a maioria do tempo fazendo resumos



dos livros emprestados pelos colegas da sala. Usava a biblioteca pública para fazer as pesquisas em enciclopédias entre outras fontes como revistas, jornais, livros, almanaques etc.

A primeira televisão foi adquirida em 1977, em preto e branco, assistia naquele período aos programas interessados à criança, como séries americanas, desenhos, novelas, futebol etc., antes assistia na vizinhança. Na década dos anos 80 marcou o retorno à democracia, momento em que começava a me interessar mais por política, história do Brasil e do mundo. Assistia muitos programas de entrevistas e jornalísticos na TV, assuntos que não interessavam muito a outros meninos e inclusive adultos. O retorno à democracia se deu com a eleição indireta de Tancredo Neves no congresso nacional em 1985, acompanhei toda a votação pela televisão, inclusive o movimento das Diretas Já que animava a todos com momentos esperançosos de um país melhor e mais justo.

Conclui o 1º grau e ingressei no curso de magistério na mesma escola em que cursei o 1º ano do 2º grau, conhecido hoje como ensino médio. Havia a formação no magistério ofertado pelo Estado, ensino público que permitiu a conclusão do 2º grau, pois não tinha condições de custear o ensino na escola privada que oferecia cursos em eletrotécnica e eletrônica, auxiliar de contabilidade e administração. Após a conclusão do magistério o Estado passou a oferecer pela rede pública de ensino o curso de técnico em contabilidade permitindo uma segunda formação.

Uma nova história começou a ser escrita com oportunidade de trabalho em outra cidade, Ipatinga, cidade polo na produção de aço. O país e o mundo passavam por grandes transformações nos anos 90 no contexto político e econômico, marcado pela Guerra no Golfo Pérsico e o processo de impeachment do presidente Collor. Minha experiência no trabalho iniciou-se em contabilidade e



posteriormente em área financeira numa grande empresa, permanecendo por quase quatorze anos. Fiquei afastado dos estudos dez anos por questões financeiras e em 2001 comecei o curso de licenciatura em História pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, *Campus* Timóteo/MG, graduando-me em 2004.

Comecei a lecionar em 2009 iniciando uma nova trajetória atuando na área de História no extremo sul da Bahia na cidade de Teixeira de Freitas. Fui contratado pelo Estado da Bahia aprovado em concurso público, quando conclui a formação em tecnólogo em gestão financeira pela Uninter, ensino a distância. Havia começado este curso quando trabalhava na área de tesouraria de uma empresa como forma de aprimoramento nas atividades que realizava. No campo educacional comecei inicialmente com Sociologia e Geografia no ensino médio no matutino e História no ensino fundamental no período vespertino. Conclui uma especialização em História e Cultura afrobrasileira em 2011 pela Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM. Como professor pelo Estado da Bahia meu contrato era dois anos e prorrogado por mais dois e nesse ínterim trabalhei com filosofia, sociologia e religião em uma escola privada no município permanecendo por 4 anos. Trabalhei com projetos sobre bullying, drogas, temas diversos da atualidade nas escolas pública e privada, o que proporcionou grande aprendizado e satisfação.

Em 2014 conclui uma segunda graduação em Ciências Sociais pela Faculdade Metropolitana de Santos, motivado pelo exercício da disciplina de Sociologia nas escolas em que atuava. Estava determinado em aprender e interessado no autodesenvolvimento, procurando novas práticas e ferramentas para aplicação em sala de aula. A participação em reuniões promovidas pela coordenadoria regional de ensino me permitiu novos conhecimentos e



entrosamento cada vez maior com professores e gestores de escola. Ainda em 2014 prestei concurso público para efetivação na área educacional como professor do Estado do Amazonas onde fui aprovado e leciono desde início de 2016.

No término da formação em Ciências Sociais aventurei-me no curso de mestrado profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional pela Faculdade do Vale do Cricaré em São Mateus, Espírito Santo. Defendi a dissertação do mestrado no ano de 2016 como o título “Representações e significados produzidos por uma aluna surda sobre a escola: o despertar do silêncio”, que discorria sobre o cotidiano de uma aluna surda em uma escola pública.

A atuação como professor definiu minha trajetória profissional e de vida, potencializou minhas buscas e direcionou meus objetivos, solidificando cada vez mais minha caminhada e consolidando minhas ações no campo educacional, na formação continuada e especialização com a Pós Latu sensu conferida pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte em parceria com o Instituto Federal do Amazonas.

UM ENCONTRO, PONTO DE CHEGADA PARA OUTRAS PARTIDAS

Este capítulo fala sobre o percurso seguido como professor e pretendo narrar o caminho seguido na educação logo após encerrar um capítulo em minha história quando exercia a função de técnico financeiro em uma grande empresa. Um mundo novo se apresentava juntamente com o romper de um novo ano onde as boas intenções refletidas e desejadas se confrontavam com a



realidade do desemprego, misturando-se ao sentimento de perda e insegurança no futuro, na incerteza no que viria.

O ano de 2009 marcou um recomeço em minha trajetória, estava desempregado quando realizei concurso para professor de História no Estado da Bahia. Formado desde 2004, apesar de atuar na área financeira, trabalhei em uma escola pública em Timóteo/MG por um breve período quando tive contato com o exercício profissional no magistério. Aprovado na Bahia comecei a exercer a profissão de professor na cidade de Teixeira de Freitas no extremo sul do Estado, fronteira com Minas Gerais e Espírito Santo. O desafio da profissão juntamente com a necessidade de autoafirmação direcionou o meu pensar e fazer. Pensar a educação era pensar a sociedade e realidade a qual estava inserido, realizar a transformação começando pela minha própria vida. Naquele momento em que buscava autoafirmação no trabalho e na profissão, o cotidiano se impunha às exigências às quais precisava inteirar-me, o profissionalismo.

Além de reinventar-me foi necessário entender a educação como processo e “compromisso do profissional com a sociedade” (Freire, 1989). O compromisso como ato capaz do agir e refletir, de estar no mundo, em assumir um ato comprometido e

Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencional sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar. (Freire, 1989, p. 16)

Este processo reflexivo na tomada de decisões reorientou minha trajetória de vida e isso foi norteando os passos na caminhada que iniciara na educação. Retomar as lembranças e memórias



desta caminhada é revisitar um momento que selou o encontro comigo mesmo e demarcou minha interação com o meio. Como assinala Maurice Halbwachs (1990, p. 21), “o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais”. Com o envolvimento na escola e professores fui familiarizando com a estrutura escolar e com a cidade de uma maneira geral.

O aprendizado era uma realidade que se apresentava em diversas formas, tanto pelo lado profissional como existencial. Ao passo que consolidava minha permanência na cidade, fui aprendendo seus ritmos e ritos, uma cultura bem diferente da que pertencia, era também aluno dentro do processo de ensino-aprendizagem. Essa aprendizagem se dava entre as esferas que vivia, ora como professor, ora como cidadão teixeirense. A maturidade profissional a que objetivava começou em passos lentos, mas intensos, onde o comprometimento com a educação se consolidava a cada envolvimento com o fazer pedagógico em sala de aula, projetos da escola e da Secretaria de Educação do Estado. Os projetos encaminhados às escolas pela Secretaria de Educação (SEC) envolviam todas as instituições escolares englobando todas as Regionais de Ensino (NTE). O projeto FACE (Festival Anual da Canção Estudantil), dentre eles o mais marcante, tinha como mote “explorar o potencial educativo através da música, estimulando a musicalidade no ambiente escolar e a valorização das manifestações culturais regionais” entre outros fatores. Esse projeto, assim como os demais, movimentava toda a escola, transformava a atmosfera escolar de forma colaborativa e envolvente, tendo a adesão de grande parte da clientela escolar.

A partir do envolvimento com os inúmeros projetos escolares, que envolviam palestras, jogos escolares, feira de ciências (esta se realizou no último ano de contrato com o Estado), mais



acrescia à minha experiência, potencializando cada vez mais meu conhecimento e prática educacional. Comecei no Centro Educacional Professor Rômulo Galvão lecionando sociologia, segunda graduação em Ciências Sociais, motivado pelo exercício docente. Lecionei geografia para alunos do ensino médio no turno matutino, apesar de não ser formado na área de conhecimento, complementando minha carga horária, o que é muito recorrente em escola pública daquele Estado.

Envolvido cada vez mais com o processo ensino-aprendizagem procurei desenvolver os conteúdos de forma reflexiva, motivando os discentes, com vulnerabilidade econômica alta, a maioria de classe baixa e periférica. Um compromisso enquanto educador era trabalhar os conteúdos escolares de forma a contribuir para uma leitura crítica do educando, visando a transformação social, levando-o a intervir em sua realidade.

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (Freire, 1997, p. 111)

Nesse sentido, o conhecimento a ser trabalhado de forma reflexiva tem a intencionalidade em contribuir de alguma forma para a mudança de mentalidade, valorizando o educando e capacitando-o para a tomada de atitudes.



O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O período de contrato temporário (REDA) no Estado da Bahia teve a duração de 2 anos, prorrogados por mais 2. Foram 4 anos de trabalho no CEPROG (Centro Educacional Professor Rômulo Galvão). No terceiro e quarto anos de trabalho nesta escola passei a trabalhar 40 horas semanais o que me possibilitou lecionar no turno noturno com as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A Secretaria de Educação dividia em tempos formativos a modalidade de ensino para jovens e adultos. O CEPROG ofertava o terceiro tempo formativo que correspondia ao ensino médio, os outros tempos formativos eram de responsabilidade do município voltados para os segmentos de ensino fundamental.

O encontro com a Educação de Jovens e Adultos foi uma motivação maior, pois a realidade deste segmento imprime práticas educativas diferentes em relação ao ensino médio convencional. A turma era bem heterogênea e realidades diversas. Enquanto buscava meu aperfeiçoamento com leituras e interações com colegas e palestras promovidas pela Secretaria de Educação para a modalidade, a prática em sala de aula se concretizava de forma independente, lúdica e interativa. Trabalhei com as disciplinas História, Sociologia e Artes laborais. Compreendendo o meu aprendizado, o discente e sua busca constante de aprendizagem e aperfeiçoamento profissional, as relações sociais são travadas constantemente, caracterizando sua humanidade e singularidade, “o homem vai dinamizando o seu mundo a partir destas relações com ele e nele; vai criando, recriando; decidindo”. (Freire, 1989, p. 64).

A experiência com a Educação de Jovens e Adultos proporcionou-me um “mergulho” ainda desconhecido neste campo profissional. A pedagogia a ser trabalhada com alunos nessa



modalidade era totalmente diferente a atribuída ao ensino médio regular, o qual estava mais familiarizado. O atendimento escolar na formação de jovens e adultos muito se assemelha ao ensino regular no tocante à falta de apoio material a educandos e professores, condições de trabalho, acompanhamento e assessoria pedagógicos.

AUTODESENVOLVIMENTO, PERSPECTIVAS EM CONSTRUÇÃO

O meu ingresso ao exercício docente estimulou-me ao autodesenvolvimento, à necessidade em aperfeiçoamento e especialização. Estava terminando de cursar uma especialização em História e Cultura Afrobrasileira, em 2011, quando comecei a trabalhar com turmas EJA. Percebi a carência na oferta de cursos específicos para o segmento de jovens e adultos, existia somente palestras e encontros sobre a temática promovidas pela Secretaria de Educação.

Importante salientar a necessidade de o profissional em educação estar em constante formação e aperfeiçoamento visando não somente sua atualização, mas também contribuindo para sua práxis pedagógica. Segundo Nóvoa (1992, p. 9) “não há um ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores” (Nóvoa apud. Baracho & Nóbile). Nesse sentido o investimento na formação e desenvolvimento profissional do professor contribui de forma decisiva e necessária para sua atividade docente e crescimento enquanto educador.

Em 2012 comecei minha segunda graduação em Ciências Sociais, buscando aperfeiçoar-me em área de conhecimento a qual lecionava, visando uma leitura mais aprofundada e direcionada às temáticas em sociologia. Obviamente minha zona de interesse



em ciências humanas se intensificava cada vez mais, agregando a disciplina de Filosofia em algumas turmas do ensino médio e ensino fundamental em outra escola. Assim, o meu processo de formação ainda estava inconcluso, sempre buscando construir meu conhecimento e executá-lo em meu exercício profissional.

Na práxis pedagógica, o educador é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e à aprendizagem. Ele assume o papel de mediador entre a cultura elaborada, acumulada e em processo de acumulação pela humanidade, e o educando. O professor fará a mediação entre o coletivo da sociedade (os resultados da cultura) e o individual do aluno. Ele exerce o papel de um dos mediadores sociais entre o universal da sociedade e o particular do educando. (Luckesi, 1994, p. 115)

Nesse sentido, em meu processo formativo havia uma preocupação constante em assegurar a qualidade na informação trabalhada com o discente, em fazer uma mediação pautada no conhecimento adquirido. Em 2014 comecei o mestrado profissional em Gestão Social, Desenvolvimento Regional e Educação pela Faculdade do Vale do Cricaré em São Mateus/ES concluindo em 2016 com a defesa da dissertação. O ano de 2016 marcou uma outra etapa em minha trajetória, comecei a trabalhar como professor na Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, desta vez como efetivo no quadro de profissionais da Educação.



PRÁTICAS ASSERTIVAS EM DIDÁTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA/PROEJA.

Novos desafios se apresentaram com a prática docente, imbuído em projeto pessoal e profissional compreendi que a temática envolvendo a Educação de Jovens e Adultos e o Ensino Profissional e Tecnológico se manifesta de maneira decisiva a cada dia. A necessidade de atualização e envolvimento às atuais discussões dedicadas ao ensino de jovens e adultos culminou na oferta pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas - Seduc, uma especialização na área pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte em parceria com o Instituto Federal do Amazonas entre outros institutos.

O entendimento que escola é uma instância mediadora de saberes culturais e práticas pedagógicas, lugar de encontro, que viabiliza a construção do conhecimento pelo educando e também do professor, oriento-me pela busca constante de saberes que proporcionem ampliar e consolidar meu aprendizado. O curso oferecido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, segundo seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC/IFRN - 2018) objetiva-se em “promover formação continuada de profissionais alinhada com os valores fundantes da sociedade democrática, da educação como uma prática social e articulação interdisciplinar”.

Iniciado em 2019, o curso de especialização norteia-se por uma postura crítico-reflexiva imbuída na “superação produtivista” inserindo-se no “escopo das produções acadêmico-científicas e pedagógicas” às demandas que atendam sua “função social”, primando pelo respeito à diversidade e à inclusão social. O encontro com o curso de especialização proporcionou-me recordar



conceitos e conteúdos da minha formação, numa perspectiva atualizada e em consonância com a demanda atual, que nos remete a outras e novas leituras, no conhecimento e exigências da realidade que nos envolve.

Novas discussões acerca da emergência do ensino técnico e profissionalizante na modalidade de jovens e adultos remonta a necessidade de revisão de conteúdos em um contexto socioeconômico diverso e diferente do período em que conclui minhas graduações. A relevância no ensino de didática, “a ciência de ensinar”, ministrado no curso, possibilitou-me o contato com a fundamentação teórica e metodológica voltados ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que favorecem a inserção do discente no ambiente de trabalho e exercício de sua cidadania. Segundo Fonseca (2020, p. 08) a didática no oferece elementos e reflexões para melhor desempenho docente, “direciona a questionamentos como: qual o meu papel no processo de ensino-aprendizagem? Que objetivos quero alcançar? Que assuntos irei trabalhar? Por que os trabalhar? Qual a importância para o aluno?”

Essas reflexões contribuíram de forma significativa para delinear meus objetivos e intencionalidades, às atividades práticas realizadas em sala de aula, como estímulo à pesquisa, realização de debates, simulados, jogos interativos, escrita e compreensão de discursos. A proposta de atividade do curso na elaboração de plano de aula e inovação através da confecção de videoaulas envolvendo temática sobre o meio ambiente. O trabalho foi realizado em grupo e favoreceu a troca de experiências e conhecimentos entre os participantes, fortalecendo a parceria e engajamento de todos do grupo.

As trocas de experiências proporcionadas nos fóruns e chats foram decisivas no entendimento e elaboração de ideias sobre o



conteúdo das disciplinas desenvolvidas no curso. A disciplina “Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA” me proporcionou maior compreensão dos conceitos sobre técnica e tecnologia, a relação entre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e a educação. Além de retomar o processo histórico da invenção da tecnologia desde sua emergência até os dias atuais, o uso do computador e programas educativos, sua relação com a humanidade e utilização como recurso educacional.

Importante destacar que cada vez mais as tecnologias digitais são utilizadas no campo educacional e estão presentes em nosso cotidiano, nas áreas laboratoriais das ciências da natureza, na organização de dados acadêmicos e na organização e implementação dos processos de ensino-aprendizagem (Silva & Almeida, 2020, p. 27). Vale ressaltar que os objetos digitais de aprendizagem (O.A.) proporcionam maior acessibilidade e disponibilidade de recursos pedagógicos contribuindo de forma pontual na aquisição de informações e leitura tanto para o discente quanto para o docente. A utilização desses recursos (e-books, videoaulas, animações, jogos, simuladores, AVA, MOOC etc.) incrementam novas possibilidades de leitura, maior dinamismo como recursos de aprendizagem.

Outra disciplina que contribuiu de forma interessante foi “Planejamento Educacional em EaD para EJA”, voltado para a modalidade a distância, ainda pouco explorado na atualidade. Nesse sentido, as discussões que se seguiram foram muito importantes devido aos desafios encontrados na educação a distância e a jovens e adultos. O ensino de jovens e adultos possui uma clientela bastante heterogênea e os limites impostos no contexto da realidade capitalista, o planejamento educacional se tornou preponderante na prática educativa. O planejamento de ensino-aprendizagem na modalidade EaD integrada à modalidade de educação de jovens e



adultos expõe a necessidade de “implantação de políticas públicas voltadas para sua implementação” (Silva, 2020, p. 20). Isso se refere à preocupação voltada para uma sociedade mais igualitária, com mais justiça social, distribuição de renda e acesso à educação e ao trabalho, construtores de uma cidadania plena.

Enfim, o acompanhamento e realização das atividades, leituras nas disciplinas do curso permitiram-me o reencontro com a pesquisa e outros relacionamentos, corroborado pelas discussões nos fóruns, chats, e recorrendo aos tutores e professor das disciplinas, em casos de dificuldades e no saneamento das dúvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O termo educação, numa das etimologias que lhe é atribuída, vem do latim ex + ducere, que significa tirar, conduzir de dentro para fora. Neste sentido, ela consiste em tirar de alguém aquilo que ele pode ser e que já se encontra no seu interior, isto é, consiste em fazer brotar de dentro do indivíduo as capacidades que ele possui, a fim de que, efetivando-as, consiga chegar a ser a pessoa que, na verdade, ele pode ser. A isso se chama de autorrealização. Educar, portanto, é levar o indivíduo a autorrealizar-se”.

Franz Victor Rúdio

A autorrealização é um processo que se enquadra na dinâmica social e acadêmica. Ela não se concretiza somente no desfecho ou término de um curso de formação, mas no conhecimento adquirido na prática docente manifestado também no cotidiano do discente. É um processo de maturação que caracteriza o fazer,



a sua jornada. O aprendizado adquirido e compartilhado com os professores que realizaram a especialização foi um importante momento de crescimento e desenvolvimento profissional. As reflexões realizadas acerca do ensino de jovens e adultos e o currículo integrado, o processo tecnológico e as inovações no âmbito pedagógico contribuíram de forma substancial na aquisição de conhecimentos, mantendo-nos ativos nas transformações ocorridas na contemporaneidade.

À formação do educador, para atuar em um currículo integrado quer seja na condução da didática ou da gestão do ensino de modo geral, faz-se necessária não só a aquisição de conhecimentos acumulados, mas o desenvolvimento de habilidades e atitudes imprescindíveis à reflexão sobre o mundo para, nele, poder agir com autonomia. Tal processo pode se efetivar com base nos conhecimentos adquiridos no que diz respeito à ciência, à cultura, ao trabalho e à tecnologia. (Baracho & Nóbile, 2020, p. 5)

Estar em constante aprendizagem e buscando inovação em sua prática, o docente estará construindo positivamente sua trajetória, aliando o conhecimento adquirido com as exigências da realidade de formação. Os desafios encontrados pelo educador na EJA são em diversas instâncias, tendo como necessidade compreender as peculiaridades dessa clientela. Alunos que vivem à margem do sistema educacional devido à vulnerabilidade social, o desemprego e a informalidade.

Conhecer a realidade do discente e suas características servirá de condição para a elaboração de currículo e promoção de práticas educativas. Para a inserção desse público é necessário a compreensão da diversidade e situações específicas que os envolvem como a exclusão social, a evasão escolar e a necessidade de trabalho.



Do ponto de vista social, político e histórico, temos a necessidade de considerar, no processo de formação de profissionais para atuar na EJA, a diversidade desse segmento, atentando para suas demandas, peculiaridades, diferenças culturais, experiências de vida, percursos históricos, saberes, características específicas, além de outros aspectos que ocorrem no processo do ensino e da aprendizagem. (Baracho & Nóbile, 2020, p. 7-8).

A formação de professores para a Educação Profissional e para a EJA na perspectiva de um currículo integrado requer muito empenho e dedicação, visão ampla e profunda na inserção de alunos, necessidades que contemplem os anseios do meio social e da sociedade como um todo. Um ensino que se concretize com qualidade e produção de conhecimentos, norteado por um planejamento e diretrizes adequadas.

Nesse sentido, realizar o curso de especialização promovida pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte e em parceria com o Instituto Federal do Amazonas possibilitou-me um novo olhar sobre o ensino de jovens e adultos, discutir e refletir sobre a emergência de atualização na formação continuada e na aquisição de conhecimentos. O registro do memorial de formação possibilita o formando detalhar sua trajetória acadêmica, expondo sua percepção e necessidades no ensino de jovens e adultos, além compartilhar experiências, desejos e anseios sobre a profissão.

Entendendo o homem como ser “inacabado” e “inconcluso” (Rúdio, 1993, p. 86), percebo melhor as lacunas que procuro preencher, a convivência e relacionamentos que precisamos construir para firmarmos nossa personalidade e autenticidade.



REFERÊNCIAS

BARACHO, M. G. & NÓBILE, V. C. **Fundamentos da Educação Profissional Integrada à EJA**. A formação do educador nos aspectos técnico, ético e político para atuação em EJA integrada à EPT. Unidade IV. Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos. PROEJA Pós-Graduação Lato Sensu em Educação a Distância. IFRN, 2020.

FONSECA, Christine M. F. **Noções de Didática**. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de ensino-aprendizagem. Unidade III. Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos. PROEJA Pós-Graduação Lato Sensu em Educação a Distância. IFRN, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1990. Ebook disponível em: http://edisciplinas.usp.br/plugin-file.php/4618536/mod_resource/content/1/Maurice%20Halbwachs%20-%20A%20mem%C3%B3ria%20coletiva.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRADO DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos**. Natal. IFRN, 2018. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/portal/wpcontent/uploads/2018/09/PPC_especializa%C3%A7%C3%A3o_27-09-2018_RL_V3.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. [Livro Eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo. Editora Cortez. 1994. Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educacion**, ano 2009, n. 350. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf. Acesso em: 10 jun.



2020. RÚDIO, Franz Victor. **Compreensão Humana e Ajuda ao outro**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

SILVA, Abigail N. B. **Planejamento Educacional em EaD para EJA**. Elementos Estruturantes do Planejamento Educacional na Modalidade EaD. Unidade I. Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos. PROEJA Pós-Graduação Lato Sensu em Educação a Distância. IFRN, 2020.

SILVA, Abigail N. B. & ALMEIDA, Everton F. C. **Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA**. A Evolução da Técnica no Processo Civilizatório e na Educação. Unidade I. Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos. PROEJA Pós-Graduação Lato Sensu em Educação a Distância. IFRN, 2020.

SILVEIRA, Maria Luiza Newlands da. **A arte de viver: uma nova interpretação de Sharon Lebell** / Epicteto. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 15. *e-book*. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nvxns5c>. Acesso em: 09 jun. 2020.



REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA

PEDRO HENRIQUE SANTOS SILVA

Orientadora: Profa. Klébia Ribeiro da Costa

A trajetória profissional do indivíduo é todo o processo de buscas, escolhas e afirmação na sociedade da qual ele faz parte. Quando alguém escolhe uma profissão e traça nela suas expectativas, tenta através dela se relacionar com o mundo de acordo com suas convicções e necessidades. Ao percorrer o caminho escolhido o indivíduo se apresenta como senhor de suas ideias e colaborador de ações que podem modificar o ambiente onde está inserido. Desenvolve suas ações e busca contribuir com seus pares no intuito de ver crescer o trabalho desenvolvido e ajudar os outros na construção de pensamentos mais direcionados para a melhoria dos objetivos serem alcançados.

Por meio de sites especializados em notícias sobre bolsas e concursos públicos, descobri a chance de cursar algo voltado ao ensino da EJA, oferecido pelo Instituto Federal de Educação,



Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, através de uma análise de títulos. Era o curso a nível de pós-graduação para especialista em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos - EJA, que no edital constavam diversas vagas espalhadas pelo Brasil, entre elas, aqui em minha região — a região Norte —, dividido para profissionais da educação que atuassem nas esferas estadual, federal ou municipal, dividindo um quantitativo de vagas específicos para cada esfera e para cada perfil (professores, tutores e educadores ou para gestores). Como sou professor da rede municipal de ensino da Prefeitura de Belém, então percebi que poderia fazer o curso, que ofereceu 05 vagas no total, sendo 03 para quem escolhesse a ênfase de formação na área de didática e 02 para quem escolhesse voltado à área de gestão. Consegui tirar a primeira colocação, e desde então faço este curso voltado para a área de didática, sendo as aulas totalmente em EAD, cuja estrutura tem me agradado muito até aqui, pois os tutores sempre foram bastante presentes e prestativos durante todo este percurso formativo.

Desde 2019, quando precisei construir um Trabalho de Conclusão de Curso, senti a necessidade de me dedicar a pesquisar cientificamente o campo educacional. Todavia, este memorial de formação é o primeiro que elaboro. Procurei seguir a orientação de Irany Novah Moraes (1992) e Edivaldo Machado Boaventura (1995) para a elaboração do meu memorial, o qual será apresentado à coordenação do Curso de especialização em Práticas Assertivas na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN.

Elaborar um memorial é reconstituir a própria existência. Essa não é uma tarefa fácil, pois, na opinião de Moraes (1992), memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas



facetar através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas capacidades. De acordo com Boaventura, memorial é não somente crítico, como autocrítico do desempenho acadêmico do candidato. Crítica que conduz forçosamente à avaliação dos resultados obtidos na trajetória da carreira científica (1995). Assim, para elaborar o presente memorial levei em conta as condições, situações e contingências que envolveram o desenvolvimento dos meus trabalhos aqui expostos. Procuro destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerências e incoerências e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha vida profissional. Além de considerar este memorial autoavaliativo, acredito que ele acaba se tornando um instrumento confessional de meus sonhos, além de apresentar meu desempenho na profissão de educador.

Desse modo, a elaboração deste memorial tem o objetivo de refletir sobre os processos de exclusão e inclusão social importante para a construção do meu papel de educador da EJA em minha cidade, Belém do Pará e a contribuição do curso de especialização para minha prática docente. E, ainda, descrever minha trajetória de vida acadêmico e profissional, contextualizar os espaços de conhecimento e aprendizagem na família, na escola e outros, com vistas a descrever os processos de exclusão e inclusão percebidos e vividos; refletir sobre o curso de especialização e a contribuição sobre minhas atividades docentes.

A estrutura do trabalho está dividida em quatro partes para melhor apreciação do memorial. Nessa introdutória, apresento as motivações deste trabalho e os objetivos do trabalho. Na segunda, faço o meu relato autobiográfico, descrevo desde o início de minha história, onde nasci e fui criado e de como era a minha vida antes de frequentar a escola. A minha trajetória escolar a partir das



séries iniciais até as séries finais do ensino fundamental e todo o processo de inclusão e exclusão social. O momento em que cursei o Magistério e o quanto isso modificou minha vida, o momento em que comecei a lecionar e de quando me tornei professor efetivo nos municípios de São Domingos do Capim, Vigia e em Belém, como também a minha graduação em Letras. Na terceira parte faço uma reflexão sobre a formação e relato da experiência profissional na EJA, nesse caso, o momento mais recente de minha vida - o curso de especialização em Práticas Assertivas na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Na quarta e última parte, faço as considerações finais sobre o processo formativo, de atuação de profissional e as reflexões que emergiram no decurso da produção desse memorial de formação.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Minha cidade, Belém (inicialmente chamada de Santa Maria de Belém do Pará e frequentemente chamada de Belém do Pará) é um município brasileiro e capital do estado do Pará, situado na região Norte do país, fundado em 12 de janeiro de 1616 pelos portugueses, às margens da baía Guajará (Paraná-Guaçu). É uma cidade histórica e portuária, localizada na Amazônia Oriental, ao extremo nordeste da maior floresta tropical do mundo, sendo a capital mais chuvosa do Brasil devido a seu clima equatorial, influenciada diretamente pela Amazônia. Belém possui uma área de 1.059,458 km² e uma altitude de dez metros ao nível médio do mar, estando a cerca de 2.140 km da capital federal, Brasília.

É o município mais populoso do Pará e o segundo da região Norte com uma população de 1.485.732 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2018, e o 12º município mais populoso do



Brasil. Tem influências europeias em sua arquitetura histórica, bastante evidente nos prédios históricos e no bairro conhecido como Cidade Velha. Belém exerce significativa influência como metrópole regional, influenciando mais de oito milhões de pessoas nos estados do Pará, Amapá e parte do Maranhão, seja do ponto de vista cultural, econômico ou político. Conta com importantes fortificações, igrejas, monumentos, parques e museus, como o Theatro da Paz, o museu Emílio Goeldi, o parque Mangal das Garças, o mercado do Ver-o-Peso e, eventos culturais e religiosos de grande repercussão, como o Círio de Nazaré.

Nessa linda cidade e muito amada por mim que nasci, no dia 01 de fevereiro de 1983, às 13:00 da tarde, o último filho de minha mãe e o único a nascer de parto cesariano, pois meus demais irmãos nasceram de parto natural. Fui batizado Pedro Henrique porque minha mãe, que na época assistia a muitas novelas, gostou do nome do filho da atriz Lucélia Santos, que tem o nome Pedro Henrique.

Minha história se inicia na história de vida de meus pais. Minha mãe, que se chama Lucidalva do Espírito Santo Modesto, conheceu meu pai, Manoel Pedro da Silva, depois de um período conturbado em sua vida, quando tempos atrás ela havia engravidado e o pai da criança hoje minha irmã mais velha) não a assumiu e ainda se casou com outra. Em 1978, minha mãe foi a uma festa dançante e se interessou pelo meu pai. A partir desse dia, eles se apaixonaram e resolveram viver juntos, na época na casa de minha avó. Os anos se passaram e foram nascendo os filhos: a minha irmã Rita de Cássia, o meu irmão José Paulo e por último eu, Pedro Henrique. Portanto, sou o filho caçula.

Meu pai era encarregado de embarcação, e numa determinada viagem, aconteceu um naufrágio. Ele e mais um colega ficaram cerca de uma hora e meia à deriva, e segundo o relato de meu



pai, por várias vezes esse colega o incentivou a ter forças para resistir aos movimentos das águas e ao frio, pois meu pai queria se entregar ao cansaço e se afogar. Depois de um tempo, uma embarcação os enxergou e ambos foram salvos, graças a Deus. Desde esse ocorrido, meu pai não quis mais ser pescador, e foi assim que saímos de Vigia e fomos morar em Belém, período em que meu pai começou a trabalhar na companhia Paragás como descarregador de botijões.

Os anos se passaram, e meu pai ficou muito doente com o excesso de exposição ao gás butano/propano emitido pelos botijões. Certa vez, ao visitar meus avós, meu pai passou muito mal, e desde esse dia as coisas começaram a complicar para ele. Começou a perder as forças, e surgiram crises de vômitos e diarreia. Sentindo que era chegada os momentos finais da vida dele, chamou nós três (minha irmã Rita, meu irmão e eu que ainda era de colo). E, como uma espécie de despedida, nos abraçou, falou o quanto nos amava e que fez minha mãe prometer que jamais nos abandonaria e jamais nos entregaria para outra pessoa.

Meu pai perdeu todas as forças e com a ajuda de minha mãe foi até Belém para se internar no Hospital Ofir Loyola. Lá diagnosticaram câncer terminal de estômago. E no dia 22 de agosto de 1984, um ano e seis meses após meu nascimento, meu pai morreu, deixando uma grande responsabilidade para minha mãe, pois agora se tornara viúva e com quatro filhos para criar sozinha! Ou seja, não tive a oportunidade de conhecer meu pai.

A vida de minha mãe não foi nada fácil. Não tínhamos casa, pois meu pai mal deixou uma pensão de meio salário mínimo que na época, plano cruzado, nada rendia e as coisas todos os dias aumentavam de preço. Nessa época, fomos morar na casa de minha tia, que foi morar em Tucuruí com sua família, então, ela



cedeu a casa para que minha mãe pudesse morar na mesma até o seu retorno. Fomos, então, morar no conjunto Satélite em Belém. Ela precisou pegar cinco lavagens de roupas para nos sustentar, lavando muitas vezes no sol escaldante, e ainda assim dificilmente o dinheiro dava para manter a despesa mínima do mês. Fome ninguém passou. Porém, havia dias que só tomávamos mingau de farinha temperado com sal ou apenas macarrão temperado. Quantas vezes minha mãe chorou às escondidas sentindo fome ou imaginando como faria para nos dar comida do dia ou do dia seguinte.

Tínhamos um vizinho que, vendo nossa situação, nos oferecia comida, e a gente procurava negar, pois a mamãe nos proibia de dizer que estávamos sem nada, ainda assim, ele nos dava. Quantas vezes aquelas pessoas nos ajudaram, penso eu hoje em dia. Minha tia Maria Felícia voltou, e mais uma vez, fomos morar com os nossos avós, isso era o ano 1989. Minha mãe conheceu um homem chamado Manoel, que nos levou para morar em Belém no ano de 1990. Chegamos e ali ainda era invasão, nem energia tinha. Com o tempo, as coisas foram mudando. E também com o tempo, o seu Manoel e minha mãe se desentenderam, e ele foi embora, e mais uma vez estava a minha mãe apenas conosco.

ALGUNS FATOS QUE MARCARAM MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Muitas coisas me marcaram durante minha infância enquanto estudante. Minha mãe por ser extremamente pobre, não tínhamos televisão, mas nessa época as revistas em quadrinhos eram bem populares e baratas. Às vezes comprávamos ou emprestavamos de alguém. Estava com seis anos de idade, e eu sempre queria saber



o que estava escrito naquelas revistinhas. Então eu sentava na janela da casa de minha avó e criava na minha imaginação o que aqueles personagens estavam fazendo e falando. Quem passava na rua, achava que eu sabia ler. E esse desejo foi crescendo, ao ponto de minha mãe me matricular com uma “professora particular”. Nos primeiros dias de aula, essa pessoa começou a me ensinar as famílias de cada consoante. Um certo dia, ela passou as famílias das consoantes “P” e do “M” e eu não consegui assimilar. Ela tentou várias vezes e eu continuava sem entender. Ela se aborreceu comigo a ponto de me tratar com tamanha grosseria que voltei para casa chorando por causa das coisas que ouvi. Quando minha mãe e minha irmã me viram chegar chorando, esperaram a dita “professora” se explicar. Essa conversa se tornou uma discussão, e lembro das palavras dela: “esse menino é burro, vai crescer burro e nunca vai sair da 1ª série”. Minha irmã mais velha, a Cleide, respondeu: “é o que vamos ver”. Isso era em 1989.

Em 1990, quando minha mãe se mudou para Belém com o seu Manoel, ela saía para trabalhar e a minha irmã Cleide ficava cuidando de mim e do meu sobrinho, que ainda era um bebê. Lembro que ela juntou umas páginas de papel almaço, costurou e usou para me ensinar a escrever nele. Usando aquela cartilha pequenina que na época era encontrada em qualquer papelaria, me ensinou com a maior paciência. Lembro que, no ano seguinte, 1991, eu fui matriculado na 1ª série sem nenhuma dificuldade na leitura. Enfim, meu sonho de ler e poder me deliciar nas revistinhas e livros estava concretizado!

Segundo Aragão e Santos (2009), o ensino doméstico era uma prática comum de ensino e instrução das pessoas no Brasil desde o século XIX. Essa forma de ensino acabou perdurando por mais tempo no país, mesmo com a instituição de escolas públicas



e privadas, já que em alguns locais a instalação de escolas era considerada cara e inviável. As autoras esclarecem, ainda, que a educação doméstica

[...] ocorria na casa do aprendiz, na esfera privada, onde os conteúdos, as habilidades e o tempo eram determinados pela Casa. Essa modalidade de educação tinha como agentes [...] os professores particulares, os preceptores, os parentes ou agregados e, ainda, padres que ministravam aulas-domésticas (Aragão e Santos, 2009, p. 374).

No meu caso, o ensino doméstico era a única alternativa viável para mim, visto que minha mãe não tinha condições de pagar uma escola particular e também pelo fato de minha irmã já ser professora desde essa época. Sobre a questão da educação doméstica, Faria Filho (2000) afirma que essa prática de ensino foi utilizada durante muito tempo no Brasil mesmo com a instituição da escola formal. O autor descreve que o ensino era individualizado e que

[...] era o método por excelência da instrução doméstica, aquela que ocorria em casa, onde a mãe ensinava aos filhos e às filhas, ou os irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam. O método individual caracterizava-se, pois, pelo fato de os alunos ficarem muito tempo sem o contato direto com o professor (Faria Filho, 2000, p. 140).

Esse modelo de ensino ainda é visto em alguns locais, mesmo que de forma muito rara. Mas, naquela época, ainda era comum, principalmente nas classes menos favorecidas. Na 1ª Série, minha professora Maria Moura me marcou muito. Extremamente cuidadosa e afetiva, ela foi o primeiro contato carinhoso dentro de uma instituição escolar. Sempre atenciosa com os alunos, promovia



brincadeiras, olhava nossos cadernos, nossa higiene com as mãos, com os dentes e com nossas coisas, fazia teatrinho conosco, tirava nossas dúvidas, entre outras coisas.

Segundo Piaget (1964), para realização de qualquer atividade há a necessidade de energia que a impulse, que a motive. Seria esse então, um dos papéis da afetividade: a energia que move a ação. Ele também explica que o desenvolvimento intelectual é composto de dois elementos: o cognitivo e o afetivo, e cada um deles se desenvolve de forma paralela, um influenciando o outro, de tal maneira que um não poder funcionar sem o outro, ou seja, são indissociáveis no processo de aprendizagem. A inteligência, segundo o teórico, funciona a partir da afetividade, pois para que um sujeito consiga resolver problemas é preciso que haja uma necessidade, um interesse e uma motivação afetiva, e por isso, a afetividade e a razão se complementam: a primeira é a energia que move a ação; enquanto a razão é a que vai possibilitar ao sujeito identificar seus desejos, sentimentos variados e assim, obter êxito nas suas ações.

Em 1994, nos mudamos novamente para Vigia, e ali morei por 17 anos. Foi em Vigia que vivi boa parte da minha vida, no caso, o final de minha infância e o início de minha maturidade. Em Vigia aceitei Jesus como Salvador de minha vida, mudança fundamental no meu caráter e em minhas escolhas futuras. A minha convivência na igreja Assembleia de Deus dessa cidade foi quem despertou em mim o desejo de cantar, um *hobbie* que tenho desde então.

Quando já estava na 6ª Série, tinha extrema dificuldade em álgebra. Na época, o mínimo para passar era 6,0 pontos. Durante o ano eu havia acumulado apenas uma nota 6,5 e todas as outras eram 6 pontos exatamente. Quando chegou na última avaliação,



o professor havia deixado o gabarito da prova pregado na parede na parte de fora da sala. Quando terminei a prova, fui olhar e vi que só havia acertado duas, ou seja, minha nota seria pelas minhas contas, 1,5. Saí extremamente triste da sala. Quando cheguei em casa, meu avô estava num caixão na sala, ou seja, ele havia morrido. Muito triste, saí e fui caminhar pelas ruas de Vigia. Ao dobrar o canto da rua de casa, meu professor de matemática passa de bicicleta e me cumprimenta. Ele pergunta o que aconteceu, eu lhe digo sobre a morte do meu avô e sobre a péssima prova que fiz.

Nesse momento, o professor ficou pensativo, perguntou como sabia da nota e o lembrei de que ele havia deixado o gabarito na parede de fora da sala. Ele pensa mais um pouco, pergunta meu nome completo e vai embora. Passados alguns dias, chega o momento da entrega dos boletins na escola. Primeiro, eles anunciavam quem havia ficado reprovado ou para recuperar. Eu, tristemente, esperava a recuperação. No entanto, quando os nomes foram chamados, percebi que da letra “M” pularam para a letra “R”, sendo que meu nome começa com “P”. comecei a ficar ansioso e nervoso, e quando chamaram meu nome, puxei meu boletim e logo olhei se estava escrito “aprovado” - o que foi constatado naquele exato momento! Nossa, fiquei tão feliz, parecia até que eu tinha passado em algum processo seletivo! No ano seguinte, meu professor de matemática foi novamente ele (na verdade, ele foi meu professor de matemática em todos os anos que estudei nessa escola) e logo no primeiro dia de aula, perguntei-lhe como consegui passar na disciplina dele, já que não tinha feito uma boa prova. Ele então me revelou que haviam feito uma reunião sobre a turma, onde consultaram os professores sobre quem merecia passar direto mesmo com notas baixas. Todos os professores foram



unânimes em afirmar que eu era um bom aluno, estava passado em todas as disciplinas, etc.

Então, como também era um bom aluno com ele e esforçado, me deu essa chance, acrescentando 4,5 pontos para eu passar. Nunca esqueci o gesto dele, sendo que a partir desse dia, sempre me dediquei mais ainda, perguntando todas as dúvidas que me surgiam, e até onde lembro, essa foi a última grande dificuldade que tive durante o ensino fundamental. Para Freire (2005) a relação professor-aluno se dá de forma dialógica, em uma relação inter-comunicativa, em que tanto um quanto o outro, de forma mútua, desenvolve uma relação horizontal de respeito, dessa forma, o diálogo é um componente relevante para uma aprendizagem significativa. É um fenômeno complexo, que associados aos outros contribuem para a construção do processo de ensino-aprendizagem. Esse respeito mútuo garante um bom relacionamento e favorece, enfim, a confiança.

Quando cheguei na 8ª Série, percebi minha facilidade e habilidade em ensinar. Lembro que, sempre antes das provas, me reunia com meus amigos (os quais mantenho contato até os dias atuais) e estudávamos bastante, sempre sendo eu quem ensinava ou relembrava os conteúdos. Desde aqueles dias, já sabia exatamente a minha escolha para cursar o ensino médio.

Não posso deixar de citar aqui que, apesar de uma infância pobre, era muito feliz. Brinquei de tudo, desde peteca, fura, taco, todas as “piras” (pira-esconde, pira-garrafa, pira-mãe, pira-alta), sete pecados, garrafão, pula-cabra, toque-toque, pião, empinei pipa e rabiola (a brincadeira que mais amava), tudo o que era permitido para a minha idade.



O DESAFIO DO ENSINO MÉDIO - O NOVO MAGISTÉRIO

No ensino médio me matriculei no Ensino Normal que era considerado o “novo magistério”, o qual tinha duração de quatro anos. E que quatro anos! Foram muito desafiadores, principalmente os dois últimos anos.

O meu primeiro ano foi tranquilo. Não tive dificuldades aparentes. O segundo ano também não me trouxe dificuldades. Mas no terceiro ano, coisas me marcaram e definiram minhas escolhas futuras. Primeiro, sempre que havia trabalho em grupo, tomava a frente e liderava. Outra coisa era a facilidade gritante em Língua Portuguesa, pois era a disciplina que sempre eu tirava notas altas. Tive a certeza, naquele ano, que faria faculdade em Letras (apesar da grande paixão que tinha também em matemática, não dominava certos conteúdos e isso era o principal fator de escolher aonde tinha maior afinidade). Naquele ano também conheci uma profissional excelente, minha professora das disciplinas Estágio, Currículo e Prática Pedagógica, Alcideia. Eu sempre digo a todos que grande parte do profissional que sou devo a esta professora, que cobrava com afinco nossa dedicação em suas disciplinas.

Ao chegar no quarto e último ano, a professora Alcideia também continuou sendo nossa professora e das mesmas disciplinas, além de Didática de Ensino. Foi através dela que aprendi a elaborar aulas, a fazer plano de aula, preencher cadernetas, fazer relatórios, e principalmente, a ministrar aula, pois ela acompanhava a fundo nosso desempenho enquanto estagiários, inclusive ela dizia que só iria passar quem realmente tivesse capacidade de dar aula, pois ela considerava inaceitável um professor não saber o “básico” da profissão e ela não iria ser conhecida como a professora que preparou mal os profissionais que saíam dali.



De acordo com Perrenoud (2002) a formação didático-pedagógica dos professores é muito inferior à sua formação conteudista. Não basta saber o conteúdo, é necessário refletir sobre sua prática. Assim, torna-se indispensável fazer do estágio supervisionado um espaço em que o futuro professor aprenda a refletir sobre sua prática e a fazer de seu cotidiano escolar um ambiente de contínua aprendizagem. Minha professora olhava por esse ponto de vista, pois era bem explícito o seu cuidado com os futuros profissionais que sairiam dali daquele curso.

De acordo com Rocha (2005) o estágio supervisionado é visto em todas as áreas do conhecimento como um componente indispensável nos cursos de formação para a capacitação profissional. Nos cursos de formação de professores, tradicionalmente, o estágio é definido como a parte prática do curso, o momento de materializar todas as teorias discutidas antes. Ou seja, o estágio era e é necessário para que, como profissionais, possamos ter uma base real do que enfrentaremos a partir do momento em que seguirmos a carreira. Quando convivemos com quem trabalha na área ou assumindo o papel de quem trabalha na área, nos trazem experiências e reflexões.

A reflexão sobre o cotidiano, sobretudo, a partir das dúvidas reais do educador é que vemos as dificuldades vividas por esses profissionais. A prática de ensino a meu ver tem vários aspectos importantes, principalmente pela oportunidade entrar na sala de aula e pôr em prática não apenas a teoria aprendida na universidade, mas para poder participar da realidade vivenciada pelo professor na escola mediante as necessidades da sociedade desse tempo.

Eu sempre trabalhei desde cedo. Vendi chopp na rua, coxinha com suco, além de boa parte de minha adolescência trabalhando como ajudante de açougueiro. Minha mãe deixou de comprar as



coisas para mim desde os meus 14 anos. Então comprava minhas coisas (cadernos, uniforme escolar e até livros), paguei inclusive meu primeiro e único curso de informática que serve para mim até os dias atuais. Nunca repeti de série, sempre fui muito dedicado. Por isso, quando terminei o ensino médio, achei que conseguiria logo passar em um vestibular, mas me frustrei, pois em todos que tentei, não passei. Além disso, tentei trabalhar como professor, porém ninguém me deu a oportunidade na época. Estava começando a me sentir deprimido, a ponto de não sentir mais vontade de sair, de ir para a igreja e inclusive não sentia a mínima vontade de cantar, minha maior alegria.

Em casa, sempre ajudamos a mamãe, principalmente o meu irmão naquele tempo. A minha irmã Rita estava casada, a Cleide, minha irmã mais velha, sempre morou em Belém, então morava com minha mãe o meu irmão Paulo, o meu sobrinho Karlyson (filho da Cleide) e eu. Mas naqueles dias estava sem estudar e sem qualquer trabalho. Meu irmão ajudava na construção da nova casa de minha mãe, e quando voltava, vinha questionar a mamãe porque eu não ajudava na construção. Eu perdi um de meus testículos em minha adolescência desde o dia em que sofri de epididimite, por isso não posso carregar peso todo tempo. Outras vezes minha irmã Rita aparecia também cobrando a mamãe porque eu não estava procurando emprego (sendo que em Vigia, o principal meio de sobrevivência é o comércio e a pesca).

E num desses questionamentos do meu irmão, de forma ríspida, ele me disse para a mamãe a seguinte frase: “O Pedro é um vagabundo, um vadio, que não quer trabalhar e vai passar o resto da vida dele dependendo de mim e da senhora”. Quando ele falou isso, ouvi, olhei para ele e não consegui responder. Fiquei tão destruído com aquelas palavras que, quando fui dormir, desabei.



Chorei. Chorei de forma amarga, como nunca chorei na vida. Em minha oração naquela noite, eu disse: “Senhor, Tu sabes tudo o que tenho passado, Tu me conheces e sabes que não sou isso que meu irmão me acusou. Não sei mais o que fazer. Sinto vontade de morrer, mas seria incapaz de tirar minha própria vida, pois foi Tu quem me deste. Por favor, faça alguma coisa, me mostra alguma coisa, porque se for para terminar do jeito como meu irmão me acusou, então me prepara e me leva”.

No dia seguinte, uma diretora que era minha conhecida por eu já ter ensinado o filho dela, me chamou e perguntou se eu queria trabalhar na escola vendendo bombons. Me senti um tanto humilhado, pois havia me formado como professor. Mas deixei meu orgulho de lado e aceitei. Me adaptei muito bem nesse trabalho, mesmo vendo meus irmãos trabalhando nessa escola como professor (o Paulo e a Rita) e alguns conhecidos meus me olhando com cara de compaixão.

Passaram-se três dias, de repente surgiu a oportunidade pela prefeitura de Vigia em quem quisesse fazer um processo seletivo para estudar numa escola técnica em Marituba (a escola Juscelino Kubitscheck). Inscrevi-me, estudei com alguns colegas e passei em 3º lugar. Nossa, tudo aquilo para mim era uma resposta de Deus para as minhas angústias.

AS APROVAÇÕES EM CONCURSO E O DESAFIO DO ENSINO SUPERIOR

Estudei dois anos na escola Juscelino Kubitscheck o curso de Agroindústria, sempre indo e voltando de ônibus de Vigia até a escola. Contudo, no meio daquele ano, decidi enfrentar um concurso público em São Domingos do Capim. Quem diria, fui aprovado em



primeiro lugar! Nossa, fiquei muito feliz mesmo! Então, naquele ano, larguei o curso e fui trabalhar em São Domingos do Capim. Foram dois anos de muita luta e desafios, pois viajava 4 horas de barco e trabalhava numa comunidade ribeirinha que não tinha nem eletricidade. No ano de 2005, abriu o concurso da prefeitura de Vigia. Durante as férias daquele ano, ensinei meus irmãos os conteúdos que sabia, e todos fomos aprovados! Graças a Deus!

Trabalhar como professor em Vigia foi também um grande desafio, pois trabalhava no interior da cidade, onde os ramais são cheios de buracos e muito íngremes. As escolas, em sua maioria, estavam abandonadas. Eram escolas em que imperava o multisseriado e não havia diretor, ou seja, eu exercia a função de professor, diretor, coordenador, secretário e até merendeiro, principalmente no início do ano letivo. Apesar de tudo, sempre consegui trabalhar e me adaptar a esses encaixos.

Paralelo a tudo isso, todos os anos, desde 2004 eu tentava cursar as bolsas que sempre ganhava pelo PROUNI (Programa Universidade para Todos), mas nunca conseguia, pois todas as vezes não tinha condições financeiras, tempo e, inclusive, os cursos eram sempre em Belém. Em 2006, surgiram bolsas para cursos a distância ou intervalares. Mais uma vez fiz tirei uma boa nota no ENEM, fiz a inscrição para o curso de Letras pela Universidade de Uberaba - UNIUBE, e novamente passei. Dessa vez como eu já trabalhava em Vigia e o curso era intervalar, poderia cursar. Agarrei a oportunidade com unhas e dentes.

Foram vários desafios nesse período, entre eles, o meu baixo salário como professor (eu só tinha o curso de magistério a nível médio), o período probatório do concurso (na época, de 3 anos), o fato de precisar ficar na casa de um grande amigo meu durante os dias de aula, a falta de dinheiro para pagar passagem, livros,



cursos, xérox, alimentação. A prefeitura em nada me ajudou, pelo contrário, todas as vezes que precisei faltar, descontavam no meu contracheque. Mas nada me fez desistir. Era o meu sonho que estava em jogo.

No ano de 2011, 4 anos depois, terminei meu curso e tornei-me, finalmente, um profissional da área de Letras, diplomado, numa colação de grau emocionante. Eu era mais um orgulho para a minha mãe, que nos criou sozinha e via naquele dia mais um filho recebendo o diploma de nível superior. Esse também foi o ano em que passei no concurso da Prefeitura de Belém, para professor de Língua Portuguesa, outra grande vitória em minha vida.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/PROEJA

Comecei a trabalhar com a EJA em 2014, ano em que assumi meu cargo do concurso que fiz em 2011 para a prefeitura de Belém. Fui designado a assumir as turmas do turno da noite da Escola Municipal de ensino fundamental Gabriel Lage da Silva. Confesso que nunca imaginei trabalhar com esse público, então tudo era novidade.

Trabalhei três anos nessa escola. Havia uma dificuldade muito grande quando comparado aos outros turnos: ausência de formação específica na área, ausência da direção, alta taxa de evasão, alunos com extrema dificuldade tanto em leitura quanto em produção de textos, falta de equipamentos e material didático para trabalhar com eles, entre tantos exemplos. A escola fica localizada bem próximo de uma periferia onde não é possível nem passar com carros, pois são terrenos invadidos. Os alunos, muito deles usando drogas nos arredores da escola, ou tentando roubar algum pertence esquecido



ali. Lembro que logo no primeiro dia, um professor de História foi sequestrado dentro do seu carro, sendo que o mesmo ainda nem havia terminado de pagar o carro. Esse professor foi jogado em um matagal e até hoje se encontra afastado da rede municipal por problemas psicológicos devido ao trauma da situação.

Mesmo assim, não senti medo em trabalhar com eles. Pelo contrário, apesar de todo o perigo, fui muito bem acolhido pelas turmas e pelos demais professores e funcionários da escola. Vivíamos uma união da qual sinto falta até hoje. Nos uníamos para tudo: fazer eventos, feiras culturais, passeios, festa de formatura. E tudo isso, muitas vezes, com o apoio da comunidade e gastando nosso próprio dinheiro. Tudo fazíamos para que o aluno se sentisse motivado a vir para a escola. Além disso, era prazeroso e libertador para aqueles alunos que vinham de um ambiente familiar por vezes desestruturado, se sentir acolhido e sonhar com um futuro melhor.

A escola, enquanto instituição social, tem a finalidade de promover a formação integral dos educandos, enquanto sujeitos sociais. Formação essa que deve ocorrer na perspectiva da formação do cidadão, que vai muito além do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos (Zabala, 1998). O pensamento do autor vai de encontro com o que almejávamos para aqueles alunos, pois não bastava apenas estarem em sala de aula, mas que também fossem cidadãos atuantes na sociedade em que viviam.

Segundo Nóvoa (2009), no atual cenário da sociedade, o professor volta a ganhar visibilidade, atribuindo-se a ele não somente a responsabilidade pela promoção de aprendizagens, mas também o papel de um dos principais protagonistas das mudanças esperadas pela sociedade na atualidade. E esse ponto de vista de Nóvoa tem tudo a ver com o aquilo que sei que conseguimos com



aquelas turmas, pois todos saíram diferentes, mais motivados e dispostos, em sua maioria, a continuar seus estudos ou sua carreira.

Em 2016, me ofereceram a carga horária completa do turno da tarde e noite de minha atual escola, a Escola Municipal de ensino fundamental Walter Leite Caminha. Então, como não precisaria mais me deslocar para duas escolas (afinal, não trabalhava no turno da tarde no Gabriel Lage), aceitei essas turmas. Já bastante experiente, não encontrei dificuldades em me adaptar com os alunos. Inclusive, essa escola onde trabalho é bem mais equipada que o Gabriel Lage.

Agora, em 2019, consegui essa chance de cursar a pós em Práticas Assertivas na EJA e pude ampliar meu olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos. Aprendi o que era o PROEJA e a importância dessa modalidade de ensino para o público da EJA, o cuidado na elaboração de atividades que ao mesmo tempo em que os prepara para o mercado de trabalho, desenvolve a criticidade com uma qualidade adequada, mesmo diante de todas as dificuldades que os alunos apresentam ao longo de sua jornada estudantil.

O curso foi dividido em quatro módulos. No módulo I, foram cinco disciplinas com um seminário temático ao final do módulo. Ele iniciou em maio de 2019. A primeira disciplina foi Fundamentos da EAD e Ambientação Virtual, onde pude compreender o que era a EAD, o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e também de como funciona a plataforma Moodle. A segunda disciplina foi Produção de Textos Científicos, que nos situou diante dos diversos documentos que fariam parte da nossa rotina de leitura e de produção textual durante o curso. Foi muito bom rever o que era artigo científico, sumarização, resumos, linguagem técnica, entre outros exemplos.



Duas disciplinas aconteceram concomitantemente, que foram Fundamentos da Educação Profissional Integrada à EJA e Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, onde a primeira nos mostrou todo o histórico da Educação Profissional e da EJA desde a década de 40 até os dias atuais e de como o currículo deve se adequar a realidade do educando, além do perfil profissional necessário para atuar na EJA e na Educação Profissional; enquanto a segunda mostrou a implantação de Leis e métodos avaliativo principalmente no PROEJA (que, para mim, foi a mais interessante, pois não conhecia a fundo o que era o PROEJA e pude mergulhar nesse universo tão rico e ao mesmo tempo tão esquecido pelos nossos governantes), e trouxe uma reflexão interessante sobre essas leis e de como tem sido o cenário atual das aplicações dessas leis, conforme descrevem Baracho e Nóbile (2020):

Para que esse cenário mude para melhor, cabe, ainda, aos cidadãos e, principalmente, aos profissionais da educação - sejam eles técnicos, docentes ou gestores - o acompanhamento, no seu nível de atuação, em relação à implementação das metas dos respectivos planos municipal, estadual ou distrital, pois o conjunto dessas ações, principalmente com as ações fomentadas a nível federal, será responsável pela implementação do PNE e, assim, contribuirá com melhores oportunidades educacionais, em todos os níveis e modalidades para a população brasileira (Baracho e Nóbile, 2020, P.72)

A disciplina Noções de Didática trouxe de volta tudo aquilo que já havia visto tanto no ensino médio quanto em meu curso de Letras: os teóricos da educação e as tendências pedagógicas. Confesso que foi muito bom rever esses pensadores e do quanto contribuíram para que a educação pudesse evoluir com o passar



dos anos, afinal, conforme afirma Fonseca (2020), a Didática é muito importante, pois estuda questões referentes à prática pedagógica, possíveis situações-problema que podem se apresentar em meio a essa prática buscando estratégias de como saná-las. O módulo foi encerrado com um Seminário Temático que discutiu sobre os Fundamentos e Políticas Públicas na EJA e PROEJA, que fechou o módulo com chave de ouro, pois trouxe uma riqueza absurda de informações tão desconhecidas por mim.

O módulo II trouxe três disciplinas: Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional, que mostrou como funciona a parte organizacional de uma instituição de ensino e a importância de planejamento estratégico eficaz dentro das instituições escolares; Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA, que como o nome já diz, focou em mostrar a importância da coordenação pedagógica tanto como profissão como quanto articulador na escola entre professores, alunos e gestão, sendo tudo isso discutido de forma bastante interessante, pois muitas vezes o coordenador é visto apenas como alguém que atende pais e alunos ou que só “cobra” do professor, não contribuindo com nada, quando na verdade seu papel vai muito além, conforme afirma Bezerra (2020):

[...] mobilizar/construir/preservar boas relações interpessoais na escola exige do coordenador um entendimento de como acontecem essas relações. Isso exige que entenda de gente, de afeto, de grupo, de solidariedade. Inferimos que o coordenador pedagógico precisa ter uma posição firme em relação a essa rede de relações em que está imerso. Sua firmeza também exige assumir, de fato, qual o seu campo de atuação, quais as suas opções epistemológicas (Bezerra, 2020, p.19).



E por último, Práticas de Letramento na EJA, de longe a disciplina mais interessante nesse módulo, afinal, foi nessa disciplina que se focou necessariamente para que os conteúdos trabalhados com os alunos da EJA e PROEJA sejam feitos com cuidado, dentro da realidade deles, além de mostrar o quanto é importante fazer projetos que venham contribuir para uma formação mais humanizada de nossos alunos, pois de acordo com Anderson (1990),

O impacto do letramento mais significativo, profundo e de longo alcance na vida das pessoas é o seu potencial de empoderamento. Ser letrado é libertar-se das amarras da dependência. Ser letrado é ganhar voz e participar, de forma significativa e assertiva, das decisões que afetam a vida dos cidadãos. Ser letrado é ser politicamente consciente e criticamente desperto; é desmistificar a realidade social... O letramento ajuda as pessoas a se tornarem autoconfiantes e a resistirem à exploração e à opressão. Letramento permite acesso ao conhecimento escrito, e conhecimento é poder (Anderson, 1990, p. 16).

O módulo encerrou com o Seminário Temático “A gestão escolar para novos desafios educacionais em Educação Profissional integrada à EJA”, que discutiu sobre o papel essencial da gestão para o sucesso da EJA.

No módulo III, já em 2020, três novas disciplinas apareceram: Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA, Planejamento Educacional em EAD para EJA e Gestão da Educação a Distância. A primeira nos levou ao mundo tecnológico, pois apresentou todos os pormenores que são necessários para que uma tecnologia educacional seja criada, os Objetos de Aprendizagem, as plataformas digitais, ou seja, tudo aquilo que envolve na criação de TICs que são utilizadas pelas pessoas e pelo ensino EAD. A segunda focou no planejamento que ocorre quando se deseja trabalhar em



um ambiente EAD, desde o processo de criação, o planejamento da aula e as ferramentas *on-line* que poderão ser usadas para que o aluno não só interaja, mas tenha o devido aproveitamento dos conteúdos propostos para ele. A terceira e última disciplina apresentou como ocorre o processo de criação de um ambiente educacional EAD e de como ocorre a gestão do mesmo, além de mostrar o que é necessário para criar um ambiente propício para que o estudante de um curso EAD tenha um aproveitamento do ambiente de forma satisfatória. O módulo fechou com o Seminário Temático “A aprendizagem a distância em tempos de comunicação mediada pelas tecnologias virtuais de comunicação”, que discutiu a importância da EAD nos dias atuais e do quanto ainda continuará a crescer nos próximos anos.

No IV e último módulo, trouxe quatro disciplinas: Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada a Educação Profissional integrada à EJA, Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos, Produção científica aplicada à elaboração do TCC junto com Trabalho de Conclusão de Curso. A primeira trouxe de volta tudo o que vi no meu ensino médio e no meu curso de Letras sobre os planos de aula, plano de ensino, plano de curso, tipos de avaliação, ou seja, tudo aquilo que faz parte do nosso cotidiano como educador, do quanto é importante o cuidado em planejar os conteúdos com antecedência e com o foco na realidade dos nossos educandos. A segunda destacou a importância da prática pedagógica através de projetos, desde sua criação até a sua implantação em uma escola. As duas últimas disciplinas são equivalentes ao que estamos construindo (nosso memorial) e que nos trouxe a oportunidade de rever toda a nossa trajetória nesse curso. Tivemos também o Seminário Temático “Novas perspectivas para EJA”, trazendo em discussão os desafios



que enfrentamos no passado em relação às leis que fomentaram o que é a EJA e PROEJA no momento atual e o que nos espera nos próximos anos.

O curso tem me ajudado a melhorar minhas aulas, pois, apesar de já trabalhar com situações que remetem ao cotidiano desses alunos, percebi que devo me dedicar um pouco mais na elaboração de atividades em que não sejam relativas apenas à minha disciplina, mas que integre as demais ministradas por meus colegas, com o cuidado de valorizar o conhecimento de mundo dos meus alunos e a experiência de vida de cada um deles.

Nessa modalidade de ensino, percebo o quanto o papel do docente é de fundamental importância, afinal, a qualidade do ensino depende muito da relação professor-aluno, e é através dela que o aluno se sente um pouco livre para mostrar as dificuldades que está sentindo diante dos conteúdos ministrados. Para compreender essa relação, Paulo Freire (2005) defende que

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 2005, p. 91).

Ou seja, as ideias trocadas entre docente e discente são fundamentais para que o ensino se torne humanizado e exitoso, pois o discente tem uma liberdade maior de expor suas fragilidades diante das dificuldades enfrentadas no seu processo de ensino.

Além disso, a coordenação deve estar em consenso com os professores, para que o trabalho alcance uma qualidade considerável e o discente da EJA tenha uma educação de qualidade, que o prepare para os desafios do mundo que o cerca. A vida fora da



escola é o ponto de partida para o desencadeamento das conquistas na sala de aula, na medida em que privilegia a atividade autônoma e espontânea do sujeito, da mesma forma o trabalho realizado na escola refletirá na realidade do aluno, transformando e potencializando-a. Como afirma Piaget (1973): “O ideal da educação é, antes de tudo, aprender a aprender; é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola”.

O curso, neste momento, tem nos dado a oportunidade de construir um memorial de formação. Uma surpresa para mim, pois sempre achei muito interessante quem conta ou escreve sobre sua trajetória de vida. Lembro que comecei a escrevê-lo no dia 11 de junho deste ano de 2020, período de quarentena aqui no meu município. Observei os documentos e vídeos presentes na plataforma do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) dentro da disciplina Produção científica aplicada à elaboração do TCC - 4 e fiz também uma pesquisa em diversos memoriais espalhados pela internet. A partir daí tive uma base do que poderia escrever e também o que deveria condensar, afinal, o máximo de páginas do memorial exigido pelas normas do IFRN são até 25 páginas.

Aprendi bastante coisa na escrita deste memorial. Destaco entre eles, o tipo de linguagem utilizada, pois o uso da primeira pessoa e só algumas vezes a terceira pessoa dos tempos verbais torna o texto mais agradável para a leitura, já que aproxima muitos os leitores que gostam de uma linguagem mais simples e coloquial (aquela linguagem utilizada por nós no dia a dia).

Cada linha aqui escrita foi uma viagem no tempo, que trouxe lembranças ruins e boas. A minha mãe, meu grande exemplo, sempre foi uma pessoa sofrida. Quando revejo sua trajetória com todos nós, seus quatro filhos, entendo porque Deus a abençoa tanto, afinal, não é qualquer mulher que cria quatro filhos sozinha, sem



ajuda de um pai e vivendo de meio salário mínimo, tendo que, conforme já contei aqui, pegar cinco lavagens de roupa para nos sustentar. Também quando revejo meu passado, nossa, quantas situações tive de passar para chegar até aqui. Morar na casa de outras pessoas, viver em uma cidade desconhecida, não ter dinheiro para pagar passagem de ônibus ou para me alimentar, e precisar contar com a ajuda de colegas para que, hoje, eu tenha meu veículo, meu apartamento e minhas coisas, são sensações que me fizeram chorar novamente, mas dessa vez, de pura emoção mesmo, e não mais de tristeza. Sonharia outra vez, sofreria outra vez, valorizo cada instante que passei, pois tudo valeu a pena para eu chegar aonde cheguei. Relembrar esses fatos reforçou a importância de sempre motivar meus alunos para construir um futuro do qual tenham condições de estudar, se formar e poderem trabalhar e realizar seus sonhos, pois nada é impossível quando nos dispomos a seguir em frente. Afinal, nós quem devemos fazer a nossa parte de lutar, cair, limpar os joelhos e seguir em frente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembrar minha trajetória de vida, com certeza, foi de grande importância para mim, pois tive a chance de rever minha trajetória de vida, com um olhar voltado para a construção de minha carreira como educador. Foram tantos momentos marcantes que necessitariam de muito mais páginas. Ainda assim, consegui destacar aqueles que considerei relevante para minha trajetória como educador. Sofri muito para chegar onde cheguei. Minha mãe nunca imaginou que nós quatro - Cleide, Rita, Paulo e eu - fôssemos um dia se tornar professores, diplomados e concursados, afinal, minha mãe só estudou até a antiga 4ª Série.



Quando olho os meus alunos da EJA, enxergo neles tudo aquilo que tantas vezes parecia distante para mim. Morar em periferia, não ter condições de comprar uma roupa boa, sofrer preconceitos por causa da maneira de se vestir ou de agir, não ter tido condições de terminar os estudos mais cedo, as dificuldades em entender determinados conteúdos, a alegria de se sentir valorizado pelos professores, nossa, são sensações que realmente sei como é.

Queria muito poder fazer muito mais pelos meus alunos, inclusive no que se refere a políticas públicas e investimento na área, que é tão desprezada pelos nossos governantes. O que seria desse país se não existissem profissionais como nós para enfrentar todas essas dificuldades estruturais de nossas escolas, os perigos que nos cercam, ganhando tão pouco e sendo tão criticado por tantos segmentos da sociedade.

O curso, além de extremamente importante para os educadores que atuam na EJA e PROEJA, pois permite que tenhamos um conhecimento mais abrangente sobre ferramentas e métodos que nos ajudam a melhorar nossa atuação em sala de aula, nossa visão de mundo para com nossa profissão e principalmente, nosso cuidado com o ensino voltado para a EJA e PROEJA, é uma das poucas contribuições em formação acadêmica na área, pois existe uma grande carência de cursos voltados para educadores que atuam na EJA e PROEJA, sem contar que traz a excelência de ser oferecido por uma instituição federal, ou seja, deveria era ser obrigatório para qualquer docente que atua na Educação de Jovens e Adultos.

A oportunidade de criar um memorial e trazer à tona sentimentos que acompanharam minha carreira até aqui, trouxe reflexões importantes para mim, pois pude perceber o quanto cresci, amadureci e pude construir minha vida dentro daquilo que sonhava em minha adolescência. Escrever um memorial nos torna,



de certa forma, um escritor, cuja oportunidade de divagar sobre sua vida e suas memórias são únicas, prazerosas e emocionantes. É até engraçado observar o homem que me tornei com o passar dos anos, quando comparo com aquele garoto pobre, medroso e sem noção do futuro que me esperava. Foram coisas que Deus foi colocando em minha vida, do qual sou eternamente grato.

Esse curso era o que faltava para ter um olhar mais crítico e ao mesmo tempo mais profissional para essa modalidade, e que, enfim, nos preparou em cada módulo, para contribuir não só como professores, mas como educadores, agentes transformadores de cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que vive. Obrigado a todos os professores do IFRN.



REFERÊNCIAS

- ANDERSON, J. *et al.* **Retratos de alfabetização em famílias, comunidades e escolas: interseções e tensões.** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1990.
- ARAGÃO, M. C. C. SANTOS, G. K. C. As práticas educacionais no Brasil dos Oitocentos. *In: Anais do II Seminário Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade.* Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2009.
- BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos integrada a educação profissional presencial e a distância.** Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5236>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- BEZERRA, E. C. **Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA.** Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5560>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- BOAVENTURA, E. M. **Memorial.** 1995. Disponível em: <http://www.edivaldo.pro.br/memorial.html>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- FARIA FILHO, L. M. Instrução elementar no século XIX. *In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (org.). 500 anos de Educação no Brasil.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FONSECA, C. M. F. **Noções de Didática.** Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5368>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MORAES, I. N. **Memorial: síntese.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.
- NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educacion**, ano 2009, n. 350. Acesso em: 14 jun. 2019.
- PIAGET, J. **Biologia e conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1973.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1964.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.



MEUS CAMINHOS E CONHECIMENTOS

CLAUDIA RICARDO DE MACÊDO

Orientadora: Profa. Jarbene Dantas Gomes

Para Schneuwly e Dolz (2004), as práticas de linguagem como aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história, são o reflexo e o principal instrumento de interação social. É devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas. Dessa forma, os gêneros se apresentam como processo de ensino aprendizagem da escrita e da leitura e interação social. Para Bakhtin (2003), gênero são tipos relativamente estáveis de enunciados. Para ele, o reconhecimento de um gênero ocorre pelo conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Como apontado anteriormente, Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que os gêneros são maneiras de organizar os textos impostos ao longo da história, os quais se constituem, para o falante de uma língua, como modelos e “megainstrumentos” necessários para as atividades de escrita e leitura. Nesse entendimento, o gênero memorial favorece o registro de vivências e experiências, memórias e reflexões. Levando o produtor a pensar nos porquês



de suas atitudes diante de determinadas situações que viveu e nos acontecimentos que ocorrem na sua vida e também se evidenciam como oportunidade do sujeito se (re)colocar diante das situações, considerando o recorte significativo do que presenciou.

Nesse sentido, temos o memorial como proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu, na Modalidade de Educação a Distância (EaD), referente à área de Educação, da tabela de áreas de conhecimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O Curso é desenvolvido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC), em parceria com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus* de Educação a Distância (EaD), as turmas são aportadas em diferentes POLOS dos Institutos Federais, nas regiões do país.

Diante do exposto, me apresento. Sou Cláudia Ricardo de Macêdo, aluna do Polo de Monteiro, estado da Paraíba, o curso foi desenvolvido através de 4 (quatro) módulos, organizados em 3 (três) períodos letivos. Todas as disciplinas foram fundamentadas em uma Matriz Curricular voltada para Didática da Educação Profissional e integrada com à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Portanto, ter cursado essa Especialização foi uma oportunidade de adentrar no campo prático e reflexivo.

Nessa perspectiva, foi uma grande oportunidade de ampliar meu conhecimento em políticas públicas para EJA e aprofundar as metodologias apropriadas para o trabalho com esse público tão especial. Pois são sujeitos com suas peculiaridades históricas e experiências desenvolvidas na prática, o que impõe às instituições



que ofertam educação àqueles, formas diferenciadas de ensino e de metodologias educacionais que reflitam práticas em sala de aula mais adequadas.

Assim, o objetivo desse estudo será a construção de um memorial, o qual será validado como TCC, composto com histórico pessoal de formação acadêmica, atuação profissional, que no caso em particular é voltada para formação na área educacional, ou seja, no campo das licenciaturas, tendo como atuação profissional, o ensino fundamenta e a EJA.

A Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática, oportunizou relevante conhecimento: para melhorar minha prática com o público de Jovens e Adultos, tanto em sala de aula, ou na gestão. A construção desse gênero textual como trabalho de conclusão de curso, é uma oportunidade de retomar as reflexões e caminhos da prática profissional.

Pois essa é uma característica desse discursivo, para Arcoverde e Arcoverde (2007), o memorial é um gênero textual rico e dinâmico, relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas, pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória.

Fundamentada nas indicações acima citadas, pretendo apresentar inicialmente: o relato autobiográfico, as reflexões sobre minha experiência profissional na EJA, finalizando com as Considerações Finais. Desse modo, o memorial será estruturado através dessa organização de construção do trabalho. Será um documento escrito na norma-padrão da Língua Portuguesa, obedecendo a produção da escrita científica.



RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Meu nome é Cláudia Ricardo de Macêdo, nasci no dia 12 de dezembro de 1969, na cidade de Campina Grande/PB, porém sempre residi na comunidade rural denominada de sitio Bravo, município de Boa Vista/PB. Sou professora efetiva, pertencente ao quadro de funcionários do Município de Boa Vista/PB, aprovada através de concurso público para o cargo de Professora Polivalente, atuando como docente da Educação Básica desde o ano de 2004. Tenho Experiência no Programa Brasil Alfabetizado, e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) 1º segmento. Com prática no trabalho com turmas multisseriadas nas escolas rurais, e no desenvolvimento de projetos de intervenção pedagógica e de pesquisa.

Na escolha da minha profissão recebi influências a partir do trabalho da minha mãe, pois ela foi professora de escolas rurais durante 25 anos, sempre que podia eu ajudava em seu dia a dia em sala de aula, assim fui ganhado gosto pela profissão. Tenho certeza que a facilidade em trabalhar com turmas multisseriadas veio destas primeiras práticas.

Quando criança sempre estudei em escolas rurais com turmas multisseriadas e tive o prazer de ter a minha mãe como professora. Minhas lembranças dessa época são marcadas pela simplicidade do ambiente escolar e pelo compromisso e respeito dos alunos com a professora, funcionários e colegas. Tenho memória olfativa, pois ainda consigo sentir o cheiro do meu material escolar, até hoje guardo alguns cadernos e as vezes eu e meus irmãos ficamos relembando nossas histórias do início da nossa vida escolar.

Para cursar o antigo ginásio fui morar com familiares na cidade de Cabaceiras/PB, estudei na CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade). Esta foi uma época difícil, tive que ficar



distante dos meus pais, sofria com a situação, pois vinha para o sítio apenas nos finais de semana e, no dia do retorno, ficava muito triste. Lembro que meu pai reclamava, e dizia que no futuro eu iria agradecer. Aos poucos fui me adaptando, comecei a participar dos eventos da escola, junto com os colegas e amigos. Hoje tenho boas recordações desse tempo e amizades que perduram até os dias atuais. Assim, posso dizer que vivi intensamente naquele lugar e que foram momentos maravilhosos.

Fiz um curso Pedagógico de Nível Médio, em 2004 comecei a trabalhar na Escola Santino Luis de Oliveira, localizada no sítio Bravo, como professora contratada pelo município de Boa Vista/PB, e em seguida resolvi cursar Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA). Pois estava estudando licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Quando concluí o curso de Pedagogia, fiz as primeiras Especializações, uma em Educação Ambiental e outra em Agroecologia, estes estudos na área ambiental, ampliaram meus conhecimentos para dar continuidade no desenvolvimento de projetos pedagógicos interdisciplinares envolvendo as duas linhas.

Em 2012 prestei o concurso e fui efetivada como professora polivalente, e continuei trabalhando na mesma escola rural. Entre os anos de 2010 e 2015 cursei Licenciatura em Ciências Agrárias, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Curso desenvolvido pelo sistema de Ensino a Distância (EAD), Polo de Cabaceiras/PB. Em 2015 fui aprovada na seleção do Mestrado em Linguística e Ensino, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2017 concluí o mestrado, defendi minha dissertação com o seguinte tema: Letramento Visual através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação.



Desde o ano de 2004 venho participando de capacitações e formações, como: Alfabetizadora com Ênfase em Língua Portuguesa; Formação de Professores Alfabetizadores em Matemática; Pró-letramento em Matemática e Língua Portuguesa; Formação de Alfabetizadores e de Educação de Jovens e Adultos, entre outras Capacitações e Semanas Pedagógicas.

Faz parte do meu currículo algumas apresentações com publicações em anais de eventos, sendo congressos internacionais; nacionais; seminários e outros. Participações em eventos, congressos e encontros. Projeto finalista no Concurso Nacional de Projetos Pedagógicos, prêmio “Asa Branca de Educação” 2008. Destaque 2007 em projetos interdisciplinares, Secretaria de Educação de Boa Vista/PB. Capítulo publicado no livro Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária.

Diante de minha trajetória acadêmica e profissional, venho tentando construir uma visão ampla e diversificada do conhecimento, onde possa complementar Mestrado, Licenciaturas e Especializações de forma dinâmica e ampla na área educacional. Dessa forma, em cada curso tentei agregar o trabalho acadêmico e a realidade da sala de aula, como também usando esse processo para o crescimento pessoal e profissional, objetivando um processo contínuo de formação. Nesse sentido, Silva 2014 apud Passerini (2007, p. 18) acredita que:

O processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os autores que fizeram e fazem parte de sua formação. E esse processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido.



Em relação à EJA, minha experiência teve início no ano de 2008, como professora alfabetizadora do programa do governo federal, Brasil Alfabetizado, com o objetivo de promover a superação do analfabetismo entre jovens e adultos, e nessa época, participei de uma formação pela Secretaria Estadual de Educação. No município tínhamos o apoio de uma coordenadora. No ano de 2013 tive a oportunidade de trabalhar com uma turma de EJA 1º segmento, a partir desse momento foi aumentando a necessidade de aprofundar meus conhecimentos na área, para dinamizar minhas aulas. Então, cursei a Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semi Árido Paraibano, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A especialização citada anteriormente foi de grande valia para minha prática profissional, foram estudos que pude aproveitar na prática, passei a refletir minhas aulas, lancei propostas e olhares mais significativos e dinâmicos para serem trabalhados na EJA, também concluí o curso com um estudo realizado nesta turma, o qual foi denominado de: Análise do potencial econômico solidário em turma de Educação de Jovens e Adultos na Escola Santino Luís de Oliveira, sitio Bravo, Boa Vista/PB.

Portanto, a Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática é uma grande oportunidade de continuar os estudos e as reflexões acerca da Formação Docente para o trabalho com a EJA, através de uma visão prática e numa dinâmica de metodologia ativa.



REFLEXÕES SOBRE SUA FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/PROEJA

Minha trajetória profissional vem sendo complementada com diversas formações, no sentido de ampliar meus conhecimentos e de dinamizar minha prática. As linhas de estudos foram desencadeadas a partir do meu próprio interesse, da necessidade de novos conhecimentos, de melhorar minha prática profissional, enriquecer meu currículo e de trazer satisfação pessoal. São cursos variados, porém se complementam e formam uma rede de conhecimento única. Nesse sentido, pude trabalhar com meus alunos diversas práticas e projetos que geraram a ampliação dos saberes, embasados no conhecimento científico.

Porém, atualmente não estou atuando em sala de aula, no momento trabalho como gestora em duas unidades escolares da zona rural. Mas, iniciei esta Especialização com o objetivo de ampliar meu conhecimento na área e fazer uma ponte entre minha prática com a EJA e os estudos da Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semi Árido Paraibano. Pois são objetivos e saberes pertinentes, que visam contribuir positivamente com a EJA, através da integração entre os conhecimentos, a realidade dos alunos e a prática pedagógica do professor.

A EJA/PROEJA deve ser vista a partir de concepções como as de Singer (2005), para o autor a educação libertadora toma como ponto de partida a realidade do trabalhador e suas condições de vida. Nesse sentido, o educador abre os espaços para os diálogos e questionamentos sobre o papel da escola, onde possivelmente as respostas estarão vinculadas às pretensões concretas de sua vida, daí nascem a necessidade de relacionamento entre EJA,



trabalho e educação. Essa dinâmica precisa de um sistema escolar diferenciado, desenhada para atender as condições de vida e de trabalho de seu público e próxima do que preconiza Silva apud Freire (2000, p. 24), evidenciando que a teoria e a prática devem caminhar juntas porque uma ou outra só serão capazes de fazer grandes mudanças, transformar ideias em ações reais quando estão juntas.

Fundamentada nessas visões, percebo que meus conhecimentos e minha prática com a EJA tem relação com os objetivos desta Especialização, pois a Base Curricular do Curso pressupõem a formação de um profissional capaz de adequar as

reflexões e práticas desenvolvidas no curso com às práticas necessárias ao cargo que ocupa, uma vez que se tornará um agente multiplicador de novos conhecimentos que possibilitem a melhoria da qualidade do ensino. As afirmações corroboram com as contribuições de Freire (1987), pois nos ajudam a entender os processos sistematizados de uma educação focada nas necessidades sociais, culturais, econômicas e políticas, cujos princípios curriculares interagem com a cultura, aspirações e necessidades do povo brasileiro.

O conteúdo das disciplinas vislumbram formar profissionais que terão a incumbência de transformar o ensino de EJA/PROEJA com aplicação de novas metodologias e concepções práticas integrada à EJA, em especial por tornar-se um agente de transformação inserido nas políticas direcionadas ao seu público alvo, percebendo-se como parte integrante e fundamental no processo de aprendizagem dos alunos. Podemos entender essas relações nos estudos da disciplina de Didática, através do Módulo IV podemos verificar essas intencionalidades como entendimentos necessários da docência.



Nesse sentido, algumas metodologias nos fizeram pensar na prática em sala de aula, através da elaboração de projetos interdisciplinares ou atividades envolvendo o uso das Tecnologias de Informação de Comunicação (TIC). Oportunizando adentrar no letramento digital como defende Rojo (2013, p. 11) já que “é preciso que a escola como instituição, prepare a população para um funcionamento cada vez mais digital”, pois esse é um caminho que pode motivar seus alunos para aquisição do letramento social.

Portanto, é possível perceber que as propostas de cada disciplina contribuíram para o entendimento e aprofundamento acerca de diversas metodologias. Fundamentada na visão do docente enquanto agente multiplicador e difusor de novas tecnologias, como as mudanças necessárias para a oferta de cursos da Educação Profissional integrada à EJA.

São saberes conceituais, integradores e pedagógicos, que definem e influenciam a construção da identidade docente, interferindo diretamente na atuação dos professores. Dessa forma, os docentes constroem os seus conhecimentos e saberes, principalmente, a partir de suas histórias de vida, de vivências no contexto escolar, da formação acadêmica, de experiências profissionais e de trocas entre os pares (Macêdo, 2015).

Enfim, a grade curricular desta Especialização foi construída dando esse enfoque ao mesmo tempo reflexivo e prático, valorizando uma Didática diferenciada, trançando caminhos para planejar a ação docente que atenda às peculiaridades do público-alvo.

Dessa forma, reitero que meus saberes referenciados as duas especializações em EJA dialogam entre si, pois observo como princípio básico a promoção da educação que transforme os sujeitos através do empoderamento, para que estes se tornem



gestores competentes de seu próprio desenvolvimento pessoal, comunitário e social. Assim, os professores exercem um importante papel na vida de seus alunos. As contribuições de Paulo Freire nos ajudam a entender os processos sistematizados de uma educação focada nas necessidades sociais, culturais, econômicas e políticas, cujos princípios curriculares interagem com a cultura, aspirações e necessidades do povo brasileiro.

Diante das observações citadas anteriormente, é possível fazer uma correlação com a minha prática e com os conhecimentos que venho construindo ao longo de meu processo de formação. Portanto, as disciplinas como: Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada a EJA; Planejamento Educacional em EAD para EJA; Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada a Educação Profissional integrada à EJA e práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos representaram de fato oportunidades de refletir e repensar as práticas com a EJA.

Desse modo, foi possível perceber que este curso oportunizou a visão de Nóvoa (2009) que é preciso trazer a formação para dentro da profissão. Porém, para o autor, a formação docente desenvolvida nas instituições formadoras é muito distanciada dos contextos escolares, onde a prática pedagógica acontece. Assim, é possível observar ao longo desse processo formativo, que esta Especialização traz uma proposta diferenciada, rompendo com as práticas metodológicas de outras formações. À luz dessa reflexão, Silva (2014) apud Luckesi (1999, p. 28) aponta:

Formar o educador, a meu ver, seria criar condições para que o sujeito se prepare filosófica, científica, técnica e efetivamente para o tipo de ação que vai exercer. Para tanto, serão necessárias não só aprendizagens cognitivas sobre os diversos tipos de



conhecimentos que auxiliem no desempenho de seu papel, mas, especialmente o desenvolvimento de uma atitude dialeticamente crítica sobre o mundo e sua prática educacional.

Relacionando esse entendimento com a minha experiência, compreendo que dados, sugestões e observações encontrados na pesquisa de Economia Solidária no campo da EJA na comunidade Bravo, município de Boa Vista/PB, podem se configurar como elementos didáticos e metodológicos, aproximados da prática pedagógica apresentada e desenvolvida nesta formação. Pois, se trabalharmos na visão de Arruda (2005), a educação de jovens e adultos deve interagir entre o ensino e o trabalho, para dar condições dos alunos trabalhadores desenvolver seu próprio nível de consciência e percepção de suas habilidades e opções de trabalho e renda.

Dessa forma, conhecer o meio onde o aluno está inserido e o potencial local para o desenvolvimento, são importantes contribuições para a educação libertadora, que toma como ponto de partida a realidade do trabalhador e suas condições de vida. Nesse sentido, o educador abre espaços para diálogo e questionamentos sobre o papel da escola, onde possivelmente as respostas estarão vinculadas às pretensões concretas de sua vida, daí nascem a necessidade de relacionamento entre EJA, trabalho e educação. Essa dinâmica precisa de um sistema escolar diferenciado, desenhada para atender as condições de vida e de trabalho do seu público (Singer, 2005).

Essas metodologias foram perceptíveis no material didático apresentado pelas disciplinas ao longo deste curso, vários conteúdos teórico-práticos trouxeram à luz as concepções de Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização e Educação Profissional. As



visões teóricas apresentadas inicialmente, fizeram um percurso da EJA no seu contexto histórico. Durante os encaminhamentos das disciplinas observávamos a linha, ou seja, o modelo que se vem desenhando ao longo dos últimos anos.

Assim, foi possível observar uma análise social e crítica, fazendo uma reflexão de como é possível incluir de forma efetiva a transformação das realidades dos alunos através do ensino e das políticas para EJA. Diversas atividades possibilitaram pensar práticas diferenciadas a partir de ações e metodologias que possibilitem o desenvolvimento social, econômico e profissional desses atores sociais.

Ficando evidente que as melhores ações metodológicas são as que trabalham para o desenvolvimento integral do ser humano, e que buscam observar as particularidades de seu público, desenvolvendo o contexto social e cultural do ser humano, para que cada um seja seu próprio agente de desenvolvimento e supere os desafios da vida cotidiana. Essas foram as reflexões que mais se evidenciam com meus conhecimentos e experiências anteriores, dessa forma, pude traçar um paralelo entre este estudo e as contribuições mais importantes para a melhoria de minha prática profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos, informações, propostas e reflexões presentes em toda fase da Especialização pressupõem a necessidade de um olhar diferenciado para a modalidade de ensino da EJA/PROEJA. Nesse sentido, se fazem necessárias novas práticas de letramento, por este estar intimamente relacionado com o social, trazendo mais sentido para os alunos, com os quais são disseminados os princípios freireanos de democratização (Freire, 2015),



de que o oprimido não pode perder a liberdade de acreditar em outro mundo possível.

Baseada nas reflexões acima descritas, observamos que toda dinâmica apresentada, analisada e refletida nessa proposta de estudo da especialização, objetivou ampliar a compreensão da visão libertadora, de modo a favorecer um olhar mais sensível a realidade dos alunos da EJA, provocando inquietações nas ações dos docentes e gestores, abrindo possibilidades para novas discussões. Também foi possível entender que a busca pelo crescimento dessa modalidade aliou contribuições do campo educacional, histórico, filosófico, social, cultural, multiletramento e tecnológico. Nesse sentido, verifica-se a sua amplitude, inovações e demandas.

Para finalizar este curso, a fase de leitura e escrita vivenciadas para construção deste memorial privilegia a complexidade do letramento e do gênero textual, como também a importância do caráter reflexivo. Desse modo, foi pelo envolvimento de leituras e releituras que esse processo foi construído, bom como pelas contribuições históricas, desde a percepção das imagens mentais até a familiaridade com a temática.

Portanto, é preciso atribuir sentido às práticas comunicativas, utilização de diferentes suportes, reunindo uma infinidade de situações sociais, nas quais devem ser valorizados os conhecimentos historicamente adquiridos, acrescentando os novos e envolvendo as tecnologias contemporâneas, esse deve ser o caminho do professor da EJA.



REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, M. D. L. e ARCOVERDE, R. D. L. **Produzindo gêneros textuais: o memorial**. Campina Grande/Natal: Editora da UFRN, 2007.
- ARRUDA, M. Redes, educação e Economia Solidária: novas formas de pensar a educação de jovens e adultos. *In*: Kruppa, S. M. P. **Economia solidaria e educação de jovens e adultos**. Brasília: INEP, 2005.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. **Educar para uma vida sustentável**. Pátio. Ano XII, p.12-13 mai/jul, 2008.
- MACÊDO, C. R. Currículo Lattes. Disponível em: https://www.cnpq.br/cvlattesweb/pkg_impvcv.trata 2020. Acesso em: ano.
- NÓVOA, A. **Professores, imagens do futuro presente**. Lisboa (Portugal): EDUCA, 2009.
- ROJO. Escola Conectada: **Os multiletramentos e as TICs/Adolfo Tanzi Neto...** [et.al].; Organização Roxane Rojo. São Paulo: Parábola, 2013.
- SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glais S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SILVA, L. M. **Construção identitária de uma professora**. Memorial (Graduação) Plena em Letras - Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP. Natal, 2014.
- SINGER, P. Educação e trabalho na perspectiva da Economia Solidária. *In*: **Educação e o mundo do trabalho**. Brasília: INEP, 2005. p. xx-xx



(RE)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS: REMEMÓRIAS DE UM PRECEPTOR

ALEXANDRE BOTELHO JOSÉ

Orientador: Prof. Esp. Hareton Ribeiro Gomes.

Este trabalho se trata de um Memorial de Formação, que são relatos de experiências elaborados através de um processo resultante da rememoração de práticas da formação acadêmica com reflexões sobre fatos relatados, mediante uma narrativa de experiências de vida, cujo enredo faz parte da construção do sujeito, que vivenciou o que está sendo narrado, com a intencionalidade de esclarecer e ressignificar práxis e momentos da própria formação.

Por isso, “[...] o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida” (Bakhtin, 1997, p. 35) trazendo a perspectiva de um relato de vida e como galgou os percalços que o trouxeram até o presente momento. No que diz respeito ao processo, trata-se de um “texto acadêmico autobiográfico no qual se analisa de forma crítica e reflexiva a formação intelectual e profissional, explicitando o papel que as pessoas, fatos e acontecimentos mencionados exerceram sobre si” (Passeggi, 2010, p. 1) em que o foco principal é elaborar



um memorial próprio, que vise a compreensão da própria formação e ainda refletir sobre as práxis já alcançadas e o que ainda pode ser vislumbrado em novos processos formativos.

O curso ora em conclusão é o de “Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos - EJA”, pós-graduação lato sensu na modalidade a distância, que é ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte IFRN - *Campus* Natal Zona Leste, em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC) e tem como objetivo principal melhorar a qualidade da educação pública em todo o país. Como é um curso que tem duas linhas de formação, Didática ou Gestão, a formação por mim escolhida foi a de Gestão e o polo ao qual estou vinculado é no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, *Campus* Niterói-RJ.

O itinerário formativo do curso foi proposto em quatro módulos de formação, onde no primeiro módulo trabalhamos as seguintes temáticas: Fundamentos de EaD e Ambientação Virtual; Produção de Textos Científicos; Fundamentos da Educação Profissional Integrado à EJA; Políticas Públicas para EJA Integrada a Educação Profissional Presencial e a Distância; Noções Didáticas; e o Seminário Temático: Fundamentos e políticas públicas para a EJA e o PROEJA.

No segundo módulo, foram abordadas as seguintes disciplinas: Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional; Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional Integrada à EJA; Práticas de Letramento na EJA; e mais o Seminário Temático: A aprendizagem



a distância em tempos de comunicação mediada pelas tecnologias virtuais de comunicação.

No terceiro módulo foram abordados os seguintes temas: Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA; Gestão da Educação a Distância; Planejamento Educacional em EaD para EJA; e mais o Seminário Temático: A gestão escolar para novos desafios educacionais em Educação Profissional integrada à EJA. Essas três etapas atendem as duas linhas de formação ofertadas pelo curso de pós-graduação.

Por fim, no quarto e último módulo foram abordadas as disciplinas específicas da “Qualificação em Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA” com as seguintes abordagens: Teorias, planejamento e práticas de Projetos Curriculares pedagógicos; Gestão da Educação Profissional e da EJA; e mais o Seminário Temático: Novas perspectivas para EJA, em substituição à disciplina Oficina de Projetos Curriculares em EJA e PROEJA. Tendo ainda uma disciplina específica para a construção deste TCC, que é a Produção Científica Aplicada à Elaboração do TCC. Com a conclusão dessas disciplinas consegui concluir todo o percurso metodológico onde adquiri conhecimentos em ambas as formações ofertadas pelo curso, porém, com a ênfase final na qualificação de gestão.

O objetivo proposto pelo curso visa implementar mudanças nas práticas curriculares e pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos, com ou sem a formação profissional, seja na modalidade presencial ou a distância, no âmbito das redes Federal, Estadual e Municipal por meio da formação continuada dos mais diversos profissionais da educação.

No Projeto Pedagógico do curso (Oliveira, 2018, pp. 7-9) são delimitados os seguintes objetivos Gerais: (1) “Desenvolver um curso de Especialização para docentes e gestores na perspectiva de



uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional (presencial e a distância) [...]”; (2) “Contribuir com a formação dos professores a distância, [...] de modo a leva-los a refletir sobre as contribuições das tecnologias educacionais da informação e comunicação à sua prática pedagógica”.

Já os objetivos específicos têm como proposta proporcionar unidades de ações; momentos de reflexões e debates; mudanças nas práticas curriculares e pedagógicas; colaboração para a implementação democrática e participativa de programas e projetos educacionais; desenvolver reflexões que gerem conhecimentos e materiais didáticos mais eficientes; desenvolver uma rede de informações a fim de buscar comprometimento enquanto multiplicador de práticas assertivas, novas tecnologias e mudanças nas ofertas de cursos da Educação Profissional Integrada à EJA.

Estes objetivos buscam capacitar docentes e gestores que lidem com a formação profissional integrada à EJA, tendo como pressuposto a formação de um novo tipo de mediador capaz de adequar as teorias com as práticas desenvolvidas nos cursos às práxis necessárias ao cargo que ocupam, uma vez que se tornarão agentes multiplicadores de novos conhecimentos que possibilitem a melhoria da qualidade do ensino na EJA/PROEJA.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é trazer um (re) memorial da minha formação e experiência acadêmico-profissional, onde pretendemos compreender toda a trajetória como preceptor e a importância do curso como instrumento de motivação para galgar novos espaços, pois acredito que o processo educativo perpassa não somente à sala de aula, mas também a partir da gestão, que bem administrada pode aprimorar todo o processo educativo.



Como profissional, sou Professor de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) e Supervisor de Ensino da Secretaria Municipal de Piraí-RJ (SME-Piraí) e tenho buscado galgar novas oportunidades na minha carreira. Por esse motivo, percebo nesse curso as ferramentas de gestão que estavam faltando na minha formação e como posso compreender/contribuir em outro patamar, o da gestão. Portanto, o mesmo tem extrema relevância para a minha formação em construção enquanto educador.

Este trabalho se justifica por delimitar um memorial de formação, no qual pretendo discorrer sobre a formação educacional e acadêmica que percorri até o presente momento, e a (re)construção da minha própria práxis pedagógica. Cabe ressaltar, que esse texto retrata as memórias de uma vida cheia de percalços e lutas para alcançar novas oportunidades, para um crescimento profissional sólido. E rememorar tantas lutas, facetas, cursos e trabalhos, é ver o quanto lutei e batalhei por toda a minha vida. Infelizmente, esse memorial é apenas uma pequena parte daquilo que ajudou a construir o todo, mas com certeza, contribui para refletir sobre o futuro mediante as experiências vividas.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO (CON)FIGURAÇÃO – GÊNESE

Meu nome é Alexandre Botelho José, tenho 47 anos e vou rememorar um pouco da minha trajetória escolar e profissional em relação à educação, perpassando pela minha formação livre, técnica, superior e de pós-graduação. Essa formação escolar e profissional teve trajetórias em ramos diferenciados até perpassar



pela educação, nas modalidades de Educação a Distância (EaD) e Educação Presencial.

Minha infância foi bem complexa, pois nasci em um lar simples, próximo a uma comunidade na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde desde cedo já descobri a necessidade de trabalhar e que só a educação poderia ser o único caminho para melhorar a perspectiva que não vislumbrava naquela época.

Para uma melhor compreensão, eu nasci num lar onde meu irmão nasceu com sérios problemas na coluna quando eu tinha apenas cinco anos e, aos oito anos, meu pai teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC), isso fez com que ele ficasse com o lado direito do corpo comprometido, tendo uma paralisia, que logo o levou a aposentadoria precoce.

Com isso, passamos a sobreviver com apenas um salário mínimo e muitas dificuldades, visto que minha mãe precisava cuidar de ambos e eu sempre sendo visto como o “responsável” pela casa. Não levo o caso, aqui, se essa minha experiência foi boa ou ruim, mas foi ela que me fez aos 10 anos já buscar trabalhar, vendendo doces na rua e arrumando caixas de sapatos em uma sapataria próxima da minha casa.

Lembro-me do meu pai, após se recuperar das sequelas do AVC, ensinando-me matemática, disciplina que ele era apaixonado, pois mesmo com todas as dificuldades meu pai procurou me ensinar que o caminho para crescer seria somente através dos estudos. Infelizmente, não tive muitas orientações e aos 15 anos ingressei no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI-RJ. Nessa instituição, o primeiro curso que frequentei foi o curso de Torneiro Mecânico, pois tinha um tio que atuava nesta profissão e sempre a indicou como uma opção viável de um futuro promissor.



No SENAI-RJ, passei por desafios e após um acidente tomei a decisão que buscava ser o melhor profissional que pudesse. Essa decisão foi marcante e me rendeu ser escolhido para participar do Torneio Nacional na modalidade de Torneio Mecânico. Posterior, como uma forma de premiação, ainda fui aluno da primeira turma do curso de Fresador Mecânico no SENAI, em Paciência-RJ.

Nessa mesma época, também cursava o antigo 2º Grau (ensino médio) concomitante ao curso de Técnico em Contabilidade no Colégio Estadual Prof. Daltro Santos, no bairro de Bangu, cidade do Rio de Janeiro-RJ, ou seja, minha vida estava rodeada de números e da própria matemática, por influência do meu pai. Com muito sacrifício concluí o ensino médio, porém, na época, eram escassas as oportunidades para a continuidade dos estudos e não foi possível iniciar o ensino de Nível Superior. Ainda nesse período não existiam ENEM e EaD, além dos vestibulares serem muito concorridos em todos os sentidos.

Com o passar do tempo, foi na minha vida religiosa que encontrei motivação para voltar aos estudos, no antigo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, hoje se chama Faculdade Batista do Rio de Janeiro, que busquei o meu primeiro curso de “Bacharel em Teologia”, ainda na modalidade de curso livre, pois apesar de não ser reconhecido pelo MEC tinha equiparação e exigências de Nível Superior.

A partir de 1999, o MEC começou a dar os primeiros passos para o reconhecimento dos cursos de Teologia e em 2004 criou o curso de Convalidação. Uma oportunidade para aqueles que já eram formados no curso livre, realizar o aproveitamento de estudos e concluir a graduação reconhecida em menos tempo. Foi a partir desse ponto, que minha vida e formação acadêmica começaram a ter forma e ser um percurso sem volta para a (re)construção da



minha práxis. Apresentarei, a partir da próxima sessão, minha formação acadêmica como viés de rememorar a minha trajetória.

(IN)FORMAÇÃO – CONSTRUCTO

Essa oportunidade foi o início de uma jornada na qual me trouxe até os dias atuais, quando investi na minha “Convalidação em Teologia” e adquiri o primeiro diploma de Nível Superior (Bacharel em Teologia) emitido pela Faculdade Evangélica de Brasília, com polo no RJ. Foi um curso muito denso com professores que vieram de Brasília para dar aulas presenciais aqui no RJ, e a interação com estes profissionais e colegas de curso contribuíram para um maior aprendizado e novos conhecimentos, sem contar que agora com um diploma reconhecido pelo MEC, mais “portas” poderiam se abrir e surgir novas oportunidades de empregos.

Porém, não foi bem assim que aconteceu, pois Teologia não tem um campo de trabalho definido, por isso continuei meus estudos e em 2008 busquei uma pós-graduação lato sensu em “Psicologia Eclesiástica”, ministrada pelo Centro Universitário Augusto Motta, com o objetivo de aprofundar e aprimorar os estudos na esfera teológica.

Todavia, como citado, a Teologia não abriu “portas de emprego” e continuei pesquisando por novos cursos e encontrei o curso de “Bacharel em Filosofia”, pela Faculdade João Calvino. Consegui realizar a matrícula com o diploma e ingressar posteriormente, no “Programa Especial de Formação Pedagógica em Filosofia”, pela Universidade Metropolitana de Santos, com a finalidade de obter uma licenciatura e poder prestar concursos públicos. Mais recentemente fiz a minha segunda “Licenciatura em Pedagogia” pela Faculdade Internacional Signorelli e tive



a oportunidade de participar de alguns processos seletivos e concursos na área da Educação, conforme veremos no meu relato profissional no próximo tópico deste memorial.

Nesse meio tempo, ainda fiz outros cursos, sempre com propostas e propósitos bem definidos. Após a graduação em Teologia e Filosofia, e com uma especialização, achei que seria a hora de buscar uma oportunidade em subir mais um nível, ou seja, o Mestrado.

Depois de muitas idas e vindas, com dificuldade em achar algo que me encaixasse, encontrei em Vitória no ES, a Faculdade Unida, onde estava iniciando a primeira turma do curso de “Mestrado Profissional em Ciências das Religiões”, curso que se encaixava nas minhas condições e que posteriormente ainda conseguiria uma bolsa de estudos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo - FAPES. Apesar de esse curso ter ligação com as áreas de Filosofia e Teologia, o seu foco era o Ensino Religioso Escolar, o que me ajudou bastante na minha carreira docente.

Ainda na minha formação acadêmica, sempre realizei cursos de especializações que viessem agregar áreas específicas, todas ligadas aos trabalhos que desenvolvia dentro da área de educação a distância. Sendo assim, fui à busca de aperfeiçoamento na área da EaD e concluí as especializações em “Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância” e em “Design Instrucional para EaD Virtual”, ministrados, respectivamente, pela Universidade Federal Fluminense e pela Universidade Federal de Itajubá. Com esses cursos pude ampliar os meus horizontes na EaD e aperfeiçoar-me nessa área que está sempre em franco crescimento.

Pensando em ampliar as oportunidades e com intenção de atender o público da EJA, procurei cursos dentro dessa temática, pois me sentia muito despreparado para atuar com esse público e nesta modalidade de ensino. Por isso me especializei em “Sociologia”,



pela Faculdade Internacional Signorelli, e em “Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social” pela Universidade Federal Fluminense. Entender as questões sociais e como a EJA funcionava deu um horizonte a mais para compreender e ter mais empatia com esses educandos, que muitas vezes, são deixados à margem da educação regular.

Depois desses cursos, surgiram novas oportunidades na carreira docente e mais uma vez, com intuito de aperfeiçoar certas demandas, ainda mais após o convite para assumir a coordenação da escola que trabalhava. Vislumbrei esta oportunidade de crescimento profissional e concluí outros três cursos, que foram o de “Impactos da Violência na Escola”, pela Fundação Osvaldo Cruz, o de “Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade”, pela Universidade Federal de Itajubá e “O Coordenador Pedagógico e a Prática Educativa”, ministrada pela Universidade Metropolitana de Santos. Infelizmente, o convite para a coordenação não se concretizou, porém serviu de complementação aos cursos anteriormente citados e base para suspirar por novas perspectivas na área de gestão.

Com base em todo esse constructo adquirido, fui levado a perceber que posso contribuir em áreas de gestão, pois como relatarei na minha experiência profissional, a administração e organização já fazem parte da minha práxis, muito mais até do que a docência propriamente dita. Com o intuito de investir nessa área foi que concluí recentemente o curso de “Gestão Estratégica de Investimentos na Educação Básica”, ministrado pela Fundação Osvaldo Cruz e estou concluindo, com esse memorial, este curso de “Práticas Assertivas”, no qual optei pela “Qualificação em Gestão da Educação Profissional integrada à EJA”. Com isso, espero que consiga fechar um ciclo de interesses pedagógicos que abrirão



caminho para iniciar o meu doutorado e também me capacitar para galgar espaços na gestão e administração escolar.

Para a devida composição da minha formação e compreensão da minha trajetória, relatarei no próximo tópico as minhas conquistas profissionais, que vão desde o meu primeiro emprego como aluno cotista do SENAI-RJ até as minhas atuais posições profissionais.

(COM)POSIÇÃO – PROBATÓRIO

Levando em consideração a minha trajetória acadêmica, trago um breve relato da minha vida ocupacional e como a minha trajetória educacional me ajudou a construir minha carreira que sempre vislumbrei desde que decidi investir no professorado. Como relatado, uma das minhas primeiras formações profissionais foi como aluno do SENAI-RJ nos cursos de Torneiro Mecânico e de Fresador Mecânico. Nessa ocasião, galguei a primeira assinatura na minha Carteira de Trabalho como aluno cotista aprendiz da empresa CISPER e essa foi a minha primeira experiência. Isso foi essencial para perceber que só através da Educação é possível conquistarmos o nosso espaço no mercado de trabalho.

Após essa época, chegou o momento de servir o quartel, na década de 90, cuja opção que escolhi foi a Aeronáutica e lá trabalhei, por cinco anos, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica - EAOAR. Nessa ocasião, a parte mais marcante foi ter a oportunidade de ajudar na implantação do primeiro curso de EaD dessa escola, já que ocupava um cargo na Subdivisão de Avaliação da Escola. O objetivo do curso era atender os Oficiais que não tinham condições de se deslocarem para frequentar as aulas presenciais. O curso foi elaborado sem o uso de tecnologias



digitais e com apenas apostilas impressas, encaminhadas via Correios ou malotes para as unidades militares.

Essa experiência já me trouxe a compreensão da dimensão da EaD para a educação e a partir daí comecei a ficar mais atento a esta modalidade. No ano de 2000, eu já tinha concluído o curso livre de Teologia e fundei um seminário teológico na modalidade a distância, com o intuito de levar o conhecimento teológico para os lugares mais inacessíveis. Primeiramente, esse curso usava exclusivamente material impresso e atualmente, temos modalidades híbridas para atender as mais diversas necessidades.

Após essa primeira experiência como gestor de um curso EaD, vi a necessidade de obter mais estabilidade e após a conclusão do curso de Filosofia, fui aprovado em dois concursos da SEEDUC-RJ, o primeiro para professor de Ensino Religioso e outro para professor de Filosofia, tomando posse desse último e estando ativo até o presente momento. No cargo de professor, consegui agregar uma promoção por Enquadramento por ter especialização na área de educação e também o chamado Adicional de Qualificação, que é pelo fato de ter Mestrado. O que demonstra e valida a importância da formação acadêmica na vida profissional.

Ainda como professor de Filosofia da SEEDUC-RJ, participei e fui aprovado em duas Mobilidades Internas para atuar em Escolas do Programa Dupla Escola, que são escolas diferenciadas e com trabalho de tempo integral. A primeira foi o CIEP 117 - Brasil-Estados Unidos, escola bilíngue da rede e a outra escola foi o C. E. São João, que tem o curso médio articulado com o Técnico em Logística Comercial em parceria com o SENAC-RJ. Efetivamente só atuei no C. E. São João e até a presente data ainda leciono nesta escola.



Dentro da minha formação em EaD, pude melhorar a infraestrutura pedagógica do curso o qual fundei e sou diretor, bem como me ajudou a conseguir autorização de implantação de dois polos de EaD junto ao Ministério da Educação - MEC na cidade de Nova Iguaçu-RJ. O primeiro foi o da Faculdade Unida de Vitória e o segundo da Universidade Metropolitana de Santos, sendo este último o único ativo e que eu trabalho como Coordenador Pedagógico responsável por toda organização do polo e formação continuada dos tutores presenciais.

Tive ainda a oportunidade de ser professor, tutor e mediador das seguintes instituições: Universidade Virtual do Estado de São Paulo, Instituto Federal de Alagoas e da Fundação CECIERJ, esta última estando atuante até a presente data. Cabe ressaltar, que essas experiências foram de extrema importância e impactaram significativamente toda a minha carreira docente.

Já com a minha formação em Pedagogia, novas oportunidades surgiram e no ano de 2019 prestei concurso público e fui aprovado como primeiro colocado para o cargo de Especialista de Educação - Supervisor de Ensino, da Secretaria Municipal de Educação do Município de Piraí-RJ onde tomei posse e estou agregando novas experiências nessa nova forma de trabalhar com a educação. Sinteticamente, estas são as minhas formações acadêmicas e minha carreira profissional, no qual o papel da educação foi fundamental para o meu crescimento profissional. Espero que com o curso ora em conclusão possa desenvolver outros projetos que envolvam a Educação Profissional Integrada à EJA.



REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA

(RE)COMEÇAR – INCOAÇÃO

Apesar da pouca experiência como docente da EJA, aprendi a amar e valorizar essa modalidade de ensino, a qual é amparada por lei e voltada para pessoas que não obtiveram acesso ou necessitaram interromper, por quaisquer motivos, o ensino regular na idade considerada apropriada. Quanto a isso, Paiva (1973, p. 16, grifo nosso) lembra que a EJA “é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade apropriada ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo se alfabetizar e obter os conhecimentos básicos necessários”.

Entretanto, uma das questões que me fazia refletir era se, realmente, existe uma idade “apropriada”, ou melhor, se há, concretamente, um ensino “apropriado”, pois cada pessoa tem sua cultura própria, seus conhecimentos, suas vivências, etc. Talvez, o que eles não tenham aprendido seja o conteúdo que é determinado pela escolarização, porém eles aprendem e crescem com as suas próprias experiências. A EJA vem apenas complementar, organizar e estruturar o conhecimento prévio e de mundo, que eles trazem em sua bagagem social e cultural. São conhecimentos e experiências de vida, que escola alguma pode oferecer. Somente a escola da vida.

Diante do exposto, fica claro o quanto esse curso de especialização foi fundamental para minha compreensão de que é possível desenvolver competências cognitivas e socioemocionais, como menciona Morán (2017, p. 24) ao afirmar que aprendemos de muitas maneiras:



[...] com diversas técnicas, procedimentos, mais ou menos eficazes para conseguir os objetivos desejados. A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alterar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes.

Nessa ótica, pude compreender que a EJA perpassa a mera educação em sala de aula. Por esse motivo, estarei trazendo algumas reflexões sobre como o curso de formação continuada, em nível de Especialização, Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos - EJA foi importante para a (re)construção da minha práxis e porque optei pela qualificação em “Gestão da Educação Profissional integrada à EJA”.

Comentei no relato autobiográfico, a busca por novas perspectivas e é através da gestão, que entendo ser possível colaborar de forma mais efetiva, pois cabe ainda considerar, a existência da necessidade de formação específica, para o professor e demais profissionais que atuam na EJA, incluindo a gestão; porque percebemos na formação inicial docente, voltada para o ensino de crianças e adolescentes, a impossibilidade de considerar que venha a ter a mesma eficácia ao ensinar a adultos. Afinal, esse público aprende de forma diversa e tem pressupostos e objetivos diferentes, portanto é óbvio que o universo escolar do educando adulto difere das faixas etárias iniciais.

Por isso mesmo, compreendi, no decorrer deste curso, que gestores, coordenadores, professores e demais responsáveis pelo processo educacional acabam tomando para si diferentes papéis conforme a necessidade na tentativa de fazer o melhor para atender as mais diversas propostas educacionais. Nesse sentido,



quando falamos de formação docente na escola da EJA, pensamos que essa formação deva ser específica. Acontece para professores que precisam de uma formação que tenha um olhar para um público diverso. O público da EJA é muito diferente do público que cursou seu ensino em um momento da vida, que, na nossa sociedade, é instituído como tempo de estar na escola. (Bezerra, 2019, p. 26).

Levando isso em consideração é que pude vislumbrar uma grande oportunidade de melhorar a formação e capacitação dos professores e demais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem na posição de gestor e/ou administrador. Nesse processo de incoação é preciso perceber todo contexto histórico que ajudou a (re)construir a EJA e o PROEJA, assim como, a contribuição do curso na formulação e experientiação desse memorial.

(RE)ALOCAR – INCLUSÃO

Rememorando as mais diversas etapas históricas da construção da EJA, desde a década de 60 do século XX, existe uma preocupação social com a exclusão dos analfabetos no Brasil, quanto a isso Freire (2008, p. 27) demonstra em seus estudos que: “a relevância política da exclusão dos analfabetos é particularmente sensível naqueles estados mais pobres do País, onde as classes populares se encontram em níveis de vida que mal atingem o limite da mera subsistência”. Esses e outros motivos deram um importante arcabouço para que a EJA viesse a ter significância no contexto social e político do Brasil.

Historicamente, desde o período Colonial e na década seguinte, a educação popular e a EJA passaram a se organizar entre as associações sem fins lucrativos, organizações não



governamentais e as pastorais da Igreja Católica (sob a influência do pensamento Freireano), sua tônica estrutural, portanto sempre foi a de “dedicar-se ao trabalho de educação popular com os setores mais pobres da população” (Haddad, 2009, p. 355). Todavia, é notória a constatação de que a EJA foi construída (e mantém-se) com base em interesses políticos e a serviço daqueles que não têm interesse em educar uma população culta e crítica, por isso, é perceptível que a mesma termine sendo construída com metas eleitoreiras por aqueles que se encontram no poder e nunca por alicerces cujo intuito contemple fins democráticos e, consequentemente, emancipador da população de massa, transformando-a, desse estado manipulado, em indivíduos cidadãos. Tendo isso em vista, Baracho e Nóbile (2019a, pp. 4-5) alertam que:

Nesse mesmo contexto, as políticas educacionais para a Educação de Jovens e Adultos também foram marcadas, além de seu caráter descontínuo e compensatório, quanto à perspectiva de uma educação que vise a resultados para além de assinar o nome para votar. Nesse sentido, a EJA foi, histórica e politicamente, marcada pela visão assistencialista e regeneradora, negando o direito à educação para o trabalho e para a vida à grande parte dos cidadãos brasileiros.

Se formos analisar a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, com enfoque na Resolução CNE/CEB nº 4/2010 (Diário Oficial da União, Brasília, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824.), podemos arguir que, em seu Art. 3º “[...] tendo como referência os objetivos constitucionais, fundamentando-se na cidadania e na dignidade da pessoa, o que pressupõe igualdade, liberdade, pluralidade, diversidade, respeito, justiça social, solidariedade e sustentabilidade”. Infelizmente, esses pressupostos, em sua maioria, acabam ficando apenas no mens



legis (espírito da lei). Cabe ainda ressaltar que no Art. 28 dessa Resolução é estabelecido que “A Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do ensino fundamental e do ensino médio” (Brasil, 2010, p. 10).

Com isso, pode constatar a singularidade, importância e necessidade que a EJA deveria ter no contexto educacional do nosso País, “entretanto, [desde] a LDBN de 1996 apresenta um retrocesso, particularmente no Artigo 38, quando se refere à EJA, fundamentalmente, como “cursos e exames supletivos”, retomando, assim, a ênfase na perspectiva compensatória” (Paiva; Machado; Ireland, 2007, p. 86, adendo nosso). Em função disso, a EJA, muitas vezes, ficou basicamente reduzida a cursos e exames supletivos, transformando-se numa espécie de curso de “segunda linha”, inclusive causando um grande problema para os jovens matriculados no ensino regular, que viram nessa forma de conclusão uma maneira de terminar os estudos, causando o abandono nas classes regulares.

Hodiernamente muita coisa mudou, mas muitas também continuam as mesmas. O (re)pensar a EJA fez com que diversos modelos fossem criados, alguns voltados para a alfabetização, outros para a escolarização e outros para a profissionalização.

Cada um com uma promessa mais promissora e sempre com o mesmo objetivo, que é de diminuir as diferenças entre as classes dominantes e os mais pobres, porém sem uma verdadeira efetividade. Vivemos em um mundo cada vez mais heterogêneo, complexo, tecnológico, voltado eminentemente para o capitalismo, com isso os trabalhadores se veem forçados a retornar para a escola e a buscar continuamente a formação e a capacitação. Por isso, Ventura (2012, p. 79) nos alerta que:



Dessa forma, pensar a educação de jovens e adultos baseando-se na questão de classe não significa ignorar as diversidades decorrentes de gênero, geração, raça e etnia, mas perceber que ao lado das explorações e expropriações pelo lugar que ocupam na sociedade, os alunos da educação de jovens e adultos são atingidos por opressões e discriminações derivadas.

É muito estranho pensar uma educação de jovens sem pensar no futuro, por isso, “se a educação de jovens e adultos tem como objetivo preparar para a cidadania e também qualificar ao mercado de trabalho é imprescindível ter o acesso às tecnologias que compõem esse mercado de trabalho” (Santos; Melo; Rosa, 2012, p. 58). Afinal, como disse Paulo Freire (2011, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”.

Rememorando o que (re)construí no decorrer do curso, percebi o quanto se fala de Educação Profissional e EJA, por isso é preciso entender que estamos falando de modalidades de ensino que ofertam a escolarização e profissionalização aos jovens, adultos e idosos onde buscam dar continuidade a seus estudos no ensino fundamental, médio ou Profissional. É necessário assegurar-lhes oportunidades apropriadas, considerando suas características, interesses, condições de vida e de trabalho, mediante ações didático-pedagógicas coletivas e/ou individuais.

Nesse propósito, no contexto da gestão democrática, o curso me demonstrou a necessidade de construção de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que seja colaborativo, dinâmico e eficiente. Por isso, exige esforço coletivo e comprometimento para se alcançar os objetivos que são inspirados pelo educando, pois:

Tal dimensão conceitual do PPP deve articular-se às dimensões mais práticas da identidade escolar, como



a normatização da instituição e do sistema de ensino em que se inserem, as metas, as estratégias e as ações em geral, assim como ao próprio currículo escolar. Portanto, clareza e coerência são elementos essenciais ao texto do PPP para que ele tenha possibilidades concretas de contribuir com uma gestão democrática. (Motta, 2019, p. 19).

Portanto, a minha formação na qualificação de gestão visou essa dimensão conceitual com objetivo de viabilizar diversos processos pedagógicos para uma práxis no contexto escolar. Também foi possível perceber a necessidade de se ter empatia, desenvolver a escuta, refletir e o processo de ensino-aprendizagem. De modo que permita a socialização, construção de novos conhecimentos; vivências culturais diversificadas para expressar a cultura dos educandos, bem como a reflexão sobre outras formas de expressão cultural para que a escolarização se adapte às condições e necessidades dos estudantes da Educação Profissional e EJA.

(RE)CONSTRUIR – PRÁXIS

Levando em consideração todo esse constructo teórico apresentado nesse memorial, finalizo com duas (re)construções que considero primordiais na minha práxis: a formação de um currículo que seja integrado, integrador e interdisciplinar; e o letramento em EJA, que faz com que possamos dialogar de forma mais eficiente, pois o letramento é uma via de mão dupla.

Ao relembrar o contexto do currículo integrado, é possível perceber que ele consiste em uma das estratégias pedagógicas partindo das premissas da aprendizagem com contextualização e competências que podem e devem ajudar o educando da EJA ou PROEJA. Afinal, são estruturadas por meio de ações voltadas ao



desenvolvimento de currículos ligados às mais diversas disciplinas e os conteúdos, de formação geral ou profissional, e sempre considerando as necessidades de resolução de problemas e desafios das comunidades onde esses educandos habitam ou trabalham. Corroborando essa ideia, Queiroz (2019, p. 5) citando Moura (2015) afirma que “o currículo integrado consiste na articulação entre a formação geral e a formação profissional. O ensino médio integrado é condição social e histórica necessária para a construção de um ensino médio unitário e politécnico”.

Apesar de verificar as vantagens e necessidade de um currículo integrado na EJA e na educação profissional é possível encontrar percalços que desafiam a sua completa implementação. Exatamente por isso, é na qualificação de gestor que vislumbro a possibilidade de trabalhar em outro problema delimitado, o isolamento disciplinar que vem arraigado no seio da educação brasileira, onde percebo que professores não estão preparados para trabalhar com o currículo integrado e interdisciplinar, por isso a necessidade de uma gestão com formação continuada a fim de se adaptar às novas realidades do campo educacional.

Nessa perspectiva, a equipe gestora, professores e estudantes podem e devem procurar definir as práticas pedagógicas para realizarem as aprendizagens pretendidas, do ponto de vista do modelo curricular integrado, da organização em modalidades didáticas e do tratamento metodológico específico visando uma educação profissional integrada e interdisciplinar.

Outro ponto que é preciso compreender é a existência de vários tipos de concepções de linguagens e estas são norteadoras sobre como desenvolver o processo de ensino-aprendizagem dentro da EJA, pois cada concepção tem formas e objetivos diferentes e podem ajudar o professor a trabalhar de maneiras diversas com



seus educandos a fim de construir um processo de inclusão social e desenvolver um indivíduo que seja crítico e preparado para ser inserido na sociedade como cidadão.

Nesse contexto, por exemplo, o gestor pode escolher entre uma das três concepções de linguagens e com isso fazer a diferença com prática de letramento. É possível trabalhar a linguagem como expressão individualista, refletindo o pensamento do educando. Também é possível trabalhar a linguagem como forma de apenas transmitir informações. Porém, a linguagem que mais pode favorecer a cidadania na EJA é aquela onde ocorre o processo de interação que procura desenvolver uma práxis social, para que os integrantes da EJA possam desenvolver a dialogicidade, a interação social, as competências de forma contextualizadas. Como é possível verificar, o letramento tem uma função sócio-política, afinal:

Ao inserir os sujeitos no universo da cultura letrada, letramento se configura como um instrumento de poder, de acesso aos bens culturais, de inclusão e de participação social. Essa dimensão crítica do letramento e, portanto, política se caracteriza como uma importante função social desse fenômeno (Marques, 2019, p. 8).

Todo esse contexto me fez refletir sobre como o curso foi importante para compreender como os sujeitos da EJA e PROEJA têm visão de mundo, aprendem, interage e, assim como todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, que são responsáveis por toda organização e gestão desses processos.

Quando se fala ainda de letramento, cabe ressaltar que a linguagem de comunicação tem diversas esferas, seja presencial ou a distância, seja verbal ou imagética. Para isso, é necessário compreender a transposição didática de seus conteúdos. É preciso levar em consideração que os estudantes precisam, além de adquirir



conhecimentos, desenvolver novas habilidades dentro da proposta temática do que se tem como objetivo de ensino. Outro ponto focal é criar conteúdos que sejam atrativos e estimulem o letramento e a aprendizagem através de atividades que sejam prazerosas, tanto de forma individual quanto coletiva, pois:

Acrescenta-se a isso, a necessidade do uso de diferentes mídias, o suporte ao texto escrito através de ilustrações, gráficos, tabelas explicativas, o desenvolvimento de uma linguagem que estabeleça um diálogo com os estudantes como também a organização do material didático em blocos de conhecimento com retomadas e testes relativos ao conteúdo e à aprendizagem do aluno ao longo do material (Lima; Santos, 2012, *apud* Sena Neto, 2019, p. 15).

Conforme visto ainda no decorrer do curso, foi possível definir como principais elementos para a construção de materiais didáticos eficientes: emprego de linguagem dialogada; interface dos materiais que despertem atenção e motivação; conhecimentos, interesses e necessidades dos alunos; feedback e retenção de conteúdos; conhecimento da estrutura dos cursos; conteúdo em conformidade aos objetivos de aprendizagem; uso de ilustrações; equipe multidisciplinar; e especificidades dos materiais impressos (Sena Neto, 2019, p. 17).

Dessa forma, podemos verificar que uma boa gestão somada a utilização de materiais didáticos bem elaborados e diagramados mais uma equipe multidisciplinar engajada com objetivos claros e específicos, corroboram para que o processo de letramento seja significativo de forma a minimizar o individualismo, com intuito de promover uma aprendizagem emancipatória, a fim de construir sujeitos críticos e cidadãos mais ativos dentro da sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de considerações finais é um tanto utópico quando lembramos que Paulo Freire já dizia que somos seres inconclusos e inacabados. Por isso, entendo que essas considerações, não são “finais”, talvez, finais para esse memorial. Mas, na bem da verdade, é mais o princípio de um descortinar que será necessário na educação de jovens, adultos e idosos como um todo e que está sendo (re)velado nos dias de hoje e serviu de base para a (re)construção da minha práxis pedagógica, ou melhor, andragógica.

Viajamos pela minha história e pensamentos que foram norteadores desse curso, buscando sempre novas perspectivas, e quem sabe, utopias que venham trazer uma mudança no cenário educacional brasileiro. Com acertos e erros, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem sendo (re)construída até os dias de hoje. Certamente está muito melhor do que antes, mas ainda está muito aquém do que ela poderá ainda tornar-se.

Escrever esse memorial me ajudou no sentido de rememorar a minha vida acadêmico-profissional e com certeza ajudará na (re)construção de um preceptor melhor, mais bem consciente do que a EJA/PROEJA pode se tornar para a vida daqueles que tanto precisam dela. Como disse Freire (2008, p. 97), “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”, sentimento em que homens e mulheres se veem como seres inacabados e, portanto, receptivos para aprender e, porque não dizer, capazes de ensinar.

Finalmente, aprendi que é preciso compreender que o currículo, a leitura e a escrita na EJA/PROEJA precisam ter significados e serem significantes para o educando e se tornar práxis para o seu contexto social, pois esse enfoque socialmente contextualizado contribui para os educandos ganharem maior autonomia



e aprenderem a agir como cidadãos criticamente engajados na sociedade em que estão inseridos, através de uma busca constante, numa perspectiva emancipatória, para “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (Freire, 2011, p. 46).

Por isso, rememorar é (re)viver o que se aprendeu e (re) construir o que se vai ensinar para uma práxis social mais justa, igualitária e humana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. [1895-1975]. **Estética da criação verbal**. (Coleção Ensino Superior). Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Rev. Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **A Integração da EJA com a EPT: Concepções, Características e Desafios**. Material didático da disciplina Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional Presencial e a Distância (Unidade II). Rio Grande do Norte: IFRN, 2019.

BEZERRA, E. C. **Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA**. Material didático da disciplina Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA (Unidade III). Rio Grande do Norte: IFRN, 2019.

BRASIL. **Resolução n.º 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, Ministério da Educação, Poder Executivo, Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia



para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 8 jun. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HADDAD, S. A participação da sociedade civil brasileira na educação de jovens e adultos e na CONFINTEA VI. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14 n. 41 maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n41/v14n41a13.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MARQUES, I. B. A. S. **Fundamentos teóricos e epistemológicos para o trabalho com as práticas de letramento na EJA**. Material didático da disciplina Práticas de letramento na Educação de Jovens e Adultos (Unidade III). Rio Grande do Norte: IFRN, 2019.

MORÁN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, S. *et al.* (Orgs.). **Novas Tecnologias Digitais**: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento, p. 23-35. Curitiba: CRV, 2017. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

MOTTA, T. C. **Mecanismos de gestão democrática**: Conselhos e Projeto Político-Pedagógico. Gestão da Educação Profissional e da EJA. Material didático da disciplina Gestão da Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos (Unidade III). Rio Grande do Norte: IFRN, 2019.

OLIVEIRA, A. P. *et al.* **Projeto pedagógico do curso de especialização em práticas assertivas da educação profissional integrada à educação de jovens e adultos, na modalidade a distância** (Pós-Graduação Lato Sensu). Rio Grande do Norte: IFRN, 2018. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/187034/mod_resource/content/1/ppc_Espe_Praticas_AssertivasEdu_EJA.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

PAIVA, J.; MACHADO, M.M.; IRELAND, T. (org.). **Educação de jovens e adultos**: uma memória contemporânea (1996-2004). Brasília, DF: UNESCO/MEC, 2007.



PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

PASSEGGI, M. C. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: Trabalho, Profissão e Condição Docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://www.gestrado.net.br/?pg=dicionario-verbetes&id=118>. Acesso em: 12 jun. 2020.

QUEIROZ, R. S. P. **As práticas Pedagógicas com Organização Curricular no campo da Educação Profissional integrada à EJA**. Material didático da disciplina Teorias, Planejamento e práticas de Projetos Curriculares pedagógicos (Unidade III). Rio Grande do Norte: IFRN, 2019.

SANTOS, J. D. A.; MELO, A. K. D.; ROSA, A. C. O uso das tecnologias na educação de jovens e adultos: reflexões sobre um relato de experiência. In: III Simpósio Educação e Comunicação. **Anais...** Aracajú: UNIT. 2012. Disponível em: <http://geces.com.br/simposio/anais/anais-2012/Anais-050-060.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SENA NETO, B. G. **A formação de educadores e as Tecnologias Digitais**. Material Didático da disciplina Gestão da Educação a Distância (Unidade II). Rio Grande do Norte: IFRN, 2019.

VENTURA, J. A EJA e os desafios da formação docente nas licenciaturas. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**. v. 21, n. 37, p. 71-82, Salvador, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeba/article/download/458/398>. Acesso em: 10 jun. 2020.



QUANDO A MEMÓRIA DAS EXPERIÊNCIAS PARTICIPA DA FORMAÇÃO E COMPREENSÃO DO TEMPO PRESENTE PARA PROMOVER A GESTÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MARCIA LEONORA DUDEQUE

Orientador: Prof. Bernardino G. de Sena Neto.

O presente trabalho corresponde ao resgate das minhas memórias, considerando o contexto social e histórico por mim vivenciados e como essas experiências influenciaram na minha vida pessoal e profissional.

A escrita desta obra tem como finalidade atender ao Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, o qual terá como gênero discursivo o formato de “Memorial Descritivo”, cujas características resultaram num memorial de cunho formativo. Afirmo ser formativo na medida em que resgato minhas memórias relacionadas às diferentes vivências em que experimentei ao longo da minha vida. Ao refletir sobre elas, considerando um outro tempo, novas experiências,



com percepções mais maduras, me promove à ressignificados e, portanto, a apreensão de novos conhecimentos. Conhecimentos esses que vem corroborar para o meu aprimoramento e crescimento profissional na função de professora da rede estadual de ensino do estado do Paraná, com atuação na gestão da Educação de Jovens e Adultos.

Estes novos conhecimentos transcorrem pela minha forma de perceber e conceber o mundo atualmente. Dos significados e sentidos que cada conhecimento traz às minhas concepções em como ser uma profissional com características mais “humanizadas” e preparada para trabalhar na gestão da EJA. Conhecimentos estes que possibilitem propor ações que atendam as expectativas dos sujeitos que buscam na escola pública, um espaço de conhecimentos por meio de trocas de vivências. A memória das minhas experiências, mesmo que em tese, deve dialogar com as memórias dos alunos, na medida que reconheço de onde vem esse aluno e quais são as suas necessidades e as suas possibilidades, e valorizo essas informações em forma de recurso pedagógico.

Este “Memorial Formativo” é resultado de minha participação como aluna do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos - EJA, Pós-Graduação Lato Sensu na modalidade a distância. É um curso ofertado pelo *Campus* EaD do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC), cujo Polo de oferta do curso, fica no município de Natal - RN. Escolhi seguir o itinerário em Gestão, por ser na função de gestão que entendo poder melhor contribuir em prol da EJA, além da experiência já vivenciada na referida função.



O curso tem como objetivo melhorar a qualidade da educação pública em todo o país, o que vem ao encontro das minhas expectativas, enquanto professora da educação pública, quando escolhi participar desta formação continuada. Também visa implementar mudanças na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional presencial e a distância, interligada à

Educação de Jovens e Adultos nas redes federal, estadual e municipal, por meio da formação continuada de diferentes segmentos da educação, inclusive de tutores da EaD. Faço um destaque ao curso, quando promove o acesso à diferentes conhecimentos com foco na EJA, na Educação Profissional e no PROEJA. Essa inter-relação da EJA com qualificação profissional, me fez realizar importantes reflexões sobre como a EJA é ofertada atualmente no meu estado e se tem a Educação Profissional atrelada a ela nas políticas educacionais.

Pude verificar a partir dos Módulos e suas respectivas disciplinas e dos conhecimentos que obtive a cada disciplina cursada, que minhas reflexões, acima de tudo, precisam ter base nas legislações, na definição dos papéis dos segmentos pertencentes: ao âmbito escolar, às universidades, assim como às instâncias municipais e estaduais, como na instância federal. Todos, salvaguardando as delimitações de suas jurisdições, são, de alguma forma, (co) responsáveis em promover com qualidade uma escolarização em que considere e valorize o perfil dos alunos jovens, adultos e idosos, em todas as etapas da educação básica. Da mesma forma, as reflexões me projetam às minhas vivências e um repensar na gestão da EJA que me permita ampliar as possibilidades de uma melhor escolarização aos sujeitos que buscam iniciar ou dar continuidade à escolarização, por meio da modalidade da EJA, com qualificação profissional.



RELATO AUTO BIOGRÁFICO

Escrever um trabalho acadêmico sobre mim mesma é um exercício novo em minha trajetória profissional e acadêmica. Este memorial me oportuniza, por meio da escrita, a ser uma observadora da minha pessoa quando busco na minha história de vida, os elementos que me fizeram ser como sou e me apresento à sociedade, por meio das relações sociais e profissionais.

Este resgate à minha memória, me transfere há muitos anos, quando de mãos dadas com minha mãe, chegava à escola no primeiro ano primário do então, “Grupo Escolar Papa João XXIII”. Quanta emoção, deste primeiro dia. O “guarda-pó” que usava era “branquíssimo” e engomado com perfeição pela minha mãe. Já tinha ido algumas vezes à essa escola, acompanhando minha mãe, então professora do segundo ano primário, o que me familiarizou com o ambiente escolar desde muito cedo; e o exemplo da mãe como professora, pode ter tido influência sobre minha escolha profissional. Foram 4 (quatro) anos de experiência nessa escola, sempre acompanhada pela minha mãe, que em casa atualizava ao meu pai e irmãos sobre meu processo escolar.

Somos uma família de 4 (quatro) filhos, em que eu sou a filha mais nova e esse fato até hoje acaba se destacando pela atenção que meus irmãos, em especial o irmão mais velho, acabam tendo para comigo, principalmente após o falecimento de meu pai. Chega até a ser curioso e por quê não engraçado, pois já tenho idade para ser avó e sigo uma vida profissional com independência e ainda recebo tanta atenção. Talvez esteja no campo da amorosidade das relações, como diria Paulo Freire. Nascida em Curitiba, no estado do Paraná, terra do frio e da geada, mas num ambiente familiar acolhedor e com valores bem definidos, o que não quer dizer que



não tivemos importantes dificuldades, financeiras e de ajustes de relações. Assim, segui até concluir a educação básica, trocando algumas vezes de escola, por motivo de mudança de residência.

Com o passar dos anos, vinha observando as diferenças sociais, os níveis de escolaridade e sua influência na vida das pessoas. Uma das coisas que sempre me chamou atenção era saber que havia uma pessoa adulta não alfabetizada. Como assim? Por que não sabem ler e escrever? Estar na escola para mim, sempre foi algo natural e saber que havia tantas pessoas, então denominadas “analfabetas” (não gosto de utilizar este termo, prefiro usar a forma “pessoas não alfabetizadas”) era algo que me intrigava, mas na época não pensava em como reverter essa situação. Acredito que essa sensibilidade, que manifestei desde sempre, me impulsionou para compreender a Educação de Jovens e Adultos, como campo de minha atuação profissional e de investigação.

Chegada a hora da decisão sobre a escolha do Curso a fazer como opção do vestibular. E agora? Não tinha ainda uma opinião clara do que queria fazer, e à época também não tive muita orientação sobre essa necessidade de escolha, creio que me encontrava imatura para decidir. Lembro que optei pela Bioquímica, pois estar num laboratório com todo o equipamento de vidrarias e possíveis reações químicas era bem interessante a mim. Neste quesito, de orientação para a escolha de cursos para o ensino superior, talvez tenha faltado uma posição dos professores do então “Segundo Grau”, infelizmente não lembro de ter tido professores que incentivassem o ingresso ao ensino superior.

Essa sequência do processo de escolarização e a conquista de estar numa Universidade vem da minha família, pois os meus 3 (três) irmãos já estavam na Universidade. Fiz vestibular na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e acabei não passando,



uma frustração importante para administrar. Foi então que meu pai disse para eu tentar na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), pois tinha o Curso de Química e parecia bem atrativo. Acabei concordando e lá estava eu, realizando a prova e na sequência estava na lista dos aprovados. É preciso registrar que os nomes dos aprovados eram divulgados por meio de emissoras de rádio. Nossa, quanta ansiedade até meu nome ser divulgado! Fiquei muito feliz e realizei meu processo acadêmico por 4 (quatro) anos. Nova etapa de amadurecimento, conhecimentos e observações que envolviam as diferenças sociais, cada vez mais evidente para mim.

Ao concluir o curso, fui trabalhar em laboratórios químicos e após um grande intervalo de tempo, fiquei afastada do trabalho. Meu retorno em ambiente acadêmico se deu em 1.999, quando cursei minha primeira especialização e no mesmo ano voltei ao mercado de trabalho, então como professora de Química. Logo fui trabalhar, num Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA PAULO FREIRE), em Curitiba.

Esse foi o meu início na EJA, e assim entender o porquê de tantas pessoas não serem alfabetizadas ou ainda por concluírem os seus estudos, quando na fase adulta. Esse início foi em 1.999, e até hoje procuro compreender o contexto dos alunos inseridos na modalidade, cuidando sempre para fazer uma gestão mais próxima das necessidades destes sujeitos. A partir dessa experiência no CEEBJA, segui e sigo minha caminhada na Educação de Jovens e Adultos.



REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E RELATO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA

Que processo interessante, este de resgatar as minhas vivências. Recorrer a elas, na perspectiva formativa, é conseguir perceber os detalhes e nuances vividas à época, mesmo que me foram sinalizados de forma singela. É curioso que, conforme vou retomando essas memórias, quase que materializando-as, embora o distanciamento temporal, percebo que devo entendê-las como elementos que me fazem compreender melhor o que hoje é importante ser considerado nas minhas ações como gestora da Educação de Jovens e Adultos.

Para este “ensaio memorativo”, sob a luz reflexiva ao longo do tempo da minha história de vida, envolvo experiências no campo das relações pessoais, acadêmicas e profissionais. Como estas reflexões estão relacionadas diretamente para o meu aprimoramento na modalidade EJA, as percepções que trago aqui, me remetem iniciar no período em que estive na Faculdade, entre 1978 e 1981.

Nesse período não havia legislação específica para a EJA. A historiografia aponta que a modalidade era compreendida como educação de adultos, no formato de campanhas de alfabetização e mais tarde como ensino supletivo.

Especificamente, quero fazer um destaque sobre o longo período da história da educação brasileira, em que a educação de adultos acontecia por meio das campanhas de alfabetização, como bem revela Baracho e Nóbile (2020):

No Brasil, foram desenvolvidas diversas ações nas formas de campanhas e programas entre o período de 1959 a 1964, as quais foram intituladas: Movimento de Cultura Popular (MCP) ligado à prefeitura de Recife, em 1960; Centros Populares de Cultura ligados



à União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado em 1961 e que se expandiu por vários Estados; o Movimento de Educação de Base (MEB), desenvolvido em 1961, ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e com o apoio do Governo Federal; a Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler, desenvolvida em Natal em 1961; e o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, instituído em 1963, o qual contou com a presença de Paulo Freire.

Então, após as campanhas, veio o conceito de suplência e que aqui, trago como finalidade do ensino supletivo, conforme Baracho e Nóbile (2020), o qual vem “suprir a escolaridade regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria (Alínea a do Art. 24 da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971)”.

Hoje constato, ao recorrer à história da educação brasileira, que escolarizar adultos não

estava nas propostas educacionais à época em que cursei o ensino superior. Esse fato me faz afirmar que, como aluna do Curso em Licenciatura de Química, a ausência de planos pedagógicos para esta população, imprimiu uma lacuna importante na formação inicial de professores para atuarem na modalidade.

A escolarização de pessoas jovens e adultas, como modalidade EJA, adquiriu visibilidade de fato na educação básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, conforme Brasil (1987), em seu Art. nº 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Apesar de passados 24 (vinte e quatro) anos da promulgação da referida Lei, creio que essa lacuna, da ausência da oferta



de disciplinas que abordem a modalidade EJA, em cursos de licenciatura nas Instituições de Ensino Superior (IES) permanece, com raras exceções. Portanto, afirmo que o meu aprendizado da modalidade se deu por meio das minhas experiências diretamente com os alunos e a busca de referenciais teóricos que tive acesso nas formações continuadas, como essa especialização, por exemplo. Meus estudos e buscas por aportes teóricos é a constatação do diálogo com as minhas vivências como docente e gestora na modalidade. É perceber nitidamente que é um diálogo necessário para o meu crescimento profissional.

Quando finalizei o curso de Química, fui trabalhar em laboratórios químicos, de empresas de produção de óleo de soja, no controle da acidez e na produção de tinta de demarcação de estrada, no controle da resina, componente da tinta. Com o casamento, acabei saindo do trabalho formal e me afastei da Química por um bom tempo. Os filhos chegaram, e quando o mais velho tinha 8 (oito) anos, voltei a estudar em Pós-Graduação Lato Sensu, em 1999. Minha primeira especialização foi na área da Interdisciplinaridade. Retomar ao ambiente pedagógico, foi um novo aprendizado, pois me refiro há um intervalo de aproximadamente de 18 (dezoito) anos afastada da educação.

Nesse mesmo ano, voltei ao trabalho, então como professora de Química. Fiz inscrição para concorrer a vaga de aulas, por meio de contrato temporário de trabalho, para atuar em município da região metropolitana de Curitiba, o município de Bocaiúva do Sul. Sendo que, mais tarde, participei de concurso público estadual e aprovada em dois deles. A docência foi ocupando integralmente os meus anseios e expectativas profissionais.



MINHA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Lembro bem da primeira escola que atuei na EJA, em 1999, no CEEBJA Paulo Freire, em Curitiba. Quão significativa foi essa experiência, ao me deparar com profissionais que ali se encontravam e viviam os momentos de EJA com uma elegância e seriedade a toda prova. Fiquei orgulhosa por fazer parte daquele grupo.

Uma pessoa se destaca nessa minha história de “ser da EJA”. A, então Diretora do CEEBJA Paulo Freire, a Professora Terezinha. Quanta dedicação. Altruísta, vivia a escola em tempo integral, aliás ela fundou esse CEEBJA. Ela me ensinou com suas ações e falas o quanto a EJA era importante para as pessoas que se matriculavam no CEEBJA. Entendi, rapidamente, que estava no melhor lugar para ser professora. Atuei como uma das primeiras professoras do ensino médio, na disciplina de Química, do CEEBJA. Minha sala era lotada, e eu me sentia honrada por isso. Quantas histórias e vivências foram compartilhadas.

Recordo nitidamente, em que pese a demonstração dos profissionais da escola em fazer o melhor, que percebia na proposta pedagógica, então ofertada, que a mesma apresentava algumas deficiências, pois num prazo muito curto de tempo de escolarização os alunos poderiam concluir, o ensino médio. Sem uma proposta curricular de fato que atendesse a contento. Isso me incomodava e hoje percebo nitidamente a importância de se ter uma proposta pedagógica diferenciada, em que seja considerado o perfil dos educandos, a construção de uma matriz curricular, a ênfase dos conteúdos trabalhados considerando o foco de interesse, sempre que possível da vida profissional dos educandos, o contexto dos grupos e povos a serem escolarizados, enfim reconhecer o sujeito da EJA e suas necessidades e especificidades. O efeito de “aligeiramento”



do ensino, sem uma proposta pedagógica adequada, pode ser contraditório ao nível de aprendizado desejado.

Essa reflexão, também acontece no campo da Gestão Pública, pois o processo de escolarização representa uma grande responsabilidade para o gestor fazer o uso, da melhor forma, dos recursos públicos para administrar as referidas políticas educacionais.

Por 4 (quatro) anos trabalhei nesse CEEBJA, com carga horária, de 40h semanais. Então, fui convidada para assumir a Direção de outro CEEBJA (CEEBJA SESI-CIC). Essa escola passava por um processo de desligamento da Direção à época e eu seria, por ora, a nova Diretora até que o próximo Processo de Consulta à Comunidade Escolar para designação de Diretores, fosse realizado. Como diretora do CEEBJA, foi uma experiência ainda mais incrível na modalidade EJA. Havia, aproximadamente, 150 (cento e cinquenta) professores atuando no CEEBJA, sem exageros, um professor era melhor do que o outro. Todos engajados em promover o melhor processo pedagógico possível. Saudades permanente deste tempo. Atuei na

Direção por 8 (oito) anos, passei por Consultas Públicas de Diretores o que foi um aprendizado do que é agir sob a concepção de Gestão Pública Democrática. Neste sentido, Motta (2020) reforça “a determinação do Inciso VI, do Artigo 206 da CF/1988: a gestão democrática é princípio base da educação brasileira” (grifo meu).

No período, entre 2004 e 2006, cursei o Programa de Mestrado em Educação na PUCPR, cujo foco da pesquisa se deu na Educação de Jovens e Adultos. Lembro que o nome do meu projeto de ingresso ao Programa foi “A Hermenêutica da Educação de Jovens e Adultos”. Significava que ansiava ir à fundo para conhecer esta modalidade. Vale meu destaque, no que me incentivou a escolher o centro da minha investigação.



Minha memória é clara! Era um domingo “de café da tarde”, estava com meu irmão mais velho e ele falava, como médico e então perito do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que uma das impossibilidades para reabilitar profissionalmente, tantos e tantos trabalhadores, ausente temporariamente por acidente de trabalho, por exemplo, era o desencontro entre a escolaridade apresentada pelo trabalhador e a exigida pelo mercado de trabalho. Era angustiante a ele conceber essa realidade que acabava culminando na concepção da aposentadoria precoce, por invalidez, a um trabalhador em idade produtiva.

Antes de discorrer melhor sobre essa parte de minhas vivências, trago uma importante participação do documento base referente ao “PROEJA: educação profissional técnica de nível médio/ ensino médio.”, de 2007, em seu 4º Princípio: o trabalho como princípio educativo, Baracho e Nóbile (2020).

O sentido ontológico do trabalho se configura da seguinte maneira: por meio do trabalho, o homem se torna homem, portanto, humanizasse de modo diferente dos outros animais. E, na medida em que o trabalho vai evoluindo, vai adquirindo novas formas a partir de novos contextos, exigindo, consequentemente, uma compreensão do seu sentido histórico. Logo, o trabalho para o homem, antes de ter senso mercadológico, apresenta-se com dois sentidos: o ontológico e o histórico. É do sentido histórico que deriva o sentido mercadológico.

Quando resgato o conceito ontológico do trabalho, significa compreendê-lo em um contexto de respeito à história de vida dos trabalhadores aposentados precocemente e impedidos ao trabalho formal. Qual seria a reação desse sujeito ao também conhecer esse conceito?



De forma precoce, este trabalhador que poderia ter, por exemplo 25 (vinte e cinco) anos, estava afastado para sempre do trabalho formal, porque sua escolaridade era incompatível ao exigido no mercado de trabalho. Vale destacar que ele não poderia voltar ao mesmo trabalho de antes do acidente, mas se tivesse a escolaridade básica concluída, poderia ser colocado em outra atividade produtiva que não dependesse de suas incapacidades físicas. Sobre esse “benefício” concedido ao trabalhador, posso recorrer à fala clara, contundente e inequívoca, de Freire (2002, p. 50).

Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. *Acomoda-se. Ajusta-se.* O homem integrado é o *Sujeito*. A adaptação é assim um conceito passivo - a de que não seria o homem capaz de alterar a realidade, pelo contrário, altera-se a si para adaptar-se. A adaptação daria margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se.

As considerações de Freire, ainda que se referisse às questões político-sociais que envolvem as pessoas não alfabetizadas, se aplica no problema ora relatado. Minha pesquisa, portanto me fez investigar, em Unidades de Reabilitação Profissional do INSS, em Curitiba, como se encontravam esses trabalhadores aposentados, precocemente, por motivo de baixa escolaridade. Uma pesquisa árdua que me orgulhou muito, ao mesmo tempo que também me angustiou ao saber que muitas dessas pessoas em condição de beneficiário por aposentadoria precoce, encontravam-se em trabalhos informais, sem as garantias das Leis Trabalhistas.

Quando me deparei com essa realidade, em que a reabilitação profissional estava diretamente ligada à escolaridade, pude



cada vez mais praticar ações voltadas a ampliar as matrículas no CEEBJA que então estava como diretora, fazendo divulgação e estabelecendo parcerias que pudessem indicar novos alunos. Houve também tentativas de parceria com o próprio Programa de Reabilitação Profissional, a qual se deu por um tempo. Neste diálogo que envolve escolaridade e trabalho, em se tratando de uma pessoa adulta, entendo que é importante destacar o que eu concebo sobre “trabalho”, à luz da Filosofia, por Abbagnano (2003, p. 966):

O T. também transforma o homem num ente social porque o põe em contato com outros indivíduos, mais do que com a natureza: desse modo, as relações de T. e de produção constituem a trama ou a estrutura autêntica da história, cujos reflexos são as várias formas de consciência.

Ainda, destaco a estreita conexão do trabalho, com a dignidade humana. Segundo Abbagnano (2003, p. 966) “o dever de trabalhar para viver exprime o universal humano, inclusive no sentido de ser uma manifestação da liberdade. É exatamente por meio do trabalho que o homem se torna livre”.

Assim sendo, ao realizar este curso de Especialização cujo tema envolve a relação direta entre a Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional, posso afirmar a evidência de natureza humana da proposta do curso. Também, de alguma forma posso alegar que o curso “conversa” perfeitamente com a investigação de minha dissertação do mestrado.

São aproximadamente 15 (quinze) anos de distanciamento histórico entre as duas formas de se tratar o assunto. O que essa constatação traz para minha reflexão como professora da modalidade de educação de jovens e adultos? Muito ainda há que se dar visibilidade a estes sujeitos, que pela condição de escolaridade



ficam alijados às experiências profissionais, por meio do trabalho que o dignificam, o tornam presentes na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento da nação, promovendo bem estar e acima de tudo dignidade. Muito avanço nas Políticas Públicas devem acontecer promovendo avanço da escolarização e sua qualificação profissional.

DIFERENTES CULTURAS E ESPAÇOS DE ESCOLARIZAÇÃO CONTRIBUÍRAM PARA MINHA PERCEPÇÃO SOBRE O VALOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Como a vida nos surpreende sempre, por uma questão da vida pessoal, lá estava eu atuando em outro estado, agora no Mato Grosso, município de Cuiabá, na Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso (SEDUC). Em regime de permuta de estado, atuei na Coordenação do então e saudoso Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Estar próxima às pessoas não alfabetizadas me remetia ao passado, pelas minhas indagações enquanto jovem, do porquê de existirem adultos não alfabetizados. Também, sobretudo que estávamos no Século XXI e tantas pessoas ainda não tinham acesso ao mundo letrado.

Também foi no estado do Mato Grosso, que conheci o PROEJA, como professora do Curso de Especialização que ocorreu na região. Os alunos da “minha turma” eram professores de assentamento e suas histórias preenchiam todos os meus significados de ser professora da EJA e para a EJA. Como era importante o curso àqueles profissionais que pouco tinham de recursos que auxiliassem o processo pedagógico, considerando a distância da região que moravam e se encontrava o assentamento.



Se tenho mais experiências? Sim, agora com Povos Indígenas Xavantes. Viviam próximos à Campinápolis, MT. Vivi por uma semana em aldeia Xavante, como professora de formação aos indígenas que atuavam como professores do ensino médio, sem ter formação para tal. Ter conhecido a cultura Xavante, ter estado com eles, aprendido a dança de roda indígena, ter visto sua forma de viver e também das suas carências é quase um agradecimento eterno por ser professora e reconhecadora do valor dos povos e suas culturas. Quanto ainda tinha que aprender...

Já de volta a Curitiba, a partir de 2013 até maio de 2019, estive à frente da EJA no estado do Paraná, pela Secretaria de Estado da Educação (SEED). Como gestora da EJA, pude verificar os percalços que se precisa transpor para se sugerir uma política pública condizente ao perfil dos alunos. Quanto diálogo realizado, quanta informação e conhecimento sobre a modalidade, foram necessários serem trabalhados no âmbito de uma secretaria. Por vezes havia dificuldade dos Gestores em compreender o espaço da EJA na educação básica.

Os desafios faziam parte do cotidiano de minha gestão na secretaria, no entanto tinha comigo excelentes profissionais na equipe da EJA no âmbito da SEED e também no âmbito dos Núcleos Regionais de Educação, são 32 (trinta e dois) ao total. Nesses núcleos educacionais havia a função de Coordenação de EJA, que é regionalizada. As pessoas que ocupavam essa função eram profissionais que, assim como a equipe da EJA na SEED, não mediam esforços para levar a melhor escolarização aos sujeitos da EJA. Muitas escolas se encontravam em área rural, de difícil acesso, em que era necessário, muitas vezes viajarem para acompanhar as escolas que ofertavam a EJA. Ouvir suas angústias e sucessos



alcançados. Cada vez que penso nesses coordenadores regionais, honro a cada um deles.

Ainda estando à frente da EJA no estado, lembro bem, minha primeira visita a uma Unidade Prisional, um dos espaços em que a EJA é presente no estado do Paraná, assim como também está nas Unidades de Socioeducação. Estive acompanhando o trabalho dos professores e conversando, na medida do possível, com os educandos em situação de privação de liberdade. Um mundo novo, com novas reflexões sobre as histórias de vida daqueles sujeitos, sem qualquer julgamento, apenas com o olhar de uma professora de educação de jovens e adultos. Quanta dor vivida por eles, quanta violência sofrida, por tantos deles.

Certa ocasião fui participar da inauguração de uma sala de aula numa cadeia pública. A sala estava impecável e as grades estavam lá, separando o professor dos alunos. A sala era para atender aos presos na Fase I do ensino fundamental, portanto não alfabetizados ou em nível rudimentar da alfabetização. Talvez reconhecer no âmbito do sistema prisional, que uma pessoa teve acesso a escolarização, pela primeira vez num espaço de privação de liberdade, tenha sido o maior paradoxo que posso vivenciar. O sujeito precisou ser privado de sua liberdade para ingressar numa escola. Quase que inconcebível acreditar, ao lembrar que estou no século XXI.

A mesma indignação é reforçada quando também constato que é necessário haver professores de Fase I do ensino fundamental para atuar em Unidades Socioeducativas, pois há adolescentes com 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos, que ainda não tiveram contato com uma escola. Mas, afinal, o acesso à escola não é para todos? Vale aqui, refletir sobre o que Soares (2015, p. 34) traz sobre a importância do alfabetismo para a sobrevivência humana:



A necessidade de habilidades de alfabetismo na vida cotidiana é óbvia; no trabalho, dirigindo na cidade, comprando em supermercados, todos nós encontramos situações que demandam leitura ou produção de símbolos escritos. Não é preciso justificar a insistência na obrigação que têm as escolas de desenvolver nas crianças habilidades de alfabetismo que as tornem capazes de responder a essas demandas em situações da vida cotidiana. Programas de educação básica têm a mesma obrigação de desenvolver em adultos as habilidades que precisam ter para obter trabalho ou progredir nele, para receber o treinamento e os benefícios a que têm direito e assumir suas responsabilidades cívicas e políticas.

Para corroborar sobre a importância da alfabetização na prática do letramento como função social, Marques (2020), afirma:

O domínio das práticas letradas é importante também, dentre muitas outras coisas, para ir a um caixa eletrônico e ter acesso a algum serviço bancário, preencher um formulário de solicitação de emprego, ler uma mensagem no celular e até para votar e escolher nossos representantes. Pensado sob essa perspectiva, o letramento assume uma dimensão social, que favorece a vivência da cidadania. Assim, à escola, cabe o papel de formar os educandos da EJA para além do mundo do trabalho.

Portanto, se caracteriza um equívoco, a ser veementemente evitado, não perceber a importância da escola para que o sujeito possa exercer sua cidadania, seja no cotidiano pessoal, seja no profissional, seja como uma pessoa percebendo suas potencialidades e, assim participar, com mais autonomia nas suas relações sociais e também políticas.

Esse cenário em que constato, num período recente de minha vivência profissional, pessoas com 15 (quinze) anos ou mais, em



espaços de privação de liberdade, ainda não alfabetizadas, me faz afirmar com rigor, a violação dos direitos humanos, por elas vivenciadas.

Assim sendo, quando penso que as pessoas não alfabetizadas, anteriormente ao ingresso em uma das Unidades, seja prisional ou socioeducativa, posso afirmar que foram submetidas às falhas de todas as instituições que deveriam, não só em tese, mas na prática, contribuir com esses cidadãos para ao exercício dos direitos fundamentais, como o acesso à educação formal. Família, Igreja, Conselho Tutelar, Escola, Município e Estado, todos falharam!!

Foram quase 7 (sete) anos de muito trabalho na EJA/SEED, e em cada dia um novo estímulo para pensar e agir para e com os envolvidos na EJA que fazem parte da escola. Professores e educandos da EJA eram meu foco por todos estes anos. Hoje continuo na SEED, no Departamento de Gestão Escolar.

Atualmente não estou mais à frente da EJA no espaço da Secretaria, no entanto continuo estudando e promovendo em “falas” sobre a importância da modalidade para tantos brasileiros e não brasileiros, como os apátridas, emigrantes e refugiados que escolheram o Brasil para a sua nova residência. Assim como aprendi com a professora Terezinha, minha sempre Diretora, que até hoje seus ensinamentos permanecem legítimos em minhas memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quão gratificante me foi ser escritora das minhas memórias. A escrita deste memorial me fez ser, ao mesmo tempo, aluna e professora. Aluna, quando aprendo com minhas experiências ao longo da minha história; e professora, quando as minhas vivências pessoais e profissionais se concretizam em novos ensinamentos



que irão contribuir para minha formação profissional. Ser da EJA é reconhecer nos conhecimentos vivenciados, recurso de aprendizagem e, portanto, de formação.

Com a oportunidade deste trabalho de conclusão do curso, como escritora deste memorial, conquistei um novo espaço acadêmico e profissional, agora como historiadora da minha própria história, por meio de um “resgate investigativo” das minhas vivências pessoais familiares, acadêmicas e profissionais.

Enquanto pesquisa acadêmica, me permite um novo olhar para interpretar os fatos e fenômenos que envolvem minha experiência na EJA, e que, respeitosamente, indico que pode ter semelhança com a história da Ciência e para me apoiar nesse viés historiográfico que este memorial se traduz, recorro a Kuhn (2003), quando se reporta as revoluções científicas como mudanças de concepção de mundo, e que o papel do historiador da ciência é ter as produções do passado como parâmetros que sugerem novos parâmetros, e que Kuhn chama de paradigmas, permite que se adote novos caminhos a serem trilhados. Desta forma, posso afirmar que, assim como os cientistas passam a ver o mundo de forma diferente, com as mudanças de paradigmas, eu passo a ver o “meu mundo na EJA” também com um novo olhar.

Ainda que, Kuhn se referisse à paradigmas da ciência e como as revoluções científicas alteram os paradigmas, a semelhança que há em relação ao meu relato deste memorial, está nas possibilidades de mudanças e, assim outras percepções que podem direcionar para novos caminhos na minha atuação profissional. Mudanças, em especial na articulação da EJA com a Educação Profissional. Percebo que, ao participar deste curso de especialização, talvez o que se tornou evidente ser necessário para ser pensado para os alunos, está na vinculação entre as duas modalidades. Esta constatação



também faz sentido, quando associo a EJA à EP, identifico ser um caminho de formação mais humana, quando pela educação é viabilizado melhores condições na qualificação profissional dos alunos, quesito fundamental para o emprego e, conseqüentemente, para a sua qualidade de vida.

A partir desta percepção em que a educação profissional se faz necessária, ao pensar a gestão da EJA, doravante devo conduzir minhas ações, sempre que possível, na gestão da EJA com qualificação profissional. Implementar ações que visem organizar a associação das modalidades, oficialmente e presente numa nova Proposta Pedagógica deverá ser daqui para frente, o meu maior desafio na gestão, considerando os reconhecidos limites na proposição de políticas públicas para a EJA, com base na história da educação brasileira e a visibilidade da modalidade EJA nesse contexto.

A participação neste curso, realmente, foi surpreendente. Evidencio o cuidado na escolha das disciplinas, em que cada uma delas, me trouxe os conhecimentos essenciais que envolve o âmbito da política pública para a Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional, como também do PROEJA. Esta escolha das disciplinas vem corroborar para que os participantes do curso, que atuam na rede pública da educação, possam conhecer, com a riqueza da leitura de todo material disponibilizado, quais caminhos trilhar para a melhoria da gestão da escolarização dos alunos inseridos na EJA/EP.



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARACHO, M.G. NÓBILE V.C. **Retrospectiva histórica da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional e Tecnológica a partir da década de 1940**. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5221>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987.
- FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- MARQUES, I.B.A.S. **Fundamentos Teóricos e Epistemológicos para os Trabalhos com as práticas de Letramento na EJA**. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5221>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- MOTTA, T.C. **A Legislação Brasileira sobre a Gestão Educacional para a Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5221>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- UNESCO, Institute for Lifelong Learning. **Terceiro Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos**. O impacto da aprendizagem e da educação de adultos na saúde e no bem-estar, no emprego e no mercado de trabalho e na vida social, cívica e comunitária. Brasília UNESCO, 2016.



SOBRE OS ORGANIZADORES



OTÁVIO AUGUSTO DE ARAÚJO TAVARES

Possui Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1979) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2000). Atualmente é aposentado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN (IFRN) e da Universidade Federal do RN. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Básica integrada com a Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Educação Superior e Reconhecimento de saberes para certificação profissional, a partir da experiência em cinco países da Região do Mercosul, como consultor da Organização dos Estados Americanos - OEA, exercendo a função de Coordenador na Região do Cone Sul do Projeto denominado "Gestión y Certificación Escolar para la Formación y Acreditación de Competencias Laborales y Claves en el II nivel de la educación secundaria". De janeiro de 2012 até

março de 2017, foi Coordenador Geral do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego / PRONATEC/Bolsa Formação no IFRN na oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada, em doze unidades no âmbito do RN. A partir de dezembro de 2017 assumiu a Coordenação Geral do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a EJA na modalidade EaD no Campus Zona Leste – EaD do IFRN. O curso está sendo desenvolvido em 26 polos no Brasil com um total de 800 alunos e objetiva preparar servidores federais, estaduais, municipais e da rede privada, para atuarem com competência em docência e gestão na EJA, tendo sido finalizado em 2022. A realização do curso foi feita em parceria com o MEC/SETEC e a FUNCERN, sendo esta como gestora dos recursos. Integra também, o Conselho Estadual de Educação do RN, já tendo feito parte durante sete anos, em funções de confiança na SEEC/RN, como Assessor Técnico e de Planejamento, Secretário Adjunto da Educação e Secretário de Estado da Educação, no período correspondente aos anos de 2007 a 2010. Atualmente se encontra novamente integrando o Conselho Estadual de Educação do RN.





MARIA ADILINA FREIRE
JERÔNIMO ANDRADE

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2002), Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN (2016). Doutora em educação pelo programa de pós-graduação em educação do IFRN, na linha de pesquisa História, Historiografia e Memorial da Educação Profissional. Atualmente é pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Atua na área da educação principalmente nos seguintes temas: PROEJA, Currículo, Educação Profissional, história das instituições escolares.



JOSÉ ROBERTO OLIVEIRA SANTOS

Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais na UFRN. Atualmente é professor de Sociologia e diretor do Campus Avançado Natal - Zona Leste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Educação e Antropologia da Religião, atuando com os temas: preconceito e intolerância religiosa, educação étnico-racial, formação de professores, educação profissional e tecnológica na modalidade EAD. Atuou na Coordenação Geral do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a EJA na modalidade EaD no Campus Zona Leste – EaD do IFRN, no período de 2021 a 2022.





PATRÍCIA CARLA DE MACÊDO CHAGAS FARIA

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestre em Educação pela UFRN, na linha de pesquisa de Práticas Pedagógicas e Currículo. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Minho, área de Desenvolvimento Curricular. Professora de Didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte IFRN, no Campus Avançado Natal - Zona Leste. Atua como docente do eixo didático-pedagógico, desenvolve estudos e pesquisas nas áreas de formação de professores, pesquisa autobiográfica, educação a distância e Educação de Jovens e Adultos. Atuou na Coordenação Pedagógica do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a EJA na modalidade EaD, no Campus Zona Leste – EaD do IFRN, no período de 2019 a 2022. e-mail: patricia.chagas@ifrn.edu.br



IVONEIDE BEZERRA DE ARAÚJO SANTOS-MARQUES

É professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN). Possui doutorado em Estudos da Linguagem pela UFRN e Pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas/Unicamp sob a supervisão da Profa. Dra. Angela Bustos Kleiman. É membro fundadora do Cátedra Paulo Freire no RN, do Comitê gestor de alfabetização e letramento na EJA (SEEC/RN), dos grupos de pesquisa “Letramento e etnografia” (UFRN); “Letramento do professor” (Unicamp/SP) e líder do Grupo de pesquisa “Letramentos Educação e Identidade” (IFRN), atuando, principalmente, nos seguintes temas: ensino de Língua Portuguesa; alfabetização; letramentos, formação de professores, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Tecnológica e Educação a Distância. e-mail: lvoneide.bezerra@ifrn.edu.br





Composto na
CAULE DE PAPIRO GRÁFICA E EDITORA
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitumbu | Natal/RN | (84) 3218 4626
cauledepapiro.com.br





editora
CAULE DE PAPIRO®

ISBN 978-65-5477-065-1



9 786554 770651 >